



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DO PROJETO À (RE)INTERPRETAÇÃO DO LUGAR

O complexo rupestre do Vale do Tejo

Mário Alexandre Garcia Monteiro Benjamim

Orientadores |

Aurora da Conceição Parreira Carapinha

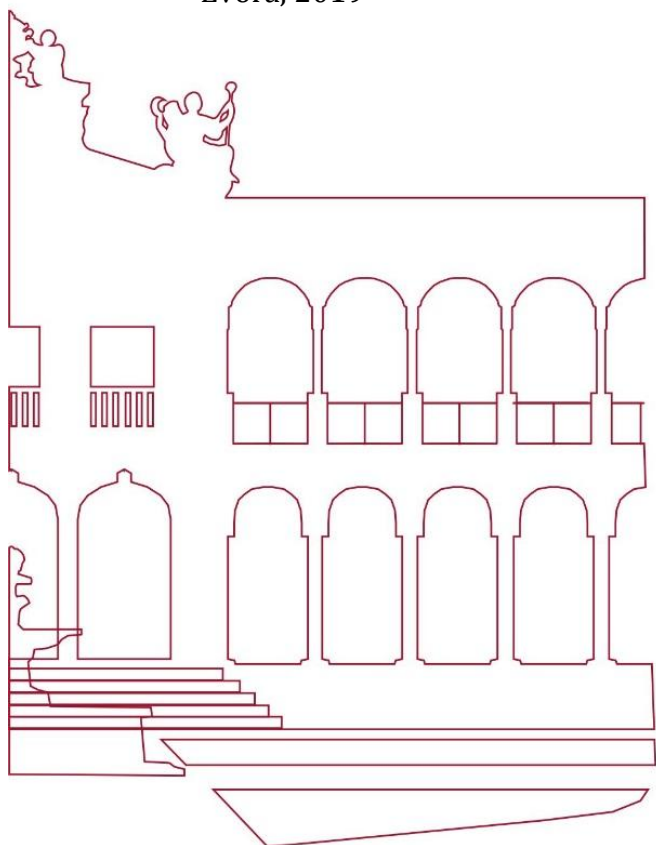
Jorge Alberto Santos Croce Rivera

António Martinho Baptista

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de
Doutor em Arquitetura

Especialidade: Arquitetura

Évora, 2019





UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DO PROJETO À (RE)INTERPRETAÇÃO DO LUGAR

O complexo rupestre do Vale do Tejo

Mário Alexandre Garcia Monteiro Benjamim

Orientadores |

Aurora da Conceição Parreira Carapinha

Jorge Alberto Santos Croce Rivera

António Martinho Baptista

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de
Doutor em Arquitetura
Especialidade: Arquitetura

Évora, 2019



Jurí

Presidente |

Doutor António José Grande Candeias, Diretor do Instituto de
Investigação e Formação Avançada

Vogais |

Doutor Alexandre Vieira Pinto Alves Costa, Professor Catedrático
Emérito, da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto;

Doutora Maria Manuela Raposo Magalhães, Professora Aposentada,
do ISA, Universidade de Lisboa;

Doutor João Manuel Barros Matos, Professor Auxiliar da Universidade
de Évora;

Doutor Ivo Pereira de Oliveira, Professor Auxiliar da Universidade do
Minho;

Doutora Aurora da Conceição Parreira Carapinha, Professora Auxiliar
da Universidade de Évora, orientadora;

Doutor António Martinho Baptista, Aposentado, Museu Arqueológico
do Côa, orientador.

Na sua conceção um objeto arquitetónico é sempre
o lugar de conflito entre dois sistemas de forças:
as forças internas que o determinam;
as forças externas que o condicionam.
A forma é a resolução desse conflito.
O arquiteto, o seu intérprete privilegiado.

(Tainha, 1982)

Ao património do Vale do Tejo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores: à professora Aurora Carapinha por ter aceite acompanhar-me nesta nova etapa e a tudo o que me transmitiu: o conhecimento, a sua sensibilidade e essencialmente a visão holística da arquitetura. Ao professor Jorge Rivera pelo incansável incentivo, pelas induções e interrogações oportunamente sugeridas e ao doutor Martinho Baptista pela iniciação e descoberta da “escrita do Vale do Tejo”.

Às instituições: à Universidade de Évora e ao Centro de História da Arte e Investigação Artística, por me terem acolhido, à Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão pelo apoio logístico e pela possibilidade de colaboração em ideias e projetos e à Associação de Estudos do Alto Tejo pela sua disponibilização.

Aos meus amigos e colegas que contribuíram ao longo destes cinco anos para a realização deste trabalho: ao Luís Raposo pela experiência profissional proporcionada no projeto de Valorização da Estação Paleolítica da Foz de Enxarrique, à Olga Schubart pelo incentivo e traduções à Vanda Guerreiro e ao Nuno Cunha pela participação no projeto do *Site Specific* para o Cachão do Boi, ao José Manuel incansável companheiro deste percurso, ao Francisco Henriques e João Caninas pelas incursões e cedência de bibliografia, ao Luís Lopes, João Antunes e Rita Penalva pela organização gráfica e imagens.

À família: aos meus pais pelas raízes, à minha irmã pela insistência e especialmente à Ana e ao Miguel pelo apoio e o tempo dispensado.

RESUMO

Título: DO PROJETO À (RE)INTERPRETAÇÃO DO LUGAR. O complexo rupestre do Vale do Tejo

Uma intervenção artificial na paisagem como a imersão de uma extensa área por uma albufeira, além de implicar a alteração do uso de um recurso, pode afetar dramaticamente esse lugar, ocultando um legado humano, paisagístico e patrimonial, todavia determinante para a compreensão da sua construção histórica.

A investigação que desenvolvemos pretende conceber estratégias que evidenciem a arte rupestre do vale do Tejo imersa pela edificação da barragem do Fratel em 1974 e consequente enchimento da sua albufeira, estas estratégias inserem-se num âmbito de intervenção mais extenso, no qual as gravuras passam a fazer parte de um modo coeso com a paisagem atual criando novas formas de utilização e oportunidades de desenvolvimento regional.

É neste contexto que encontramos a possibilidade de validar um modelo teórico de investigação em projeto através de uma proposta concreta de intervenção, proposta que possibilitará além da experimentação de desenho, corrigir estratégias metodológicas e aperfeiçoar progressivamente o modelo teórico.

Palavras-chave: Arquitetura, Paisagem, Arqueologia, Arte Rupestre, Médio Tejo

ABSTRACT

Title: FROM THE PROJECT TO (RE) INTERPRETATION OF THE SITE: The Rock Art of the Tagus Valley

An artificial intervention in the landscape, like the immersion of a large area by a reservoir, not only implies the obvious change in the usefulness of a resource, it can also dramatically affect the site by concealing the human legacy, landscape and patrimonial heritage, however important to the understanding of its historical make up.

The research we developed has the purpose to conceive strategies to expose the rock art of the Tagus Valley, which has been immersed by the construction of the Fratel dam on 1974, and the subsequent filling of the reservoir. These strategies pertain to a more extensive scope of intervention, where the engravings become a cohesive part of the current landscape, creating new usages for the premises and new opportunities for regional development.

It is in this context that we find the possibility to validate a theoretical model of in-project research, through a concrete proposal of intervention; proposal that, in addition to being an experiment in design, will allow us to correct strategic methodologies and to progressively perfect the theoretical model itself.

Keywords: Architecture, Landscape, Archeology, Rock Art, Middle Tagus

ABREVIATURAS E SIGLAS

AAP	Associação dos Arqueólogos Portugueses
AEAT	Associação de Estudos do Alto Tejo
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CIARVT	Centro Interpretativo de Arte Rupestre do Vale do Tejo
CMVVR	Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão
CPGP	Centro Português de Geo-história e Pré-história
DREM	Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Centro
DOUA	Divisão de Obras, Urbanismo e Ambiente
FCSH	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
MNA	Museu Nacional de Arqueologia
MUPRE	Museo Nazionale della Preistoria della Valle Camonica (Museu Nacional da Pré-história do Vale Camonica)
PAVC	Parque Arqueológico do Vale do Côa
PDMVVR	Plano Diretor Municipal de Vila Velha de Ródão
PIER	Planos de Intervenção em Espaço Rural
UOPG	Unidades Operacionais de Planeamento e Gestão

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	25
PRIMEIRA PARTE.....	28
1. O carácter do lugar	28
1.1. Delimitação da área de estudo.....	31
1.1.1. Enquadramento administrativo.....	33
1.2. Estrutura global da paisagem	35
1.3. Estrutura ecológica.....	36
1.3.1. Caracterização geológica e geomorfológica	37
1.3.2. Rede hidrográfica	40
1.3.3. Hipsometria	41
1.3.4. Declives.....	43
1.3.5. Orientação das encostas.....	44
1.3.6. Flora e vegetação.....	45
1.3.7. Fauna	46
1.4. Estrutura cultural.....	47
1.4.1. Contexto histórico	47
1.4.2. O complexo de arte rupestre.....	48
1.4.3. Sistema de caminhos	52
1.4.4. Ocupação do solo	53
1.5. Estrutura afetiva	55
1.5.1. Interioridade.....	56
1.5.2. Temporalidade.....	59
SEGUNDA PARTE.....	62
2. Casos de estudo.....	62
2.1. A valorização de sítios arqueológicos.....	64
2.1.1. Valorização do Castelo de Ródão, da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente. ...	65
2.1.2. Musealização do Sítio Arqueológico da Foz de Enxarrique	72
2.1.3. Recuperação e Valorização do Caminho e Calçada da Telhada.....	82
2.2. A valorização do território.....	90
2.2.1. Arte rupestre de Valle Camonica.....	92
2.2.2. Parque arqueológico do Vale do Côa	101
2.2.3. Dinamização da área arqueológica do Vale do Ocreza.....	108
2.3. Análise conclusiva.....	116
TERCEIRA PARTE.....	118
3. Tipologias de intervenção	118

3.1.	Projetar sobre o território	123
3.1.1.	Núcleo de São Simão	125
3.1.2.	Núcleo de Cachão do Algarve	129
3.1.3.	Núcleo de Cachão do Boi	135
3.1.4.	Núcleo de Gardete	140
3.2.	(Re)Interpretar	151
3.2.1.	Gardete - Carácter do lugar	152
3.2.2.	Exemplo prático de aplicação	161
ENSAIO CONCLUSIVO		166
Tudo é arquitetura		166
Processo de investigação		169
Planos de salvaguarda e valorização do património do Vale do Tejo		174
Observações finais		178
LISTA DAS FIGURAS		186
APÊNDICE I		191
“Site specific” para o complexo rupestre do Vale do Tejo		191
APÊNDICE II		195
Análise da estrutura global da paisagem na plataforma de Gardete		195
APÊNDICE III		199
Exercício de construção de uma cronologia de ocupação do território na zona de Gardete		199
APÊNDICE IV		204
Percorso interpretativo		204

INTRODUÇÃO

A paisagem resulta da interação entre as comunidades humanas com os sistemas naturais, numa relação íntima de construção, transformação e aproveitamento de recursos de acordo com as necessidades biológicas e culturais ao longo de demorados períodos de tempo.

Esta relação, que gerou equilíbrios entre os espaços que as comunidades utilizavam para a agricultura e a pecuária, os lugares de habitação e os caminhos de circulação, manteve-se em geral estável durante milénios, só começou a ser alterada num passado bastante recente, numa transformação que se inicia com a Revolução Industrial e que se agrava substancialmente durante a segunda metade do século XX, levando, nas zonas rurais, à substituição das práticas agrícolas e pecuárias tradicionais, à renovação e criação de novos caminhos, à intensificação das explorações mineiras e dos recursos naturais e à deslocação das populações para as zonas urbanas.

Em Portugal, este processo de transformação técnica das paisagens iniciou-se no século XIX, com a implantação de ferrovias; inicialmente lento, só se acelerou a partir do segundo decénio do século passado, com a implementação de uma agricultura extensiva, a construção de fábricas transformadoras, de silos de armazenamento e, sobretudo, com o aproveitamento dos recursos hídricos para a produção elétrica e o abastecimento de água.

É no decénio de 50 que se desenvolvem os primeiros grandes aproveitamentos hidroelétricos de albufeira, explorando-se principalmente as bacias do Cávado e do Tejo¹, o Douro Internacional, iniciando-se dessa forma uma nova etapa na produção e no consumo de energia elétrica no país.²

¹ Sobre o assunto ver Madureira & Baptista, 2002.

² Com a construção deste tipo de equipamentos efetuava-se a transição dos aproveitamentos designados por fio-de-água para os aproveitamentos de albufeira, um aproveitamento que sendo mais regular produzia durante todo o ano, não ficando dependente de fenómenos externos para a produção de energia, como a falta de precipitação ou secas extremas, devido à quantidade de energia armazenada. (Félix, 2010, p. 16)

A construção de barragens e o enchimento de albufeiras de retenção alteraram irreversivelmente a vivência e as características das comunidades, dos territórios e das paisagens. A implantação destes dispositivos técnicos que ainda prossegue ³, ocorre em geral abruptamente, sem a adequada atenção aos valores ecológicos, arqueológicos, antropológicos, arquitetónicos, paisagísticos e simbólicos das populações e dos territórios afetados, por um lado, e análise de alternativas, por outro, que poderiam evitar os impactes ecológicos profundos, a destruição de habitats naturais e de paisagens de rara beleza.

Neste contexto recordamos dois episódios recentes e contraditórios, a suspensão da construção da barragem do Vale do Côa em 1995 (Gonçalves, 2001, p. 9), que constituiu um momento de consciência coletiva e de defesa e manutenção dos valores culturais no seu ambiente, e, polarmente, a decisão de construção de uma barragem no Vale do Tua, merecedora de duras críticas de diversos sectores da sociedade civil, desde a comunidade científica às organizações não-governamentais de ambiente, aos autarcas e às populações locais e que se procurou amenizar através do anúncio de algumas medidas compensatórias⁴, que apenas o tempo pode permitir ajuizar.

O nosso estudo pretende considerar uma comunidade, um território e uma paisagem exemplarmente afetados por essa transformação radical, a zona fronteira no momento em que o Rio Tejo entra em Portugal, junto a Vila Velha de Ródão, na qual, nos primeiros anos de decénio de 70, ocorreu quase em simultâneo a construção das barragens do Fratel e de Cedillo, já em Espanha, e a descoberta de um extenso complexo de arte rupestre, um dos mais importantes testemunhos da arte holocénica, pós-glacial, na Península Ibérica, pela quantidade e qualidade das suas gravuras, que se descobriu se estenderem nas duas margens do rio, entre as duas barragens hidroelétricas.

³ Aprovado pelo Governo Português em 2007 o Programa Nacional de Barragens com Elevado Potencial Hidroelétrico (COBA & PROCESL, 2007), prevê a construção de 10 aproveitamentos em diferentes regiões do país. (Carvalho M., 2016)

⁴ O conjunto de contrapartidas apresentadas divide-se por três eixos fundamentais: mobilidade para o vale, que combinaria barcos e comboio, um centro de acolhimento que será um museu da memória do vale e um conjunto de percurso pedestres e informação temática que seria realizado e desenvolvido pela instituição que irá gerir o parque natural, o Parque Natural Regional do Vale do Tua (PNRVT)

Perante a iminência do enchimento das margens onde se localizam as gravuras, uma equipa de arqueólogos portugueses procedeu entre 1973 e 77 ao seu levantamento e registo sistemático das gravuras, mas o enchimento da albufeira do Fratel em 1974 submergiu o complexo na sua quase totalidade.

No contexto histórico a região de Ródão é um território de eleição, habitado desde a mais remota Pré-história, contém uma história feita de cruzianas e troncos fósseis, bifaces e raspadores, machados polidos e vasos de cerâmica, gravuras rupestres e epígrafes, mós e telhas, balas de canhão e gravuras reminiscentes das Invasões Francesas (Luís Raposo, 2012)⁵.

À breve descrição histórica do autor, assinalamos alguns momentos de sobreposição, de entropia que aparentemente ocultam e distorcem o amplo legado do território, como por exemplo: o fenómeno de substituição dos olivais por vastas áreas de eucaliptais para produção de pasta de papel, ou o aumento recente da área industrial junto a Vila Velha de Ródão originando as consequências poluidoras conhecidas, ou ainda, a devastação da paisagem devido aos fenómenos cíclicos dos incêndios, que ajudam aprofundar a imagem de abandono. Mas sobrepõe-se, também a esta realidade, a resiliência das comunidades que teimam em persistir, e as estratégias locais de combate ao processo de desertificação: como as políticas de fixação de munícipes, criação de emprego e o apoio pontual a medidas de valorização e divulgação do território.

O nosso contacto com esta realidade surgiu de uma experiência profissional realizada, entre 2008 a 2010, para o Município de Vila Velha de Ródão, o que permitiu uma primeira consciencialização sobre este tema e a sua problemática.

O projeto elaborado para a instalação do Centro Interpretativo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CIARVT)⁶ no antigo edifício da biblioteca municipal de Vila Velha de Ródão, visava a intenção de requalificar um dos edifícios emblemáticos do centro histórico de Vila Velha de Ródão (ver figura 1 e figura 2), à explicação arqueológica da arte rupestre, bem como, de sua história recente, revalorizando-se a anterior exposição arqueológica instalada no piso inferior do edifício.⁷

⁵ In http://tejo-rupestre.com/?page_id=156, texto consultado em 17 de fevereiro de 19.

⁶Coordenação científica e documental realizada pelo arqueólogo António Martinho Baptista.

⁷O projeto museológico da responsabilidade do arqueólogo Luís Raposo (datado dos anos 80) seria redefinido e reinstalado com a nova intervenção no edifício.

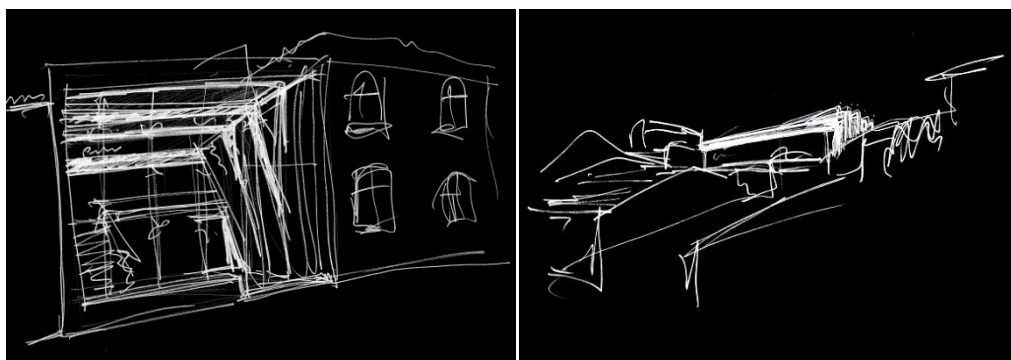


Figura 1 - CIARVT: Esquiços de projeto



Figura 2 - CIARVT: Maquete do projeto

O programa a instalar consistia na reformulação do espaço interior, na resolução das assimetrias existentes e na introdução de um programa específico com vista á exposição dos conteúdos museológicos pretendidos: Arte Rupestre, Paleolítico, Geologia e Geomorfologia. Todo o programa distribui-se por ambos os pisos⁸, ocupando as construções existentes e os anexos contíguos, criando desta forma uma nova apropriação espacial e uma relação específica com o envolvente edificado e o espaço público, nomeadamente com o fronteiro Largo do Pelourinho.

⁸O edifício organizava-se da seguinte forma no piso 0: por um hall de entrada com duplo pé-direito onde seria recolado habitat paleolítico de Vilas Ruivas (atualmente guardado como espólio arqueológico do Museu Francisco Proença Tavares Júnior em Castelo Branco, desde a sua exposição realizada em 1993), acesso ao piso superior, uma receção e uma pequena loja, galerias expositivas, uma sala multimédia, instalações sanitárias e um acesso mecânico que resolvia as acessibilidades entre os dois pisos; o piso 1 seria composto por galerias expositivas, centro de documentação, espaços de serviços educativos e um gabinete de trabalho.

Não obstante o projeto de edificação não ter sido executado⁹, por indisponibilidade de financiamento, o projeto de musealização e exposição, com os conteúdos programáticos previstos inicialmente, foram adaptados ao espaço existente do edifício e abertos ao público em 24 de Setembro de 2012. O envolvimento neste projeto possibilitou a nível pessoal a compreensão da importância patrimonial e da verdadeira dimensão do complexo rupestre.



Figura 3 - CIARVT: Instalação efetuada pela autarquia em 2012.

A frequência do curso de doutoramento em Arquitetura da Universidade de Évora, que se apresentava com o tema “Interior – Novos Territórios” e adotando como metodologia a investigação conducente à realização de um projeto, constituiu uma possibilidade privilegiada de discutir os lugares de desertificação do território, encarando-os como oportunidades para a reflexão sobre a prática da arquitetura.

Encarando esta possibilidade, seleciona-se para o projeto de dissertação uma intervenção que partisse do complexo rupestre e o articulasse com a paisagem, uma escolha que deriva em primeiro lugar pela pertinência do lugar.

⁹ Em 2019, à data da redação deste texto, foi constituído novo procedimento de “*Prestação de serviços de alteração e adaptação do projeto do “Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Vale do Tejo”*”, demonstrando-se a intenção do Município na sua execução quase uma década após a sua concretização. Um procedimento, que satisfatoriamente, culmina com o término deste trabalho.

A vasta matéria disponível, fruto da investigação científica continuamente desde a descoberta da arte rupestre do Tejo na década de setenta, foi também um fator preponderante na escolha do tema de dissertação, matéria que se expande e desenvolve em diversas áreas de conhecimento além da arqueologia, como por exemplo a antropologia, geologia ou biologia, que no seu conjunto transcrevem uma leitura muito clara e definidora, que pode ser utilizada na interpretação e na construção deste território desde a pré-histórica.¹⁰

A arte rupestre será parte integrante de um todo numa paisagem que sofreu alterações significativas, que oferece um grande potencial em termos de utilização e de oportunidades de coesão entre as suas pré-existências e a homogeneidade atual. Ao colocarmos a questão de redefinição do património arqueológico, histórico, humano, cultural e geológico incontestável, teremos obrigatoriamente de analisar o contexto paisagístico onde se insere e a relação que define com o seu território e com os seus atores.

Só após a desconstrução destas diversas camadas se conseguirá uma correta dimensão da intervenção.

Uma visão polissémica e a reinterpretção da sua identidade, permitirá adequar futuras aplicações a modelos semelhantes de paisagem.

É através da interpretação do lugar e da identidade da paisagem que estabeleceremos os nossos objetivos, com a intenção de formular outras “visões” sempre subjacentes à ideia da paisagem na cultura portuguesa.

¹⁰ Desde a sua descoberta que o complexo rupestre do vale do Tejo tem sido amplamente divulgado e estudado por aqueles que estiveram no início do processo de salvamento e inventariação das gravuras e por outros que, encarando o fascínio do tema e da especialidade, desenvolveram trabalhos académicos, teses e publicações que se dispersam por um espectro amplo de várias disciplinas: arqueologia, artes, antropologia, semiótica, mitologia e universo simbólico. Dos diversos temas escritos e editados destacamos a tese de Doutoramento do Arquiteto Mário Varela Gomes sob o título “Arte Rupestre do Vale do Tejo - Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-Histórico” (2010), a monografia arqueológica de António Martinho Baptista sobre a “A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo” (1981), a investigação da ocupação humana paleolítica do Vale do Tejo preconizada por Luís Raposo (1988) ou a relação que Jorge de Oliveira estabelece entre o megalitismo funerário das encostas do vale do Tejo e as comunidades de recolectores-caçadores situadas na bacia hidrográfica do rio Sever. (1997).

Declina-se pois este intento em dois **objetivos**: a procura de uma metodologia de intervenção arquitetónica em sítios arqueológicos, em particular, naqueles em que predomina o património rupestre, e, em segundo, a procura de modos de renovar a relação das populações com a paisagem, mesmo quando ela foi dramaticamente alterada, concebendo novas possibilidades de gestão cultural e patrimonial.

A elaboração de um modelo de intervenção num território com estas características constitui um desafio para o pensamento arquitetónico: como utilizar a arquitetura como um instrumento direcionado para o entendimento e reconstrução do lugar que possa contribuir para o processo de consciencialização dos atores envolvidos, provocando neles um novo olhar para este lugar?

Só se poderá intervir neste universo complexo se entendermos as transformações recentes e valorizarmos a sua verdadeira matriz cultural e natural. É neste contexto que pretendemos introduzir o olhar, e, a ação do arquiteto, consolidando os diversos processos narrativos através da investigação, do entendimento e da leitura das diversas relações comunicantes existentes na paisagem, procurando definir deste modo e conscientemente soluções de projeto.

Perante uma situação que se repete em muitas áreas do País, sobretudo fronteiriças, propusemo-nos encontrar, através do pensamento arquitetónico, um modo de intervenção, que, tomando em consideração a singular herança cultural, permitisse na contemporaneidade, não apenas preservar e valorizar esse legado cultural, mas renovar as relações as comunidades, e os visitantes, com o território e a paisagem.

Para o desenvolvimento da investigação conducente ao projeto, tomámos em consideração dois aspetos que são simultaneamente conceitos e realidades em devir, o de arte rupestre ao ar livre, e o de paisagem. A conjugação destes dois aspetos surge nos caminhos e nos sítios arqueológicos. A arte rupestre ao ar livre surge como manifestação cultural, transcrita em representações gráficas, simbólicas e estetizadas, normalmente afastada dos lugares de habitat e relacionadas com ritualizações de carácter sagrado e marcações de delimitações territoriais, que ordenavam e hierarquizavam a paisagem e o espaço entre distintos grupos e comunidades, pode ainda, se descrever este tipo de manifestação como realística, descritiva, abstrata e simbólica capaz de definir determinados padrões de cultura (Anati, 1994).

A indivisibilidade que este tipo de manifestação artística mantém com lugar, com a paisagem onde se insere e com as comunidades, demonstra que o homem pré-histórico encarava a arte como parte integral e essencial do seu modo de vida, situação que se reflete também no panorama nacional ¹¹, com substantiva expressão nos principais cursos os rios. Uma manifestação que se inicia definitivamente pelo processo de linguagem das comunidades humanas, linguagem pré-histórica “escrita” na paisagem que se manteve preservada até aos nossos dias através de mensagens gráficas transportadas na forma da arte rupestre, materializando um universo cognitivo e simbólico desde há 40.000 – 35.000 anos (Sanches, 2003).

Se analisarmos a localização dos vários sítios arqueológicos, verifica-se com maior incidência uma correlação direta com os vales dos principais rios Ibéricos (Douro, Tejo e Guadiana) e seus afluentes. Esta proximidade à água e à corrente dos rios é frequente, sendo legítimo assumir os vales e os rios como os primeiros lugares selecionados a escolha de *habitats* e acampamentos de grupos de nómadas e de caçadores-recolectores, o rio constitui-se um ecossistema rico, diverso, de fácil acesso, e a singularidade de alguns lugares seriam elementos de atração e de fixação destas comunidades. Singularidade que permitiram também formulações cosmológicas, consolidando-se outras formas de caracterizar paisagens e elementos paisagísticos específicos, atribuindo-lhes significações de índole sagrado nos grupos que as habitavam, outro fato a ser considerado é a corrente dos rios, que pelo seu inconstante e renovador movimento, corresponde a traduções mitológicas em elevado número de culturas tradicionais.

A paisagem resulta da interação entre as comunidades humanas e o contexto natural, numa relação íntima de construção, transformação e aproveitamento dos recursos de acordo com as necessidades dessas comunidades ao longo do tempo, relação que se manteve predominantemente estável até um passado bastante recente, e que se baseava no equilíbrio nos espaços que as populações utilizavam, que dependiam e nas quais habitavam.

¹¹ A primeira referência bibliográfica sobre sítios de arte rupestre ao ar livre em Portugal, é efetuada pelo Padre António Carvalho da Costa em 1706 (Costa, 1706), onde descreve algumas pinturas rupestres no Cachão da Rapa, em Carrazeda de Ansiães, Bragança, um longo percurso de descobertas foram então sucedendo-se, confirmando-se e reconhecendo-se o crescimento quantitativo e qualitativo de arqueossítios com arte rupestre em todo o território nacional, datados desde o período cronológico-cultural do paleolítico a um amplo período pós-paleolítico.

As várias segmentações introduzidas no rio Tejo, que se iniciaram com entrada em funcionamento do aproveitamento hidroelétrico de Belver em 1951, e que tem sucedido até aos dias de hoje, referenciamos os casos mais recentes do açude de Abrantes (2004) e açude de Mouriscas (2015), que somando-se às retenções já existentes (Cedilho, Fratel e Belver) totalizam, à data, cinco compartimentações num percurso de apenas 70Km. O maior rio da península ibérica, hoje domesticado, é condicionado e afetado por um complexo conjunto de atuações alheias às riquezas e singularidade do seu legado, podendo-se equiparar a um sistema complexo e dinâmico de relações sobrepostas entre o passado e o presente, que apesar de apresentarem graves desequilíbrios e disfunções¹², mantém ainda marcas espaciais da relação entre as comunidades e o seu território.

Será sobre este sistema paisagístico que interpretaremos o conceito de paisagem, adaptando à sua leitura as necessidades e estratégias de uma sociedade atual, através da referenciação das diversas estruturas, espaços e elementos de origem natural e antrópica que devem ser preservados e que podem ainda ser explorados e utilizados pelas suas comunidades. É através da compreensão profunda desse mosaico que procuraremos distinguir os valores naturais e culturais, cujo sentido de preservação os valores complementares, não fundamentais, são obrigatórios, permitindo assim definir-se um vasto conjunto de interpretações e utilizações (Magalhães M. R., 2007, pp. 25-31). Segundo esta perspetiva, a preservação da paisagem deve ser encarada como um objetivo primordial, ela representa um património insubstituível que garante identidade coletiva, qualquer transformação tem de ser orientada segundo as duas diversas estruturas, de forma a assegurar as suas respetivas funções, quer sejam de ordem social, económica, ecológica ou simbólica na qual a memória natural e cultural do lugar assume *per si* grande relevância¹³.

¹² O Tejo sofre de múltiplas pressões humanas ao longo de todo o seu percurso e entra já debilitado na fronteira portuguesa. Nalguns troços, está moribundo por causa de baixos caudais e descargas poluentes. tendo sido considerado em 2015, um dos piores factos ambientais do ano pela Quercus. (Tomás, 2016)

¹³ (Batista & Costa, “The process of landscape (trans)formation: a methodology for sustainable intervention in contemporary landscape, 2012, pp. 72-77)

Neste sentido, ao projetar a paisagem com vista à organização espacial e funcional do território, deve-se considerar o sistema natural e construído como parte do património cultural herdado, indissociável na leitura da paisagem no seu todo, sem o qual não será possível o seu entendimento, uma vez que se trata de preservar a matriz cultural da paisagem. O que significa que paisagem deve ser compreendida como um recurso fundamental, cujas categorias e diversos componentes implica estratificar em conformidade com os diferentes usos e as intenções de projeto.

Esta abordagem, baseada na conciliação entre interesses económicos, ecológicos e patrimoniais, exige uma visão interativa entre as novas necessidades da sociedade atual (sobreviver, produzir, inventar, desfrutar) e o respeito pelo património e identidade da paisagem, sendo que é nesta última visão que se funda se sintetiza a sua própria alternativa de transformação (Sabaté, 2002). Um processo de transformação que Morin designa também por metamorfose, ou seja, a uma transformação enquanto recomeço e definição de um novo rumo para o desenvolvimento a longo prazo tanto da Natureza, como da sociedade (2010, p. 35).

Neste contexto de análise interessa-nos relacionar o termo paisagem, pelo seu lado substantivo e cognitivo: substantivo, pelas qualidades intrínsecas da sua transmutação e mudanças permanentes, e cognitivo, pela análise interpretativa e explícita dos seus possíveis conteúdos, e que se traduz na dimensão polissémica do termo paisagem (Beroutchachivili & Rougerie, 1991).

Clarifiquemos esta ideia pela descrição do termo e pela definição do conceito de paisagem. O significado do termo, obviamente não se esgota na dicotomia entre o visual e o representativo, nem nas relações análogas estabelecidas entre ambas. A paisagem é um processo aberto, que pode ser descrito, transcrito e representado, e que através dos seus conteúdos evoca memórias e formas culturais, que relacionam envolvem e projetam na construção desse espaço. A relação temporal e objetiva com a matéria está implícita na paisagem, e resulta da complexidade de processos biológicos ecológicos e culturais que operam num determinado lugar, e que se alargaram através da vivência do tempo e nas relações que as populações e os seus diversos atores mantem com esse lugar. Esta análise remete-nos para a relação de conhecimento e entendimento dos lugares e da sua existência, que deve ser entendida como um todo.

Será sobre esta visão integrada e inclusiva, muito além das considerações visuais e cénicas, que encaramos o conceito de paisagem. Paisagem que pode ainda ser como uma unidade, um sistema vivo, holístico e dinâmico, fruto da intervenção das comunidades humanas que moldam e condicionam o lugar de acordo com as suas prioridades, quer sejam primárias e de subsistência, económico e sociais, culturais e simbólicas. (Baptista A. M., 2009)

Consideramos, no âmbito do contexto desta abordagem, que a paisagem é determinada por uma porção do espaço que se apresenta e se mostra ao nível da escala humana, resultante de uma combinação instável e em constante evolução que se define pelas suas diversas dinâmicas e que representa, por si própria, um importante património. O termo “território”, por sua vez, é referenciado no contexto da investigação como conceito geográfico, que se define por uma relação socioeconómica, distinta terminologicamente do significado de “paisagem”, que é referida, segundo a nossa leitura como espelho da cultura e da representação identitária de uma determinada comunidade, condizente com a relação social, cultural e natural que essa comunidade preconiza com esse mesmo lugar/paisagem.

De uma forma sucinta e generalizada, e atendendo à orientação da investigação, interessa-nos enquadrar o sentido de representação da arte rupestre como marcação física da paisagem, em que as gravuras dispersas ao longo das margens dos rios se assumem como uma marca cultural indissociável do lugar onde foram gravadas. Hoje confundidas com a própria paisagem, mas que outrora, criavam uma rede de símbolos por meio de pinturas e gravuras que codificam o território, no qual circulariam as comunidades pré-históricas durante o 4º milênio e 3º milênio a.C. (Bueno, de Balbín, & Barroso, 2008), transcrevendo um padrão de orientação que se verifica também no vale do Tejo, confirmando um sistema de navegação e divisão territorial desde o Neolítico (Caninas, Henriques, & Osório, 2017).

Esta organização territorial desenvolveu uma complexa rede hierárquica de lugares e de percursos, e que tem um significado específico na representação e construção do espaço, organizando a paisagem segundo uma determinada matriz adequada ao necessário entendimento de relações entre diferentes elementos figurativos, entre estes e o seu espaço de representação.

Como referido anteriormente, consideramos a intervenção no **sítio arqueológico** como uma das estratégias de potenciação e divulgação do património identitário de um lugar, valorizando-se em maior parte das investigações a musealização *in situ*, contextualizando desta forma, o achado arqueológico com a sua envolvente e com a paisagem onde está inserida. Efetuada por equipas multidisciplinares e visando a salvaguarda do lugar, é nela que a disciplina da arquitetura se integra plenamente, contribuindo adequadamente para a conceção, o diálogo interdisciplinar e a concretização efetiva de todo o processo.

Seguindo este pressuposto, pode-se considerar o projeto de intervenção em sítios arqueológicos como um ambicioso exercício prático e teórico de arquitetura, pela sua extrema complexidade: leitura de condicionantes e variantes do lugar, sistematização do programa definido, aplicação de soluções construtivas compatíveis, apazibilidade da solução, consolidação temporal da proposta e manutenção da memória do local. Uma arquitetura que se impregna do lugar e se impregna no lugar, e que terá de ser tida mais em conta, no caso específico de intervenções em sítios arqueológicos de arte rupestre ao ar livre, um conhecimento do lugar, que pela natureza da sua organização e pelas relações que mantém comunicam noções de domínio, de utilização, de circulações, de hierarquia e de ordem, muito além das funções visuais, constituindo significados denotativos de forma e espaço, que devem ser inculcados no processo de investigação e quando possível inseridos no processo de conceção. Será através do diálogo com estas realidades que a arquitetura, pode integrar o processo de investigação como o instrumento operativo do projeto, potenciando um novo olhar, um novo enfoque, que não se tornando restringido, proporcionará um novo entendimento sobre a complexidade, globalidade, sustentabilidade e reciprocidade do sítio arqueológico enquanto referência formal, comportamental e metodológica.

Perante a situação atual, na qual se encontra o complexo rupestre do Vale do Tejo, desvalorizado patrimonialmente e subjugado a um processo de ocultação provavelmente irreversível, o desafio de construir dispositivos torna-se muito mais exigente e ambicioso.

É do sítio arqueológico, no contexto onde se insere (contentor cultural na relação intrínseca com a paisagem), que partimos para análise da paisagem nas suas diversas significações. O sítio arqueológico pode ser assim encarado como um reservatório histórico, um espaço de leitura de um passado que, no caso específico do Vale do Tejo, se define pelas relações que este ainda mantém com paisagem, que faculta a compreensão total da sua existência, um *ethos* que se explicita através do *locus* – espaço existencial onde se constroem possibilidades e se formam novas narrativas (Carapinha, 2015, p. 13). O sítio arqueológico surge como o momento no qual se transcreve a fundação do lugar, e a intervenção no sítio arqueológico uma possibilidade de restaurar uma visão inclusiva entre o lugar (estrutura arqueológica) e as relações envolventes (naturais e culturais), constituindo essa intervenção como uma janela de oportunidade que, no caso do Vale do Tejo, se exponencia devido à sua vasta herança cultural.

Na inexistência de um método único reconhecido para estudar, identificar e descrever a paisagem ou para intervir sobre a sua complexa e dinâmica realidade, optaremos por interpretar a leitura do lugar pela análise do seu suporte físico, espaço onde se realiza a transformação e onde se desenvolve a ação, que se vincula e descreve através das suas componentes : naturais e culturais.

A reinscrição progressiva de um sistema que se sustenta nas suas regras, e se valoriza e altera perante as transformações submetidas, parece-nos um ponto de partida para uma leitura da paisagem enquanto conjunto de sistemas. A base estruturalista definida por Piaget parece-nos metodologicamente aplicável no caso de estudo. Piaget define “que uma estrutura é um sistema de transformações e que comporta leis enquanto sistema” (1979, p. 7) que se enriquece e evolui pelo próprio jogo das suas transformações. O autor considera também que a noção global da estrutura resultará, assim, das diversas relações e composições do próprio sistema e das regras pelo o qual o próprio sistema se define.

Este conceito, segundo Manuela Raposo Magalhães (2001), pode ser transposto na paisagem por uma Estrutura Ecológica na qual os elementos naturais são considerados como suporte da vida biológica e por uma Estrutura Cultural, construída secularmente pelos humanos, constituindo ambas as estruturas a estrutura global da paisagem. Segundo esta perspetiva, será fundamental a compreensão global da paisagem, que

deverá ser efetuada pelo conhecimento dos diversos fatores que a constituem, sejam de ordem biofísica, cultural, económico ou política. Esta caracterização deverá também ser direcionada de acordo com as distintas morfologias que constituem a paisagem, e que se definem pelas formas da Natureza, e pelas formas que resultaram da apropriação e transformação das populações ao longo do tempo, e que se traduzem pela Estrutura Ecológica e Cultural da Paisagem.

A abordagem morfológica tem como objetivo de estratificar os diferentes níveis dos sistemas bem como as relações, com o intuito de encontrar pontos de ligação e instrumento de passagem entre os diferentes níveis. Aos pontos de ligação e aos espaços intersticiais entre níveis poderão ser submetidas novas subestruturas, elementos tipológicos ou padronizados, valorizando-se e enriquecendo a estrutura global. A ampliação da estrutura inicial, por subestruturas que respeitem os seus critérios, assegurará a sua sustentabilidade, sem roturas ou alterações impositivas.

Este procedimento introduzirá uma maior complexidade ao sistema, originando o que se designa por “Morfologia Complexa” (Magalhães M. R., 2001), permitindo mais oportunidades de utilização e de usufruição da estrutura inicial.

A estrutura global da paisagem, segundo esta perspetiva, pode ser entendida como um sistema constituído por vários subsistemas, que correspondem às duas componentes referidas anteriormente: Estrutura Ecológica e Estrutura Cultural. Neste conceito aplicável à leitura da paisagem e do lugar, incluímos dois novos componentes, baseado no processo de aquisição do conhecimento e da perceção das estruturas já estabelecidas, a qual designamos por Estrutura Afetiva.

A paisagem e interpretação do lugar manifestam-se em forma de experiência, de ação e subjetividade, e que se altera constantemente no campo perceptivo de cada indivíduo através da sua própria leitura, por uma rede de mnemónicas, signos, imaginários e linguagens específicas que se sobrepõe às diversas temporalidades.

A aprendizagem por meio da experiência requererá ligações “ligações sucessivas em função do tempo e das repetições objetivas” (Piaget, 1983, p. 259), ou seja, o indivíduo aprende com as estruturas cognitivas e afetivas quer estejam previamente construídas ou em processo de construção.

Assume-se desta forma que a interação do sujeito é essencial para o processo de reaprendizagem do lugar, é o lugar que nos faz sentir e que nos afeta pelo que nos cerca. Procura-se explorar esta relação pela perceção do sujeito inserindo-se perspectivas sensibilizadoras e percetivas da realidade objetiva, que promovam o entendimento e a compreensão dos diversos conteúdos e dos seus respetivos significados. Um processo assimilativo que nos permite inserir novos conteúdos e construir outros significados e outras formas de entender o lugar.

As estruturas que referenciamos, cognitivas e afetivas, pretendem sintetizar as múltiplas camadas de significação e de relações que definem a estrutura global, onde se insere o Complexo Rupestre do Vale do Tejo. Só através da combinação das distintas estruturas, e adotando uma abordagem abrangente e integradora das suas diversas dimensões, estaremos em condições de compreender o processo de construção e transformação desta paisagem e, conseqüentemente, apresentar propostas de intervenção que considerem o seu carácter e a sua identidade.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação¹⁴ estrutura-se em seis partes: uma Introdução, quatro capítulos de desenvolvimento e uma-última parte de ensaio conclusivo. Colocámos em anexo alguns dos exercícios práticos desenvolvidos.

A **parte introdutória** contextualiza a intervenção, resume a problemática e enumera as situações críticas, define como objeto de intervenção o sítio arqueológico e o património de arte rupestre, que se expressa na paisagem singular do Vale do Tejo, descreve os conceitos operativos pelo qual sustenta a investigação, fixa os objetivos que pretende alcançar, enumera os desafios e as suas expetativas.

¹⁴As regras para citação e apresentação de referências bibliográficas mencionadas neste trabalho seguem as normas da *American Psychological Association* – APA, 6ª edição, através do método (Autor, data, página).

A **primeira parte** desenvolve-se ao longo de cinco capítulos pretende, através de uma abordagem direcionada, especificar e identificar quais os componentes constituintes da paisagem, bem como, os diversos fatores que as condicionam. Esta leitura permite progressivamente evidenciar os diversos registos espaciais que caracterizam o lugar, as formas de estruturação e a organização construtiva do território, clarificando a sua matriz genealógica e espacial, bem como a utilização e exploração dos seus recursos naturais e culturais, fatores que sendo preponderantes na construção secular desta paisagem relacionam-se diretamente com o desenvolvimento social e económico da região, repercutindo-se de certa forma quer no processo concetual quer nas propostas de intervenção.

Na **segunda parte** analisa-se um conjunto de exemplos de intervenção em sítios arqueológicos seguindo duas perspetivas: a primeira procura encontrar pontos comuns no processo de conceção de diferentes projetos em sítios arqueológicos na área de estudo, que possam de alguma forma estabelecer uma possível metodologia de intervenção reutilizável. Nesse sentido foram consideradas três recentes intervenções em sítios arqueológicos classificados, situados na margem norte do rio, entre as Portas de Ródão e a Barragem de Cedillho: o projeto de valorização da área envolvente ao Castelo de Ródão e à Capela da Senhora do Castelo, o projeto de musealização e valorização da estação arqueológica da Foz de Enxarrique, onde foi possível aplicar e testar alguns dos conceitos desta investigação, e a intervenção na valorização do Caminho e Calçada da Telhada.

A segunda perspetiva compara modelos de organização de parques arqueológicos com similitudes culturais e naturais ao Vale do Tejo, procurando-se encontrar convergências para um possível modelo de organização no objeto de estudo. Para tal, foram considerados os parques arqueológicos de Vale Camonica, em Itália, do Vale do Côa e do Vale do Ocreza, ambos em território nacional.

A **terceira parte** corresponde à apresentação e desenvolvimento de um conjunto de intenções de projeto, descreve a abordagem inicial direcionada aos núcleos arqueológicos mais representativos do complexo rupestre (S. Simão, Cachão do Algarve, Cachão do Boi e Gardete), como relata também o processo de pesquisa que se origina a partir deste primeiro conjunto de intenções, reinterpretando as propostas que se foram suportando pela investigação desenvolvida. É nesta parte do texto que se desenvolve o sentido de compreender e aprofundar o conhecimento do lugar, bem como a relação que as comunidades mantiveram na construção desse mesmo lugar, relaciona-se o objeto (gravura) com a paisagem, e define-se uma metodologia de interpretação baseada na leitura ecológica e cultural da paisagem e nos seus agentes dinâmicos de transformação. Uma metodologia que nos permite perceber as lógicas de desenvolvimento implícitas na sua construção, reconhecendo-se progressivamente o lugar e reformulando-se os respetivos objetivos, um “*procedure in progress*” (Scazzosi, 2003, p. 21) que possibilita respetivas atualizações e a incorporação permanente de informação útil para o processo de intervenção no objeto de estudo.

A **quarta parte** da dissertação, conclusiva, sintetiza o percurso da investigação, esclarecendo como se desenvolveu o processo ao longo do trabalho, de que modo este explorou e reconheceu o alcance e a diversidade dos métodos utilizados e configura um possível modelo de intervenção aplicável a lugares com estas características.

Por último, apresenta-se um conjunto de exercícios práticos que se distribuem por quatro apêndices, que além de corporizarem parte da investigação teórica complementam o texto. O primeiro apresenta a proposta de intervenção interdisciplinar para o Cachão do Boi, o segundo e terceiro apêndices resumem a investigação efetuada para o núcleo arqueológico de Gardete e o quarto apêndice formaliza a conceptualização da proposta para o percurso interpretativo na plataforma do Fratel.

PRIMEIRA PARTE

1. O CARÁCTER DO LUGAR

Ao interrogarmos a paisagem recuamos inevitavelmente até este início que o homem não viveu, mas que sabemos e pressentimos uma vaga sensação de plena natureza, sem homem nem ideia.

Nuno Mendonça (1989)

Para se compreender o universo de intervenção, foi necessário identificar e descrever a paisagem em toda a sua complexidade, só após a sua interpretação se pode equacionar corretamente a intervenção, esta sistematização visa essa objetividade, fornecer o maior número de elementos pelos quais se pode esclarecer o carácter deste lugar. É através da sua descodificação, que nos inteiramos do significado holístico no conceito de paisagem em que o todo se evidencia maior que o somatório das suas partes, paisagem que se define como um sistema vivo, dinâmico que deriva da ação do homem que a molda e habita. É através desta consciencialização que encaramos o objeto de estudo segundo a base definida por Piaget, como um conjunto de sistemas que se estrutura pelos elementos naturais, culturais, mas também pelos elementos percetivos e cognitivos, que se reinscrevem e sustentam nas suas próprias regras, constituindo desta forma a Estrutura Global da Paisagem (Magalhães M. R., 2001).

Se por um lado a estrutura ecológica identifica os diferentes componentes ecológicos que se relacionam na paisagem, por outro, a estrutura cultural, transcreve o processo com que as comunidades construíram o lugar. Leituras que se complementam pelos mecanismos mentais, na estrutura afetiva a que corresponderá a leitura e fenomenológica¹⁵ e emotiva do lugar essencial no processo de reaprendizagem sistémica da paisagem. Três leituras, que além do processo interpretativo que nos facultam, permitem também estratificarem os diferentes níveis dos diversos sistemas bem como as suas relações, abrindo a oportunidade de equacionar subsistemas que possam valorizar a estrutura global inicial.

Este será o nosso propósito, procurar pontos de ligação e elementos de passagem entre os diferentes níveis descritos, que ao corresponder aos objetivos traçados, permitam a melhor usufruição e utilização da estrutura inicial.

O conceito de lugar relacionamos diretamente com o conceito de carácter, como afirmação identitária desse lugar, que se expressa pela sua cultura específica através da relação que o homem concretizou, e ainda mantém, com o espaço que habita.

¹⁵A fenomenologia é um “movimento de pensamento” que impõe a tarefa “sempre renovada, de descrever o que aparece enquanto aparece” através do método fenomenológico, que se trata “de fazer aparecer o que nunca aparece nos fenómenos, o seu próprio ato de aparecer, e a sua maneira de aparecer (para dar uma imagem: a encenação, que o espectador «não vê» no espetáculo”. (Clément, Khan, Hansen-Love, & Demonque, 1997, p. 150)

Ambos os conceitos, que se sobrepõem, são transpostos para arquitetura pelo termo de *Genius Loci*¹⁶ ou espírito do lugar, termo que permite reconhecer uma realidade fundacional, e a possibilidade de intervir e conceber ideais condições para o ato de habitar. É através deste conceito que o lugar, espaço e paisagem vincam o seu carácter próprio, diferenciável e único, estruturando-se a partir do espaço envolvente, e de um conjunto de características fisiográficas, morfológicas e culturais, que refletem a ocupação humanizada desse lugar. São elementos definidores do carácter do lugar a forma, a função e a história. Estes três elementos, determinantes no desenho e na compreensão da paisagem, remetem para a matéria (viva e inerte) e para o tempo (histórico e biológico).

A **forma** é definida pelas componentes naturais, que no caso do Vale do Tejo se transcrevem pelas suas características específicas vinculadas a uma forte matriz geológica, expressa no relevo e nos processos de construção da paisagem, matriz geológica e morfológica que define física e geograficamente a paisagem, acentuando-se na formação natural das Portas de Ródão, momento em que o Tejo atravessa a dupla crista quartzítica.

A **função**, reflete um complexo mosaico que se distribui entre a herança cultural, o processo de industrialização e a amena desertificação que o território tem presenciado nas últimas décadas, que reflete ainda as marcas do excessivo aproveitamento e a exploração contínua dos seus recursos, entre os quais o hidroelétrico, marcas que acabaram por se tornar sinais perturbadores e dissonantes na leitura da paisagem.

A **história** é o espelho uma cultura milenar, manifestada como um imenso contentor cultural, expressa através dos seus diversos achados arqueológicos e do conhecimento íntimo com que o homem construiu o lugar e no qual se manifesta. Ainda que a sua ação seja hoje contraditória com a sua condição natural e com esta relação histórica é sinónimo da “vontade indómita da humanidade alterar a sua sina” (Carapinha, 2011, p. 23).

¹⁶ É um conceito clássico, de acordo com as crenças romanas qualquer ser ‘independente’ tem o seu *genius*, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência. (Norberg-Schulz, 1980, p. 18)

1.1. DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A zona de estudo insere-se na sua totalidade na Unidade de Paisagem 54, designada por Tejo Superior e Internacional (d'Abreu, Oliveira, & Correia, 2004, p. 125), unidade que se define pelo seu carácter agreste e pelo seu elemento mais marcante - o rio Tejo - que é o definidor de grande parte da paisagem, hoje com a sua expressão aumentada pela suas encostas dissimétricas pelos planos de água alargados e estáveis, contrastantes com a anterior expressão mais vincada do seu leito nos vales ao longo deste percurso antes do enchimento das albufeiras do Fratel¹⁷ e de Cedillo.

Como delimitação da área de estudo consideramos os dois elementos estruturantes desta paisagem: o curso do rio, desenvolve no sentido NE-SO, e a as cristas quartzíticas da Serra das Talhadas, no sentido NW-SU, que organizam o território ortogonalmente, com semelhanças (nossas) a um hipotético traçado Romano do tipo *Cardus - Decumanus*. No sistema descrito balizamos as duas ações antrópicas: a Barragem de Cedillo (1962), a NE, e a Barragem de Fratel (1974) a SO, a que sobrepusemos os limites da unidade de Paisagem 54, (d'Abreu, Oliveira, & Correia, 2004), obtendo desta forma um polígono longitudinal que se desenvolve com o percurso do rio (figura 4).

Nesta área com aproximadamente 8900ha, e extensão de 40km, correspondendo à albufeira do Fratel, localizam-se os principais núcleos de arte rupestre do Vale do Tejo, além de centenas de registos arqueológicos dispersos por ambas as margens que testemunham o processo de humanização deste território desde o paleolítico médio, como se pode verificar na figura 5.

¹⁷ Como referência da dimensão do volume de água da albufeira, no trecho junto do apeadeiro do Fratel o leito do rio situava-se a cerca de 8 metros de profundidade da atual cota de superfície, medindo a respetiva bacia entre margens, 30 m de largura na sua maior dimensão.

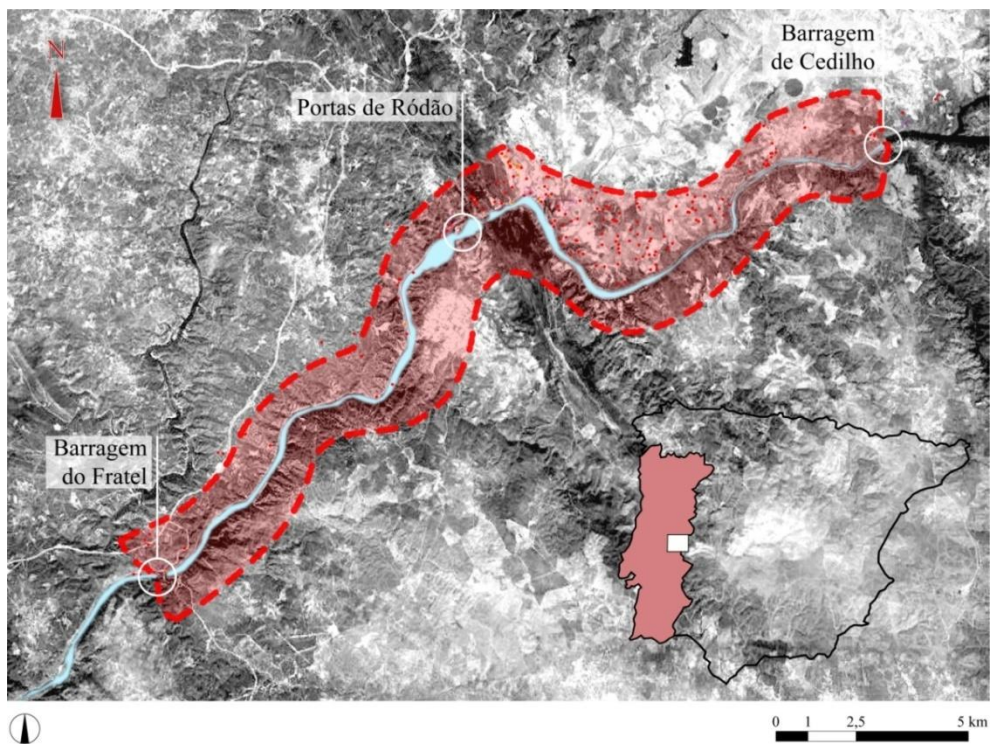


Figura 4- Delimitação de área de estudo e localização em mapa peninsular.

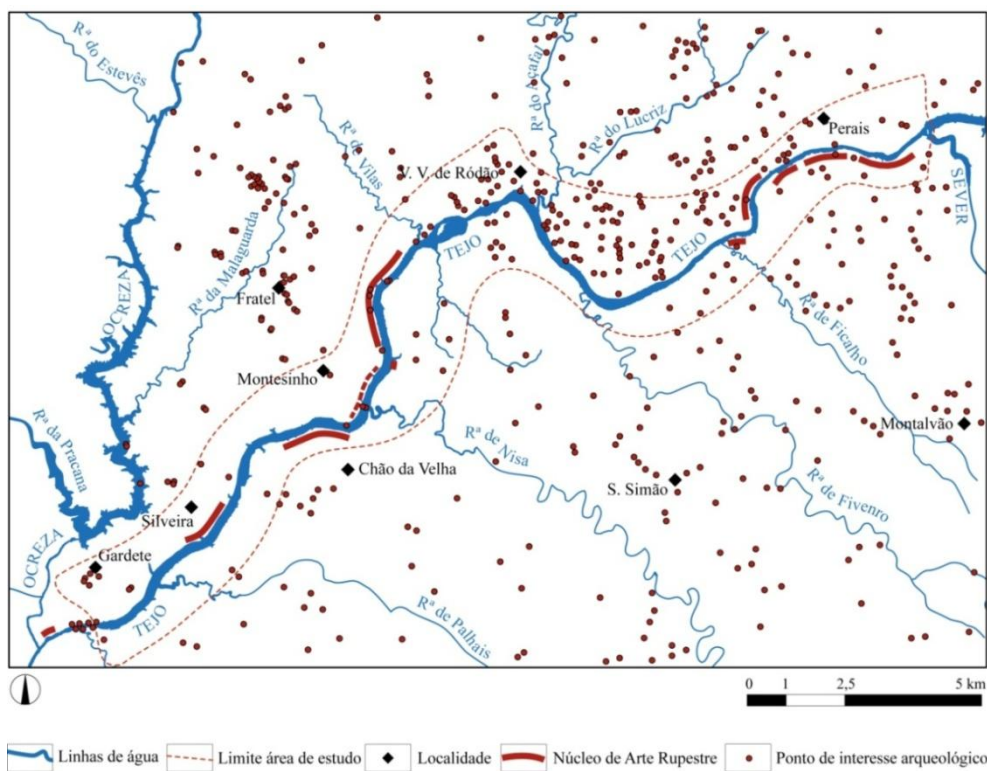


Figura 5 - Vale do Tejo. Mapa com marcação dos sítios e núcleos arqueológicos de arte rupestre

1.1.1. ENQUADRAMENTO ADMINISTRATIVO

A área de estudo situa-se na Beira Interior Sul no centro-interior de Portugal e insere-se na sua quase totalidade no concelho de Vila Velha de Ródão, integrado no distrito de Castelo Branco. Fronteira entre dois países, a divisão administrativa reparte-se por três distritos, três concelhos e nove freguesias¹⁸, numa extensão de pouco mais de 40 km, correspondendo a áreas geográficas geridas, ao nível regional, pelas Comunidades Intermunicipais da Beira Baixa e Alto Alentejo. O curso do Médio Tejo, é também regulado por três albufeiras e por um complexo sistema de controlos de caudais, que mantém entre si o equilíbrio de funcionamento e de produção de energia elétrica.

Com uma utilização quase exclusivamente direcionada para o aproveitamento dos recursos energéticos, toda a área se apresenta como uma “manta de muitos retalhos” (Mattoso, Daveau, & Belo, 2010, p. 406) fragmentada, apenas coordenada pelo o elemento que os une, o rio, que no passado, desempenhou um papel catalisador de povos e de culturas, mas hoje, aparenta-se como sinónimo de fronteira e de elemento divisível, uma zona vazia ou utilizando uma expressão latina, uma Terra *Nullius* (terra de ninguém), sem aparente pertença, local onde a atividade foi fortemente reduzida ou se tornou praticamente inexistente. Antítese do papel de união e de encontro, que apesar da dificuldade de acesso devido às margens abruptas e da intensidade de corrente em alguns troços, caracteriza-se como um lugar privilegiado de circulação de bens e ideias influenciando social e economicamente modos de vida durante séculos.¹⁹

Em termos de características demográficas, a área de estudo, apresenta os mesmos fenómenos de desertificação que outras áreas do interior de Portugal em zonas de raia e em limites fronteiriços, revelando um crescente despovoamento territorial e um envelhecimento populacional, fruto da inversão da pirâmide etária – onde o número de habitantes com mais de 65 anos supera o das camadas mais jovens, bem como, da acentuada redução da natalidade, resultado da diminuição da população e do número médio de filhos por casal.

¹⁸As freguesias do Fratel e Vila Velha de Rodão e Perais no concelho de Vila Velha de Rodão no distrito de Castelo Branco. As Freguesias de Montalvão, São Simão, Santana, S.Matias e Amieira do Tejo no concelho de Nisa, no distrito de Portalegre, e Cardigos, no concelho de Mação no Distrito de Abrantes.






¹⁹Referimos ao Tejo como via de comunicação privilegiada de abastecimento de mercadorias entre Lisboa e o Porto de Rodão, durante a idade moderna, mas também aos movimentos de transumância que descendo do Norte penetravam no Alentejo as diversas festividades populares de fundo religioso que utilizavam o rio e as Portas de Rodão como pano de fundo (Sr^a da Alagada em VVR).

O concelho de Vila Velha de Ródão mantém no entanto, um significativo cariz de desenvolvimento industrial, alicerçado numa unidade de fabricação de pasta celulósica desde a década de 70, que contraria os censos económicos e demográficos para um território com estas características, mas que contrasta com o cenário natural e patrimonial que o Vale do Tejo apresenta, comprometendo desta forma o possível desenvolvimento e o aproveitamento dos seus amplos recursos.

As restantes áreas envolventes são marcadas predominantemente por uma feição rural de território com estas características, refletida por pequenas explorações agrícolas de uso familiar e por olivais sustentados, por muros de pedra solta nas encostas íngremes²⁰ uma cultura arbórea que caiu no esquecimento e que lentamente é substituída por novas reflorestações e matos bravios.

A nível de ordenamento e gestão do território, a área de estudo é regulada pelos Planos Diretores Municipais de Vila Velha de Ródão e Nisa, incluindo-se no Geopark Naturtejo da Meseta Meridional e na Rede Nacional de Áreas Protegidas e pela área de proteção ao monumento natural das Portas de Ródão (figura 6).

LEGENDA:

-  Rede de Áreas protegidas
-  Rede Natura 2000 (ZPE e SIC)
-  Áreas importantes de Aves (IBA's)
-  Principais linhas de água
-  Limite da área de intervenção

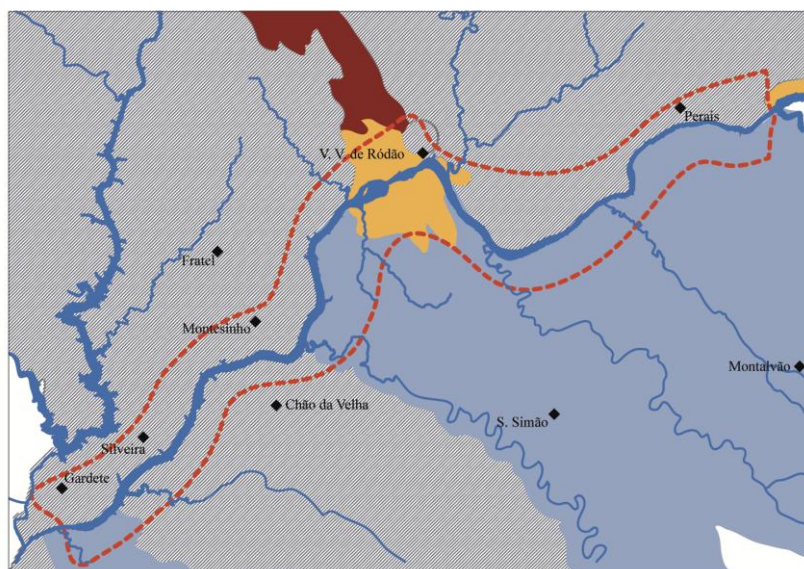


Figura 6 – Marcação de zonas de proteção

²⁰ Imagem característica desta paisagem e do seu clima mediterrânico que “Vistas de longe, são como um pontado geométrico e denso que sublinha todas as ondulações do relevo” (Ribeiro, Portugal o Mediterrânico e o Atlântico. Estudo Geográfico., 1951, p. 107)

1.2. ESTRUTURA GLOBAL DA PAISAGEM

A estrutura global da paisagem, como já referenciado, pode ser entendida como um sistema constituído por vários subsistemas: Estrutura Ecológica, Estrutura Cultural, e Estrutura Afetiva. É partir da sistematização dos diversos componentes que a constituem que procuraremos aprofundar e clarificar o carácter do lugar neste trecho de paisagem, podendo definir-se da seguinte forma:

- Estrutura Ecológica, que se manifesta a partir dos diferentes componentes ecológicos que se relacionam na paisagem e lhe determinam as suas características físicas e biológicas
- Estrutura Cultural, construída aos longo dos séculos pelo homem, que se pode ler nos vestígios do passado e nos seus usos atuais, e que refletem e vinculam as transformações da sociedade e do espaço.
- Estrutura Afetiva, que corresponderá à leitura fenomenológica e cognitiva do lugar através da experiência e da inter-relação do sujeito com esse lugar, e com os restantes sistemas.

1.3. ESTRUTURA ECOLÓGICA

A estrutura ecológica identifica os diferentes componentes ecológicos que se relacionam na paisagem, e clarifica o sistema natural contínuo (*continuum natural*). O reconhecimento das suas características, permitirá contribuir para a conservação e promoção dos elementos naturais e culturais que a constituem. Estrutura que pode também ser entendida como uma infraestrutura, um modelo de ocupação do território essencial no equilíbrio físico e biológico, sobretudo em territórios de forte pressão antrópica como o do caso de estudo.

Na definição da estrutura ecológica do Vale do Tejo teve-se por base o reconhecimento das estruturas *permanentes* da paisagem tais como a geologia e a geomorfologia, rede hidrográfica, linhas fundamentais do relevo, hipsometria, declives e orientação das encostas. Este procedimento além de clarificar um sistema ecológico, indispensável à análise e proteção das áreas de maior sensibilidade ecológica e de maior conservação da fauna e dos habitats, permite entender o território segundo os elementos que se moldaram e construíram ao longo do tempo, elementos indispensáveis para o processo de reinterpretação a que nos propomos.

Como abordagem metodológica analisa-se a estrutura ecológica por duas partes: numa primeira parte pela inicial caracterização dos principais elementos que constituem a Estrutura Ecológica da área de estudo, e numa segunda análise mais objetiva e focalizada na fase de projeto sobre as áreas envolventes nos locais a intervir.

Para esta análise foram consideradas as componentes da hidrografia, altimetria, declives e orientação das encostas a partir da cartografia disponível, no Plano Diretor Municipal de Vila Velha de Ródão, na Caracterização Geológica e Geomorfológica de Vila Velha de Ródão e na cartografia simplificada disponibilizada pela Naturtejo.

1.3.1. CARACTERIZAÇÃO GEOLÓGICA E GEOMORFOLÓGICA

Na caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão (Carvalho, Cunha, Martins, & Tavares, 2006) importam os fatores físicos condicionantes do território, que se dividem por dois grupos distintos: o geológico e o geomorfológico. O primeiro grupo, faz reconhecer na carta geológica de Vila Velha de Ródão diferentes litologias que integram as unidades litostratigráficas, nas quais destacamos os seguintes conjuntos geológicos:

- Grupo das Beiras, unidade mais antiga da era Pré-câmbrica e Câmbria (visualizável no Quadro 1, com a Escala de Tempo Geológico), dominado por filitos²¹ e metagrauvaques²², que se estende por todo o território
- Quartzitos²³, que formam os flancos do dobramento em sinclinal, que se interrompe na zona das Portas de Ródão pelo rio Tejo.
- Xistos argilosos, situados no interior do sinclinal, que por serem consideradas rochas mais brandas, permitiram desenvolver vales de vertentes abruptas convergentes para o Tejo.
- Formações arcósicas²⁴, testemunho da vasta drenagem fluvial durante o Terciário na bacia do Baixo Tejo²⁵, que materializa a resposta sedimentar às fases de surgimento da Cordilheira Central Portuguesa.

²¹Rochas metamórficas, de grão fino, xistosas, derivadas de sedimentos argilosos.

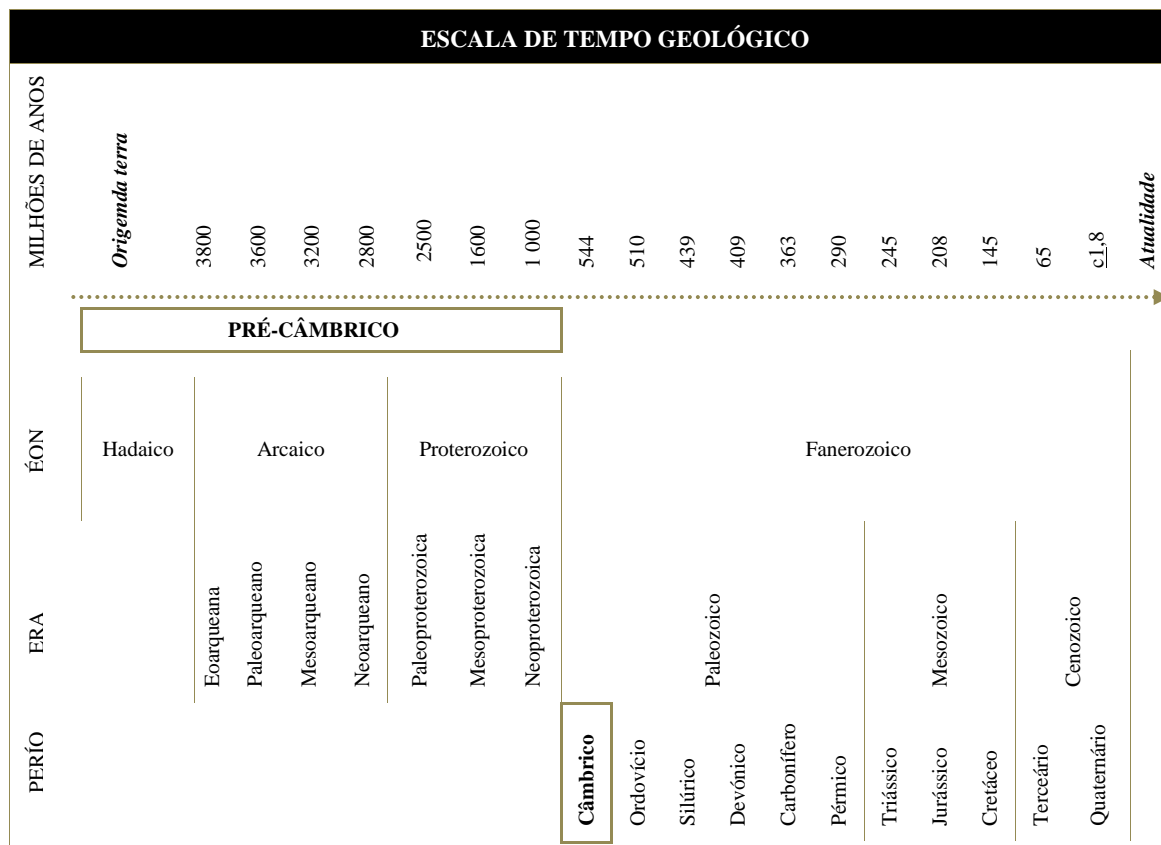
²² Referem-se a grauvaques metamorfizados. Ou seja, grauvaques (rochas sedimentares detríticas muito antigas, resultantes da acumulação de material proveniente da desintegração de outras rochas) transformados pelo calor e/ou pressão. (Alegria, 1981) (Carvalho A. M., 2011)

²³Rocha dura e resistente, cujo componente principal é o quartzo.

²⁴Relativo a Arcose. Arcose - Arenito grosseiro que apresenta na sua composição quartzo e elevado teor de feldspato. Forma-se geralmente a partir da degradação de tipo granítico. Abundante na região da Beira Baixa. (Alegria, 1981)

²⁵ Sobre o assunto ver (Cunha, Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal), 1996), (Carvalho, Cunha, Martins, & Tavares, 2006) e (Ribeiro, 1943).

Quadro 1- Representação da escala de tempo geológico



Na primeira leitura deste conjunto(ver figura 7), destacam-se pela sua relevância na paisagem o sinclinal²⁶, denominado por Serra das Talhadas, referência paisagística desde a pré-história e que se define por duas cumeadas paralelas separadas por um vale encaixado com altura variável entre os 150 - 250 metros acima das plataformas de xisto, e extensão de cerca de 30 km de comprimento e 2,5 km de largura máxima (Teixeira, 1981) .O segundo conjunto que nos parece significativo para esta caracterização prende-se com as formações arcósicas, e com os enchimentos terciários que prevaleceram durante um longo período de deposição, depositando um extenso manto arenoconglomerático²⁷, que possibilitou formar escadarias de terraços e diversificados depósitos sedimentares: leques torrenciais, terraços coluviões e aluviões. (Gouveia, 2009, p. 12)





²⁶Deformação tipo dobra causada por forças compressivas na crosta terrestre empurrando os estratos mais recentes para o interior do sinclinal formando uma dobra côncava.

²⁷A barreira ao escoamento fluvial constituída pela crista quartzítica, a existência de brando substrato sedimentar ou de rochas metamórficas e o controlo tectónico local, levaram ao grande desenvolvimento de terraços na depressão de Vila Velha de Ródão, relativamente aos troços do Tejo situados imediatamente a montante e a jusante, onde os terraços são pouco desenvolvidos ou inexistentes.



A geomorfologia na área de estudo, é fortemente vincada pelo encaixe da rede hidrográfica e pelo curso sinuoso do Rio Tejo, um percurso que condicionou e moldou a paisagem nos últimos milhões de anos, e que se expressa significativamente no momento em que o rio Tejo atravessa a dupla crista quartzítica através da impressionante garganta epigénica²⁸, um acidente geológico que sintetiza o contexto único desta paisagem, potenciando um conjunto cénico de inigualável beleza, um ponto de referência em rotas migratórias, disponibilizando uma oferta de meios naturais, permitindo a sedimentação precoce de comunidades humanas desde há mais de 150.000 anos (Raposo L. , 1995) .

Um pouco por toda a região ocorrem vales encaixados resultantes da erosão vertical provocada pela ação dos cursos de água, gerando formas de relevo que caracterizam a paisagem do vale do Tejo, paisagem a que o homem se adaptou de acordo com as suas necessidades, referenciamos por exemplo os típicos socalcos de oliveiras ou a extensa exploração aurífera efetuada nos terraços de acumulação, durante o período de ocupação romana.




LEGENDA:

-  Grupo das beiras (xistos e grauvaques) Neoproteozóico (610-542 Ma)
-  Quartzito armoricano e xistos - Ordovícico-Silúrico Inferior (488-435 Ma)
-  Acroses, brechas e conglomerados - Eocénico-Pliocénico (50-1.8 Ma)
-  Granitóides orogénicos tardo-Variscos (315-300 Ma)

Rochas filoneanas

-  Rochas básicas, aplíticas e pegmatíticas
-  Quartzo

Tectónica

-  Falhas principais
-  Principais linhas de água
-  Limite da área de intervenção

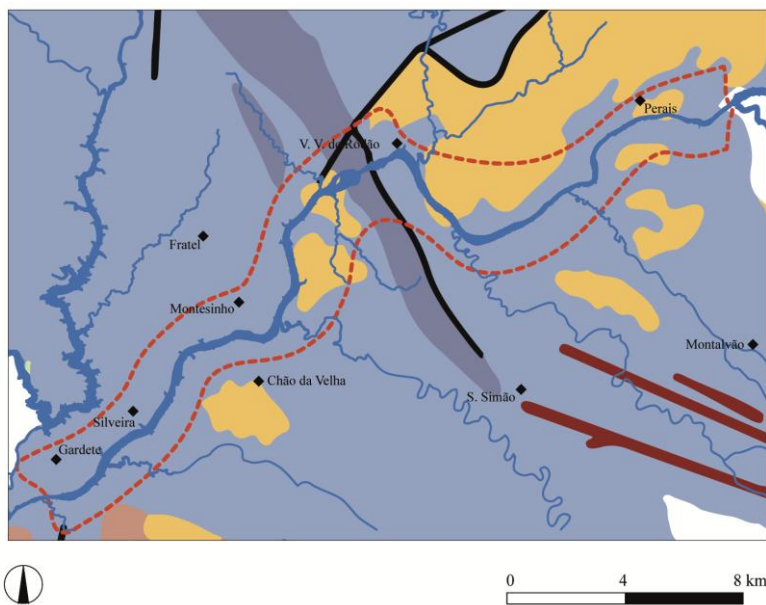


Figura 7 - Carta geológica

²⁸Refere-se a um vale de rio profundo, rochoso de encostas íngremes, formado em locais onde a erosão vertical do rio é mais importante que a erosão lateral, o que se verifica porque a instalação e encaixe do curso de água e do seu vale ocorrem numa estrutura de rochas resistentes que não afloravam na altura em que o rio se começou a encaixar. (Alegria, 1981)

1.3.2. REDE HIDROGRÁFICA

Integrada na região hidrográfica do Tejo (RH5)²⁹, a área em estudo desenvolve-se ao longo da sub-bacia do Tejo Internacional, entre a fronteira de Espanha e Foz do rio Ocreza (ver figura 8). Na margem esquerda, neste troço destaca-se o curso transversal da ribeira de Nisa que desagua a montante das Portas de Ródão. Devido ao seu enquadramento geográfico no bordo do Maciço Hespérico³⁰, a estrutura hidrográfica possui uma expressão significativa quer em extensão como em área drenada, formando através das suas linhas de água vales encaixados e transversais ao curso do rio principal.

Linhas naturais que, para além de recurso, promoção de proteção e constituição de corredores de circulação, são consideradas em termos espaciais linhas de força na paisagem que encerram movimentos e dinâmicas, com grande visibilidade e expressão cénica em pontos de cota mais elevada. O processo de identificação das linhas fundamentais que constituem o relevo, entenda-se festos e talvegues, torna-se essencial para a perceção e orientação da paisagem e para o entendimento dos diferentes circuitos que a constituem, nomeadamente o circuito hídrico.

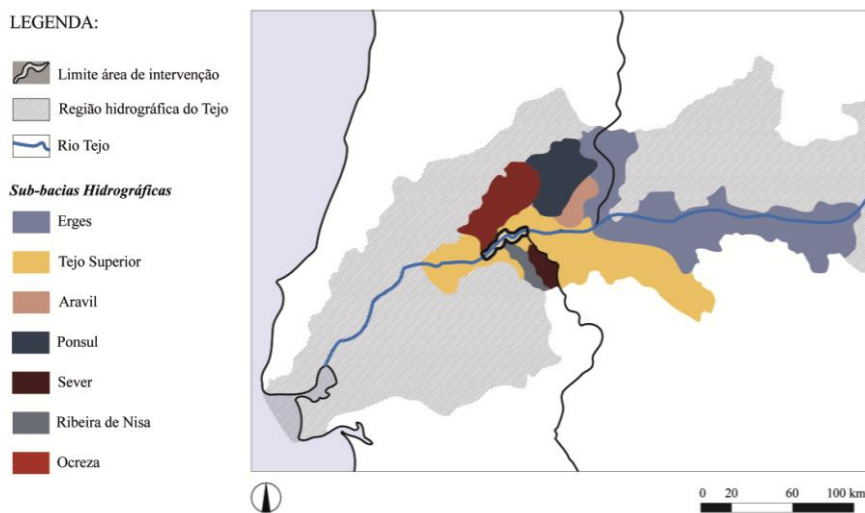


Figura 8 – Região hidrográfica do Tejo

²⁹ RH5 é uma região hidrográfica internacional com uma área total de aproximadamente 81 310 km², dos quais 25 666 km², ou seja 32%, são em território nacional. De acordo com o Decreto-Lei n.º 347/2007, de 19 de Outubro, a RH5 é limitada pelo território espanhol a Este, as bacias hidrográficas das ribeiras do Oeste e do Lis a Oeste, a bacia hidrográfica do Mondego a Norte e a bacia hidrográfica do Douro a Nordeste. A Sul e a Sudeste é limitada pelas bacias hidrográficas do Sado e do Guadiana, respetivamente. (APA, 2016, p. 16)

³⁰ Unidade geomorfológica das mais antigas da Península Ibérica, correspondendo a uma antiga cordilheira formada durante o Paleozóico

1.3.3. HIPSOMETRIA

Com a carta hipsométrica pretende-se obter uma melhor perceção do relevo através da explicitação de áreas compreendidas entre curvas de nível de cotas significativas para a definição de aspetos morfológicos e de zonamento. Em termos altimétricos observou-se que a variação na área de estudo, situa-se entre os 50m e os 450m, correspondendo as maiores altitudes às cristas quartzíticas, e as áreas mais baixas correspondem às zonas do vale do Tejo, bem como a parte da depressão de Ródão.

Os pontos dominantes da paisagem correspondem a situações de cota elevada e localizam-se no aplito³¹ do Castelejo em Gardete, nas Portas de Ródão e na plataforma dos Perais, coincidente com o Terraço T1³² (que se assinala na figura 11), a partir dos quais se tem uma ampla visibilidade sobre a paisagem envolvente e sobre o leito do rio (ver imagem panorâmica na figura 10). Alguns destes pontos pela sua localização estratégica foram ocupados por povoados da idade do Bronze e durante a época moderna, como comprovam as estruturas defensivas do Castelejo em Gardete e do Castelo de Ródão nas Portas de Ródão. Interessa-nos assinalar estes sítios, enquanto locais de força e simbolismo, que são notáveis em termos fisiográficos tanto pelo alcance de observação como pela sua visibilidade a longa distância.

³¹“O Aplito de Gardete, inventariado como Sítio de Importância Geológica do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – Geoparque Mundial UNESCO, aflora num pequeno cabeço situado a 1200m a SE da localidade de Gardete, sobre a margem direita do Rio Tejo. O cabeço tem uma orientação NNE-SSW e 550m segundo esta orientação, por cerca de 350m na sua perpendicular, com uma altitude máxima de 256m. O Aplito aflora numa área circular francamente mais restrita, com cerca de 250m de diâmetro, rodeado por uma auréola de metamorfismo de contacto que afetou as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras envolventes. O relevo cónico eleva-se cerca de 200 m acima do leito do Rio Tejo e impressiona pelas suas vertentes íngremes, sobretudo aquela voltada ao Rio Tejo. No seu topo observam-se vestígios de um povoado proto-histórico.” (Moita, Dias, Mirão, & Carvalho, 2015)

³²Sobre o assunto ver descrição e mapa geológico simplificado da Bacia do Baixo Tejo Português. (Martins, Cunha, Huot, Murray, & Buylaert, 2009, pp. 75-91)

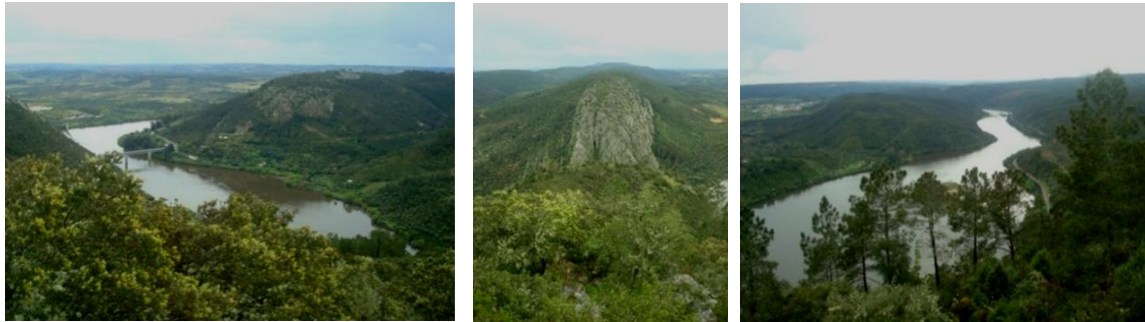


Figura 9-Panorâmica a partir das Portas de Ródão



Figura 10 - Vista sobre a barragem do Fratel a partir do Aplito de Gardete

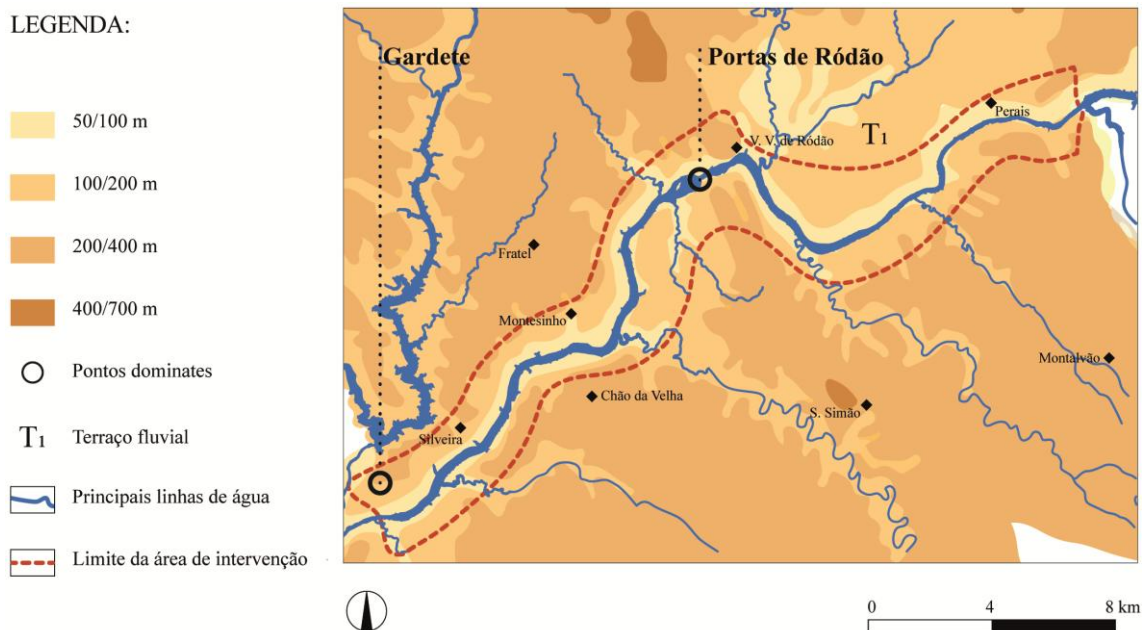


Figura 11- Carta Hipsométrica

1.3.4. DECLIVES

Os declives introduzem um fator quantitativo à interpretação do relevo, permitindo assim uma caracterização mais pormenorizada e objetiva. À semelhança das classes hipsométricas, as classes definidas para os declives são variáveis, dependendo fundamentalmente da escala da carta, do relevo existente e da finalidade a que o estudo se destina. Para o efeito serão considerados os elementos e registos disponíveis no PDM de Vila Velha de Ródão como na caracterização geológica e geomorfológica do Concelho (Carvalho, Cunha, Martins, & Tavares, 2006), são claros quanto à caracterização pretendida junto dos núcleos de arte rupestre, e aos quais se pretende acrescentar novas leituras.

Segundo os elementos analisáveis, consideram-se as seguintes classes de declives do relevo: 0-2% (relevo plano), 2% - 5% (relevo suave), 5%-15% (relevo ondulado), 15%-25% (relevo acidentado) e 25%-50% (relevo muito acidentado).

Esta análise permite afirmar que as áreas mais planas se concentram na depressão de Vila Velha de Ródão, nomeadamente em associação com os terraços aluviais e nos aluviões das ribeiras, as classes intermédias estabelecem a transição entre as áreas contrastadas de declive como acontece na base das cristas quartzíticas, sendo a área de relevo mais acidentado associada às vertentes das cristas de quartzitos, aos vales fluviais encaixados e aos elementos morfológicos mais salientes.

De uma forma resumida podem definir-se dois tipos de relevo dominantes: originado pelos diversos processos erosivos, com maior extensão na depressão de Vila Velha de Ródão no planalto do Fratel e Perais e, por oposição, grandes elevações que derivam dos relevos resistentes. Ambos estabelecem um contraste cénico que molda e caracteriza este segmento de paisagem por um movimento contínuo, que oscila entre vales abertos e vales encaixados, com margens por vezes inacessíveis, declives moderados e acentuados, relevos ondulados e rochosos, interrompidos abruptamente, constituindo desta forma uma espacialidade complexa e dinâmica que se reflete ao longo deste trecho.

1.3.5. ORIENTAÇÃO DAS ENCOSTAS

A última componente analisada foi a orientação dominante das encostas à radiação solar, pelo que as orientações consideradas tiveram como base na definição de encostas muito frias (exposição a Norte e Nordeste); encostas frias (exposição a Noroeste); encostas temperadas (exposição a Este e Oeste); encostas quentes (exposição a Sudeste) e encostas muito quentes (exposição a Sul e Sudoeste).

Nesta análise, verifica-se que as zonas de reduzidos declives como os terraços a Poente das Portas de Ródão, a plataforma do Fratel e as margens direitas do Rio, são áreas muito quentes fruto de uma total exposição, contrariamente às margens esquerdas ou com a vertente norte da Serra das Talhadas, com orientação NNW-SSE, que revelam encostas frias a muito frias.

Apesar da clara orientação predominante ser NW-SE, todas as classes se distribuem neste trecho de rio, fato que está relacionado com o desenvolvimento dendrítico da rede de drenagem nas unidades meta sedimentares e conseqüentemente, com a quase aleatória exposição das vertentes dos vales aos diversos quadrantes, com exceção na zona central onde se encontram as cristas quartzíticas.

Naturalmente, verifica-se o aproveitamento solar nas encostas quentes nomeadamente as orientadas a NW-SE, para implementação de olivais, hortas, vinhas e culturas características desta região, em algumas áreas surgem dispersas manchas de eucaliptais sinónimo de desertificação e de abandono do mundo rural.

Esta orientação não foi alheia, à escolha e localização dos primeiros habitats e núcleos de arte rupestre, que se dispersam maioritariamente na margem direita do rio, em locais de visibilidade estratégica, núcleos que funcionariam como pontos de referência na paisagem e possíveis marcas de delimitação territorial.

Por fim, não podemos deixar de chamar a atenção para o constante contraste e jogo cénico entre a matéria (cor, luz) e profundidade (forma, movimento), que se acentuam neste trecho de paisagem, justamente pela diversidade e complexidade dos seus componentes naturais, e pelo acentuado relevo que abordaremos mais à frente.

1.3.6. FLORA E VEGETAÇÃO

O coberto vegetal na área em estudo define-se³³ se por um singular complexo de comunidades bastante diversificadas que advém essencialmente, da diversidade topográfica e da geomorfologia existente, responsáveis pelos diversificados desníveis altimétricos que se expõe em vários quadrantes³⁴. Esta configuração torna-se essencial, em termos climáticos, para o desenvolvimento de determinado tipo de flora e vegetação.

³³ Refere-se à vegetação primitiva de um local antes de sofrer alterações provocadas pela intervenção humana.

³⁴ Recordamos sobre a descrição efetuada a sequência de incêndios de Julho 2017, que devastou parte significativa do concelho de Vila Velha de Rodão de Mação e Nisa, consumindo milhares de hectares que atingiu a zona de estudo particularmente a zona de Gardete e o monumento natural das Portas de Ródão, estimando-se que o fogo tenha destruído flora que pode levar cerca 200 anos a recuperar. (Lusa, 2017)

A vegetação climatófila, isto é, aquela que é determinada, essencialmente, pelos fatores climáticos (temperatura, chuvas, nevoeiros, etc.) resume-se a duas séries de vegetação, sendo a mais abrangente e melhor representada, na área em estudo, a *Smilacoaspera-Quercetosuberissigmetum*, que tem por etapa climácica um sobreiral com zimbros. Existe uma segunda série de vegetação, *Pyrobouргаeanae – Quercetumrotundifoliae* com *Juniperuslagunae*, escassamente representada na zona, ocupando áreas marginais, que tem por vegetação climácica um bosque de azinheira e por orlas carrascais, alguns dos quais em bom estado e de grandes dimensões.

Por último, encontra-se uma área considerável de zimbrais com azinheiras de pequeno porte, sobre solos rochosos de quartzitos, muito fraturados, com escassa capacidade de retenção para a água, que se escoam facilmente para as profundezas. Tem assim que suportar uma mais prolongada seca estival. Nestas comunidades que incluem espécies termófilas como o zambujeiro, espargo branco, e o espinheiro negro, por exemplo, os zimbros e as azinheiras não possuem porte arbóreo, constituindo matagais mais ou menos densos, inseridos nos fundos das rochas e sobre superfícies terrosas incipientes representando, neste locais, a vegetação climácica. “Existem ainda comunidades extremas de zimbros, em situações mais inóspitas que as referidas, nas quais as azinheiras, ou não estão presentes, ou não ultrapassam o porte de caméfitos³⁵”. (Gouveia, 2009).

1.3.7. FAUNA

A existência e a manutenção de um mosaico paisagístico diversificado, resultante dos diferentes usos do solo, constituem um fator essencial e decisivo para a manutenção dos níveis de biodiversidade. Nos olivais, matagais, zonas com vegetação herbácea, áreas florestais e escarpas rochosas verifica-se a presença de um número assinalável e diversificado de espécies animais. Esta evidência coincide com a concentração dos diferentes habitats num espaço restrito, que não ultrapassa os 1500 hectares, o que justifica, de uma forma mais efetiva, a importância e a pertinência desta proposta de classificação.

³⁵ Na botânica, caméfita é a designação atribuída a plantas perenes rasteiras de pequeno porte.

Os vales mais encaixados, com formações vegetais densas e de grande diversidade e as escarpas de difícil acesso, constituem o habitat preferencial para um importante número de espécies, não só de rapinas como também de outra avifauna e de mamíferos. É nestes locais que os matagais de características mediterrânicas se encontram melhor representados e em melhor estágio de desenvolvimento.

Os locais próximos da água, constituídos maioritariamente por bosquetes arbóreos, constituem igualmente habitats importantes. Entre estes habitats e os descritos anteriormente verifica-se um relacionamento evidente.

1.4. ESTRUTURA CULTURAL

A estrutura cultural, transcreve o processo com que as comunidades construíram o lugar e que se lê nos vestígios do passado e no uso que manifestam com esse mesmo lugar. Procuramos nesta abordagem, salientar os elementos, que dentro dos objetivos propostos, estabeleçam um sentido do lugar de identificação e de interpretação da sua singularidade.

Será através dos vestígios existentes no presente, que procuraremos os sinais intemporais da construção deste território, em que a gravura rupestre é encarada como o elemento gerador que despoleta a investigação, mas que não a encerra, muito pelo contrário, procura expandir-se num modelo de ação prospetivo que corresponda aos objetivos propostos, mas sobretudo defina uma nova lógica de compreensão desta paisagem.

1.4.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Numa breve sùmula descreve-se o contexto histórico, territorial e patrimonial que o médio Tejo oferece, testemunho ímpar da ocupação humana da península Ibérica, e cujas condições naturais são favoráveis à existência e preservação de habitats paleolíticos e estações de arte rupestre.

Os vestígios mais antigos da presença humana da região encontram-se nas estações do Monte do Famaco do Paleolítico Inferior, Vilas Ruivas³⁶ do Paleolítico Final Inferior e Foz do Enxarrique do Paleolítico Médio, encontrando-se todas a curta distância do rio sobre as plataformas detríticas e terraços.

As características naturais do Vale do Tejo e o contexto de isolamento ainda verificado, assim como, a grande dificuldade de acessos, permitiram a conservação de milhares de gravuras rupestres, atribuídas a épocas desde o Paleolítico à Idade do Ferro. As estações Neolíticas³⁷ e da Idade do Cobre na região são também dispersas e em número significativo, verificando-se uma correlação espacial com as rochas gravadas e os sítios de habitat. Da época romana destacam-se as inúmeras explorações auríferas de superfície, com especial relevância para o Conhal do Arneiro, uma exploração mineira de ouro aluvionar a montante das Portas de Ródão, na época medieval o Castelo de Ródão, obra dos Templários que se inscreveria na linha de controlo e defesa do Tejo. No período moderno, o contexto natural dominado pelo rio Tejo, pela crista quartzítica e pela sua posição de charneira entre as Beiras e o Alentejo fizeram desta região uma zona militar de grande valor estratégico.

1.4.2. O COMPLEXO DE ARTE RUPESTRE

A descoberta ocasional das primeiras rochas gravadas a poucos metros da estação ferroviária do Fratel em Vila Velha de Ródão em 31 de Outubro de 1971, por um grupo de arqueólogos e estudantes sob a coordenação de Eduardo da Cunha Serrão³⁸, constituiu um dos marcos históricos da arqueologia portuguesa do último quarto do século XX, acontecimento que projetou definitivamente a região para a consciencialização da sua verdadeira grandeza.³⁹

³⁶ A estrutura de habitat mais antiga identificada no território português constituída pelos vestígios de duas lareiras e diversos buracos de poste associados aos restos de dois arcos de pedra, interpretados como bases de apoio de um "para vento" pré-histórico. (Raposo, 1988) / <http://pedrastalhas.blogspot.pt/2018/02/as-mais-antigas-estruturas-de-habitat.html>

³⁷ Testemunhos desta cultura os as manchas megalíticas, na margem esquerda do rio no quadrante Sudoeste, formada por sepulcros de reduzidas dimensões, obtidos por múltiplos, mas pequenos esteios de xisto. (Oliveira, 1997)

³⁸ Equipa constituída por arqueólogos do Gabinete de Estudos do Paleolítico Português (GEPP) e estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que se veio a designar pela posteriormente por "A geração do Tejo."

³⁹ O episódio da descoberta e registo das gravuras na década de 70, merece também o seu destaque, por ter sido uma descoberta que alterou o conceito e a leitura da arte esquemática ao ar livre em Portugal, e pelo processo de salvamento arqueológico realizado.

Os milhares de gravuras registadas ao longo de 40 Km em ambas as margens do rio Tejo, “com algumas ramificações para os afluentes Sever e Ocreza e subafluente Pracana, faz deste complexo inscultórico⁴⁰ o maior da Península Ibérica e um dos maiores do seu género na Europa Ocidental” (Baptista A. M., 1993, p. 38). O complexo é constituído por diferentes núcleos arqueológicos⁴¹, com manchas esparsas de continuidade entre si, onde surgem, pontualmente, pequenos núcleos de gravuras isoladas (ver mapeamento na figura 12). Sendo as gravuras executadas pela técnica de picotagem, maioritariamente representadas por motivos geométricos e figurativos, que se distribuem pelo período cronológico pré-megalítico até final da Idade do Bronze⁴².

Atualmente mais de 90%, das gravuras estão submersas, encontrando-se apenas visível parte do núcleo de S. Simão e do núcleo de Gardete e algumas rochas no Cachão do Algarve, justamente por se encontrarem a jusante da barragem de Cedillo e fora de influência da albufeira do Fratel. Apesar de parcialmente descoberto, o complexo rupestre do Vale do Tejo, manteve e exponenciou, no entanto, a sua importância patrimonial, o que não deixa de ser um facto curioso a registar, que resulta na nossa opinião, das inúmeras investigações e publicações que se sucedem ininterruptamente, e do reconhecimento patrimonial e cultural que o complexo obteve desde a sua descoberta.

A esta memória ainda visível, direccionamos uma possível leitura, que se expressa através do complexo rupestre do Vale do Tejo, como parte visível de um todo articulado e interativo, e que se assume como um elemento chave, na interpretação do processo de construção desta paisagem.

Processo efetuado num espaço de tempo bastante reduzido que permitiu registar mais de 20.000 gravuras em ambas as margens, constituindo-se dessa forma uma base de registos indispensáveis para a sua leitura e respetiva valorização patrimonial. Apesar de não se ter conseguido travar o enchimento da albufeira, este episódio gerou novas convicções e despoletou focos de investigação, estando na origem de importantes descobertas nas últimas décadas em diversas regiões do país, alterando alguns conceitos estabelecidos, nomeadamente a relação específica da arte pré-histórica com os leitos dos rios e os cursos de água. Rios que foram transformados, pelos nossos antepassados, que no caso do grande rio peninsular, se expressaram com especial concentração junto das Portas de Ródão

⁴⁰Relativo a inscultura, a gravação, inscrição

⁴¹Destaca-se a localização estratégica dos núcleos junto a linhas de água, corredores de caça, pontos elevados ou de perspetiva alargada, que a par com o tipo de suporte e coloração das rochas, seriam determinantes na visualização dos elementos gravados, como na leitura da mensagem pretendida, servindo eventualmente como marcadores territoriais.

⁴²A datação do conjunto gráfico, divide opiniões entre os seus principais investigadores Matinho Baptista e Mário Varela Gomes, das duas abordagens resultam distintas periodizações: M. Varela Gomes, indica um longo ciclo crono-estilístico de cerca de 6000 anos, entre o Epipaleolítico e a Idade do Ferro, desdobrado em seis etapas sequenciais (Arcaica, Estilizada-estática, Estilizada-dinâmica, Meridional, Atlântica, Círculos e Linhas) (1987), e A. Matinho Baptista, refere um ciclo mais curto, de cerca de 3000 anos, balizado entre o Neolítico Antigo e o Bronze Antigo, segmentado numa fase pré-megalítica e duas fases megalíticas (1981).

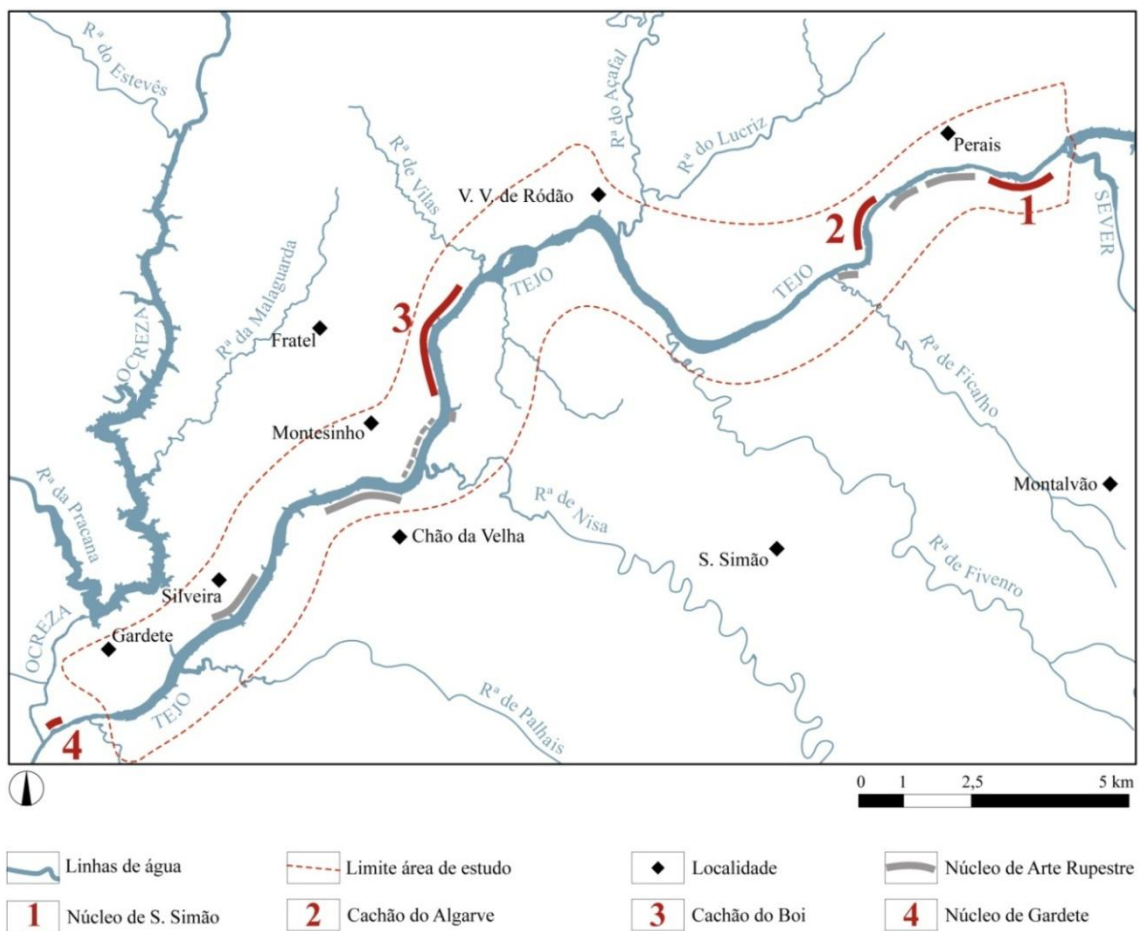


Figura 12- Localização das principais núcelos de arte rupestre do Vale do Tejo.

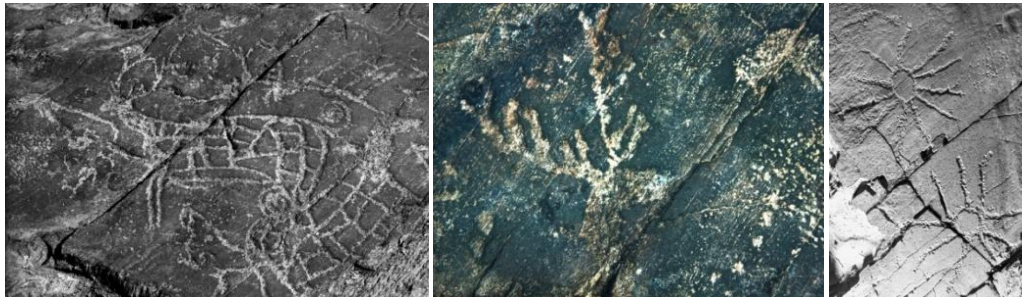
Núcleo de S. Simão. Hipotético sistema numeral pré-histórico (submerso) ; rocha do homem com o veado morto; espiral (submersa)



Núcleo do Cachão do Algarve. Painel decorativo (submerso) ,antropomórfico (submerso) , espiral



Núcleo do Cachão de Boi. /Cervídeos, cabeça de cervídeo, sóis(submersos)



Núcleo de Gardete. |Podomorfos, Serpentiformes, antropomórfico

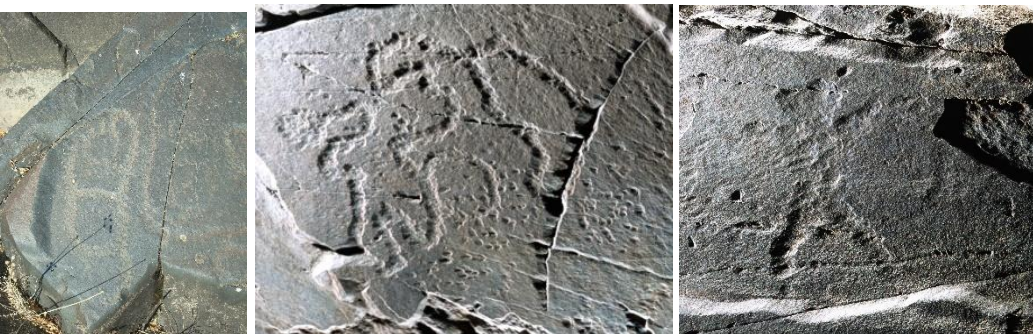


Figura 13- Síntese de gravuras rupestres. Fotografias de contraste.

1.4.3. SISTEMA DE CAMINHOS

Os caminhos são parte integrante da paisagem, constituindo um elo de ligação do homem com o meio. A importância dos caminhos prende-se com o seu carácter linear que permite estabelecer continuidades entre os espaços, manter movimentos e confrontar vários cenários. À partida, um caminho tem como objetivo estabelecer a comunicação entre dois pontos pelo que a sua existência é reveladora de alguma deslocação humana e portanto constitui uma fonte de informação de atividade.

A marca da deslocação do homem na paisagem remonta a tempos longínquos, desde logo relacionados com a referência geográfica da Serra das Talhadas, possivelmente, como localizador de rotas e deslocações, que pela sua escala e representação cénica, atraíram desde tempos imemoriais, grupos humanos que gravitaram, passaram e se fixaram na sua órbita, orientando comunidades e caçadores-recolectores e de pastores em vasta área de território, conduzindo a uma vasta e complexa rede de percursos, provavelmente ainda refletidos hoje nos caminhos rurais ou de pé posto.

Percursos que transcrevem uma relação muito próxima com o meio, e que recorrem a traçados diretos quando os declives o permitiam, ou a linhas mais favoráveis do relevo designadamente em situações de nível e de cumeeira. O rio Tejo como corredor natural, desempenhou também um papel preponderante como via de comunicação e comércio até um passado muito recente, registando em particular este território, dois importantes movimentos de circulação de pessoas e bens, como o testemunha o texto de Caninas e Henriques:

A circulação norte – sul e a circulação centro-peninsular-periferia. No primeiro caso, consubstanciado pelos pastores transumantes e respetivos rebanhos das terras altas e frias, para as pastagens das terras baixas; pelos trabalhadores “ratinhos” que se deslocavam para a ceifa para o Alentejo e Andaluzia; pelas manobras militares frequentes nesta zona transfronteiriça e pelas vias de comunicação ancestrais que ainda estruturam o território. O segundo movimento, centro peninsular - periferia e periferia - centro peninsular, foi consubstanciado por pessoas e bens que se deslocavam rio abaixo e rio acima. Esta circulação de pessoas e mercadorias não era fácil, pelas características do próprio rio e do seu leito, ainda que tivesse sido um velho sonho dos reis de Portugal e Espanha. (Caninas & Henriques, O Rio Tejo Via de Comunicação e Comércio, no prelo, p. 4)

O testemunho deste movimento deambulatório, rio acima - rio abaixo, persiste ainda visível em alguns dos trechos dos muros de sirga⁴³, a jusante da barragem do Fratel. Muros de pedra, erigidos com a técnica de carril, que se moldaram alternadamente ao percurso sinuoso de ambas as margens, registos da história que teimam em dialogar com o seu homólogo e substituto caminho-de-ferro, quiçá, equacionando novas formas de mobilidade.

1.4.4. OCUPAÇÃO DO SOLO

Os usos do solo são na maior parte dos casos reflexos dos fortes condicionalismos do terreno, com destaque para a cultura de olival ainda presente nas encostas apesar de se verificar algum abandono e a replantação de novos sistemas arvenses. Nas margens do rio o crescimento da vegetação espontânea devido ao aumento e estabilização da cota de leito redesenhou uma nova paisagem.

Como vegetação característica desta unidade de paisagem realça-se a oliveira, a azinheira, a aroeira, estevas e tomilhos, zambujeiro, catapereiro e o pilriteiro.

De acordo com o descrito no PDMVVR (CMVVR, 2015), as classes de ocupação do solo agregam-se em vários usos dominantes, designadamente:

- Áreas Artificiais, onde se integram os espaços urbanos e industriais, as infraestruturas, os equipamentos e as classificadas como improdutivas.⁴⁴ Como improdutivos consideram-se os terrenos estéreis do ponto de vista da existência de comunidades vegetais ou com capacidade de crescimento limitada, quer em resultado de limitações naturais, quer em resultado de ações antropogénicas (ex: afloramentos rochosos);

⁴³ “É um caminho ao longo das margens de um rio ou canal e que tem como objetivo permitir a tração de barcos por meio de animais ou pessoas. A sirga era o cabo de sisal utilizado para rebocar os barcos a partir da margem. Esta solução era frequentemente utilizada quando a navegação à era demasiado difícil, por exemplo devido à existência de correntes fortes.” (Wikipédia, 2016)
Em algumas zonas das margens do Tejo, o caminho da sirga ajudou a vencer os cachões que, na transição do granito para o xisto, abundavam no rio e dificultavam a navegação. Este sistema, de origem medieval foi utilizado até ao séc. XIX, representou a ambição de Filipe II de Espanha de tornar o rio navegável de Lisboa a Toledo. Esse objetivo foi também aspirado no reinado de D. Maria I, porém, com a inauguração da linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa (ligando Lisboa a Paris), em 1893, desvaneceu-se o interesse pela navegabilidade do Tejo. Tanto mais impossibilitada com a construção das barragens no séc. XX. (CAAL, 2012)

⁴⁴ O termo “improdutivo” e a designação utilizada de “terreno estéril” aceitam-se apenas no contexto relacionado com o aproveitamento comercial/industrial, sem generalizações de aplicações. (CMVVR, 2015, p. 131)

- Áreas Agrícolas, que incluem três sub-classes: Culturas Anuais (principalmente terrenos aráveis de sequeiro e regadio), Olival e Áreas Agrícolas Mistas (onde coexistem várias culturas, sobretudo permanentes, sendo exemplos destas últimas a vinha e o pomar);
- Floresta, de folhosas e/ou resinosas;
- Superfícies de Água, onde se integram cursos de água, lagoas e albufeira

De um modo geral, a ocupação do solo no concelho caracteriza-se por aglomerados dispersos no território, geralmente associados a pequenas ribeiras, em redor dos quais se observam pequenas parcelas de agricultura de subsistência, pomar, olival e, ocasionalmente, montado. A restante paisagem é dominada por uma ocupação florestal de produção (monoculturas de eucalipto e pinheiro bravo), ocorrendo várias manchas significativas de matos. Verifica-se olival, frequentemente, em encostas terraceadas com uma distribuição linear ao longo do vale e montado de sobro e azinho, nas zonas mais cimeiras. A agricultura praticada é, fundamentalmente, de subsistência, existindo, no entanto algumas explorações de maior dimensão, nas zonas coincidentes com os depósitos detríticos. As culturas organizam-se consoante a duração da ocupação do solo, designadamente em culturas temporárias (maioritariamente anuais) e culturas permanentes (essencialmente espécies com caule lenhoso).



Figura 14 – Vista do Tejo a Montante, Gardete. Além do pontilhado de oliveiras da encosta, ressalta na imagem, na margem esquerda o antigo muro de sirga e na margem direita a linha de caminho-de-ferro.

1.5. ESTRUTURA AFETIVA

A paisagem define-se pelo conjunto de elementos naturais e culturais que identificamos e nos relacionamos, por um fenossistema⁴⁵ em constante movimento e transformação que gera interações entre o sujeito-meio, que se manifesta e se referencia pelos mecanismos de percepção: visão, olfato, audição, tato e o gosto.⁴⁶ É sobre este conceito aplicável na leitura da paisagem que incluímos outro componente, a Estrutura Afetiva, e que corresponderá a uma leitura emocional e fenomenológica deste lugar.

Assumindo-se que a referência aos mecanismos mentais, é essencial no processo de reaprendizagem sistémica da paisagem, procuramos através da análise dos elementos tipológicos que constituem algumas dessas referências, compreender a sua dimensão. Um *topos*, entendível como “sistema operativo que defina a nossa relação com a materialidade e a corporeidade da Paisagem” (Carapinha, 2015, p. 13)

Para explicitar este conceito na área de estudo, recorreremos a alguns depoimentos retirados do repertório de Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros (Henriques & Caninas, 2011) e a um texto de Luís Raposo escrito para as comemorações dos 40 anos de descoberta da Arte Rupestre do Vale do Tejo (Raposo L. , 2011), testemunhos que na nossa opinião descrevem e se constituem como um referencial imagético, uma narrativa poética essencial para o entendimento de algumas das características para a leitura desta paisagem, que por serem efetuados na primeira pessoa e extraídos da vivência direta dos seus autores permite-nos pontualmente compreender quer as relações afetivas com a paisagem quer os significados que definem com as diferentes espacialidades .

Com o auxílio destes relatos, procedemos à análise tipológica do Vale⁴⁷ (Mendoza, 1989, p. 96), descrevendo-se dessa forma as suas características singulares.

⁴⁵ Refere-se ao conceito que, segundo González Bernaádez, representa “conjunto de componentes perceptíveis em forma de panorama, cenário ou «paisagem»” (1981, p. 3), o sistema da paisagem apreendido pelo sentido da visão humana.

⁴⁶ O tato e o gosto podem ser considerados como um segundo momento de inter-relação entre sujeito e meio, que não sendo de imediata leitura são essenciais para a percepção completa do lugar e da paisagem.

⁴⁷ O autor na sua reflexão “Para uma Poética da Paisagem” (Mendoza, 1989), reconhece e descreve pela sua espacialidade seis tipologias poéticas que nos ajudam a assimilar a dimensão do *topos* enquanto valor essencial da Paisagem: a planície, a montanha, a floresta, o campo, o vale e o mar.

Falamos neste sentido da relação emotiva, da materialidade, da temporalidade e da profundidade desta paisagem, mas também do vínculo relacional, entre o homem e a natureza.

1.5.1. INTERIORIDADE

É através de uma visão interior que introduzimos uma primeira leitura, que se manifesta através da sensibilidade e saber da poesia popular, expressão cultural espontânea e cheio de conteúdo criativo e intelectual de um povo que narra em versos, os fatos históricos, os grandes amores, as lendas, os mitos, as festividades e o seu quotidiano.

Das inúmeras recolhas, maioritariamente em quadras, que compõe o reportório da obra citada, selecionou-se apenas aquelas que fazem referência ao rio Tejo e ao espaço geográfico, com significado no âmbito da caracterização.

144	“Abaixa-te ó serra alta Qu’eu quero ver a montanha Quero ver o meu amor Que anda nos campos de Idanha”	180	“Ó Vila Velha de Ródão Ao fundo da serra ficas Não sei como tens criado Mocidade tão bonita.”
188	“No outro lado do Tejo Nem chove nem cai orvalho Menina que há-de ser minha Não me dê tanto trabalho”	197	“Porto do Tejo És linda terra Melhor cartaz Que o mundo encerra”
215	“No outro lado do Tejo Tem meu pai um castanheiro Que dá castanhas em Maio Cravos roxos em Janeiro”	219	“O Tejo quando vai grande Deixa o junco acamado O amor que há-de ser meu Já o tem Deus apalavrado.”
220	“Ó bela ponte do Tejo Cercada de lírios brancos Onde o meu amor passeia Domingos e dias santos.”	221	“Ó bela ponte do Tejo Também a do Açafal Passa-lhe a estrada por cima Que atravessa Portugal.”
230	“Abaixa-te ó serra alta Que eu quero ver a Lardosa Quero ver o meu amor Que anda na Flor de Rosa”	239	“No outro lado do Tejo Tenho eu os meus marmelos Se o barqueiro não me passa Lá me caem de amarelos.”

(Henriques & Caninas, Poesia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros, 2011)

Se cerrarmos os olhos, como refere o poeta Daniel Filipe, e observarmos a paisagem descrita nestes apontamentos podemos de alguma forma conceber e imaginar o espaço contido nas diversas estrofes, que se traduzem por um espaço poético, interior que é descrito sem limites, um espaço imaginário no qual se reinventa geografias, relações de proximidade de intimidades com o meio ambiente, descrevendo e perpetuando assim um mundo real, acessível e tátil, que se redesenha no consciente de quem as proferiu e de quem hoje as lê.

“Cerro os olhos e observo a paisagem interior
Cumes, rios, valados, desenham-se no espaço,
Contornados a dor.
Com certezas a régua e compasso.” (Filipe, 1974, p. 56)

O conjunto de quadras apresentadas evoca as formas que circunscrevem o Vale do Tejo, intransponíveis e delimitadoras onde se guarda o sintetismo do tempo vivido, formas que protegem e que aspiram, pela sua excentricidade, alcançar outros lugares. A centralidade geográfica é um dos pontos frequentemente referenciados, fruto da relação estratégica que o lugar sempre possibilitou e que mantém ainda na atualidade, apesar de se distanciar do fulgor de outrora.

Homem e paisagem confundem-se na relação afetiva que mantem, partes de um todo, que se expressa numa paisagem bucolicamente humanizada: pela cor, pelo jogo de luz e sombra e pela materialidade. As encostas assimétricas refletem-se na extensa massa de água, fenómeno que se mostra e que espelha uma nova existência.

Do vale que se aplanou impera o silêncio, não mais as vertentes abruptas, nem moinhos, nem azenhas, nem o eco das vozes que proliferaram nas suas margens, apenas os sons da natureza, sinónimo de uma nova fecundidade, que o tempo irá confirmar.

Dos barqueiros resta-nos a memória, ainda presente, em prosa, verso ou nos vestígios do passado, que remetem para a relação secular entre o homem e o rio. Elemento separador e simultaneamente de união, só ultrapassável pela astúcia e maestria de quem desvendou os seus segredos.

O Vale do Tejo é um local de imaginação fértil em testemunhos históricos, que nos coloca perante narrativas complexas, que nos sugestiona e impulsa a criar. Um local de respeito, que nos obriga a agir em conformidade com o dever e o devir.

É uma paisagem em que a natureza por várias e múltiplas circunstâncias nos remete de imediato para uma relação íntima, pela dimensão das formas geográficas que configuram o lugar, pelo seu elemento singular que nos atrai e conduz a olhar, pelo silêncio que todo este jogo cénico nos transmite e que nos perplexa , e pelo extremo equilíbrio conseguido até um passado muito recente entre a natureza e o homem, ainda bem presente e visível, quer pelos vestígios da ocupação que efetuou ao longo de milénios quer na relação harmónica que conseguiu manter e na riqueza do tempo que deliberadamente perpetuou.



Figura 15 - Monumento Natural das Portas de Ródão



Figura 16 - Vista de rio em Perais

1.5.2. TEMPORALIDADE

Ano após ano, as mesmas obsessões: o tempo, esse tempo imperscrutável que a razão teima em descobrir; o espaço, que nos persegue e esmaga na grandeza infinita dos seus contrários. E, de imediato, a persistente imagem de uma região que nos ensinou a ser adultos. De Ródão guardamos a memória do diálogo com um passado que só encontra equivalente na majestade da paisagem que o encerra. Das casas do Salgueiral, às cristas que constituem a Serra; dos terraços e conheiras⁴⁸ que o Tejo prodigamente distribuiu, ao rendilhado de oliveiras que mão humana pacientemente semeou; do sentir vivo de homens e animais, à conservação surda da sua imagem nos milhares de motivos artísticos que flanqueiam as margens do “grande rio”... tudo em Ródão nos faz esquecer as fronteiras entre passado e presente, Homem e Natureza, próximo e distante.

(Raposo L. , 2011)

O texto de Luís Raposo, configura outra dimensão de análise, desperta-nos para um sentido de uma vivência que se repete, não com a mesma ordem e sequência, mas como uma alternância finita que se complementa no reconhecimento que refere.

E o retornar a um tempo continuado, expresso pela experiência constante da descoberta do lugar, imensurável na sua particularidade, que se expressa no silêncio dos grandes espaços, nas sonoridades, na mutação luminosa, na paisagem quente e afável que se completa num ciclo de vida que torna a reinscrever.

Transcreve o vale do Tejo como um local de poesia natural que evoca a evolução de uma força, de uma continuidade em progresso, um lugar que teima em ensinar-nos uma realidade exterior, com a qual já não nos relacionamos com o mesmo sentido de outros tempos, mas que persiste em manter a sua identidade.

⁴⁸Conheira -Escombeira formada por pedras sobrepostas/amontoadas, resultante de escavação a céu aberto de exploração mineira de ouro aluvionar pelos romanos.

Tabela 1- Estrutura global do Vale do Tejo – Sinopse

	Componentes	Caraterização	
ESTRUTURA ECOLÓGICA	Geologia e Geomorfologia	Flancos do dobramento em sinclinal - Serra das Talhadas Vales de vertentes abruptas convergentes para o Tejo Escadarias de terraços e diversificados depósitos sedimentares: leques torrenciais, terraços coluviões e aluviões. Impressionante garganta epigénica - Portas de Ródão	
	Linhas fundamentais do relevo	Estrutura hidrográfica com expressão significativa quer em extensão como em área drenada, formando através das suas linhas de água vales encaixados e transversais ao curso do rio principal	
	Reconhecer características, que contribuam para a conservação e promoção dos elementos naturais e culturais que a constituem	Hipsometria	A área de estudo situa-se entre os 50m e os 450m Os pontos dominantes da paisagem correspondem a situações de cota elevada e localizam-se no aplito do Castelejo em Gardete, nas Portas de Ródão e na plataforma dos Perais.
		Declives	Dois tipos de relevo dominantes, um plano originado pelos diversos processos erosivos, com maior extensão na depressão de Vila Velha de Ródão no planalto do Fratel e Perais e, por oposição, grandes elevações que derivam dos relevos resistentes. Contraste cénico que molda e caracteriza este segmento de paisagem por um movimento contínuo, que oscila entre vales abertos e vales encaixados, com margens por vezes inacessíveis, declives moderados e acentuados, relevos ondulados e rochosos, interrompidos abruptamente, constituindo desta forma uma espacialidade complexa e dinâmica que se reflete ao longo deste trecho.
		Orientação das encostas	As zonas de reduzidos declives como os terraços a Poente das Portas de Ródão, a plataforma do Fratel e as margens direitas do Rio, são áreas muito quentes fruto de uma total exposição, contrariamente ás margens esquerdas ou com a vertente norte da Serra das Talhadas, com orientação NNW-SSE, que revelam encostas frias a muito frias.
		Fauna e Flora	Os vales mais encaixados, com formações vegetais densas e de grande diversidade e as escarpas de difícil acesso constituem o habitat preferencial para um importante número de espécies. O restante coberto vegetal, define-se por um singular complexo de comunidades bastante diversificada.
	ESTRUTURA CULTURAL	Contexto histórico	Paleolítico à Idade do Ferro Idade do Cobre Época Romana até ao presente
O complexo de arte rupestre do vale do Tejo		Memória gráfica, que se expressa como uma parte visível de um todo articulado e interativo, que se assume como um elemento chave preponderante na interpretação do processo de construção desta paisagem	
Sistema de caminhos		Vasta e complexa rede de percursos, refletidos nos caminhos rurais ou de pé posto, relacionados com a referência geográfica da Serra das Talhadas, possivelmente, como localizador de rotas e deslocações O rio Tejo como corredor natural desempenhou também um papel preponderante como via de comunicação e comércio até um passado muito recente, registando em particular este território, dois importantes movimentos de circulação de pessoas e bens.	
Ocupação do solo		Destaque para a cultura de olival ainda presente nas encostas apesar de algum abandono e a replantação de novos sistemas arvenses Nas margens do rio o crescimento da vegetação espontânea devido ao aumento e estabilidade da cota de leito redesenhou uma nova paisagem.	

	Componentes	Caracterização
ESTRUTURA AFETIVA Compreender a dimensão dos mecanismos mentais e emocionais no processo de reaprendizagem sistémica da paisagem.	Visão interior	É uma paisagem em que a natureza por várias e múltiplas circunstâncias nos remete de imediato para uma relação íntima, pelo extremo equilíbrio conseguido até um passado recente entre ela e o homem, ainda bem presente e visível, na ocupação que efetuou, na relação harmónica que manteve e na riqueza do tempo que deliberadamente perpetuou.
	Temporalidade	É o retornar a um tempo continuado, expresso pela experiência constante da descoberta do lugar, imensurável na sua particularidade, que se expressa no silêncio dos grandes espaços, nas sonoridades, na mutação luminosa, na paisagem quente e afável que se completa num ciclo de vida que torna a reinscrever.

SEGUNDA PARTE

2. CASOS DE ESTUDO

Não é a altura de afirmar nada. Tudo deve permanecer oculto na sua pura inanidade (e unanimidade) inabordável. Este respeito absoluto é a condição de uma possível germinação futura e a única mediação de um enigma que se confunde com a própria respiração do construtor.

(Rosa, 2011)

Uma intervenção num território com esta complexidade terá necessariamente de passar por compreender diferentes tipologias de intervenção em contextos similares aos casos de estudo, quer estes lugares estejam inseridos dentro da área de análise definida anteriormente quer se situem em outras áreas fora do limite de intervenção.

Os casos de estudo selecionados serão direcionados segundo duas perspetivas distintas: a primeira corresponde à análise de processos de intervenção em sítios arqueológicos classificados que se inserem na área de estudo, e uma segunda abordagem, a modelos de parques arqueológicos, procurando de alguma forma encontrar correspondências um possível modelo a introduzir no Vale do Tejo.

A seleção de exemplos na área de estudo foi efetuada com o intuito de analisar propostas (recentemente) implementadas, que ilustram, individualmente e em conjunto, relações específicas com lugar e com a paisagem, propostas que se direcionam aos objetivos traçados da investigação.

No caso específico de um dos projetos : Valorização e Musealização da Estação Paleolítica da Foz de Enxarrique, projeto ao qual foi atribuída uma Menção honrosa na 6ª edição do Prémio Ibero-Americano de Educação e Museus, houve a possibilidade de elaborar o projeto de arquitetura e coordenar os trabalhos em estreita relação com o arqueólogo Luís Raposo, o que veio permitir em tempo real aplicar e experimentar alguns dos conceitos referenciados nesta investigação. Uma experiência que se revelou decisiva na construção das restantes propostas de intervenção desenvolvidas na terceira parte deste trabalho.

Ao se apurar o modelo de gestão patrimonial utilizado no território objeto de estudo pretende-se compreender as suas características específicas e assinalar quais as estratégias de valorização traçadas durante as duas últimas décadas, período que coincide com a conceção e implementação dos exemplos selecionados. Interessa-nos perceber de que modo estas estratégias corresponderam à valorização preconizada, e que leitura resulta da sua maturação.

Para completar este exercício, foram analisados dois parques arqueológicos e uma zona de proteção com semelhanças ao Vale do Tejo: o propulsor Vale Camonica em Breschia na Itália, o Vale do Côa na região do Douro e o Vale do Ocreza na região do Médio Tejo.

2.1. A VALORIZAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Como exemplos práticos, analisaremos três recentes intervenções realizadas, todos situados na margem esquerda do rio a montante das Portas de Ródão (figura 17).

Recorremos em primeiro lugar às peças escritas e desenhadas dos três casos do estudo, compreendendo dessa forma as diversas intenções conceituais, descrevemos depois os objetivos gerais das suas propostas e as estratégias de intervenção. Pretende-se através desta comparação esclarecer o modelo de gestão e a organização preconizada em cada um dos exemplos de modo a determinar, a contextualização da intervenção, as opções tomadas no processo de musealização, bem como as estratégias de valorização e as intenções dos respetivos projetos.

Esta análise permitirá compreender e por ventura esclarecer um possível modelo padrão de atuação e abordagem conceptual comum aos três exemplos citados, e que pode de alguma forma ser transportado como um modelo de intervenção.

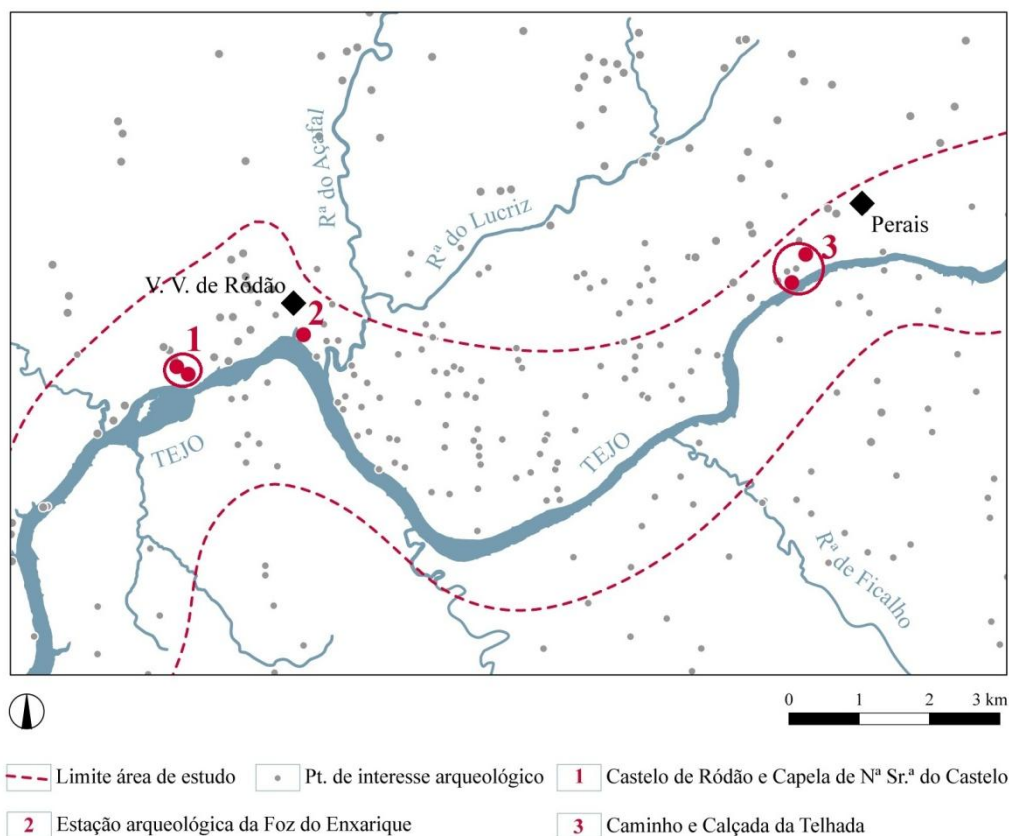


Figura 17- Localização das três intervenções na área de estudo

2.1.1. VALORIZAÇÃO DO CASTELO DE RÓDÃO, DA CAPELA DA SENHORA DO CASTELO E ZONA ENVOLVENTE. ⁴⁹

Data de Projeto: 1998– 2008⁵⁰

O castelo de Ródão, antiga torre de vigia⁵¹ sobranceira ao Tejo e a capela da Senhora do Castelo, constituem um conjunto patrimonial paisagístico de enorme importância e diversidade que deriva, em parte, da localização privilegiada no extremo sul da Serra das Talhadas junto das portas de Ródão.

Ambas construções situam-se sobre um cabeço de constituição, xistosa a uma cota elevada (acima dos 300m) e distanciam-se entre si cerca de 160 m. A configuração e localização do sítio arqueológico, num ponto dominante da paisagem permitem excelentes relações visuais sobre o rio Tejo e territórios adjacentes, nomeadamente a nascente, a sul e a poente, conferindo-lhe naturalmente a função de observatório.

A primeira formulação de um conjunto de ações no sítio arqueológico remonta a 1995, delineada pela AEAT à data de elaboração do processo de classificação, ações que serviram posteriormente como base ao programa preliminar, nela se pode ler:

“No castelo propõe-se: a realização de estudos da ocupação humana (...); a recuperação e valorização da torre (...); a recuperação da muralha (...); a montagem de um passadiço envolvendo a muralha para circulação de visitantes; Na capela propõe-se: a realização de estudos da ocupação humana (...); a recuperação da capela (...); Na área envolvente do castelo e da capela propõe-se a: realização de estudos da ocupação humana (...); a construção de um pequeno parque automóvel na área situada a norte da capela; o bloqueio da entrada de automóveis na rampa de acesso ao castelo; a instalação de uma pequena área de uso múltiplo (...)” (Caninas, Henriques, & Gouveia, 1997).

⁴⁹ Conjunto considerado Imóvel de Interesse Público, através do Decreto n.º 45/93 de 30 de Novembro.

⁵⁰ Projeto desenvolvido sobre a coordenação científica geral de João Caninas (AEAT/ Eremita); coordenação administrativa – José Manuel Pires (CMVVR); Arquitetura Paisagística – Pedro Batalha (P. B. ARQ – Arquitetura Paisagista); Arqueologia – Francisco Henriques (AEAT/ Eremita), Arquitetura – DREM, Promotor – Município de Vila Velha de Ródão.

⁵¹ Torre de vigia que teria a função de controlar as incursões provenientes do sul e que apresenta uma tipologia mais complexa do que as comuns, possuindo, inclusivamente, uma linha de muralhas que a rodeiam por completo, o que permitiria o alojamento para uma pequena guarnição. (Caninas, Henriques, & Gouveia, 1997)

Com uma área de 6.200 m², a zona de intervenção é constituída e por duas unidades distintas afeta a cada uma das construções (Capela – Torre de Vigia), que se unem por uma estreita faixa pedonal. É perante esta fisionomia que a equipa projetista enumerou e reutilizou as principais características do lugar, que definem pela seguinte ordem:

- O contexto natural evidente em que os conjuntos edificados se inserem,
- A Forte dominância visual sobre a paisagem envolvente,
- O grande potencial nas envolvências diretas aos elementos construídos,
- As pré-existências construtivas, ex.: muros de socalcos de oliveiras.
- Fragilidade da relação entre imóveis classificados.

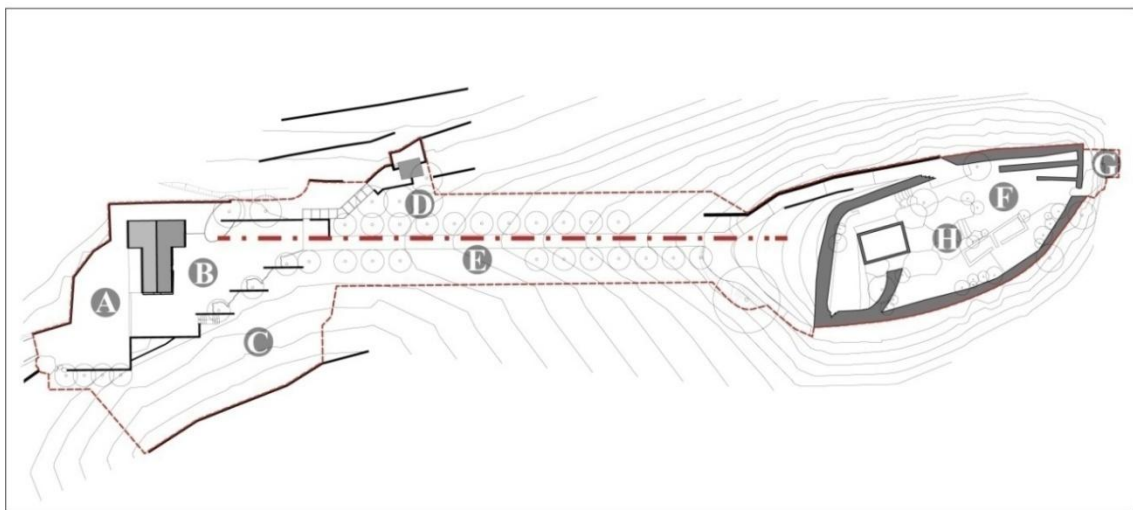
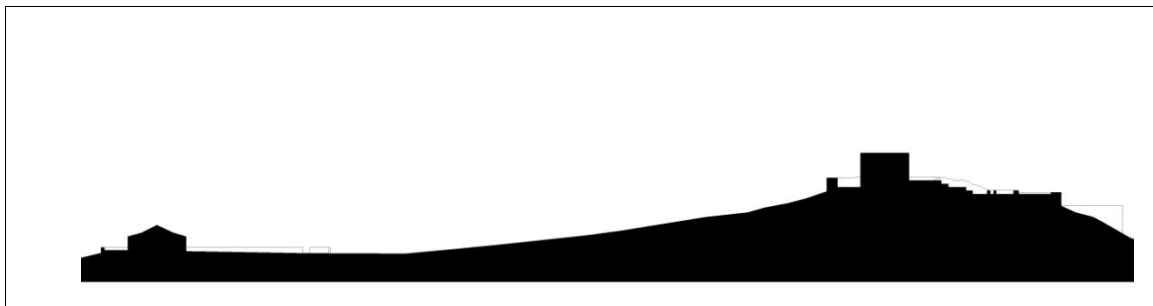
É segundo os pontos apresentados e os dados programáticos estabelecidos, quer pelos arqueólogos no processo de classificação, quer pelo promotor da obra (CMVVR) ou por intervenções arqueológicas desenvolvidas no âmbito do Projeto Vamba (Henriques, Sabrosa, & Monteiro, 2008), que se desenvolve a proposta de requalificação paisagística⁵², o projeto de consolidação e a reabilitação da torre e muralhas ficaram a cargo da DREM⁵³. Tem-se como objetivos da proposta o seguinte conjunto de intenções:

- A valorização funcional do conjunto e de cada um dos seus elementos.
- O enquadramento paisagístico e potenciação da localização privilegiada.
- A definição de equilíbrios ente elementos edificados.

Tendo por base o conjunto de intenções descrito, a estratégia de intervenção definiu um conjunto de unidades funcionais, que organizam e estruturam toda a área de intervenção, induzindo ao visitante a um percurso intencional que culmina no miradouro sobre as Portas de Ródão, dispostos na figura 18.

⁵²Em Maio de 2003, realizou-se na Universidade de Évora uma apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos alunos de arquitetura paisagística do Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico onde se visualizaram e discutiram algumas propostas para o sítio arqueológico, uma contribuição que se mostrou também importante para a definição final do programa de intervenção. (Pires, Caninas, Henriques, & Gouveia, 2009)

⁵³ Intervenção em que não nos centramos nesta análise, por não se considerar relevante no âmbito da investigação.



0 10 30 50m

- Ⓐ Receção / Estacionamento Ⓑ Adro da Capela Ⓒ Plataforma de Prado / Terraço Ⓓ Zona de Merendas
Ⓔ Rampa de acesso ao castelo Ⓕ Recinto amuralhado Ⓖ Miradouro Ⓗ Caminho de Ronda

Figura 18-Perfil e Planta da proposta de intervenção

A primeira unidade funcional pela qual acedemos ao sítio arqueológico cumpre a função de **recepção e estacionamento** é o local onde se tem o primeiro contato visual com os dois monumentos, e com o corredor central que os liga.

O **adro da capela** é uniformizado por troços de muros e pela materialidade da calçada do pavimento, o desenho inserido permite que se o espaço se amplie e que o edifício se liberte acentuando-se desta forma a sua relação com o visitante. A descontinuidade propositada do sistema de muros, visa promover o contacto com a envolvência mais naturalizada e com pontos de observação da paisagem, locais onde se consegue obter uma maior profundidade.

A terceira unidade, a **plataforma de prado / terraço**, localiza-se em posição frontal à Capela em zona de clareira sem uso definido, zona livre que nos desvia o olhar para quadrante poente e para o curso do Tejo a jusante. A ligação física ao adro da Igreja é feita por uma escada e pelas interrupções propositadas introduzidas nos muros de pedra.

A **zona de merendas** que antecede o núcleo das instalações sanitárias, destina-se a apoio aos visitantes que pretendam usar o espaço como lazer o descanso, destaca-se deste lugar a apazibilidade das sombras das oliveiras sobre os bancos de madeira e perspectiva sobre o Porto de Vila Velha de Ródão.

A **rampa de acesso ao castelo** é o elemento compositivo que reforça a aproximação aos dois elementos edificados, apesar da inclinação de 12% num percurso de cerca de 120 m o desenho e proporções da rampa tornam-se convidativos à subida, subida que se faz um ritmo constante e suave que nos alicia à descoberta.

O **recinto muralhado** constitui-se o culminar de uma visita, o objetivo final de um percurso, de uma expectativa que se gerou⁵⁴.

⁵⁴ “O sítio vale por si só, pela monumentalidade dos elementos que encerra, e sobretudo pelo fantástico domínio visual que possibilita, sobre um pedaço de mundo, que durante os momentos que se quiser, pode ser só nosso.” (Batalha, 2004)

A solução que a arquitetura apresenta através da intervenção mínima e da introdução de elementos não perenes, visa a valorização e preservação dos elementos construídos, organiza o percurso intramuralhas, possibilita o acesso e a subida à janela da torre de vigia, e promove a acessibilidade a todo o recinto: caminho de ronda, muralha, estruturas habitacionais e miradouro.

O **miradouro**, construído com uma plataforma metálica colocado sobre um maciço rochoso, fora do recinto muralhado, é o local que permite observar a vasta panorâmica sobre o rio e as Portas de Ródão, é o momento que o visitante procura e no qual se deslumbra perante a paisagem que lhe é disponibilizada.

Proposta – Aspetos Particulares

A intervenção restringiu-se essencialmente à modelação do terreno, execução de pavimentos, introdução de sistemas de drenagem, vegetação e elementos construídos que estruturam formalmente a proposta.

Os trabalhos de **modelação de terreno**, resumiram-se à abertura de caixa para introdução de pavimentos e uniformização das zonas objeto da intervenção, operação que permitiu regularizar pendentes como executar inclinações pouco acentuadas. Uma das preocupações descritas da Memória Descrita do Projeto, prende-se com o tipo de soluções adotadas nomeadamente ao nível da escavação, de forma a não serem colocadas em causa eventuais vestígios arqueológicos que poderiam surgir no decorrer do trabalho. (Batalha, 2004, p. 12)

Na execução de **pavimentos**, a solução define-se pela opção de colocação de pedra irregular na zona do Adro da Capela, demarcando claramente este espaço da restante envolvente, para os restantes pavimentos optou-se por uma solução de material solto com granulometrias variadas: o saibro na área de rampa e envolvente do Castelo; o bago de arroz para área de estacionamento automóvel, traseiras da capela, escada e envolvente aos sanitários e área de receção ao castelo; e a gravilha no interior do Castelo.

O sistema de **drenagem** traduz-se na introdução de soluções simples, que passam pela mera inclinação das áreas pavimentadas e localização de alguns pontos de recolha, recorreu-se no entanto na rampa de acesso ao Castelo, devido à excessiva inclinação, a um sistema de valetas laterais contínuas, nas quais se localiza uma sucessão de sumidouros, que encaminham as águas para pontos mais baixos da encosta.

Ao nível da **vegetação** trabalhou-se a matéria natural disponível, conduzindo-a aos propósitos do projeto. As ações centraram-se essencialmente na limpeza e desmatagem evidenciando-se os principais elementos construídos e compositivos do espaço, como por exemplo as azinheiras, oliveiras e zimbros que se dispersam um pouco por toda a parte. Noutro sentido o projeto preconiza uma leitura de carácter mais regular, pela introdução de formas mais rígidas nos esquemas de plantação e pela implementação de outras espécies que intencionalmente contrastam com a vegetação natural, referimo-nos à plantação das olaias no Adro da Igreja, na rampa do Castelo e na zona de merendas, e às alfazemas e alecrins dos maciços de arbustos.⁵⁵

Os **elementos construídos** (muros e muretes) adquirem a maior expressão, recuperam a imagem de uma pré-existência, e adaptam uma nova linguagem construtiva às novas funções que se atribuíram ao conjunto edificado.

A valorização do espaço envolvente à Capela e Castelo de Vila Velha de Ródão, rege-se conceptualmente por assumir e realçar as pré-existências do lugar e sua identidade, o grande eixo redesenhado que culmina no miradouro e na observação sobre as portas de Rodão, aumenta o protagonismo entre os dois elementos patrimoniais e reforça a relação com a envolvente natural, incentivando propositadamente através da indução do percurso à sua leitura, redescobrimo no local a sua extensão global.

⁵⁵ Como referido anteriormente toda a área foi consumida pelo incêndio de 25 de Julho de 2017, ficando incólume desta ocorrência apenas os elementos construídos: Capela, caminho, Castelo, muros, zona de merendas e miradouro.



Figura 19- Adro da Capela e Vista Interior



Figura 20- Rampa de acesso ao castelo



Figura 21 –Recinto muralhado e vista interior do Castelo de Ródão



Figura 22 –Miradouro

2.1.2. MUSEALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA FOZ DE ENXARRIQUE⁵⁶

Data de Projeto: 2013-2017⁵⁷

Localizado no Parque Ambiental do Tejo, junto à confluência da Ribeira do Enxarrique com o Rio Tejo, o sítio arqueológico da Foz do Enxarrique⁵⁸, constitui-se como já referido, uma possibilidade privilegiada de testar alguns dos conceitos abordados nesta investigação. A escolha deste exemplo nos casos de estudo reflete essencialmente duas intenções, em primeiro lugar o relato do processo conceptual e em segundo a reflexão (agora com algum distanciamento) sobre as posições, orientações e as diversas decisões tomadas.

Usufruindo de um posicionamento estratégico sobre o rio e as chamadas “Portas de Ródão”, a estação desenvolve-se por uma plataforma longitudinal ligeiramente inclinada. Num destes níveis, situado na parte inferior da sequência siltosa e já parcialmente assente no soco rochoso, foi detetado um horizonte de ocupação do Paleolítico Médio, datado em cerca de 30 mil anos (em datas calibradas) e constituído por largos milhares de artefactos líticos, em associação estratigráfica e espacial direta com abundantes restos faunísticos (V. Raposo *et al.* 1985; Raposo 1995 e 2000).

Realça-se, no contexto global da intervenção, a posição privilegiada o enquadramento paisagístico do local e a sua proximidade à frente ribeirinha do Cais de Vila Velha de Ródão, recentemente intervencionada.⁵⁹

⁵⁶Capítulo elaborado com base no artigo apresentado no II – Congresso da AAP, (Raposo & Benjamim, 2017).

⁵⁷ Projeto desenvolvido sobre a coordenação científica de Luís Raposo (MNA); Arquitetura – Mário Benjamim (MB-Arquitetos); Arquitetura Paisagística – José Manuel Pires (CMVVR); Fortes; Design – Patrícia Boto; Ilustração – Marcos Oliveira, Promotor – Município de Vila Velha de Ródão.

⁵⁸ Classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 29/90, DR, I Série, n.º 163, de 17.07.1990), trata-se de um acampamento de ar livre atribuído ao Paleolítico Médio é constituído por uma zona de ocupação que se encontra associada à presença de materiais líticos talhados *in loco*, bem como à identificação de vestígios faunísticos (pertencentes, entre outros, a roedores, cavalo, veado e auroque), e que poderão atestar a prevalência da atividade da caça e da recolha entre os seus ocupantes. Terá sido já durante o período da presença romana no atual território português que este sítio foi utilizado temporariamente enquanto acampamento militar, como parecem apontar alguns vestígios encontrados, de entre os quais sobressaem uma lareira, projeteis de chumbo, bem como um hipotético muro. (Martins A. , 2016)

⁵⁹ O sítio arqueológico estabelece a ligação entre um conjunto de infraestruturas de fruição pública situadas do lado oposto da ribeira do Enxarrique (acessível pela através de ponte pedonal que liga ambas as margens), como sejam espaços verdes, cais de acesso a embarcações para desportos náuticos e passeios no rio, restaurante e parque de campismo; e um outro conjunto de equipamentos situados na direção oposta, que incluem estalagem, ginásio e piscina, recinto de festas junto à Capela da Sra. da Alagada, local tradicional de romagem.

Como referência essencial e enquadradora da filosofia de intervenção no local, tendo em conta a sua importância patrimonial, foi assumido o documento especificamente elaborado para o efeito, denominado “*Bases para um projeto de Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Arqueológico da Foz do Enxarrique*” (Raposo, 2013), no qual se define como objetivos principais:

- *A proteção e musealização do sítio arqueológico, tornado mais acessível e por isso sujeito a possíveis pressões, seja no sentido positivo seja no sentido negativo, após a inauguração da ponte pedonal sobre o ribeiro do Enxarrique.*
- *A implementação de um projeto de escavação-escola internacional, aproveitando as excelentes condições de jazida existentes, que permitem antecipar a existência de vestígios arqueológicos.*
- *A construção de um espaço verde de recreio e lazer, que complemente o percurso ribeirinho anteriormente executado do lado oposto da ribeira do Enxarrique e o permita futuramente desenvolver, sem hiatos, para a zona da Estalagem e da Capela da Sra. Da Alagada*

Perante um programa ambicioso e específico, o projeto correspondeu a soluções que, em termos de composição e ordenamento do espaço, permitissem criar condições para uma utilização múltipla, que por um lado diversifiquem as opções de utilização, e por outro, sedimentassem novas relações entre visitantes e o sítio arqueológico, relações que se revelam essenciais no contexto de musealização *in situ* que se pretendeu implementar. A estratégia de intervenção seguiu o conjunto de medidas propostas que podem ser comparadas, como no exemplo anterior, a unidades funcionais que se organizam sequencialmente segundo um plano de compartimentação inicial e que estrutura o sítio arqueológico de acordo com as intenções programáticas, as pré-existências do local e as perspetivas que se pretende inculir na nova leitura (figura 23). Estruturação que deriva do conhecimento profundo do local, que se torna vinculador do programa preliminar essencialmente de carácter arqueológico, mas que convoca conscientemente as restantes especialidades para o diálogo das diversas soluções, uma estratégia que se veio revelar preponderante na implementação e no resultado do desenho final.

Como primeira unidade funcional pode ser considerada a **área de receção**, que recebe o visitante e o prepara para a visita ao local, um local de paragem onde se disponibiliza um conjunto de painéis temáticos, com informação do sítio, no seu contexto histórico, cultural e científico. Destaca-se, junto ao talude no enfiamento do caminho e saída da ponte pedonal, um painel panorâmico com representação de uma cena da vida quotidiana de *neandertais*, painel que devido ao seu posicionamento e proporções (7x3 m), define uma forte referência visual na aproximação ao local e no interior da estação arqueológica, tornando-se o elemento nuclear do percurso expositivo.

Uma segunda área, que designamos de **observação e descanso**, localiza-se na faixa periférica da estação arqueológica, junto ao rio, onde se aproveitou a proximidade do plano de água e a sombra da vegetação ripícola para introduzir alguns equipamentos (bancos e mesas), que possibilitem o uso e lazer dos visitantes e que possam servir posteriormente no apoio às futuras escavações. Nesta área foram também posicionados um conjunto de painéis temáticos e panorâmicos que complementam a informação do local ao visitante, intencionando dessa forma o seu percurso de visita.

Outra área funcional, a maior e melhor conservada, implantada no centro da estação arqueológica, é destinada como **reserva arqueológica**, para eventuais escavações científicas ou prospeções no âmbito do projeto de escavação-escola, no seu centro situa-se a estrutura reticular sobre o pavimento, que sinaliza os principais eixos da quadrícula das anteriores áreas escavadas.

A futura zona de **musealização em situ** é localizada sobre a plataforma metálica, onde ficará visível, após escavação, o substrato rochoso e sucessivos preenchimentos até à base do nível arqueológico.⁶⁰

⁶⁰ É intenção também do projeto neste local possibilitar ao visitante uma leitura do perfil estratigráfico do talude, evidenciando-se a microestratigrafia existente e os sucessivos leitos de formações carbonatadas que o atravessam, onde serão colocadas algumas réplicas de peças líticas e ósseas.

Designamos a última área funcional por a zona de **contemplação da paisagem** e compõe-se pela estrutura metálica multifuncional em forma de anfiteatro⁶¹, que protege a valência funcional anterior (área a conservar *in situ*), desenvolvendo-se no sentido de circulação que se pretende incitar no visitante, resolvendo dessa forma a acessibilidade ao plano superior da plataforma, local onde se contempla toda a estação arqueológica e se deslumbra a paisagem. Neste talude superior detrás da plataforma, espera-se vir a incluir futuramente uma reprodução de *Elephas antiquus*, em tamanho natural, sob a forma de escultura estilizada, elemento que serviria como marcador de território observável a razoável distancia.

Em síntese pode definir-se a intervenção no sítio arqueológico da Foz do Enxarrique de acordo com o seguinte faseamento:

- a) nivelamento e tratamento de superfícies;
- b) introdução da estrutura de proteção que liga as duas plataformas existentes e que protege a futura zona de musealização;
- c) introdução dos painéis expositivos, que organizam o percurso e o discurso museológico;
- d) concretização da zona de musealização *in situ*;
- e) “escavação-escola” para o futuro.

Esta será uma análise imediata ao projeto executado, que corresponde ao programa de musealização e valorização delineado, no entanto o exercício prático durante a sua conceção, permitiu propor e acrescentar conceitos, que em nossa opinião, ampliaram a visão e o campo de ação da intervenção.

É na metáfora da “Il Paesaggio come Teatro” de Eugenio Turri (2006) que sustentamos a abordagem teórica no projeto de intervenção na estação paleolítica da Foz do Enxarrique, metáfora que liberta a paisagem no âmbito estrito de cenário ou pano de fundo das ações humanas, confere-lhe um sentido global que pressupõe a participação do homem, por um lado enquanto ator, ou seja, enquanto transformador do seu

⁶¹O desenho deste anfiteatro foi dimensionado para poder acolher cerca de 50 visitantes possibilitando a sua utilização por visitas guiadas ou em realização de aulas no âmbito do projeto de Escavação-Escola

meio, do seu espaço, do seu ambiente de vida, e por outro, enquanto espectador que sabe observar, reconhecer e entender o sentido da sua ação sobre o território. Segundo este autor, a paisagem existe enquanto representação, “iconema”⁶² e imagem do território, no sentido em que revela os significados subjetivos dos valores histórico-culturais que refletem uma identidade territorial.

A estrutura metálica em forma de “anfiteatro”, por exemplo, procura este conceito do visitante espectador, que é interpelado e interpela a paisagem, no plano da percepção e na recuperação do seu sentido contemplativo.

Com base nestes pressupostos, a intervenção fundamenta-se na cuidadosa interpretação histórica do lugar, tornando-o no elemento organizador que gere e incute os diversos conteúdos, a reinterpretar, em estreita relação de trabalho interdisciplinar entre arqueologia e arquitetura. O diálogo entre a paisagem e o sítio arqueológico, veicula-se através dos elementos construídos propostos: muro /banco na frente rio, anfiteatro e plataforma de contemplação, elementos que propõem conexões e percepções da envolvente externa.

O sítio manifesta-se dessa forma com a sua exterioridade, que é indissociável na sua leitura como lugar, e na qual se pretende oferecer todas as formas de o potenciar no seu contexto próprio e simultaneamente salvaguardá-lo.

Nesta perspetiva, enquadrou-se o conceito de musealização e a intervenção, não apenas circunscrita ao seu espaço físico, como um museu de si mesmo, mas pelo contrário estendeu-se o campo de ação à envolvente paisagística com a intenção clara de revelar os significados subjetivos dos diversos valores que refletem a sua identidade.

⁶² Conceito criado por Eugenio Turri, refere-se à “unidade elementar de percepção de uma paisagem”, ou seja, aquela melhor incorpora o *genius loci* um território. Representa “percepção visual da relação cultural que uma sociedade estabelece com seu próprio ambiente”. (2006)



0 2 4 10m

- Ⓐ Área de receção Ⓑ Zona de observação e descanso Ⓒ Área de reserva ecológica Ⓓ Zona de musealização in situ
Ⓔ Zona de contemplação da paisagem Ⓕ Quadrícula de pavimento - anteriores áreas escavadas Ⓖ Futura Área de
instalação de escultura de elefante em tamanho natural Percurso pelo espaço expositivo

Figura 23 – Planta de Implantação



Figura 24- Entrada Poente



Figura 25-26 - área de receção e plataforma central



Figura 27 –Anfiteatro e futura zona de musealização

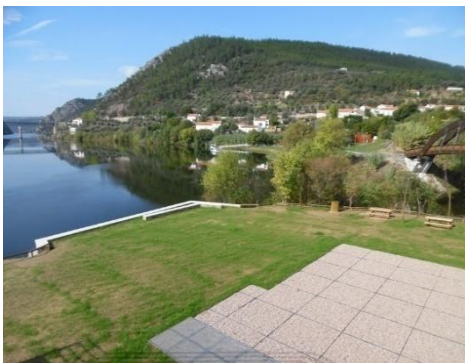


Figura 28 - 29- Vista superior da plataforma sobre as Portas de Ródão e estação arqueológica

Proposta – Aspetos Particulares

O projeto de arquitetura segue o documento elaborado por Luis Raposo, correspondendo assim ao programa, ao conteúdo, às metodologias e aos conceitos propostos, um pouco similares a outros tipos de musealizações sugeridas no mesmo documento⁶³, exemplos que foram assimilados como possíveis referências da intervenção: como na delimitação e na proteção do sítio arqueológico, na inserção de percursos expositivos, na distinção de zonas de leitura e de reinterpretação do sítio arqueológico.

Um conjunto de intervenções, que se mostraram uteis para a visualização de alguns princípios de atuação e de preocupações a ter em conta, distanciando-se, no entanto, em nossa opinião do lugar, quer pelo enquadramento natural, morfologia existente e integração no arranjo paisagístico da frente ribeirinha. Outro dos requisitos definidos no programa, seria a proteção da futura área de exposição e do respetivo solo arqueológico, propondo-se para este local uma solução⁶⁴ que nos pareceu limitada perante a possibilidade de implementar um elemento que assumisse uma função estrutural além da descrita. Um elemento que permitisse o acesso à plataforma superior, priorizando a visualização da estação arqueológica bem como a perspetiva cénica sobre as Portas de Ródão, uma intenção de projeto que nem sempre preconizou um diálogo linear entre as duas disciplinas, mas que foi consolidando-se no decorrer do processo conceptual sedimentando desta forma os objetivos traçados e a consciente valorização global da proposta.

Proposta que acarretava um conjunto de preocupações latentes, quer a nível de soluções técnicas a implementar devido à fragilidade do solo arqueológico, quer às condições geomorfológicas do lugar, quer ainda à possibilidade de risco de cheia tendo em atenção a proximidade do limite da albufeira. Uma preocupação, que levou a questionar princípios construtivos, adaptabilidade das soluções arquitetónicas e efemeridade das propostas a utilizar, procurando-se sempre respostas que permitam a (re)naturalização célere de toda a estação caso seja esse o entendimento.

⁶³ Alguns exemplos de intervenções de patrimonialização em sítios de ar livre do Paleolítico sugeridos no documento de referencia (Anexo 2) :Torralba e Ambrona (Espanha), Isernia La Pineta (Itália), Olorgesailie (Quénia), Cagny La Garenne , La Ferrassie e LeMoustier (França).

⁶⁴ O documento sugere como possível intervenção “algum tipo de telheiro que impeça a ação direta da chuva sobre o mesmo, assim como as escorrências a partir da plataforma superior” (Raposo L. , 2013, p. 10)

Assumimos nesta intervenção de igual, como no caso de estudo anterior, com o conceito de lugar – paisagem, um lugar que carregado de história rescreve-se e permite-nos redescobrir o seu sentido, reavivar memórias através da sua identidade histórica do seu património e da sua ligação à paisagem, tornando-se desta forma ele próprio (lugar) o elemento aglutinador. Foi através da reflexão interdisciplinar, sobre o espaço, sobre o lugar na sua transformação e reconfiguração histórica e conceptual, que se definiu uma topologia de intervenção, onde se projetaram formas que articulam o espaço, expectantes que este se torne inteligível, usufruído e contemplado.

É na leitura do lugar que reconhecemos e pensamos a intervenção como uma unidade integrada, harmoniosa, de conceitualidades diversas no qual é indissociável para a sua compreensão o discurso científico.

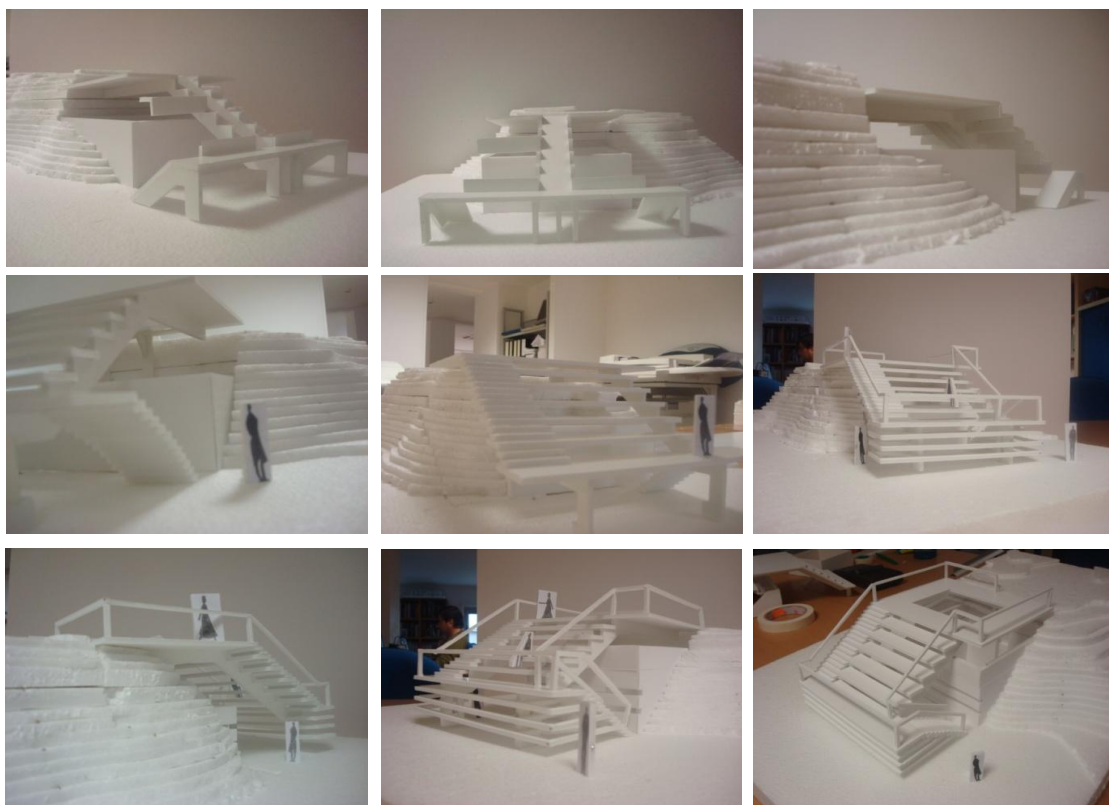


Figura 30 -Maquete de estudo, área de musealização e anfiteatro.

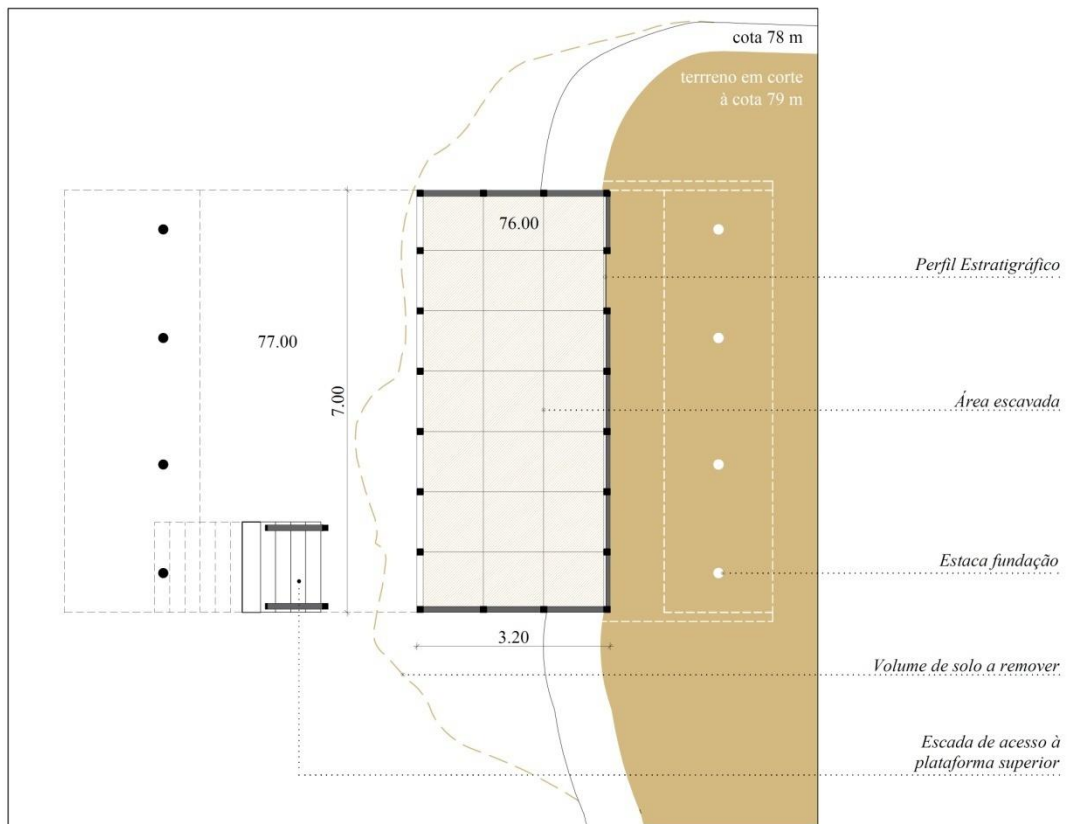


Figura 31 - Planta da futura área de exposição.



Figura 32 - Estrutura de contenção da área de exposição, simulação tridimensional.

2.1.3. RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO CAMINHO E CALÇADA DA TELHADA⁶⁵

Data de Projeto: 1998-2014⁶⁶

Desembarcar no Porto da Telhada e subir o caminho secular da Barreira da Barca até ao planalto do Canto do Ferreiro em Perais, no concelho de Vila Velha de Ródão constitui uma experiência de vivência única, um retorno a um passado identitário de uma região que se aprende à medida que se percorre a sinuosa e ingreme subida. Experiência que assume diferentes sentidos que nos preenche e surpreende, num primeiro plano com a paisagem, que se enaltece e se prolonga no horizonte através do elemento que a molda e que a determina – o Tejo, e no olhar mais atento aos inúmeros pormenores inseridos, quer de engenho construtivo quer de adaptabilidade que sabiamente se integraram a esta porção de espaço

A Calçada da Telhada, também conhecida como Estrada Romana da Telhada, ligava o rio à aldeia de Perais, é uma antiga via de acesso a uma barca de travessia do rio Tejo que deu passagem a pessoas e animais entre a Beira e o Alentejo. Expressa a longa e íntima relação que as comunidades locais estabeleceram com os sistemas naturais (relevo) ao longo do tempo, cada pormenor construtivo e de adaptabilidade à geografia existente, (bem evidenciado no processo de preservação), conduz-nos a uma experiência de vivência, muito próxima da leitura identitária desta região.

A calçada e o Porto da Telhada, pela relação com o lugar e pelo seu valor intrínseco (natural, histórico e cultural) são uma das referências neste trecho de paisagem, proporcionando-nos ainda uma leitura diacrónica das diversas dinâmicas que a sobrepueram, que nos possibilita um retorno ao contexto das reflexões entre o homem e o seu vínculo com a lugar. Um caso de estudo que se considera como um oportuno exemplo de análise do fenómeno de desaparecimento físico e simbólico da paisagem ancestral, um lugar de resistência que se manifesta, que nos faculta a redescoberta da sua extensão na paisagem e do reconhecimento da sua identidade e da sua interpretação cultural, restituindo e compartilhando dessa forma o seu valor.

⁶⁵O reconhecimento do valor da calçada e do porto da Telhada, como património cultural, não apenas no plano das tradições orais mas também nos contextos arqueológicos, vernacular e paisagístico, foi materializado na carta arqueológica de Vila Velha de Ródão (Henriques & Caninas, Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, 1980), e pode ser incluído na Carta do Património Cultural Construído e Arqueológico do PDM de Vila Velha de Ródão, em 1991.

⁶⁶Projeto desenvolvido sobre a coordenação científica geral de João Caninas (AEAT/ Eremita); coordenação administrativa – Luís Pereira (CMVVR) e Jorge Gouveia (AEAT); Arqueologia – Francisco Henriques, Mário Monteiro (AEAT / Eremita), Promotor – Município de Vila Velha de Ródão.

As características intrínsecas e a sua localização privilegiada junto ao rio Tejo, na proximidade de um núcleo visitável de gravuras rupestres, confere-lhe um enorme potencial para uso público, fator que veio a permitir que esta intervenção se viesse a constituir como um dos eixos da estratégia de desenvolvimento e um novo polo de interesse no território, uma das principais razões para a implementação deste projeto.

O projeto incide-se na margem direita do rio, na freguesia de Perais, e percorre um espaço de acentuada variação altimétrica desde a cota 200m, correspondente ao terraço fluvial mais elevado e mais antigo da região (Cunha, Almeida, Aubry, Martins, & Murray, 2012) até à albufeira do Fratel situada na cota 70 m, considerou-se como objetivos da proposta o seguinte conjunto de intenções:

- Estudo arqueológico da estrutura viária e ocorrências interligadas
- Viabilização e recuperação da estrutura construtiva
- Sinalização e homologação de um percurso pedestre.⁶⁷

Um projeto que não tendo uma participação direta da disciplina da arquitetura⁶⁸, mas que pelo conceito e metodologia da intervenção consideramos pertinente convocar para esta reflexão. De igual forma pode descrever-se o projeto por diferentes unidades funcionais, que criam à semelhança do exemplo anteriores, um sistema de análise conceptual que se organiza em torno de uma lógica padronizada, permitindo retirar leituras comparativas.

A primeira unidade corresponde ao **Caminho da Telhada** que se inicia no centro da povoação de Perais, em direção a Sul à Barreira da Barca, um percurso efetuado por caminhos em linha de cumeada, o que permite obter uma vista privilegiada sobre o rio e os montes situados *alémtejo*. Como intervenções específicas no âmbito do projeto de valorização, destacam-se a limpeza de vias, as prospeções arqueológicas, a introdução de sinalética e de conteúdos de informação, nomeadamente em locais de interesse arqueológico, como o sítio da Casa da Telhada⁶⁹, ver figura 33.

⁶⁷ Infraestrutura que foi incorporada numa rota de pedestrianismo (PR 5 VVR – Caminho da Telhada).

⁶⁸ O projeto de intervenção de cariz intencionalmente arqueológico, foi elaborado e coordenado pela empresa Emerita, Empresa Portuguesa de Arqueologia, com a assessoria da AEAT e corpo técnico da CMVVR, desconhecendo a participação direta de arquitetos ou arquitetos paisagistas.

⁶⁹ Topónimo associado a uma antiga estalagem, que segundo a tradição, teria sido assaltada com grande aparato, após o que foi encerrada (Henriques F., et al., 2013)

O **percurso pedestre** é o elemento novo que se introduziu, este inicia-se no mesmo local mas em sentido NE-SO, possibilita através dos caminhos rurais existentes uma visita mais demorada, onde se pode observar alguns dos componentes da paisagem ainda presentes: construções vernaculares, núcleos de vegetação autóctone, vegetação ripícola, fauna e flora. Todo o percurso encontra-se sinalizado, com introdução de pequenas notas informativas.

A **Barreira da Barca** tem cerca de 1,2 Km de extensão, sendo o último tramo a atingir a margem do rio Tejo no sítio da Barca do Porto da Telhada. Desenvolve-se em encosta de pendor muito acentuado, desde o seu topo até à borda de água, formando uma sequência de pequenos lanços, ligados por curvas muito apertadas, em ziguezague. As ações de projeto centraram-se essencialmente na limpeza de vias, reconstrução de alguns trechos de muros, execução de sondagens arqueológicas, levantamento de grafismos, levantamento topográficos, fotogramétricos e reparação das passagens hidráulicas. Estes sistemas revertem-se de alguma complexidade que tem permitido a preservação do íngreme e serpenteado percurso.

Das várias realizações, evidenciam-se as estruturas de contenção em alvenaria de pedra seca, os lajedos de xisto que cobrem alguns trechos, atingindo grandes dimensões e ocupando por vezes todo o espaço intramuros, os trilhos cavados nas rochas e os sistemas hidráulicos de canalização das águas pluviais no seguimento das linhas de água. Nas ações descritas salienta-se a marcação e delimitação com fragmentos de pedra de coloração diferenciada nos trechos de muro rehabilitados, marcando desta forma a intervenção pontual, com a intenção clara de não se sobrepor uma nova leitura ao lugar, evidenciando-se desta forma a expressão ineliminável das responsabilidades de conservação e de projeto tomadas.

Porto da Telhada, a última unidade funcional, traduz-se por uma pequena enseada e uma praia abrupta, camuflada pela acentuada pendente da margem. Destacam-se no local diversas construções rústicas: num primeiro plano, uma pequena construção - *furdão*, de falsa cúpula, utilizada de abrigo pelo barqueiro (figura 38) ; depois os diversos embarcadouros e amarradouros que ora adoçados ou escavados nas rochas relatam episódios, memórias de travessias e de trânsitos entre margens: gravuras , marcas e datas cronológicas de cheias que testemunham momentos da história deste lugar, repetindo-se a prática ancestral de escrever sobre os painéis e afloramentos rochosos do rio, à semelhança dos gravadores Taganos⁷⁰ que outrora povoaram este território. Nesta unidade, as ações de valorização resumiram-se, à semelhança das outras à limpeza de vias, registos e sondagens arqueológicas, informação e sinalização pontual, tudo o resto se mantém incólume, aguardando simplesmente as dimensões constitutivas da passagem do tempo.

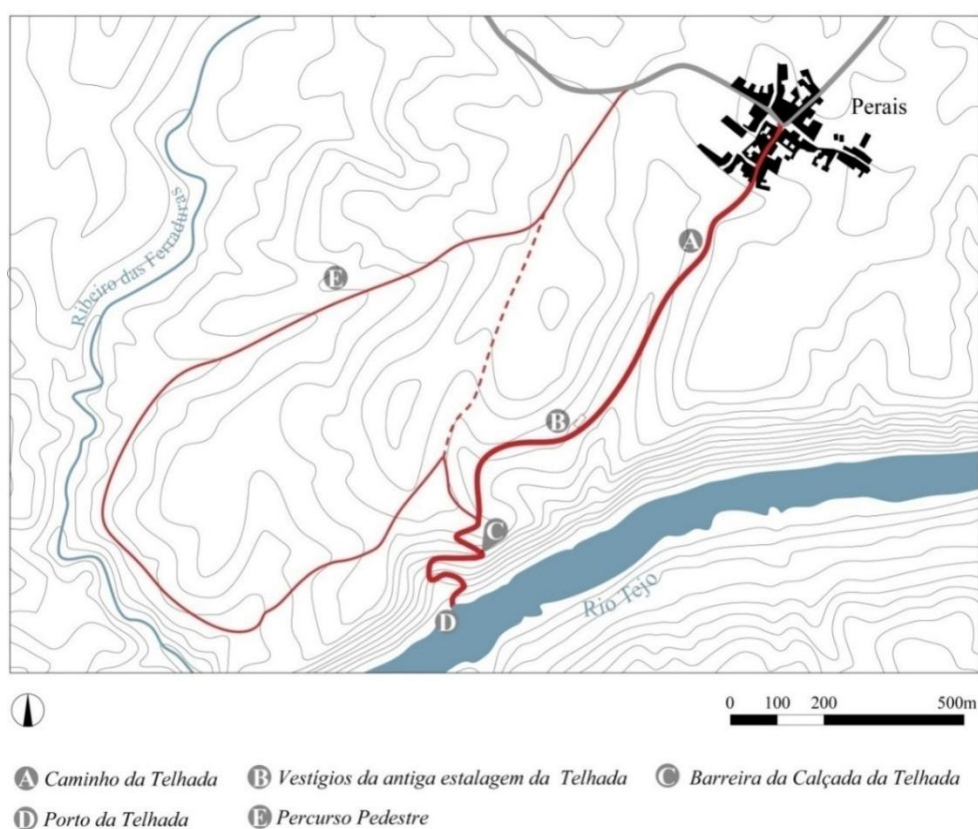


Figura 33 -Caminho e a Calçada da Telhada, descrição das unidades funcionais

⁷⁰ Oriundos da zona do rio Tejo, relativo ao rio Tejo (do latim *Tagus*).



Figura 34 – Sítio da Casa da Telhada



Figura 35 – Início de descida vista juzante



Figura 36 – Muro de suporte



Figura 37 – Sistema de encaminhamento de águas



Figura 38 – Furdão



Figura 39 – Ancoradouro

No decorrer dos trabalhos de registo arqueológico foram identificadas um conjunto de gravações junto ao Porto da Telhada onde se destacam algumas “embarcações típicas do Tejo, uma das quais com uma tripulação muito peculiar”⁷¹ (Henriques F. , et al., 2013, p. 46), Esta gravura peculiar descreve um episódio específico na história deste lugar na qual se pode interpelar como um momento de viragem histórica de construção da paisagem. Uma marca referencial numa paisagem fóssil⁷² que teima em persistir, que pode definir no nosso imaginário uma fronteira entre um longo período de estabilização que as diferentes comunidades humanas estabeleceram com a envolvente natural, que se estende até aos vestígios do paleolítico médio durante mais de trezentos séculos, e um segundo momento posterior a essa marca, que se relaciona com uma época moderna e industrializada resultante do aproveitamento extensivo dos vários recursos, e que em apenas dois séculos e mediante um processo de transformação acelerado e abrupto condicionou e alterou a relação secular que as anteriores comunidades mantiveram com este lugar.

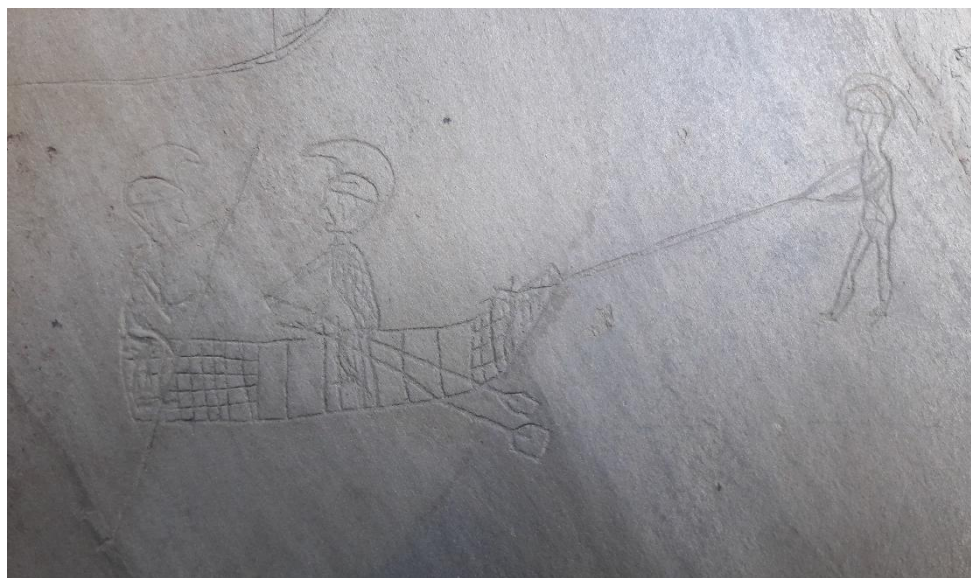


Figura 40 - Representação de um picareto com tripulação

⁷¹ Embarcações que pela a análise da indumentária representada pode corresponder a “couraceiros de uma unidade de cavalaria” (p. 46), que atravessaram o Tejo durante a Primeira Invasão Francesa em 1807.

⁷² Em 1992, a Convenção do Património Mundial tornou-se o primeiro instrumento jurídico internacional para reconhecer e proteger as paisagens culturais. O termo paisagem relíquia (ou fóssil) surge referenciado no documento, como subcategoria de “paisagem cultural”, identificando as paisagens que durante o seu processo evolutivo chegaram ao fim em algum momento do passado, abruptamente ou durante um determinado período.

Proposta – Aspetos Particulares

A particularidade deste lugar transporta-nos para uma realidade factual, para a qual tecemos um conjunto de breves questões, que ao se direcionarem com a linha de investigação que constituem e inserem possibilidades e orientações que procuramos corresponder no decorrer desta reflexão. Uma das primeiras questões que se coloca, prende-se com a reinterpretação do lugar na sua lógica atual, que apesar de desvinculada dos usos de um passado recente teima a persistir, uma questão que origina novas interrogações como: que tipo de leitura pode ser infligida a um lugar com estas características, qual o limite de intervenção, de que modo se pode acrescentar valor e uma nova consciencialização, e que instrumentos poderão ser utilizados nesse processo de valorização.

Por analogismo, centramo-nos nas ações de reabilitação citadas anteriormente nomeadamente na reconstrução dos muros de alvenaria de pedra e na limpeza de recuperação dos sistemas de drenagem de águas pluviais, sistemas que são inseridos com argúcia em locais de ligação a linhas de água ou declives acentuados encaminhando as águas para o exterior da estrutura viária. O intuito não será a análise dos sistemas construtivos ou de recuperação utilizados, interessa-nos realçar de outro ponto de vista a adaptabilidade dos processos reconstrutivos utilizados, o contexto onde se integram e as opções de reabilitação e a demarcação dessa intervenção.

O princípio da intervenção, parece-nos correto para o contexto e programa estabelecido, conscientemente evidenciando novas leituras que interligam os diferentes momentos da construção deste lugar, leituras que não sobrepondo-se, destacam-se. Uma intenção de projeto aparentemente fácil mas complexa de se executar, um princípio interativo que nos orienta subtilmente para o propósito de perceber e compreender este lugar-paisagem.

A leitura é clara e evidente, está lá tudo, “basta” encontrar os pontos de ligação entre os diversos momentos, programas e intenções concetuais, evidenciar e proporcionar outras e novas reinterpretações, com a subtiliza, mestria e respeito por um legado incommensurável tão representativo desta região expressa ainda através das diversas visibilidades, na relação longa e íntima dos povos que se moldaram no seu ambiente natural.

Da análise deste caso de estudo ressalta ainda outra consciência: é na longa e íntima relação expressa no ambiente natural pelas diferentes comunidades que nos propomos concentrar; testemunhos de ocupações de importância e escala peninsular desde os tempos da pré-história, referenciamos as milhares de gravuras de arte rupestre, mas também as primeiros registos de habitat junto às Portas de Ródão com mais de 30.000 anos e todo o registo megalítico que se estende nas margens do Tejo e seus afluentes, a intensa exploração aurífera na época romana, o papel que o rio manteve na época moderna e no processo de fundação e defesa do território Nacional, como via de comunicação primordial e elo de ligação até Toledo, as transformações submetidas na pré-época industrial pelo caminho-de-ferro, no século XX pelo aproveitamento exaustivo dos recursos hídricos e finalmente na atualidade pela forte presença económica de indústrias predadoras, que alteram o seu sentido ancestral, mas que de algum modo se relacionam com o princípio evolutivo da paisagem ao qual sempre esta esteve relacionada



Figura 41 e 42–Pormenores de reconstrução dos muros de alvenaria de pedra.

2.2. A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

O reconhecimento da importância do património arqueológico e a necessidade da respetiva valorização despoletaram, especialmente nas últimas décadas, o lançamento e execução de vários projetos faseados de planificação, conservação, reabilitação e promoção, das mais variadas tipologias, promovidos por entidades públicas e privadas. (Pereira P. , 2001, p. 12)

É na análise e reflexão de algumas dessas tipologias, e atendendo aos objetivos desta investigação, que procuramos clarificar os modelos de intervenção e as estratégias de gestão adaptadas. A abordagem aos diferentes projetos será efetuada com o intuito de compreender as diferentes soluções preconizadas, mas também perceber como o projeto correspondeu no processo de valorização da leitura da arte rupestre, e qual o equilíbrio que a intervenção arquitetónica gerou e estabeleceu entre arte rupestre e paisagem.

Dos três exemplos considerados nesta análise os dois primeiros (Vale Camonica e Vale do Côa), estão inscritos na lista do Património Mundial da UNESCO e o Vale da Ocreza insere-se como zona de proteção especial (ver figura 41). Os exemplos do Vale do Ocreza e Vale do Côa apresentam afinidades no contexto arqueológico e estão inseridos num território de baixa densidade populacional com padrões económicos e sociais semelhantes, no qual a arte rupestre é encarada como uma estratégia de valorização regional.

De uma forma sumária descrevem-se da seguinte forma:

- A arte rupestre de Vale Camonica⁷³, foi o primeiro sítio arqueológico em Itália a ser inscrito como património mundial em 1979. Propulsor e referência de vários complexos rupestres, nos quais se inclui o Vale do Tejo e o Vale do Côa. Apresenta um modelo de gestão peculiar, fruto da localização principais núcleos arqueológicos em zonas periurbanas.

⁷³Classificado como sítio UNESCO nº 94.

- O paralelismo tipológico entre o complexo rupestre do Vale do Côa e do Médio Tejo é evidente, ambos se relacionam entre duas situações antagónicas: a preservação *versus* a submersão. No primeiro caso um modelo de preservação de um património único através da introdução de um programa cultural e museográfico que resultou numa estratégia de desenvolvimento numa região com carências de desenvolvimento com semelhanças a tantas outras regiões no interior do território nacional. E um caso como o verificado no rio Guadiana, rio Sabor ou como recentemente o caso do rio Tua em que se opta pela imersão de um património arqueológico e ambiental, em prol de um hipotético desenvolvimento sustentado que nunca se traduziu localmente nos efeitos prometidos: desenvolvimento local, prosperidade financeira e retorno de investimento a médio e longo prazo, acentuando pelo contrário o processo de desertificação e de abandono do mundo rural como por exemplo no caso Vale do Tejo ou no Vale do Ocreza. Mas do exemplo citado, interessa-nos essencialmente analisar como o projeto de arquitetura estruturou o território como se impregno, e qual a valorização que proporcionou no parque arqueológico.
- O projeto de Vale do Ocreza apresenta uma proposta de dinamização para uma vasta área arqueológica, que apesar não ter sido implementando integralmente de acordo com a solução apresentada pela equipa de concurso vencedora, manteve alguns dos seus traços na solução final implementada, nomeadamente na utilização dos percursos e caminhos pedonais existentes, utilizando dessa forma as pré-existências da paisagem como parte integrante na construção da proposta.



1. Arte rupestre de Valle Camonica 2. Parque Arqueológico de Vale do Côa 3. Área arqueológica do Vale do Ocreza

Figura 19 - Localização das três áreas arqueológicas em estudo

2.2.1. ARTE RUPESTRE DE VALLE CAMONICA

Valle Camonica é um antigo vale glacial situado no centro dos Alpes Italianos junto do monte Concarena, com 2.549 m de altura, na sua base entre os 400 e os 1.000m de altitude numa extensão de 70Km, nele foram registados mais de 140.000 gravuras, dispostas por dezenas de núcleos em ambas as encostas do vale, ao longo do curso do rio *Oglio*. Gravadas durante um período cronológico com cerca de 8.000 anos, constituem uma das maiores concentrações do mundo de pinturas e gravuras rupestres pré-históricas ao ar livre. Uma das principais características no complexo rupestre é o facto de maior parte das figuras estarem gravadas sobre rochas horizontais de grandes dimensões e de superfície polidas devido à erosão do degelo, que facultaram ao homem pré-histórico um suporte de fácil acesso para se expressar e produzir composições simbólicas e estéticas de enorme beleza.

Este vasto património é gerido por dois Parques Nacionais e um Parque Regional, subdivididos, por sua vez, num conjunto de seis parques com funcionamentos independentes (figura 42). Este modelo de gestão multinuclear que dificulta a implementação de uma estratégia comum de desenvolvimento, promoção e consequentemente de preservação. Uma decisão que se tem demonstrado confusa na leitura, manutenção, preservação e divulgação do complexo, apesar de este contar com uma importante componente pedagógica e científica⁷⁴ e de uma nova estrutura museológica, o *Museo-Nazionale de Ila Preistoriade Ila Valle Camonica*- MUPRE, em Capo diPonti, onde se concentra o maior número de gravuras.

⁷⁴Um papel preponderante tem tido o Centro de Estudos Camuno pré-históricos (CCSP) desde 1964, na pesquisa, documentação e investigação científica da arte rupestre de Vale Camonica, um contributo essencial no processo de preservação de um património riquíssimo, mas frágil, que se efetua através de uma estratégia de divulgação e de envolvimento, quer da comunidade local, quer da comunidade académica e científica. Centro de estudos, que tem sido basilar no reconhecimento da arte rupestre em todo o mundo, e que possui uma biblioteca especializada e milhares de documentos recolhidos e catalogados ao longo de mais de 50 anos, disponibilizando um dos arquivos mais completos sobre esta temática.

1. Darfo Boario Terme

Parque de Interesse Supramunicipal do Lago Moro, Luine e Monticolo
Parque Municipal de Luine - Sítio Arqueológico de Corni Freschi

2. Ossimo

Parque Arqueológico de Asinino-Anvòia

3. Ceto - Cimbergo - Paspardo

Reserva Natural de Gravuras Rupestre de Ceto,
Cimbergo e Paspardo

4. Capo di Ponte

Parque Nacional de Gravuras Rupestres de Naquane
Parque Arqueológico Nacional de Massi di Cemmo
Parque Arqueológico Municipal de Seradina-Bedolina
Museu Nacional da Pré-História do Vale Camonica

5. Sallero

Parque Municipal Arqueológico e Mineral de Sallero

6. Sonico

Parque Pluritemático “Coren de le Fate”

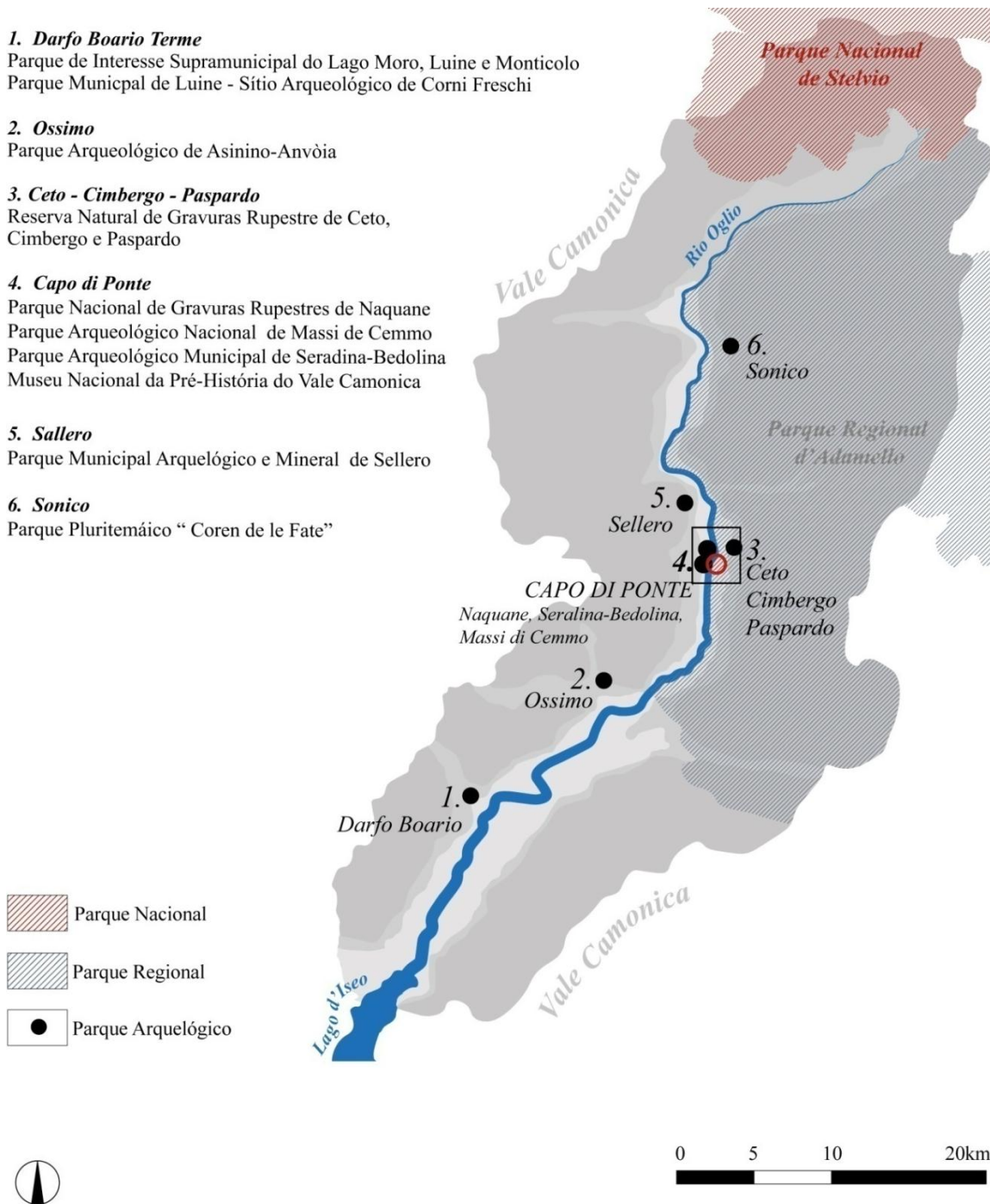


Figura 42- Localização dos parques arqueológicos no vale Camonica

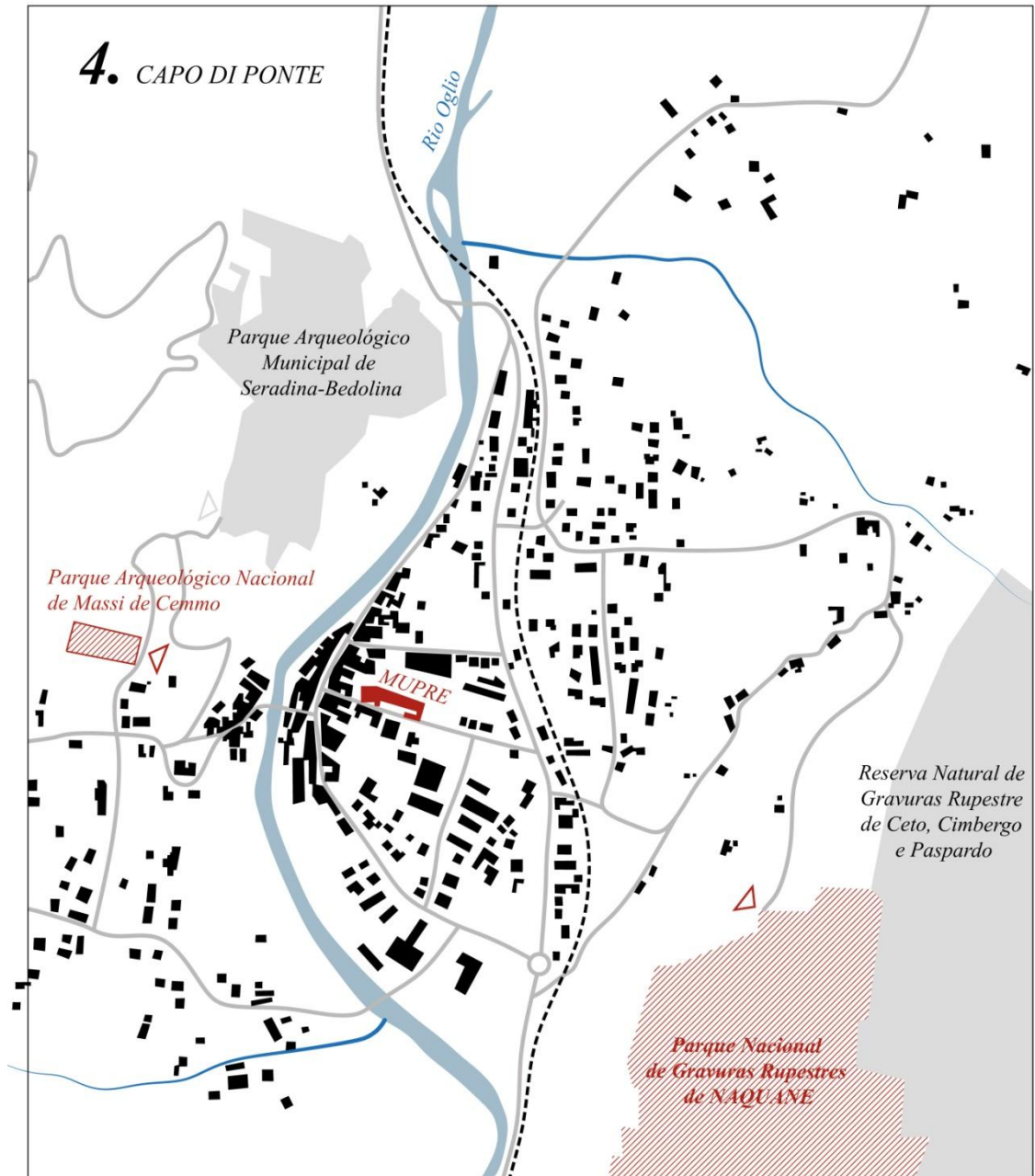


Figura 43 –Extrato de planta com a localização dos parques arqueológicos de Naquane e Massi di Cemmo e do Museo Nazionale della Preistoria de Ila Valle Camonica- MUPRE em Capo de Ponti.

Quanto às opções tomadas nos processos de musealização, comparamos as estratégias de conceção de dois dos núcleos de gravuras mais visitados, o Parque Nacional de Naquane e o Parque arqueológico de Massi di Cemmo⁷⁵, o primeiro de maior escala onde se encontra um conjunto de rochas de grandes dimensões, o segundo de menor dimensões inserido em zona urbana consolidada.

- Ambos os núcleos são vedados e vigiados: no caso de Naquane, devido à dimensão do parque a vigilância e controle e apoio nas visitas é efetuada por técnicos e guias locais. Situação oposta acontece em Massidi Cemmo de acesso livre e sem apoio humano, onde se optou por implementar circuitos de videovigilância, e sistemas de fecho e abertura automáticos, utilizando um sinal de aviso sonoro nas horas de fecho. Sistema que permite uma automatização completa do núcleo arqueológico, mas que nos parece uma solução impessoal e pouco segura.
- Nos percursos internos é introduzida sinalização temática que informa e direciona o visitante no sentido das rochas gravadas. Ao longo do percurso são facultados alguns momentos onde é possível estabelecer a relação visual com o monte Concarena, no primeiro por pontos de observação estratégicos, no segundo enfatizado naturalmente e pela proximidade geográfica, e pela inserção de um plano relvado que antecede o sítio arqueológico (figura 46).
- As soluções construtivas optadas nas intervenções, manifestam a especial preocupação de salvaguardar as superfícies de contato, e de garantir a acessibilidade aos painéis gravados. O material predominante é a madeira, economicamente acessível, de fácil manuseamento e não perene o que nos parece uma solução adequada no contexto de intervenção, que em qualquer momento pode ser retirada ou substituída.

⁷⁵ As gravuras do Parque de Massi di Cemmo, apresentam-se gravadas na vertical, aproveitando as faces paralelepípedicas de um conjunto de rochas de grandes dimensões que se desprendem do sinclinal que encena o núcleo arqueológico.

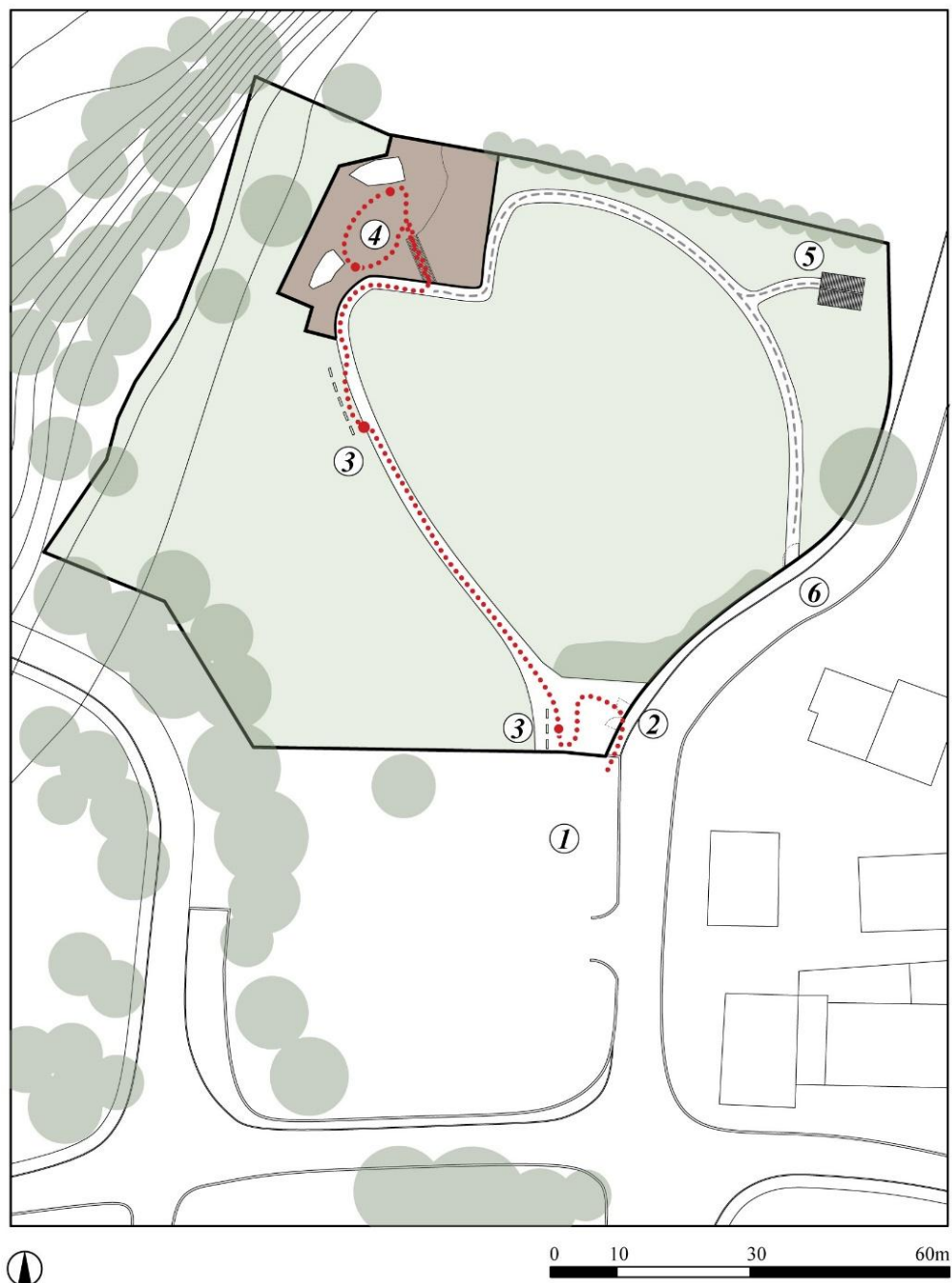
- Como exemplo de intervenção, na rocha nº1 de *Naquane*, (figura 48) que tem cerca de 40 metros de comprimento, foi introduzido um passadiço que permite o acesso ao topo da rocha, visualizando sem danificar grande parte das mais de 1.000 gravuras. Ao nível do solo, junto das rochas gravadas a solução cinge-se à proteção e demarcação do solo arqueológico, através da aplicação de saibro solto sobre manta geotêxtil, completando-se nas periferias com sistemas de drenagem que encaminham as águas pluviais.
- Alguns equipamentos e construções dispersas complementam a manutenção, e servem de apoio ao visitante.

Nos dois exemplos apresentados, constata-se que os projetos implementados regem-se por um programa essencialmente de cariz museológico, com intuito de promover o acesso às gravuras e de preservar o contexto natural na sua envolvente direta, nem sempre conseguida, devido à profusão de construções na envolvente.

A intervenção resume-se a ações de superfície, implementação de um sistema de percursos, implementação de informação temática e sinalização diversa, vedação e proteção do recinto e implementação de construções pontuais que facilitam a acessibilidade às rochas gravadas.

Uma nota ainda para o Museo Nazionale della Preistoria della Valle Camonica⁷⁶, que sendo uma peça nuclear no processo de divulgação e de condução de visitas e de albergar parte significativa do arquivo arqueológico e científico de Valle Camonica, não se considera pertinente desenvolver no contexto desta investigação, ressalva-se no entanto a adaptação do edifício ao programa estabelecido nos seus vários pisos, o circuito expositivo e a estrutura de proteção do logradouro, ver figura 49.

⁷⁶ Informação complementar disponível em <http://www.mupre.capodiponte.beniculturali.it/index.php?it/1/home>



- ① Estacionamento ② Entrada ③ Paineis informativos ④ Gravuras rupestres
⑤ Edifício de apoio Percurso de visita - - - Percurso secundário

Figura 44 –Planta de implantação de Massi di Cemmo, destaca-se nesta intervenção o sistema de controle de acesso e vigilância automatizada, bem como a adaptação do percurso de visita para mobilidade acessível.

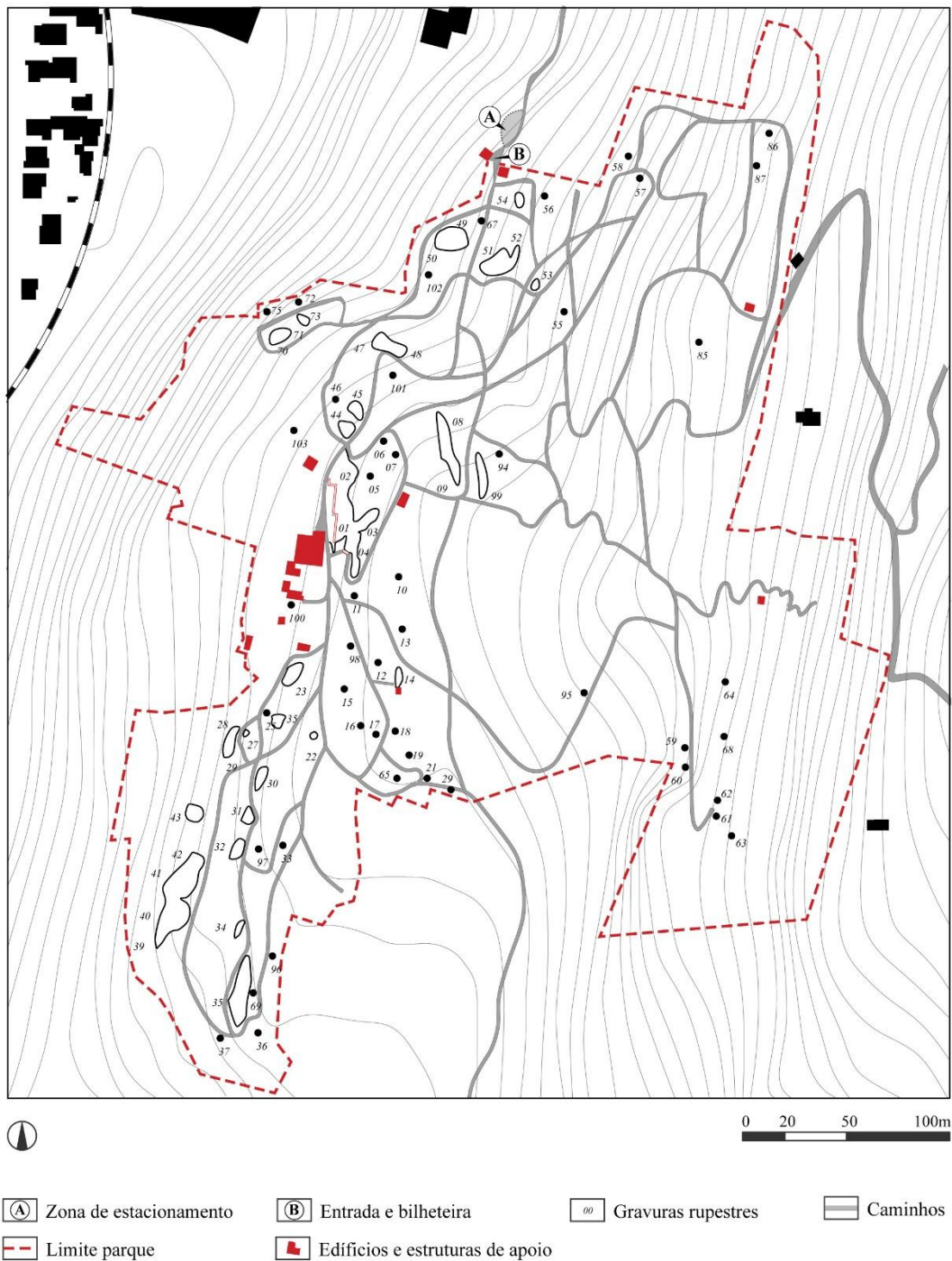


Figura 45 –Planta de implantação Naquane, destaque para as construções de acesso às rochas de maior dimensão, o sistema complementar de percursos e a estrutura de apoio e gestão do parque.



Figura 46– Percurso de aproximação ao Núcleo de gravuras no Parque de Massi de Cemmo



Figura 47 –Acesso ao Núcleo de gravuras no Parque de Massi de Cemmo



Figura 48 -- Estrutura de observação no parque Nacional de Naquane



Figura 49 - Estrutura proteção– Museu Museo Nazionale de lla Preistoria de lla Valle Camonica

2.2.2. PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), é constituído em 1996 e classificado Património Mundial em 1998, considerado o mais importante conjunto de figuras paleolíticas de ar livre até hoje conhecido, distribui-se ao longo do rio Côa, numa extensão de cerca de 30 km, e no rio Douro, ao longo de cerca de 15 km para montante e para jusante da foz do Côa. Conhecendo-se atualmente mais de mil rochas com manifestações rupestres, em mais de 70 sítios diferentes, com predominância das gravuras paleolíticas, mas também com motivos da Idade do Ferro, Época histórica e Pré-história recente.⁷⁷

Envolvido num processo controverso de salvamento das gravuras⁷⁸ de ficarem submersas pela albufeira do Côa, a implementação do Parque é o exemplo concretizado de uma decisão da preservação intacta, de um riquíssimo património cultural e arqueológico, em detrimento da construção de uma barragem e consequente subvalorização de uma vasta área de paisagem.

Esta decisão não encontrou a repercussão desejada em outros modelos similares, como por exemplo no recente caso do Vale do Tua, no qual se optou pela construção da barragem e por uma estratégia de cooperação entre as várias entidades, com a promessa de investimento e incentivos a projetos de desenvolvimento de âmbito cultural e social. Papel que o PAVC tem assumido desde a sua fundação, o que o tornou um dos pólos de desenvolvimento local e regional, conseguindo afirmar-se no contexto nacional e internacional como marca indiscutível de uma região⁷⁹, a par com o também classificado património mundial do Alto Douro Vinhateiro, afirmando-se desta forma no espaço geográfico a sua identidade própria.

O modelo de gestão e estrutural do PAVC, pode sintetizar-se como um modelo nuclear, que se articula entre o Museu e as diversas unidades funcionais: núcleos

⁷⁷Segundo os dados disponíveis em <http://www.arte-coa.pt>.

⁷⁸Recorda-se o slogan “As gravuras não sabem nadar!”, criado pelo movimento pró-gravuras que escola secundária de Vila Nova de Foz Côa protagonizou na batalha de suspensão da construção da barragem. Movimento que contou com uma participação limitada de arqueólogos, mas, que se demonstrou decisivo na divulgação e consciencialização da pretensão, nas escolas, nos meios de comunicação e entre a comunidade internacional.

⁷⁹“O Vale do Côa, que hoje é uma marca fortíssima no contexto regional (e até já internacional), tornou-se o maior fator de desenvolvimento de uma das mais deprimidas zonas do hinterland português” (Baptista A. M., 2011)

arqueológicos e os centros de receção em Muxagata e Castelo Melhor (figura 51). É no contexto de organização do território que o Museu surge como estrutura aglutinadora de programas, como complemento à visita indispensável aos sítios arqueológicos, e que assume e que se transformou no principal projeto-âncora daquela região do Alto Douro.

O projeto concebido pela equipa dos arquitetos Pedro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo Andrade, proposta vencedora no concurso internacional, insere uma leitura simbiótica com o lugar e com a paisagem. Um edifício que segundo os seus autores se inspira nos pressupostos da *landart* de Richard Serra e de Richard Long... "um edifício artificial que prolonga a silhueta natural" (Nadais, 2005). O edifício desenvolve-se em quatro pisos, e organiza-se por um sistema peculiar de circulações, desde a sua cobertura, onde se localiza as áreas de estacionamento, até às diferentes áreas posicionadas nos pisos inferiores, a rampa de acesso ao interior é o elemento que nos convida à sua descoberta.

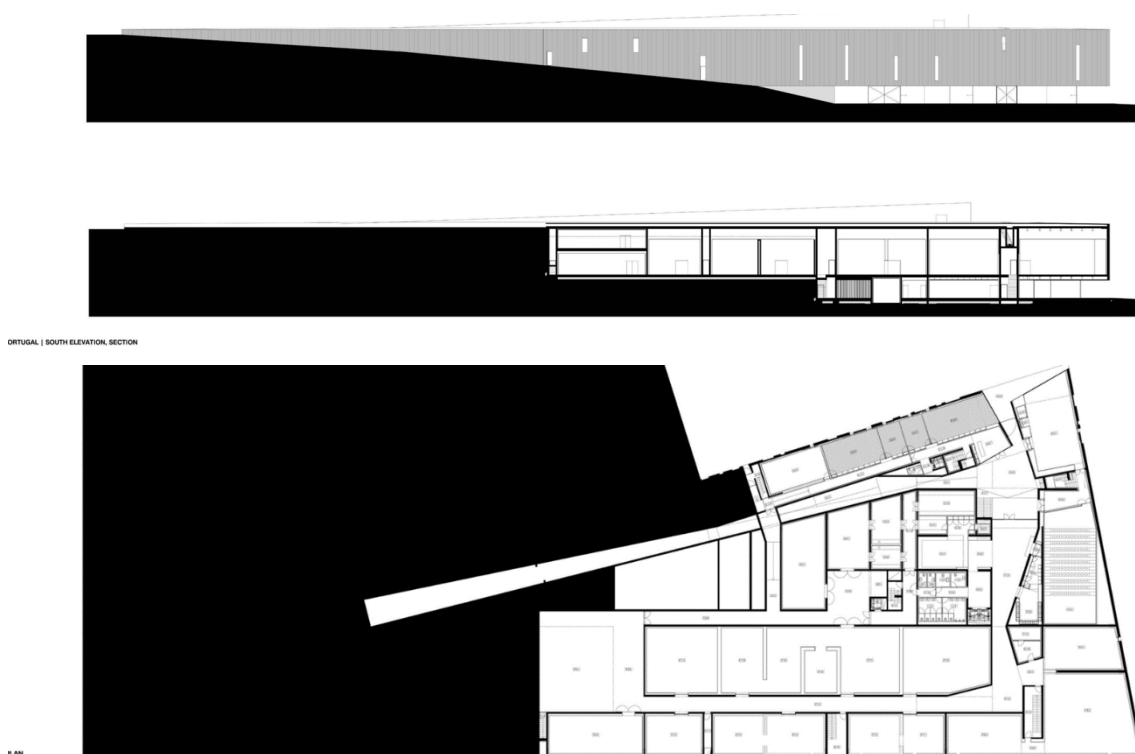


Figura 50 – Alçado Lateral e Corte Longitudinal e Planta de Piso -1 do Museu de Arte e Arqueologia o Vale do Côa.

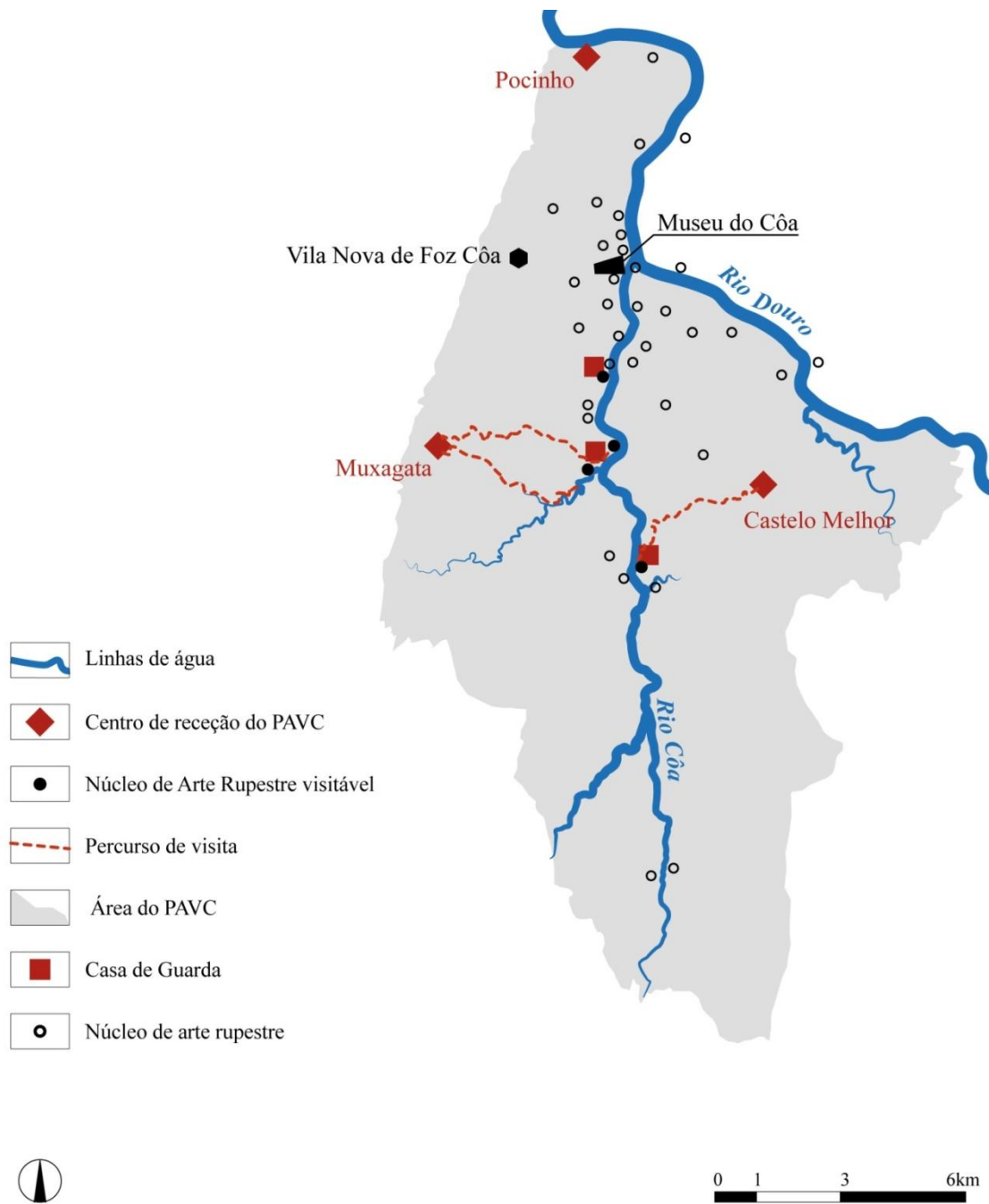


Figura 51- Mapa do PAVC



Figura 52 – Relação entre o Museu e o Vale do Côa

Um dos requisitos de constituição do parque foi desde o início manter a leitura do sítio arqueológico no seu ambiente natural, sem sobreposições que subvertam essa leitura, proporcionando dessa forma ao visitante o contacto e compreensão integral que a gravura mantém com a paisagem onde se insere.

O esforço de manter incólume uma vasta área do território é notário, desde o extenso perímetro que delimita as áreas e protegem os principais núcleos visitáveis, ao acesso não facilitado aos principais núcleos (em algumas situações só possíveis em veículos todo o terreno), ou inclusive a reajustes de traçados de infraestruturas, e retirada de elementos dissonantes à leitura da paisagem, como por exemplos postes de alta tensão e de telecomunicações.

A intervenção nos núcleos arqueológicos cinge-se apenas ao mínimo indispensável para garantir o acesso em segurança aos painéis gravados, consistindo essencialmente na abertura de caminhos de pé-posto, na introdução de elementos pontuais de apoio como guardas e corrimãos, na introdução de pequenas construções em aparelho de xisto nas zonas mais difíceis do percurso. A informação temática é inexistente, apenas com a introdução pontual de sinalização de orientação, podendo mesmo se referir que contexto de musealização em termos de conteúdos é deliberadamente transferido para o edifício Museu; a visita é preconizada *in loco* por guias, organizada em pequenos grupos, proporcionando uma leitura mais íntima e próxima das gravuras.

A segurança e controle dos núcleos visitáveis (Ribeira de Piscos, Penascosa e Canada do Inferno) foi efetuada até a um passado recentemente por vigilantes no local durante as 24 horas, uma solução que apesar de se demonstrar onerosa para a gestão financeira do Parque, considerou-se ser necessária e indispensável⁸⁰, devido ao isolamento dos sítios arqueológicos e à tipologia de intervenção utilizada.

⁸⁰ O recente episódio de vandalização de um dos painéis é o resultado direto da suspensão da vigilância permanente, devido ao corte significativo dos apoios financeiros por parte da tutela. (Gravura rupestre vandalizada em Foz Côa, 2017)

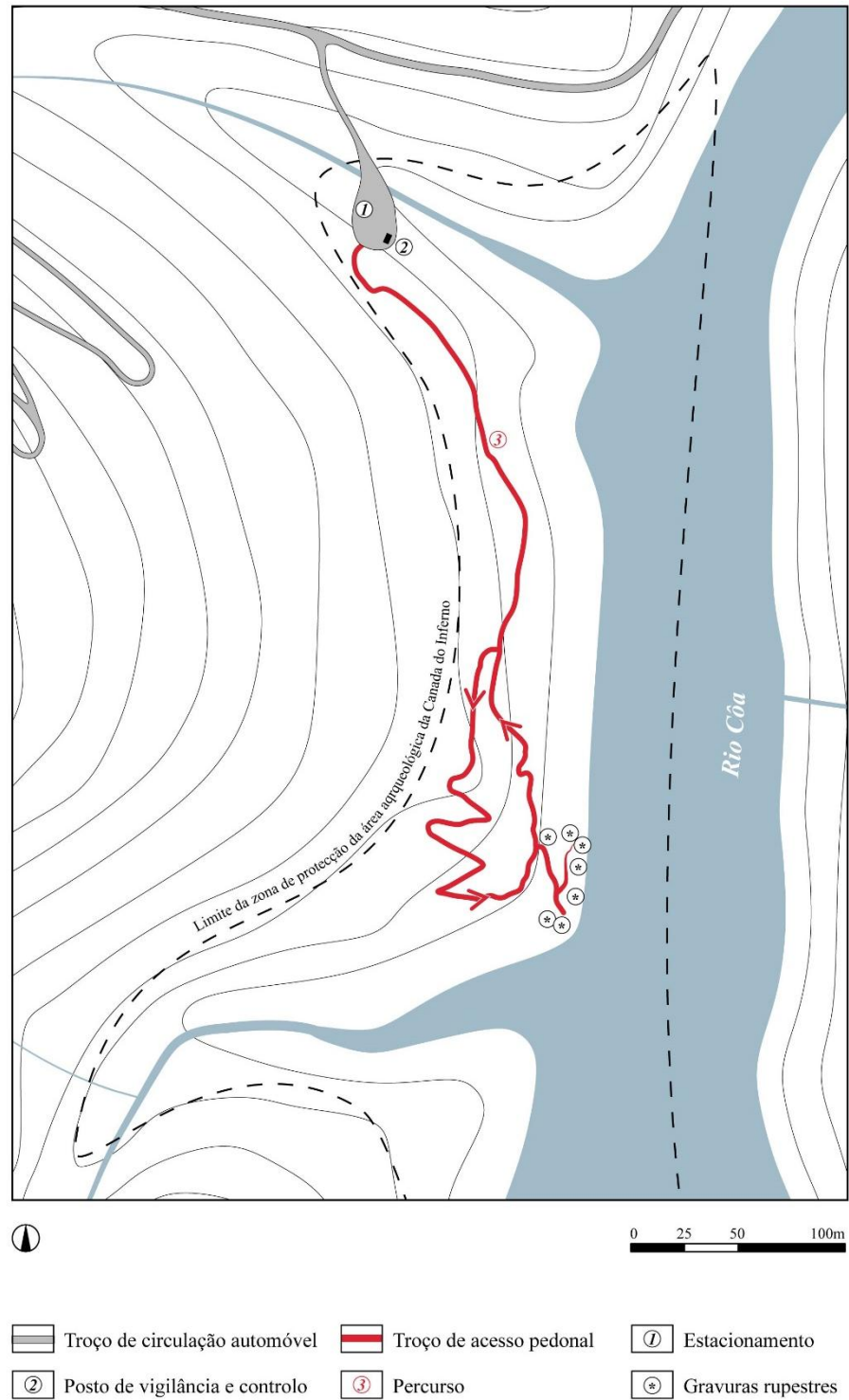


Figura 56 -Planta de esquematização sítio da Canada do Inferno. Destaca-se no contexto de gestão vigilância permanente e a vedação da área de protecção e de intervenção as ações pontuais de projeto.

Estruturas de apoio Sítio da Canada de Inferno, Foz Côa



Figura 57 – Área de acesso e Posto de vigilância



Figura 58– Degraus em xisto



Figura 59– Acesso e estrutura de proteção



Figura 60 - Acesso e estrutura de proteção

2.2.3. DINAMIZAÇÃO DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO VALE DO OCREZA

As margens do rio Ocreza junto ao viaduto da A23 albergam dezenas de gravuras rupestres, das quais destaca-se a gravura Paleolítica do Cavalo de Ocreza, descoberta no ano 2000 e que terá sido feita há mais de 20.000 anos, considerada a mais antiga gravura entre os cerca de 40.000 motivos do complexo rupestre do Tejo e uma das mais importantes da arte rupestre de Portugal central. (Baptista A. M., Ocreza (Envendos, Mação, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre, 2011, pp. 163-192)

O projeto de dinamização do Vale que analisamos, com gestão direta e de proximidade com o Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo em Mação, tem origem nas descobertas supracitadas e resulta de um processo de reflexão longo, sobre um conjunto de acontecimentos e iniciativas propostas para o local durante a última década, nas quais se inclui um concurso público de ideias promovido pela Câmara Municipal de Mação com a assessoria da Ordem dos Arquitetos em 2004.

Do concurso efetuado, tecem-se algumas considerações ao projeto que foi o primeiro classificado, coordenado pelo atelier José Adrião Arquitectos, que apesar de não ter sido executado transcreve princípios concetuais que foram aplicados na solução implementada, leituras de paisagem e princípios programáticos que se consideram coerentes com os objetivos desta investigação.

O programa de concurso tinha como objetivo valorizar uma área natural, até à data ainda não explorada, facultando o acesso e a visita das gravuras ao público através de um processo de musealização e de intervenção numa faixa considerável do território, com cerca de 7,5Km de extensão compreendida entre a barragem da Pracana e a Barca da Amieira, na margem direita do rio Tejo (figura 58).

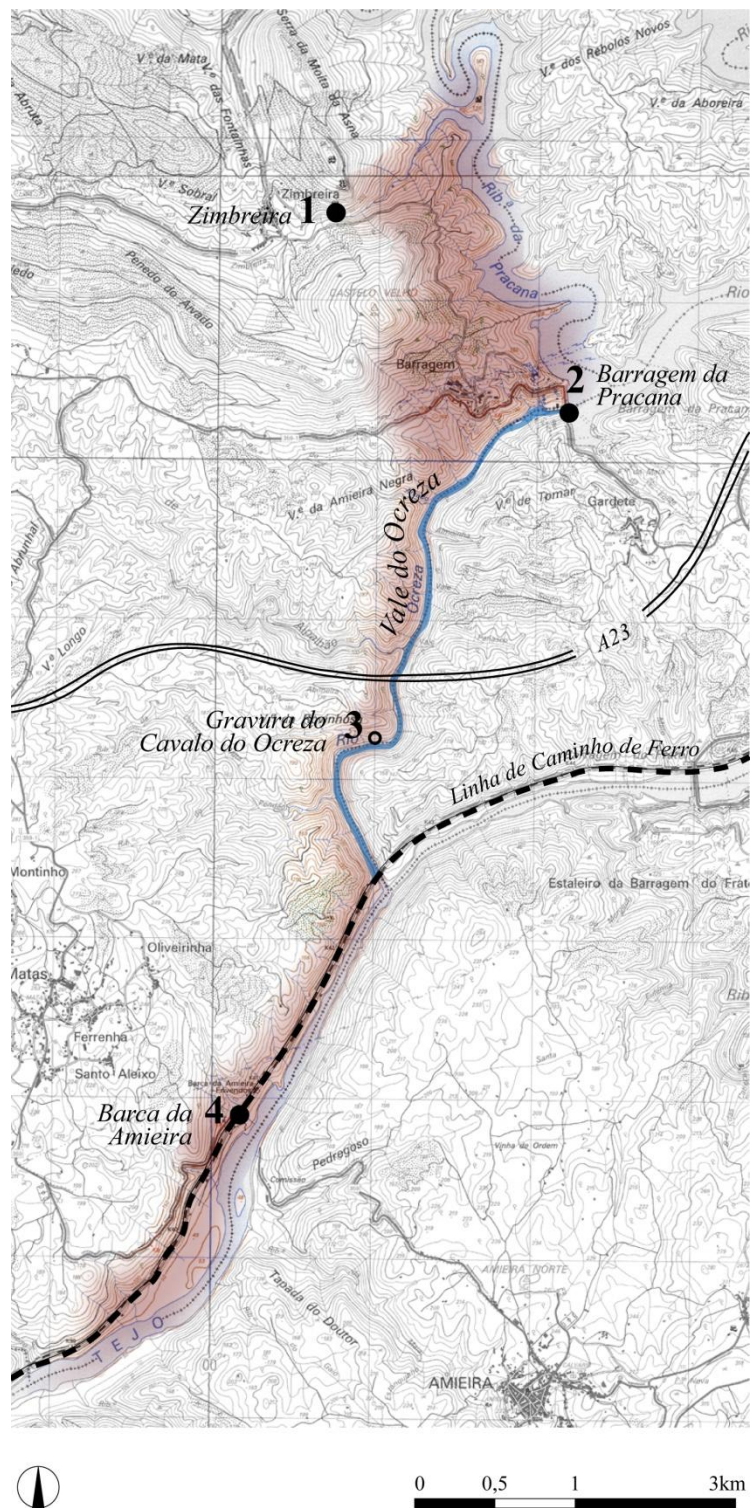


Figura 58—Proposta de percurso na margem do Vale do Ocreza pelo atelier José Adrião Arquitectos

Partindo dos pressupostos do processo de concurso e da interpretação do lugar por parte da equipa projetista, a solução apresentada caracterizava-se pela implementação de um percurso cultural, que se integrava no traçado existente acompanhando a rede hidrográfica. Num território praticamente intacto, a proposta de percurso dividia-se por quatro zonas distintas (segundo a descrição do projeto), ou à semelhança da análise metodológica que tem vindo a ser efetuada em quatro unidades funcionais: a Barca da Amieira no Tejo, o Vale do Ocreza, a Barragem da Pracana e a Zimbreira.

Cada uma destas unidades define um núcleo de carácter diferenciado, com especificidades próprias, conferidas por patrimónios culturais e paisagísticos distintos onde se distinguem três ações antrópicas marcantes no território: a barragem da Pracana, a A23 e a linha ferroviária da Beira Baixa.

É ao longo deste percurso, que se dispõem um conjunto de estruturas que facultam a descoberta e a interpretação das diversas leituras da paisagem, quer no contexto arqueológico quer no contexto histórico e cultural.

Das estruturas projetadas, destacam-se um centro de interpretação junto ao núcleo de gravuras, um centro de aprendizagem e observação, na Barca da Amieira, e um conjunto de plataformas de betão que servem de leitores de paisagem e que são provavelmente a marca autoral mais distintiva da intervenção. Todo o projeto se organiza em função desta estruturação, esforça-se por criar uma relação entre as distintas zonas, num pressuposto de “não construção”, à maneira de Richard Long. (Nadais, 2005).⁸¹

Soluções no entanto em nosso entender contraditórias, pela excessiva expressividade de alguns dos elementos propostos, e por questões de exequibilidade num território com uma topografia difícil e muito acentuada, o que desvirtuaria a leitura pretendida e sobrepunha a relação íntima e delicada que a arte rupestre ainda mantém neste trecho de paisagem.

⁸¹ Uma referência arquitetónica interessante de ambos os projetistas aplicada em ambos os projetos (Côa e Ocreza), que coincide com um tipo de pensamento arquitetónico e uma datação deste tipo de intervenção.



Figura 59 – Foto montagem de Plataforma de observação, pelo atelier José Adrião Arquitectos



Figura 60 – Fotomontagem da relação do caminho ao longo da margem com o rio Ocreza, pelo atelier José Adrião Arquitectos

Da estratégia de intervenção ressalva-se o princípio de organização preconizado e a intenção de introduzir um percurso que possibilite o caminhante de usufruir e interpretar em tempo real os processos naturais e culturais da construção da paisagem. Ressalta também o sentido poético da proposta no encontro e na utilização das pré-existências do lugar, elementos que reivindica corretamente para o projeto e nos quais sustenta a nova narrativa, aproximando-se do conceito de tudo se encontrar no lugar, apenas bastará ser evidenciado por um conjunto simples de ações:

“In the nature of things:
Art about mobility, lightness and freedom.
Simple creative acts of walking and marking
about place, locality, time, distance and measurement.”
(Long, 2017)

Da proposta e do processo de reflexão pós-concurso executou-se o princípio conceptual: o caminho e um conjunto de pequenas ações. Ações que sendo pragmáticas e quase impercetíveis, impregnam-se na paisagem possibilitando o movimento contínuo do visitante, que no seu tempo próprio vai assimilando o carácter do lugar: a geologia, a rede hidrográfica, a orientação das encostas, a flora e a vegetação, mas também as novas e as antigas marcas de construção da paisagem. Em todas elas se evita a identificação e a sinalização⁸², uma intenção clara de preservação e de permitir ao caminhante a sua própria descoberta à medida que percorre o percurso.

Aos lugares sagrados apenas é consentida a visita acompanhada por um decano, uma analogia (nossa) ao processo iniciático e à passagem de conhecimento que os nossos antepassados protagonizavam.

Visitar a arte rupestre e o Vale do Ocreza no silêncio do seu contexto, quase intacto, é de fato um momento privilegiado de retorno ao passado, um momento de simbiose perfeito entre o homem e natureza.

⁸² Atitude consciente tomada por parte do Museu de Mação, que objetiva de uma maneira inteligente e sem custos acrescidos, a preservação e a proteção das gravuras no seu local, permitindo controlar desta forma a exposição excessiva, sendo as visitas organizadas apenas efetuadas por guias especializados.



Figura 61– Ponte pedonal sobre linha de água, no vale do Ocreza



Figura 62– Corrimão de apoio a percurso pedestre



Figura 63 – Caminho de pé posto paralelo ao rio

Tabela 2- Síntese dos casos de estudo

	Sítios/ Lugares	Estratégias de Intervenção
<p>A VALORIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO</p> <p>Compreender a organização, e contextualização da intervenção, as opções tomadas no projeto arquitetura e respetivas estratégias de valorização.</p>	Castelo de Ródão e Capela da Sr. ^a do Castelo	<p>Introdução de um conjunto de unidades funcionais</p> <p>Introdução de um percurso intencional</p> <p>Enquadramento paisagístico e potenciação da localização privilegiada.</p> <p>Definição de equilíbrios ente elementos edificados.</p>
	Musealização da Estação Arqueológica da Foz de Enxarrique	<p>Proteção e musealização do núcleo arqueológico</p> <p>Implementação de um projeto de escavação-escola</p> <p>Construção de um espaço verde de recreio e lazer</p> <p>Interpretação da paisagem no plano da perceção e na recuperação do seu sentido contemplativo</p>
	Caminho e Calçada da Telhada	<p>Estudo arqueológico da estrutura viária e ocorrências interligadas</p> <p>Viabilização e recuperação da estrutura</p> <p>Definição sinalização e homologação do percurso pedestre</p> <p>Evidência das pré-existências</p>
<p>A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO</p> <p>Esclarecer modelos de gestão. Compreender como o projeto de intervenção se relacionou no processo de organização e de construção da paisagem.</p>	Arte rupestre de Vale Camonica	<p>Modelo de gestão multinuclear, repartido por vários parques e reservas arqueológicas.</p> <p>Proteção e musealização dos núcleos arqueológicos</p> <p>Relação com a envolvente artificializada.</p>
	Parque Arqueológico do Vale do Côa	<p>Modelo de gestão nuclear, que se articula entre as diversas unidades funcionais.</p> <p>Proteção do núcleo arqueológico</p> <p>Introdução de pequenas intervenções de apoio na visita nos núcleos arqueológicos.</p> <p>Forte relação do sítio com a paisagem.</p>
	Dinamização da área arqueológica do Vale do Ocreza	<p>Modelo de gestão distante, centrado numa estrutura museológica.</p> <p>Execução de pequenas ações de manutenção</p> <p>Percurso sem sinalização</p> <p>Integração completa com a paisagem</p>

2.3. ANÁLISE CONCLUSIVA

A abordagem a este exercício procurou encontrar afinidades entre as tipologias selecionadas, que de acordo com o nosso ponto de vista apresentam significativas afinidades projetais entre si, traduzindo padrões de atuação que pela sua proximidade podem configurar possíveis processos metodológicos. Um conjunto de projetos que apesar de terem características, objetivos e programas diferenciados, constituem-se como exemplos de reconstrução identitária do lugar e consecutivamente de construção de paisagem, soluções concetuais que comprovam as diferentes adaptações tipológicas e funcionais a cada espaço, manifestando através do projeto a estrutura cultural e natural do lugar e enfatizando dessa forma o carácter desse lugar.

Esta análise vem reforçar a afirmação de um modelo de atuação padronizado no Vale do Tejo, no que diz respeito a sítios arqueológicos musealizados, um modelo que sendo similar nos casos de estudo, é racionalizado e simplificado e que resulta da necessidade de encontrar soluções equilibradas e compatíveis com uma realidade identitária essencialmente vincada pelas condicionantes naturais, um modelo que permite enumerar um conjunto de fatores nos quais se destacam:

- As condicionantes biofísicas e funcionais que definem e estruturam o lugar morfológicamente
- A contribuição do programa pelo qual se define o processo de gestão do sítio arqueológico
- Os conteúdos funcionais: quer sejam museológicos, informativos, ou de carácter de lazer e educativo
- A articulação com o vestígio arqueológico: proximidade, visibilidade, envolvimento e sobreposição
- A relação com a paisagem envolvente,
- A acentuação do carácter interpretativo dos percursos,
- Os conceitos de reabilitação, valorização e reversibilidade.

A intervenção no sítio arqueológico pode constituir desta forma uma oportunidade de evidenciar uma visão holística entre o lugar (estrutura arqueológica) e as rela-

ções envolventes (naturais e culturais), resultando em uma janela de oportunidade que no caso do Vale do Tejo se monumentaliza pela vasta herança cultural testemunhada por centenas de sítios arqueológicos, e que pode permitir segundo a nossa leitura, reinterpretar através de um conjunto de ações o corredor fluvial entre a barragem de Cedillo e a foz do Rio Ocreza. A polarização de novas intervenções, com o apoio das estruturas de retaguarda existentes como por exemplo o Centro de Interpretação de Arte Rupestre ou dos diversos núcleos e sítios arqueológicos musealizados, interligados em rede com base na herança patrimonial descrita, poderiam sustentar um modelo de organização cultural único na região.

Os exemplos descritos na segunda análise aos casos de estudo, a Valorização do Território, apresentam analogias conceptuais de ordem programática e estratégias de implementação que de alguma forma os aproximam, apesar das suas diferenças inerentes. É segundo este exercício que se tira também algumas breves conclusões:

- Apesar dos diferentes contextos de inserção, todas as intervenções estão vinculadas com a paisagem e com vestígios marcadamente arqueológicos.
- Em todos os projetos analisados, verifica-se uma abordagem relativamente semelhante ao nível de implementação de estratégias de gestão e conceção.
- Independentemente do sistema ou estratégia utilizados em cada um dos projetos, existe uma clara intenção de convocação do sentido de experiência do lugar.
- A relação e o discurso entre as diversas partes acontecem através de vários momentos que se relacionam entre si ou pelo percurso físico incutido, ou através de uma dialética temporal ou espacial.
- A estrutura conceptual advém à estrutura pré-existente numa lógica articuladora e evocativa de significados, conferindo um carácter experimental a cada uma das propostas.

De um modo genérico as duas análises clarificam e revelam estratégias de intervenção, que podem ser referenciadas num modelo padrão a utilizar em novas conceções, um modelo conceptual que articule simultaneamente os dois campos de ação, interno e externo ao núcleo arqueológico, um modelo conceptual que se complete e que proporcione através de si próprio o diálogo entre as diferentes realidades.

TERCEIRA PARTE

3. TIPOLOGIAS DE INTERVENÇÃO

Se o homem pré-histórico fez oferendas ao deus das águas para que o leito do rio subisse de nível, seria bom que, pelo menos uma vez por ano, a albufeira da barragem pudesse descer - permitindo que nas suas margens se realizasse um autêntico festival de cultura, que ali atrairia, sem dúvida, todos os grandes arqueólogos e historiadores do mundo.

(Caires, 1974, p. 36)

O processo de intervenção corresponde ao momento de decisão, de ansiedade e de entusiasmo para avançar, corresponde de igual forma ao momento de suscitar dúvidas de desenvolver e elaborar ações, de contornar obstáculos pelo exercício do projeto, de originar ações de vislumbrar conclusões, como refere Aldo Rossi, o projeto “deve ser de algum modo conclusivo, mesmo que seja apenas para poder ser repetido com leves variações ou deslocamentos, ou assimilado por novos projetos, novos lugares e novas técnicas: outras formas de deslumbrarmos sempre um pouco da vida” (1982, p. 1) é neste sentido figurado, de mutação, de transformação e valorização do lugar-paisagem referenciado neste contexto pelo sítio arqueológico, que se abordam os diferentes casos de estudo, se definem e testam tipologias de intervenção, procuram e aplicam métodos de pesquisa que se vão perfilando e reajustando de acordo com os objetivos, programas e intenções da investigação.

Inquietante o projeto de arquitetura persegue esta metodologia, exercita-se e ensaia-se, propõe estratégias e modelos de intervenção que sendo conduzidos pela investigação se vão aperfeiçoando, pelo jogo mútuo de construção e absorção simultânea de conhecimento, pelo o exercício do desenho, pela procura de formas de expressão, pela inserção de intenções interpretativas e pela exponenciação de sentidos que de algum modo permitiam compreender o contexto de determinado lugar.

Um projeto que se torna “prospetivo e retrospectivo, que ultrapassa os domínios da arquitetura e demonstra que é capaz de abordar programas culturais mais vastos.” (Lopes D. S., 2016, p. 202), transcendendo-se, sem que por vezes se tenha essa consciência inicial, constituindo-se a si próprio à medida que se “mergulha no conhecimento”, neste caso, pelo caminho da investigação ou pela partilha disciplinar, ou simplesmente pela insistência da não se encontrar ainda satisfeito com a solução encontrada. Será por esta via que o projeto se enriquece, ganha certezas e justifica-se nas decisões tomadas, contornando obstáculos quer de ordem concetual quer técnicos, dependendo do contexto de intervenção, quer inclusive de manutenção e musealização, como por exemplo os verificados no Sítio Arqueológico da Foz de Enxarrique, respondendo por um lado aos objetivos programáticos definidos, e por outro lado, instigando à vontade de continuar a superar-se.

A afirmação proferida por Emmanuel Anati⁸³ na conferência de imprensa realizada após a sua visita ao Vale do Tejo em inícios de 1974 (Caires, 1974, p. 32), preconiza um dos momentos decisivos e simbólicos deste trabalho. Uma afirmação no nosso entender, se encarou como um desafio e como oportunidade de refletir sobre as possibilidades da sua implementação em alguns dos principais núcleos arqueológicos do complexo rupestre, nomeadamente aqueles que não se encontram acessíveis.

A redução de caudal em períodos estivais constitui uma solução defendida por alguns arqueólogos e pela CMVVR até um passado recente, perante a proprietária da Barragem do Fratel, uma ação que no entender dos seus defensores permitiria estudar e visualizar as gravuras quatro décadas após a sua submersão. Uma sensibilização que demonstrou abertura e interesse de colaboração por parte da EDP, e que segundo a autarquia a empresa estaria aberta à colaborar⁸⁴, mas que nunca chegou a efetivar-se talvez devido ao abandono da persuasão e ao detrimento desta opção política como estratégia de atuação por parte de novos decisores.

A proposta consistia em efetuar a descida pontual do nível da água⁸⁵, durante o verão, por um período aproximado de dois meses, permitindo em zonas de pouca profundidade aceder a algumas rochas e painéis com gravuras. António Martinho Baptista sugere mesmo, em entrevista à data da inauguração do CIARVT, que seria suficiente uma descida de dois a três metros, para visualizar grande parte das gravuras, descida que poderia ser consolidada pela introdução nestes locais de pequenas construções de alvenaria de pedra (açudes ou ensecadeiras⁸⁶), um projeto que incluiria segundo as suas indicações, a construção de "uma bacia, uma espécie de bolsa de água, para que centenas e centenas de gravuras pudessem ser vistas fora de água" (Domingues C. , 2012)

⁸³Emmanuel Anati, paleontólogo e membro fundador do Comité Internacional de Arte Rupestre (CAR) e do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), fundador e diretor do centro Camuno diStudiPreistoriciinCapodi Ponte, mentor e propulsor do complexo rupestre de Vale Camónica, manteve uma relação muito próxima com o Vale do Tejo na década de 70.

⁸⁴Diário de Notícias, Edição de 23 Set, 2012, pag. 22.

⁸⁵ Até ao momento apenas se conhecem alguns registos de descidas pontuais da cota mínima da albufeira, verificados em situações de manutenção e limpeza da barragem.

⁸⁶Estrutura utilizada em cursos de água para criar de áreas secas de forma a viabilizar construções.

Esta possibilidade de introduzir um processo construtivo vernacular parece-nos uma solução credível e possível de ser adaptável em sítios arqueológicos acessíveis ou situados a pouca profundidade, uma intenção de projeto que ensaiamos na proposta para o núcleo do Cachão do Algarve, e que de alguma forma nos possibilita questionar no território uma rede de locais visitáveis em épocas de caudal reduzido, à semelhança da visão preconizada por Anati (1994).⁸⁷

Este terá sido o primeiro ímpeto para a reflexão deste trabalho: procurar mecanismos que permitissem aceder e expor a gravura rupestre no seu contexto de inserção. Mecanismos que possibilitassem a sua leitura ao fim de décadas de imersão, de alguma forma impulsionada pelas sugestões proferidas em 1974 e 2012, uma possibilidade que podia alterar o conceito de visualização da arte rupestre ao ar livre a nível mundial.

Uma procura que se iniciou pela necessidade de manifestar a singela representatividade da gravura, focando-se inicialmente apenas neste objetivo, quer pela utilização de hipotéticos processos de construção vernacular em zonas de menor profundidade como no Cachão do Algarve, quer por utilização de processos de representação em zonas irremediavelmente inacessíveis, como por exemplo na proposta desenvolvida para o núcleo arqueológico do Fratel – Cachão do Boi.

Uma atitude que se demonstrou prematura, uma ideia fixa que se abandonou à medida que a investigação se ia desenvolvendo e prosseguindo, e os seus pressupostos e intenções se iam clarificando. À visualização intencional e inicial do objeto (gravura) como primeira aproximação, surgiram naturalmente as primeiras abordagens de projeto que sendo sumárias e imediatas se tornaram inconsistentes e insuficientes perante a leitura global do lugar onde esta se insere, onde se complementa e do qual é indissociável.

O lugar tornou-se progressivamente o elemento indissociável e indispensável à sua leitura, nem sempre constituindo uma constatação direta e perceptível mas que se foi construindo conscientemente à medida que se descodifica.

⁸⁷ Proposta que foi apresentada a Emmanuel Anati em setembro de 2015, durante o XXVI Valcamonica Symposium, que validando-a sugeriu a sua aplicação em algumas zonas arqueológicas de Siega Verde - Salamanca.

Á perspectiva direcionada inicialmente surgiu a necessidade de compreensão das diversas camadas que constroem a paisagem, e a necessidade de esclarecer a relação que o homem estabeleceu ao longo do tempo com essa mesma paisagem.

Um processo de descodificação que se torna reversivelmente obrigatório: do elemento que despoleta a ação (a gravura), parte-se para a análise das estruturas da paisagem nas suas diversas estruturas: Ecológica, Cultural e Afetiva. Relacionamos a gravura com meio onde se insere, através de uma correspondência efetiva num constante retorno à essência do lugar, recriando desta forma um movimento paradoxalmente muito mais abrangente e mais próximo da leitura global que se pretende, e que não é visível através de uma abordagem imediata e objetiva.

Do ímpeto inicial (natural e espontâneo), consolidou-se a investigação através da pesquisa em projeto – *Research by Design*, questionou-se o lugar, testaram-se hipóteses e estabeleceram-se percursos a par com a pesquisa, operou-se em tempo real e em simultâneo com o campo prático e com o campo científico, corrigiram-se trajetórias reafirmaram-se opções concetuais e traçaram-se novos objetivos.

Um método de pesquisa que se tona reversível, quer pela aplicação direta dos dados que se vão adquirindo quer pelo complemento teórico que a pesquisa sustenta na intervenção. Uma pesquisa que se inicia na prática, que persegue a resolução de um problema, que tenta gerir as diversas relações atuantes entre o objeto, o modelo e a pergunta, os métodos e os processos, que resulta num modelo experimental e expressivo para pesquisar e contribuir com teorias, racionalização e generalização sobre o objeto.

É através do relato do processo refletivo, que clarificamos as diferentes opções de projeto e as diversas tipologias de intervenção para cada núcleo arqueológico, uma descrição que se pretende objetiva e clarificadora quer das metodologias utilizadas, quer das complementaridades necessárias para a (re)construção da própria trajetória da investigação.

3.1. PROJETAR SOBRE O TERRITÓRIO

Na primeira abordagem as propostas de projeto direcionam-se aos quatro núcleos mais representativos do complexo rupestre: S. Simão a jusante da barragem de Cedillo, Cachão do Algarve perto da aldeia de Perais, Cachão do Boi⁸⁸ junto ao apeadeiro do Fratel e Gardete a jusante da Barragem do Fratel (figura 64). Dos núcleos mencionados o Cachão do Boi e Cachão do Algarve encontram-se inacessíveis, Gardete e S. Simão permitem ainda a visita a alguns painéis gravados⁸⁹.

A estratégia de abordagem cingiu-se, numa primeira fase, à leitura e análise dos elementos disponíveis sobre o complexo rupestre, nomeadamente os elementos de índole bibliográfica e gráfica, uma matéria que se encontra disponível e que incorpora o discurso científico do qual se extraiu o essencial para a formulação das propostas apresentadas. Da análise documental parte-se então para o reconhecimento do lugar, através da observação e interpretação dos sistemas e subsistemas que podem condicionar e direcionar a ação, adota-se de seguida os instrumentos formais, teóricos e práticos da disciplina como o desenho, a análise e a composição conceptual, pelos quais se pretende revelar e despertar os diversos sentidos do lugar de acordo com a lógica e a intenção do projeto. É o impulso inicial autoral que nos permite desenvolver um conjunto de reflexões, um processo determinante para a fundamentação de novas propostas e conceptualização de um modelo de gestão para o território. É ao considerarmos a metáfora da paisagem como palimpsesto⁹⁰ que nos questionamos como intervir perante a singularidade do lugar, quais os instrumentos de composição e qual a perenidade da solução a introduzir, conscientes que qualquer proposta de intervenção num território com esta complexidade terá necessariamente de passar por compreender e sintetizar as suas diversas tipologias que influem na paisagem.

⁸⁸ Como curiosidade apenas no núcleo do Cachão do Boi no Fratel foi iniciado uma abertura de procedimentos de classificação (Anúncio nº 2867/2012, DR, 2ª Série -N, 30º de 10 de Fevereiro), sem que sejam conhecidos qualquer resolução definitiva.

⁸⁹ Devido a se encontrarem fora do limite da albufeira próximo das zonas de descargas de ambas as barragens. Uma situação que coloca em perigo eminente a conservação devido ao movimento constante de subida e descida do nível da água que provoca fissuração e desgaste nos suportes e nas gravuras.

⁹⁰ Remetemos para o sentido da metáfora textual de Álvaro Domingues, da rescrição sobre as reminiscências da paisagem de um texto ainda por escrever, sem epílogo definido mas que utiliza para o efeito o mesmo suporte de escrita: “O texto que desaparece deixando as marcas possíveis, e o outro texto que ainda não está construído, que ainda não é decifrado como algo coerente. O pergamino permanece apesar de tudo”. (Domingues Á., 2001, p. 59)

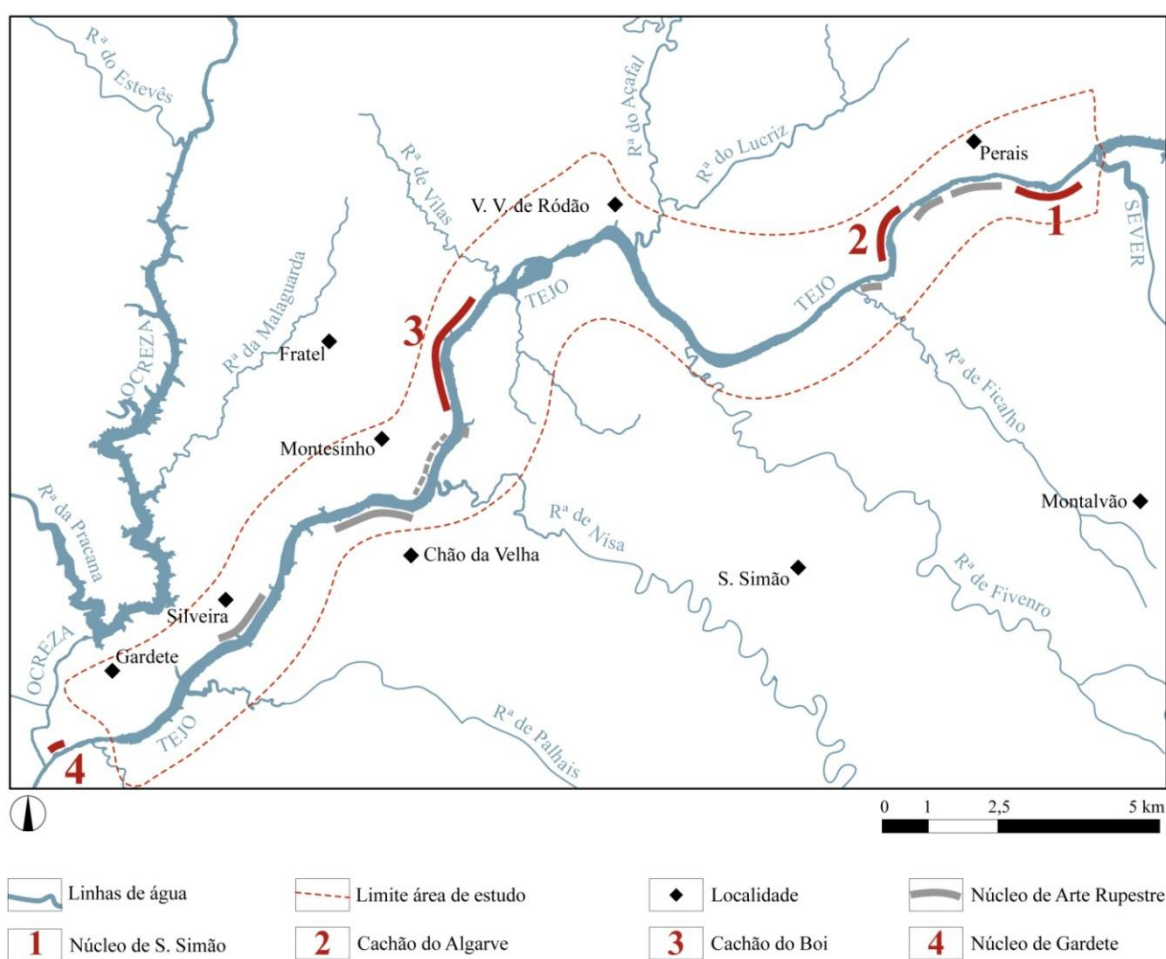


Figura 67– Localização dos locais de intervenção

3.1.1. NÚCLEO DE SÃO SIMÃO

É o sector arqueológico mais a montante do complexo, e ocupa algumas centenas de metros da margem esquerda do Tejo, (figura 66) sensivelmente entre a barragem de Cedillo e a foz do Ribeirão, local onde foram identificadas mais de três centenas de rochas gravadas⁹¹, onde que se encontra o melhor conjunto cénico de toda a arte do Vale do Tejo: a rocha do homem com o veado morto e um hipotético sistema numeral pré-histórico.⁹² Um conjunto de gravuras que a par com as inúmeras rochas visitáveis permite equacionar um percurso interpretado, acessível quer por atracagem com saída do porto fluvial de Perais, quer por implementação de um caminho pedestre desde da barragem de Cedillo.



Figura 65 – Vista jusante do núcleo de S. Simão. Uma nota para a constante variação do caudal e corrente do Rio devido às constantes descargas da barragem, condicionando o acesso a alguns painéis com gravuras.

⁹¹ No contexto arqueológico a concentração de gravuras relaciona-se com as inúmeras pequenas sepulturas megalíticas, em xisto, situadas nas margens sul do Rio Tejo e seus afluentes. Reconhecendo-se através destes dois registos a base económica destas comunidades, que segundo Jorge de Oliveira, assentaria maioritariamente, na atividade de pastorícia decorrida, ciclicamente, entre o final da Primavera e o Outono, durante os movimentos de transumância. (Oliveira, 1997). Desconhece-se a extensão de sítios gravados a montante da Barragem de Cedillo, devido a não terem sido efetuados registos e prospeções antes da sua construção na década de sessenta. No entanto, considerando a quantidade de vestígios megalíticos e arqueológicos desde a pré-história até à idade do Bronze na zona interior da bacia do Tejo, nomeadamente em Santiago de Alcântara, tudo indica que a sucessão de núcleos de arte rupestre e gravuras ao longo das margens seria extensa, correlacionando-se diretamente com os sítios de habitat e suportes /lugares que permitissem a gravação das gravuras e a marcação territorial das suas comunidades, sobre o assunto ver Bueno, de Balbín, & Barroso, 2008.

⁹² Ver conjunto de imagens na figura 13, pag.51.

As gravuras dispersam-se ao longo da margem, concentrando-se em alguns pontos específicos onde o suporte se mostra mais propício para a gravação⁹³, é considerando-se esta disposição e acessibilidade permanente de alguns painéis que se lista algumas ações de intervenções, que procuram corresponder às duas opções de acesso e visita fluvial e a pedestre. O circuito interpretativo proposto poderia ser complementado sob a orientação de guia especializado e pelo fornecimento de fichas de campo com conteúdo arqueológico e planta de localização das gravuras, possibilitando desta forma a descoberta individual e o encontro casuístico por parte dos visitantes.

Um programa de visita que podia ser enriquecido pela utilização de alguns espaços museológicos existentes como o Núcleo Museológico de Perais na margem direita, ou a implementar como por exemplo na desativada escola primária da Aldeia de Montalvão⁹⁴, possivelmente à semelhança do Centro Interpretativo do Conhal do Arneiro que ocupa o edifício da antiga escola primária (Monte do Duque), do Arneiro.

Uma opção consistente que permitiria impor nova dinâmica a um equipamento desativado servindo este como ponto de receção de visitantes, libertando outras infraestruturas existentes como por exemplo o antigo posto fronteiriço (figura 70) para o apoio necessários ao funcionamento, limpeza e manutenção do sítio arqueológico.⁹⁵

A tipologia de intervenção poderá seguir o modelo implementado no PAVC, articulado neste caso entre o CIARVT e os centros de interpretação segundo a proposta sugerida, implementando-se um projeto de musealização para o núcleo arqueológico.

Compete à disciplina da arquitetura responder ao programa estabelecido e às ações de intervenção, mas essencialmente perante esse programa incrementar a sua leitura ao lugar, propondo novas leituras à semelhança dos casos de estudo apresentados, quer no que diz respeito à valorização do sítio arqueológico quer do território.

⁹³ Alguns dos painéis de gravuras estão sujeitos à pressão contínua das descargas da barragem, provocando o desgaste das superfícies rochosas e permitindo a acumulação de detritos e o depósito de agentes poluentes, facilmente visíveis pela coloração negra das superfícies rochosas nas zonas sujeitas a maior pressão, o que vem reforçar a necessidade de implementar medidas preventivas e ativas específicas

⁹⁴ Uma proposta sugerida a António Martinho Baptista pelo Município de Nisa mas sem repercussões até ao momento, mas que vinha permitir não só a valorização patrimonial do núcleo como o envolvimento da comunidade local essencial na sua preservação.

⁹⁵ À semelhança da utilização dada a algumas pré-existências nos parques de Massi di Cemmo e Naquane, em Valle Camonica.

Listagem de ações de intervenção:

- 1 *Acesso e informação complementar*
- 2 *Executar degraus e corrimão junto da linha de água*
- 3 *Possibilitar passagem da linha de água*
- 4 *Limpeza e condicionamento de percurso*
- 5 *Limpeza das rochas e zona envolvente*
- 6 *Rochas gravadas*
- 7 *Introduzir uma zona de descanso e contemplação*
- 8 *Execução de ancoradouro*
- 9 *Recuperação de edificado para ponto de apoio e manutenção*
- 10 *Acesso ao parque de merendas*

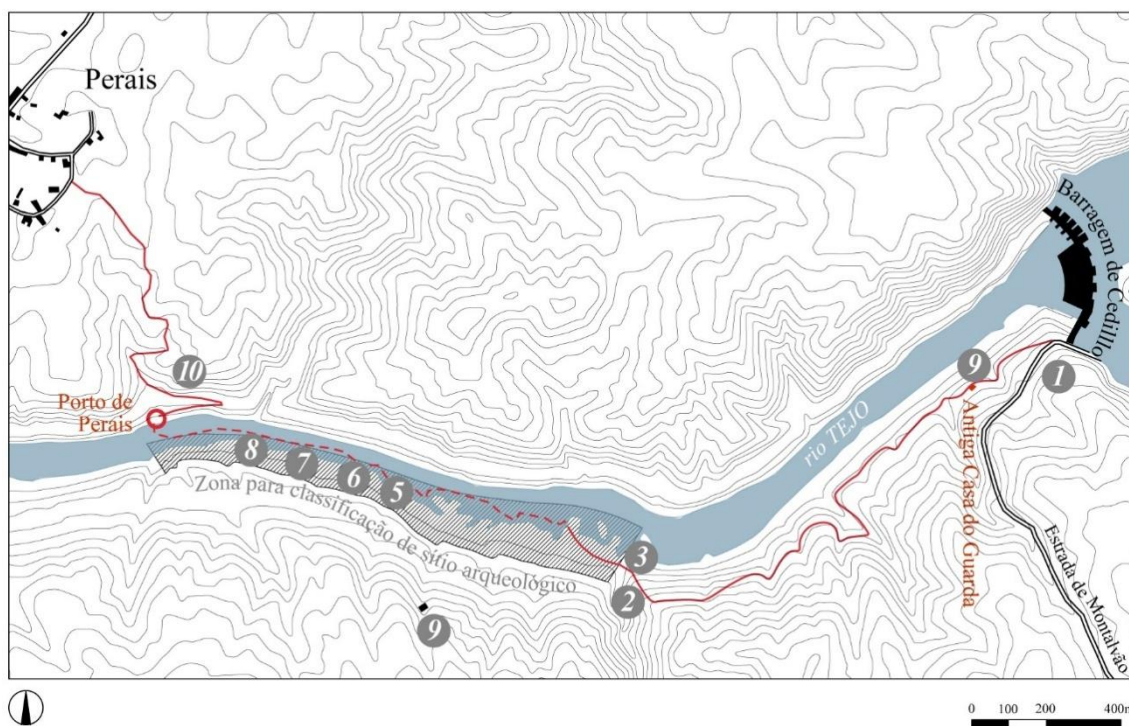


Figura 66 – Planta da proposta para o núcleo de S. Simão



Figura 20-Linha de água . Situação 3



Figura 68- Rochas gravadas. Situação 6



Figura 69-Zona de atracagem atual. Situação 8



Figura 70- Posto transfronteiriço. Situação 9

3.1.2. NÚCLEO DE CACHÃO DO ALGARVE

O núcleo de Cachão do Algarve⁹⁶ situa-se a cerca de 8km a montante de Vila Velha de Ródão, numa ampla bacia da margem direita rasgada pelo rio, “é o núcleo onde se encontram as maiores concentrações geométricas por painel, que se agrupam em amplos conjuntos no sector médio desta estação, merecendo destaque as representações de espirais e figuras humanas semi-naturalistas” (CIART, 2017), núcleo que se encontra totalmente submerso e inacessível a cerca de 1,5 a 2 metros de profundidade.



Figura 71 – Vista jusante do núcleo do Cachão do Algarve.

Destacam-se como preexistências do lugar um açude em aparelho de pedra , designado por ensecadeira⁹⁷, e que outrora conduziria o leito do rio até uma azenha ainda com vestígios visíveis a pouca profundidade, ver figura 77. O desenho destas duas infraestruturas implanta-se segundo as condicionantes geológicas do lugar contornando o conjunto de afloramentos rochosos, onde se encontram os painéis de gravuras, um posicionamento que de uma forma casual circunscreve o núcleo do Cachão do Algarve

⁹⁶O sítio Cachão do Algarve juntamente com o Cachão do Boi no Fratel, são considerados os núcleos gravados mais importantes de todo o complexo tanto pela densidade e riqueza das suas gravuras, como por se encontrar no centro do complexo em termos espaciais.

⁹⁷Provavelmente com o mesmo sistema construtivo utilizado nos muros de sirga

A possibilidade de tirar partido desta pré-existência parece-nos uma oportunidade de poder imergir sazonalmente um dos núcleos mais emblemáticos do complexo rupestre do Vale do Tejo⁹⁸. Uma intenção que seria possível de equacionar com a reconstrução do açude alterando a sua cota de coroamento em cerca de 1 a 2 metros⁹⁹. Que coordenada com a variação das descargas da barragem de Cedillo, tornariam o sítio arqueológico num local visitável em épocas de caudal reduzido, constituindo desta forma um momento singular e referenciador de todo o complexo rupestre à semelhança da proposta sugerida por Emanuel Anati após a visita efetuada em 1974.¹⁰⁰

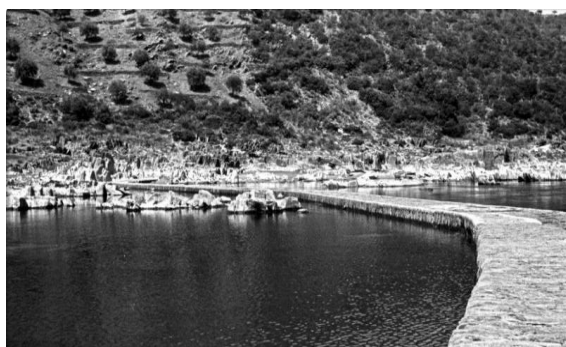


Figura 72- Pormenor do açude, 1973

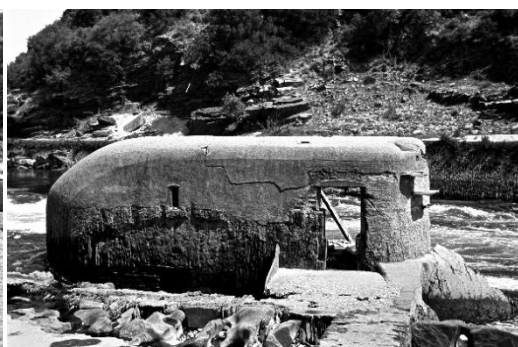


Figura 73- Azenha do Cachão do Algarve, 1973

⁹⁸Convoca-se em jeito de reflexão algumas intenções semelhantes de projetos não concretizadas que procuraram tornar acessível algum património arqueológico submerso em albufeiras, como o caso do projeto Seuthopolis (http://sevtopolis.suhranibulgarskoto.org/en_obekt.php), que pretende emergir uma cidade trácia na Bulgária, que pela sua escala não permitiu a sua execução. Uma proposta referenciada como caso de estudo, desproporcionada no contexto do Vale do Tejo e discutível no âmbito de várias disciplinas (que não reportaremos para esta análise), interessa-nos apenas assinalar perante o projeto supracitado o contraste no princípio de intervenção, se por um lado temos uma intervenção expressivamente submetida, pelo outro lado, temos uma reutilização de um processo construtivo vernacular, que no caso do Cachão do Algarve apesar das evidentes dificuldades de execução técnica e das condicionantes naturais verificadas (corrente de rio, constante variação de caudais, acumulação de detritos) permite de alguma forma questionar a sua exequibilidade.

⁹⁹Para execução de uma proposta com estas características seria necessário levantar com detalhe a morfologia do leito do rio, uma operação simples de ser efetuada através da utilização de um sonar multifeixe ou de varrimento lateral, fornecendo desta forma dados sobre as infraestruturas submersas, profundidade das rochas gravadas e espessura dos sedimentos acumulados. Outros estudos teriam obviamente de ser necessários obter mas que não são intenção de desenvolver nesta dissertação, nomeadamente para dimensionamento da estrutura hidráulica a conceber e para as medidas preventivas a acautelar, quer para a variação constante do caudal quer para os possíveis desassoreamentos resultantes da alteração da direção de correntes

¹⁰⁰ Ver citação transcrita na página 118..

Apesar da alteração de cota de coroamento do açude, algumas gravuras provavelmente ficarão submersas e recobertas de sedimentos, no entanto esta situação poderia também ser explorada com outra possibilidade como sugere Jean Yves Blot¹⁰¹, que equaciona a hipótese de utilizar as gravuras a pouca profundidade não apenas para estudos arqueológicos¹⁰² mas também no âmbito de outras utilizações, nomeadamente: de utilizar as gravuras situadas a pouca profundidade para um mergulho em *águas sem visibilidade*¹⁰³ para a comunidade de invisuais. Uma proposta que transcreve uma forma interessante de contacto e perceção das gravuras, nomeadamente à sua leitura sensorial e cognitiva, como a outro tipo de dimensão relacionada com o conceito de Paisagens Submersas, tornando-se assim um contributo significativo para a preservação e consequente valorização do núcleo arqueológico.

Uma proposta diferenciada direccionada para a interpretação e preservação da gravura no seu ambiente natural, e na qual, pode se inserir todo um programa de musealização, que a par com o conjunto de ações de intervenção que se propõe, facultariam a leitura do lugar no seu contexto global como a sua abertura e acessibilidade .

Um conjunto de ações que se define essencialmente pela inserção de um caminho pedonal a nascente e pela definição zonas de atracagem, permitindo desta forma o acesso fluvial, que poderá ser efetuado por jusante vindo de Vila de Rodão ou por montante desde o cais de Perais, acrescentando desta forma um novo ponto de interesse e de visita ao longo do rio.

¹⁰¹Jean Yves Blot, arqueólogo (especialista em meio náutico), visitou Vila Velha de Ródão em 2016 no âmbito de outro projeto sobre arqueologia dos núcleos urbanos e o papel da função portuária na origem desses núcleos urbanos, o que permitiu trocar algumas impressões sobre uma missão deste tipo , nomeadamente quanto à possibilidade de efetuar um mergulho em visibilidade nula e à necessária preparação específica para essa ação .Um dos fatos a ter em conta e positivo, é o das gravuras rupestres deste núcleo estarem maioritariamente gravadas em superfícies planas, facilitando o registo fotográfico subaquático , por exemplo, com uma caixa com cerca de 25 a 20 cm de espessura fechada em plexiglass, proporcionando uma coluna de água clara fechada, a qual se aplica contra o objeto a fotografar, um processo difícil e moroso mas possível que passaria pelas seguintes fases de execução:

- 1- Documentação e caracterização do caso (dinâmica sedimentar, hidrodinâmica, petrologia...)
- 2- Reconhecimento sonar alta frequência (melhor resolução, 600khz ou mais) da(s) zona(s) submersa(s)
- 3- Reconhecimento da espessura de sedimento , desta vez com outro tipo de tecnologia (sub bottom profiler ou equivalente)
- 4- Caracterização 3D (sonar multifeixe ou «multibeam») e respetiva análise quantitativa de toda a paisagem submersa abrangida pelo estudo e identificação do macro e micro relevo das áreas a investigar em detalhe
- 5- Reconhecimento tátil e fotográfico de algumas gravuras mais fáceis de alcance para caracterização metodológica preliminar

¹⁰²Como por exemplo o cálculo da espessura de sedimentos, perceção do desgaste e deterioração das gravuras e consequentes da pressão das descargas da barragem de Cedilho.

¹⁰³O tema do mergulho nas águas do rio atual levanta inúmeros problemas, mas todos com solução e o do mergulho sem visibilidade abre o leque (enorme em termos de público potencial) associado ao universo dos invisuais, exponenciando de alguma forma o território geográfico do Alto Tejo, quer no campo lúdico quer inclusive no campo pedagógico.

A disciplina da arquitetura neste exercício define-se como o mecanismo que despoleta e reflete, submetendo-se em paralelo ao projeto «real» no cenário «real», é o motor de um todo que permite passar as várias mensagens subjacentes ao próprio tema. É através da sua proposição que se realiza o processo necessário para reinterpretar a paisagem, um processo que se constrói pelo diálogo incessante e indispensável entre o tempo e a memória, a forma e o lugar.

É na reconstrução do lugar que fomentamos a proposta simultaneamente utópica e equacionável para o Cachão do Algarve, uma proposta que pretende refletir o conceito da paisagem como lugar, não visível, aparentemente caída numa lógica desarmónica, artificial e estática, uma proposta que persegue a recuperação do contexto funcional e simbólico do lugar, quer através da reutilização das infraestruturas existentes quer da permitida acessibilidade ao contexto arqueológico.

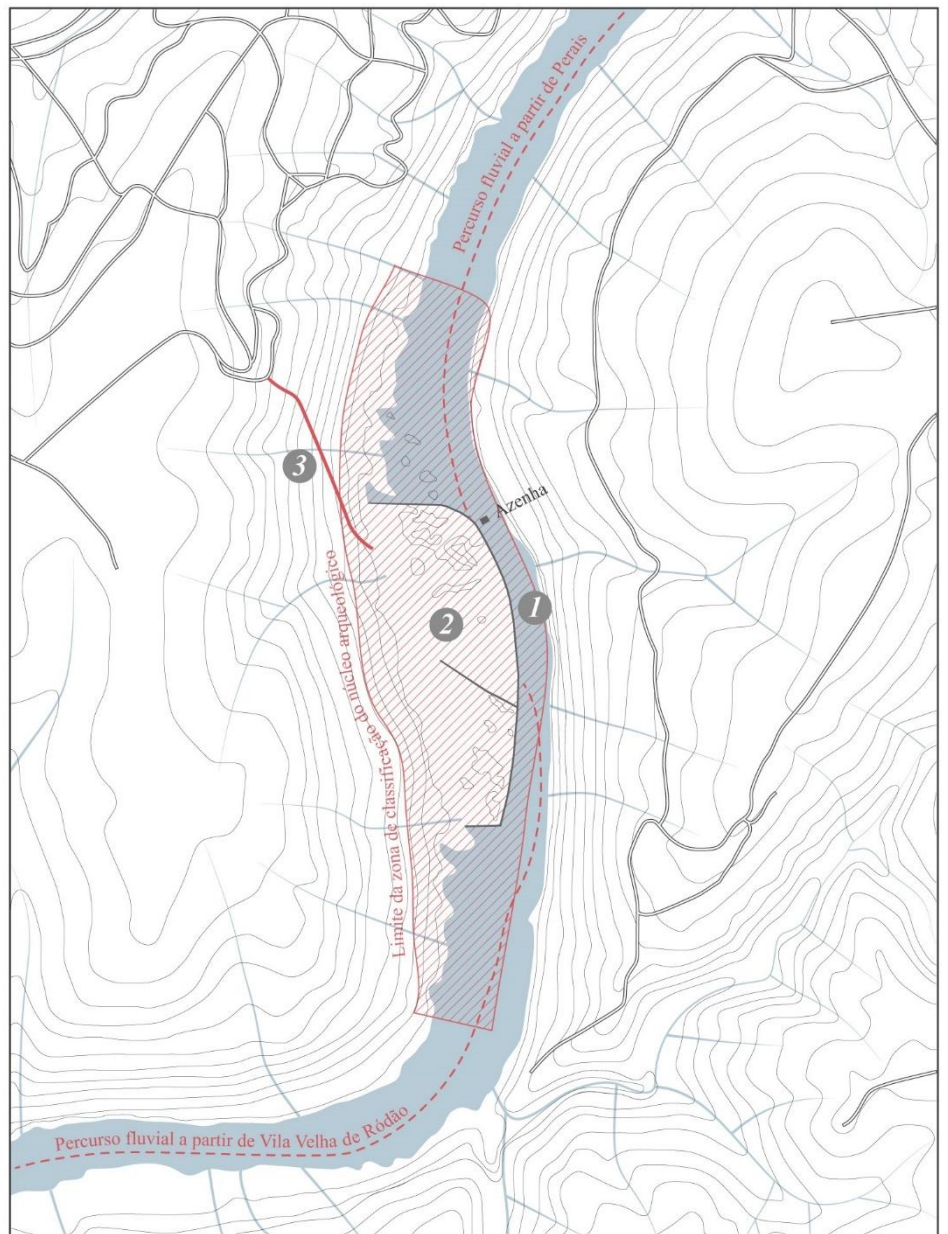
Propõem-se a afirmação do lugar na paisagem, lugar no qual se coloca a possibilidade de uma nova semiotização, um novo tempo, de reativação de leituras, de memórias através dos traços do seu passado. Precisamente por essa razão, de os lugares desempenharem a função objetiva de mediação entre o passado e o presente, de guardar memórias, e de manter visíveis quer os sinais desse passado quer das possibilidades de reativação.

À reativação, sobrepor-se-á o programa de musealização, de classificação, de preservação, de visita de leitura dos vestígios arqueológicos, ou possivelmente outras intenções dentro das limitações e equilíbrio dinâmico do lugar, permitindo com outras interpretações fazer brilhar o brilho do presente com a redescoberta dos recursos que o esquecimento preserva, através da recuperação de “vestígios, restos, destroços e sedimentos do passado” (Bonesio, 2009, p. 147).

No final, a uma sugestão proferida nos anos 70 durante uma visita de reconhecimento, define-se uma proposta conceptual pela intencionalidade do projeto de arquitetura, pela vontade de afirmação desse projeto e pela vontade de afirmação do valor cultural e natural que esse lugar proporciona, mesmo que não seja aparente e imediata a sua visibilidade.

Listagem de ações de intervenção:

- 1 *Reconstrução de ensecadeira*
- 2 *Emersão e limpeza do núcleo rupestre*
- 3 *Abertura de caminho de acesso*



0 50 150 300m

Figura 74 - Planta da proposta para o núcleo de S. Simão



Figura 75– Fotomontagem da reconstrução da ensecadeira. Situação 1

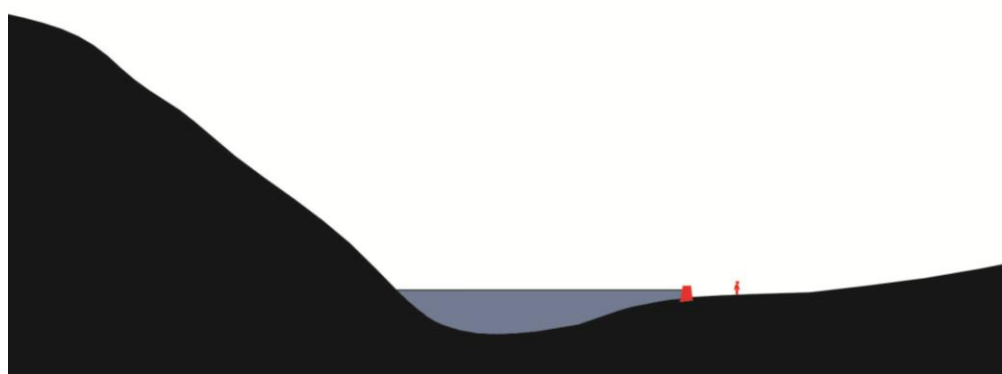


Figura 76- Intenção da proposta em corte. Situação 2



Figura 77 –Azenha submersa



Figura 78 –Gravura submersa

3.1.3. NÚCLEO DE CACHÃO DO BOI

O núcleo de Cachão do Boi situa-se junto ao ferroviário do Fratel, a jusante das Portas de Ródão e é o núcleo mais representativo do complexo, onde foram descobertas as primeiras gravuras em 1974. Atualmente encontram-se totalmente submersas pela albufeira de Fratel a cerca de 8 metros de profundidade, prevendo-se que estejam cobertas por 2 a 3 metros de sedimentos que foram acumulados durante décadas, tornando-as inacessíveis e provavelmente danificadas

O sítio desenvolve-se, “à semelhança do Cachão do Algarve, por uma ampla bacia pontilhada por alguns terraços com centenas de afloramentos” (CIART, 2017), junto a uma curva prolongada. A uma cota mais elevada implanta-se a linha de caminho-de-ferro que permite uma extensa correlação visual em toda a sua extensão com o espelho de água.



Figura 79- Núcleo de Cachão do Boi em 1972



Figura 80- Núcleo de Cachão do Boi na atualidade

Partindo-se do amplo espelho que cobre a estação arqueológica e da perspetiva visual que se obtém da linha de ferro, e do seu movimento deambulatório paralelo ao núcleo, propomos um conjunto de instalações temporárias sobre a superfície de água, um conjunto de ações que pretendem através de uma proposição interrogativa enfatizar o núcleo arqueológico e explorar a correlação que este mantém com o lugar.

Como primeira ação de intervenção, sugere-se uma instalação que reproduza na totalidade o núcleo arqueológico sobre o plano de água numa extensão com cerca de 1300m¹⁰⁴. A circunscrição com material refletor da periferia do núcleo, pretende acentuar a extensibilidade e de alguma forma potenciar o plano de água como plano de projeção para uma instalação audiovisual com conteúdos museológicos alusivos ao núcleo do Cachão do Boi e à restante arte rupestre do Tejo, facilmente perceptível de uma cota mais elevada, fixa, ou como se pretende, desde o interior das carruagens do caminho de ferro. Sobre o espelho de água posicionavam-se replicas em material flutuante dos painéis em látex¹⁰⁵ utilizados no processo de levantamento, colocados nos locais onde se situam as rochas mais emblemáticas do complexo, como por exemplo a rocha 155 (figura 81). As gravuras seriam recortadas em negativo, a uma escala que permitisse a sua leitura de aproximação nos frequentes passeios fluviais, podendo a respetiva informação temática ser complementada pelos guias dos cruzeiros.

Um conjunto de ações que pretende dinamizar a relação entre o núcleo e os diversos atores /espectadores, que define como objetivo despertar e reaproximar ao valor patrimonial e cultural que se encontra submerso, entendendo-se evidentemente que as alterações submetidas provocaram o distanciamento formal, quer de conteúdos quer de significados na leitura e na perceção desta paisagem.

É segundo esta perspetiva que se elabora uma proposta interativa ao longo da linha de ferro, do lado da albufeira, um ensaio artístico elaborado com um casal de artistas plásticos, que assume a função de experiência perceptiva predestinada aos utentes que circulam na linha da Beira Baixa.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Para a reprodução da instalação podia ser utilizado como a referencial a base do levantamento topográfico realizado antes do enchimento da albufeira

¹⁰⁵ Moldes em borracha que em alguns casos preenchem a dimensão completa da rocha medindo entre 2 a 3 metros de comprimento, que se encontram arquivados no Museu do Côa.

¹⁰⁶ Vide Apêndice I.

Se a este conjunto de ações se instalasse uma exposição permanente e museológica, por exemplo sobre as metodologias e processos de inventariação efetuados na década de 70, aproveitando-se para o efeito um dos edifícios devolutos no apeadeiro do Fratel (figura 82), permitiria recriar para além de uma leitura diacrónica um momento elucidativo sobre a descoberta deste achado singular, intrinsecamente ligado a um período decisivo da nossa história recente.



Figura 81 – Sector central da rocha 155.



Figura 82 – Edifício de apoio- Apeadeiro

Figura 83 – Moldagem da rocha155(1974)

LISTAGEM DE AÇÕES DE INTERVENÇÃO

- 1 Projecção mapeada
- 2 Réplicas em moldes de látex
- 3 Instalação artística “Site Specific”
- 4 Núcleo museológico

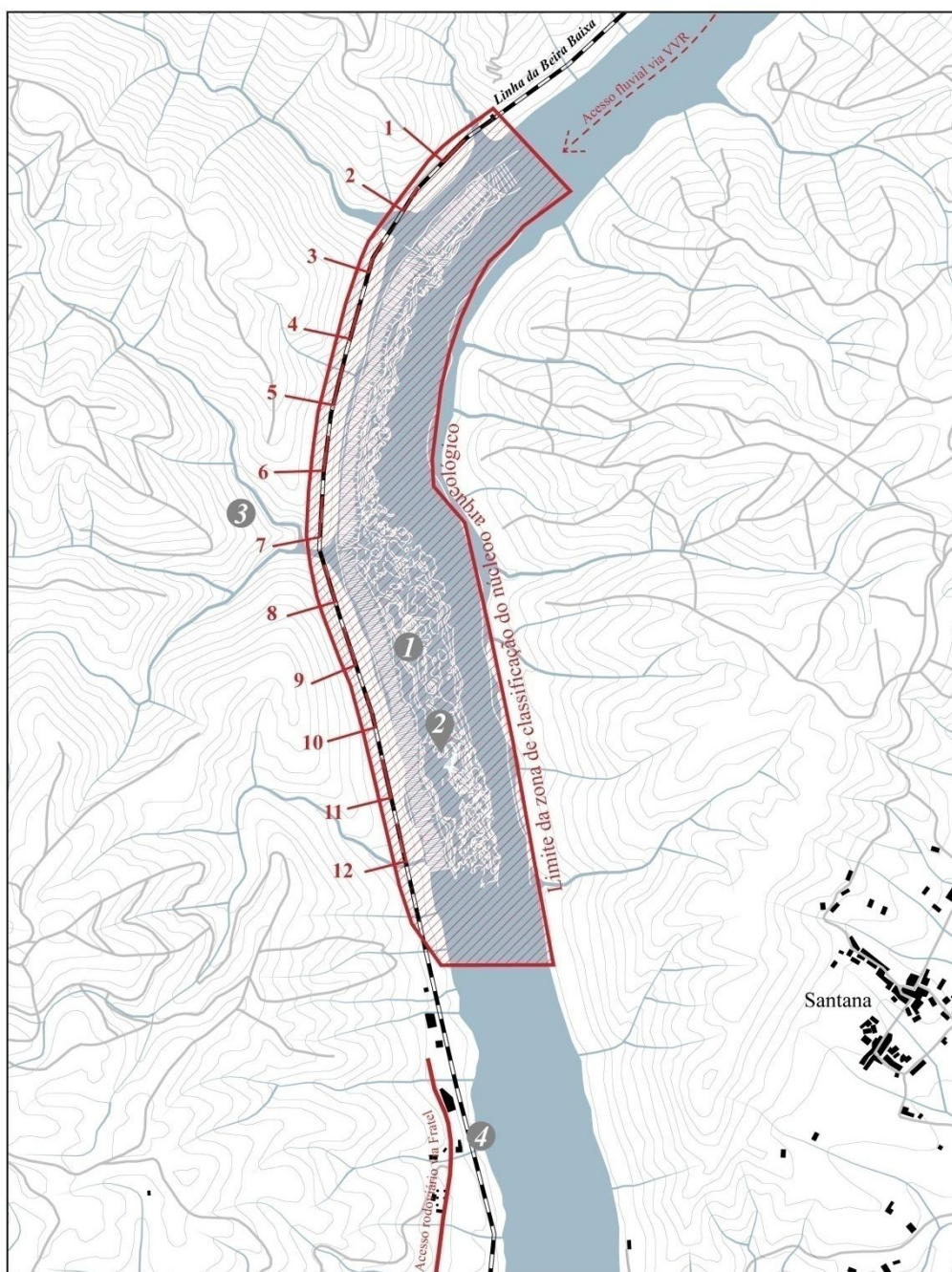


Figura 84- Planta da proposta para o núcleo de Cachão do Boi



Figura 85 - Intenção da proposta em corte. Situação 2



Figura 86 - Fotomontagem da instalação de superfície no núcleo do Cachão do Boi. Situação 1

3.1.4. NÚCLEO DE GARDETE

O núcleo situa-se 800m a jusante da barragem do Fratel, fora do limite da albufera e do nível médio das descargas da barragem, permitindo a sua acessibilidade com relativa segurança¹⁰⁷. É composto por um conjunto de rochas de topos aplanados que constituem um suporte privilegiado à inscrição de gravuras¹⁰⁸, facilmente visível da margem esquerda, o que sugere a sua utilização como marco territorial.

Inserido no vale encaixado por onde rio corre, a partir do núcleo é possível visualizar os restos do muro de sirga, outrora utilizado como apoio ao transporte fluvial, os muros de socalcos de oliveiras dispostos nas onduladas formas em ampla perspectiva, a linha férrea na margem direita a meia encosta, o paredão da barragem, que pela sua dimensão e escala se tornou o elemento referenciador de todo o vale.

É sobre o vínculo identitário desta paisagem que encetamos o diálogo entre o tempo e a memória, é através dos seus vestígios e das suas permanências disfuncionais que refletimos sobre o seu reconhecimento, é sobre as diversas invisibilidades e sobreposições que procuraremos encontrar formas de despoletar o seu carácter.

Procura-se um equilíbrio, a conjugação entre forças opostas, entre o princípio ético e a experiência estética que o lugar oferece, se por um lado se concebe ainda o *bucolismo* da paisagem, por outro, se contrapõe as novas tensões (referenciamos os elementos antrópicos como a barragem, as monoculturas de eucalipto ou os focos de poluição) em jeito de jogo contextual entre leituras antagónicas e novas formas de conteúdos.

Será sobre esta condição fronteira que nos debruçamos, entre o observável e a leitura hermética do lugar, entre o perceptível e a experiência subjetiva, só obtida através do sentir e do debruçado conhecimento, só detetável pela experiência e pelo desenvolvimento da investigação. É sobre este *limes*¹⁰⁹, esta linha ténue difusa agregadora de um conjunto de significados que intervimos, é neste interlúdio que se incorpora a ação, despoletando o sentido e a intenção subjetiva que se pretende transmitir.

¹⁰⁷ O núcleo de Gardete, é o único dos quatro núcleos com o acesso facilitado, um acesso que efetua-se percorrendo o muro de sirga, ainda em bom estado de conservação.

¹⁰⁸ Gravuras que correspondem ao último período de gravação do Tejo, com representações de motivos geométricos (círculos, sóis e linhas onduladas) estilizações humanas e pegadas.

¹⁰⁹ Termo utilizado pelos romanos a uma franja estreita do território, mesmo que habitado, onde confluíam romanos, bárbaros e cidadãos estrangeiros.

Falamos objetivamente de inculir, novas formas de "habitar" que possibilitem a compreensão deste lugar e reconhecimento do seu processo de transformação o seu legado; é esta conjunção que permitirá valorizá-lo, segundo a noção, apontada por Ingold, « the dwelling perspective » (Ingold, 2000) , criando-se desse modo novos vínculos, inter-relações do local com o meio ambiente e modos de uso.

Este será o território que se pretende explorar através da experiência direta e da leitura das diversas estruturas que lhe são intrínsecas, levando-nos a reconhecer progressivamente o interior desses limites. Partimos do singular / gravura para a sua contextualização mantendo ancorado o princípio da intervenção e o propósito pelo qual submetemos a reflexão, e em jeito de espiral reflexiva, sucedem diversas aproximações que gradualmente permitem transcender esse mesmo limite, possibilitando assim entre a proposta e a resposta incorporar dialeticamente conteúdos e significados no objetivo inicial. O projeto torna-se gradualmente mais global, a investigação propulsora e a ação a entidade mediadora, pela qual se compõe novas narrativas e se reinterpretem conceitos, assumindo-se como ponto focal o lugar próprio da entidade geradora – a paisagem. De repente tudo parece fazer sentido, a relação simbólica da gravura liberta-se do seu contexto, onde nunca se limitou, a gravura projeta-se no vale e o vale passa a encarar-se como o contentor do significado dessa projeção, ambos (vale e gravura) só atingem o seu significado pleno através desta correlação.

O sentido da ação passa a estar localizado fora do lugar circunscrito ao núcleo arqueológico, o lugar torna-se vasto, multidimensional e interativo, gerador e conciliador de possibilidades conceptuais que visem a construção interpretativa do seu valor absoluto. Retomamos à gravura depois de compreender o seu significado, o seu valor extrínseco, a sua relação de in finitude com a paisagem da qual é indissociável, a gravura torna-se a nossa metáfora, ponto de partida e de chegada, o elemento que correlaciona a intenção e o lugar, definindo-se ela própria como o espaço formal onde se reflete a ação, o conhecimento, investigação e o projeto.¹¹⁰

¹¹⁰ A gravura estabelece-se assim como fronteira, um marco que assinala a presença do elemento identitário desta e lugar – o rio, superando -se do seu significado e abrindo inesperadamente uma dialética em espiral, e possibilitando, a correlação entre o objeto /gravura e a paisagem.

Um percurso que se consolidou e se reflete na transdisciplinaridade da investigação, na análise dos casos estudados e nas relações específicas que o projeto define com o lugar, no exercício prático desenvolvido nas propostas que se antecederam, que apesar de não corresponderem à visão desejada perseguem conceptualmente essa leitura contextual, como por exemplo, no projeto da estação arqueológica da Foz de Enxarrique.

Analisando o início deste exercício, depara-se que a abordagem de projeto se repete, uma aproximação que se pode designar como contemplativa, absorvida pela noção e pelo forte cariz do objeto, pelo o seu significado e pelo forte conteúdo histórico que este lugar transmite, no qual o projeto se desenvolve, consciente, mas ainda, sem a lucidez necessária para alargar o horizonte da sua intervenção.

A segunda abordagem parte da insatisfação, da necessidade de interpretar o lugar, explicita-se nos exercícios efetuados¹¹¹, necessários para decifrar e compreender as diversas estruturas que compõe a paisagem. Um conjunto de exercícios que tornaram mais claro as características naturais, os sistemas textuais e as narrativas compositivas inerentes a este lugar, obtendo-se um modelo mais compreensivo que questione não só o que a paisagem “é” ou “significa”, mas como se identifica, no seu plano natural e no seu plano cultural, e que de forma esta compreensão poderá ser incorporada no processo de reinterpretção. O projeto redefine-se, medeia, provoca, refuta e exercita soluções que se enquadram à medida da sua pretensão, torna-se o interlocutor entre o sujeito (paisagem) e o objeto (gravura), entre a interpretação (análise) e a intenção (proposta).

A primeira abordagem ao projeto desenvolve-se após o XXVI Val Symposium em Vale Camonica, um momento preponderante no percurso da investigação, pela possibilidade de poder ter partilhado a proposta de intervenção a um dos seus mentores; pela constatação da dimensão da arte rupestre e da relação que esta preconiza com a paisagem nesta zona dos Alpes Italianos; e por um episódio muito particular que decorre durante uma intervenção de Emmanuel Anati, na qual expõe o papel do arqueólogo como um proponente da intervenção, cabendo a este a “função de promover soluções de valorização e conservação de sítios arqueológicos perante os atores decisores, transcendendo desta forma o seu campo de ação”.¹¹²

¹¹¹ Referimo-nos à análise da estrutura global, à construção de uma cronologia de ocupação (Apêndice II e II, respetivamente) e ao reconhecimento do lugar obtido pelas incursões efetuadas.

¹¹² Um procedimento seguido por Luís Raposo no projeto da Foz de Enxarrique, mas que ainda não se tinha posicionado (até ao momento) como uma intenção da arquitetura.

Seguindo este pressuposto constitui-se um primeiro documento que se apresenta à autarquia de VVR, no qual se propõe: o melhoramento de acessos; a introdução de sinalética e de informação complementar; a construção de uma plataforma de acesso ao núcleo e apresenta uma estimativa orçamental do custo da obra. Parte-se para a elaboração do estudo prévio, analisado posteriormente com a AEAT, um projeto que foi realizado no âmbito de um exercício prático para uma formação complementar¹¹³, que designamos por **1º Momento de Intervenção**, que antecede o **2º Momento de Intervenção**, descrito no capítulo 3.2.2 como exemplo prático de aplicação.

Um exercício prático que permitiu testar conceitos e refletir sobre um modelo de intervenção, corrigindo-se metodologias e soluções de projeto à medida que se aprofundava o conhecimento sobre o lugar e se esclarecia o nível de resposta que se pretendia alcançar, apesar de não ter surtido o desenvolvimento esperado, constitui um ponto de viragem no processo de investigação, pela atitude proponente que gerou e por ser o momento que o acesso à gravura deixa de ser o foco privilegiado da intervenção, passando a gravura a integrar-se na lógica do lugar onde se inscreve.¹¹⁴

O projeto desenvolvido descreve-se, assim, nos seus dois tempos de decisão, o primeiro que corresponde a um processo de musealização do sítio arqueológico e à introdução de um conjunto de ações que permitissem a acessibilidade às gravuras, e o segundo tempo quando se abandona essa opção partindo-se para a descodificação do lugar, um novo tempo no qual o projeto de arquitetura surge como mediador entre a paisagem e as diferentes partes individualizadas.

Um projeto que se insere numa lógica reconstrutiva, que direciona intenções às suas leituras propositivas, que valoriza pré-existências e unifica o lugar através de incisões pontuais, que introduz momentos de paragem e dinâmicas que pretendem induzir o ator/ visitante à visão holística da paisagem e aos diversos tempos que esta expressa. Ambiciona interligar esses tempos, fazer compreender a sua construção desde a gravura à barragem, unificar o que parece incomensurável, fixar uma totalidade aparentemente desconexa através de novas formas de significação.

¹¹³ Formação completar realizada no CPGP, entre Setembro e Dezembro de 2015, no âmbito de um curso on-line na área da arqueologia intitulado Gestão de Parques e Reservas Naturais e Culturais, e teve como objetivo, enriquecer conteúdos e esclarecer conceitos aplicados na investigação. No último módulo desenvolveu-se o exercício prático intitulado “A musealização de sítios de arte rupestre: Gardete, um esboço de intervenção”, que serviu como o documento preliminar de intervenção

¹¹⁴ É na leitura do lugar natural, cultural e afetivo em que a gravura se deve inserir, através da sua visibilidade discreta, é o elemento que motiva a proposição e no qual a ação se centra mas que não é estático, pelo contrário, desenvolve com a paisagem uma relação interativa que ultrapassa a sua dimensão inicial



Figura 87 – Identificação de caminho de sirga em Gardete

A proposta inicial¹¹⁵, que caracterizámos pelo **1º Momento** da intervenção, divide-se em duas fases: primeira através de um conjunto de ações, que facultam a acessibilidade ao núcleo arqueológico aproveitando e melhorando um conjunto de pré-existências, tais como caminhos rurais, muro sirga, degraus e alguns acessos já implantados, uma segunda fase de acesso ao núcleo arqueológico, onde se equaciona a execução de uma estrutura de ligação entre o muro de sirga e núcleo, através de uma plataforma metálica que abraçaria a futura zona expositiva (figura 88). Ao longo deste percurso e na zona envolvente do núcleo, seriam implementadas mesas de interpretação, leitores de paisagem e painéis com conteúdos museológicos, seguindo-se o desenvolvido para a estação arqueológica da Foz do Enxarrique (ver figura 89).

¹¹⁵ Na elaboração desta proposta foi equacionada a realização de um “levantamento aerofotogramétrico, a baixa-altitude com ajuda de um UAV- drone, de forma a se gerar um modelo digital de superfície da planície fluvial (com uma malha entre 5 a 10cm de intervalo) que reproduziria a morfologia do terreno, incluindo os afloramentos rochosos, volumes existentes, vegetação e construções dispersas. Por outro lado, ainda, se utilizássemos um sonar multifeixe ou de varrimento lateral, seria também possível levantar com algum detalhe a morfologia do leito do rio, o que permitia conjugar tudo num modelo integral da zona em estudo, essencial para o desenvolvimento preciso de uma proposta de intervenção.” Hugo Pires, (topógrafo - especializado em registo gráfico do património).

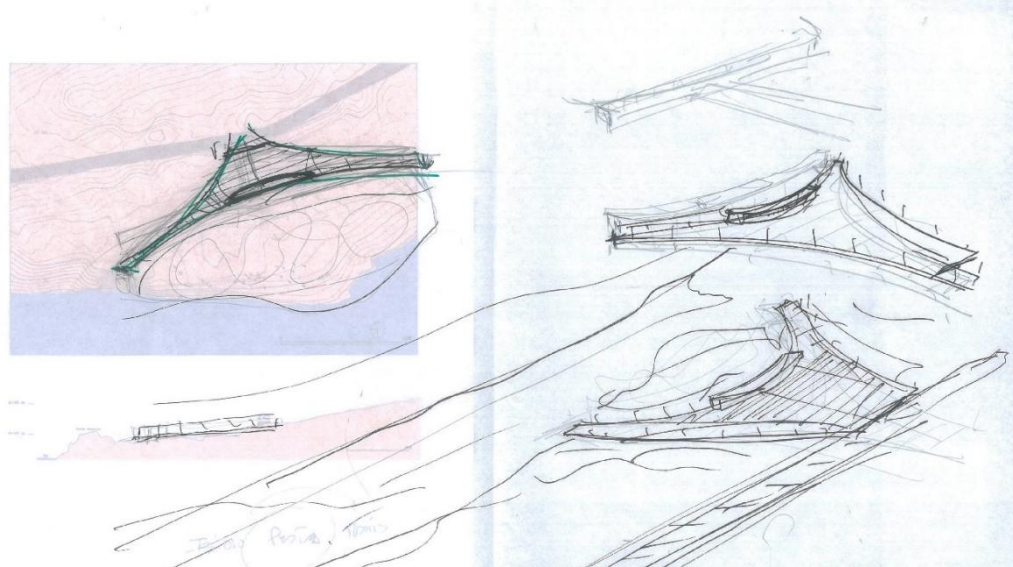


Figura 88 - Esboço de ligação entre o núcleo arqueológica e o muro de sirga.



Figura 89 – Estudo desenvolvido para os painéis expositivos da estação arqueológica da Foz de Enxarrique: estrutura em perfis metálicos, grelha metálica galvanizada; chapa metálica e painel de PVC para impressão.

No entanto e após a análise mais aprofundada sobre a solução preconizada no acesso à Rocha 10 (rocha mais emblemática deste núcleo) constatou-se que apesar da conceção da estrutura poder equacionar a sua remoção, a solução carecia de um conjunto de insuficiências ao nível do controle de acesso e vigilância do núcleo de gravuras, não garantindo a proteção desejável após exposição e abertura ao público do núcleo arqueológico. Esta solução foi abandonada, sugerindo-se em reunião conjunta com os arqueólogos e autarquia¹¹⁶, um modelo de musealização semelhante ao implementando pelo Museu de Mação no Vale do Ocreza.

Seria um modelo que permitisse o acesso às gravuras mas que não estendesse uma passarela que tornasse a segurança incontrolável e pusesse em risco este património. “Um modelo, onde se dá o devido destaque às gravuras, mas também aos muros de sirga, à paisagem envolvente e à própria condicionante que é a barragem, uma das mais recentes formas perturbadoras dessa mesma envolvente”, como referiu António Martinho Baptista a propósito da reunião.

Defendeu-se desta forma, um modelo de musealização que partisse de um plano prático de intervenção, sem a identificação do local onde se encontram as gravuras¹¹⁷, mas que visa-se simultaneamente a valorização e a preservação do sítio arqueológico, que superasse o limite da intervenção e refletisse sobre um conjunto de preocupações, compreendendo também os vários processos de transformação do lugar, que estão intrinsecamente ligados à leitura do sítio arqueológico. Uma leitura mais alargada que permita por um lado, distender do foco da musealização do lugar, e por lado, incutir reflexões inerentes ao projeto de intervenção, conseguidas neste caso, através do método de caracterização do espaço físico (natural e cultural) e do entendimento do processo de transformação desse espaço.

É com esta consciência, que passámos a encarar o processo de musealização em sítios de arte rupestre ao ar livre, lugares que mantêm o seu persistente código inscrito na paisagem, que chega aos nossos dias como uma mensagem interativa entre o homem e o espaço, possibilitando construir narrativas entre a comunhão dessa relação e a irreversibilidade das suas transformações.

¹¹⁶Reunião realizada no dia 27 Novembro de 2015, no edifício da Câmara Municipal em VVR.

¹¹⁷As visitas ao sítio arqueológico seriam apenas efetuadas por quem já conhece o local, ou preferencialmente por contacto e prévia marcação com o CIARVT em Vila Velha de Ródão, disponibilizando-se guias com formação específica que acompanhariam os interessados em visita guiada.

.1º Solução - Listagem de ações de intervenção:

- 1 Limpeza da zona de acesso e disponibilização de caixotes de lixo
- 2 Colocar corrimão nos degraus de acesso à linha de água
- 3 Possibilitar passagem da linha de água
- 4 Executar acessos á sapata da ponte
- 5 Substituir proteção / guarda na sapata da ponte
- 6 Melhorar acessibilidade na zona rochosa mais irregular
- 7 Limpeza e condicionamento de percurso até muro de sirga
- 8 Recuperar muro de sirga +/- 30 m lineares (uma das extensões muito danificada)
- 9 Limpeza de muros de sirga e de percurso
- 10 Executar acesso à estação arqueológica: Rocha 10
- 11 Executar limpeza das rochas e zona envolvente
- 12 Introduzir uma zona de descanso e contemplação
- 13 Execução de pequena construção de apoio e de manutenção
- 14 Introduzir sinalização de percurso e conteúdos museográficos
- 15 Acesso ao muro de sirga

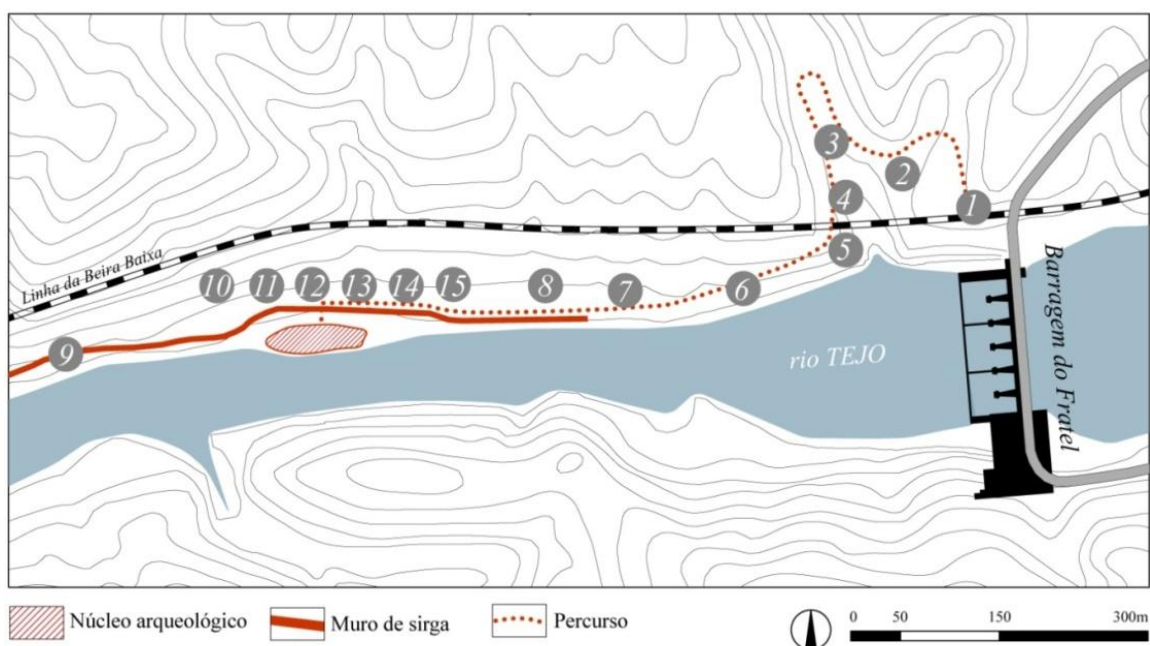


Figura 90 – Planta da 1ª solução proposta para o núcleo de Gardete



Figura 91- Situação 4



Figura 92- Situação 5



Figura 93- Situação 8



Figura 94- Núcleo de Gravuras. Situação 11

O **2º Momento** da intervenção conflui de diferentes momentos históricos: o contexto envolvente ao núcleo arqueológico remete-nos para o entendimento do lugar e para as suas pré-existências, sobretudo pré-históricas, nas quais se manifesta a relação a arte rupestre mantém com a paisagem, e na qual culturalmente se expressa, constituindo-se como parte integrante de um todo simbólico.

A paisagem é condicionada por um complexo conjunto de atuações alheias à riqueza e singularidade do seu legado, e que se pode equiparar a um mosaico de tipologias sobrepostas entre o passado e o presente, que apesar de apresentarem graves desequilíbrios e disfunções, mantém ainda evidentes as marcas espaciais da relação entre as suas comunidades e o seu território.

A proposta de introdução de um percurso interpretativo visa levantar questões de análise e de leitura sistemática do lugar, que se manifestam em forma de experiência, de ação e de subjetividade. Procura-se através da indução de um conjunto de proposições e de momentos de leitura no percurso, suscitar o campo perceptivo de cada indivíduo direcionando-o à sua própria leitura, à construção da sua rede de mnemónicas, à interpretação dos signos e à compreensão dos sentidos da paisagem.

Importa-nos uma resposta através da disciplina da arquitetura, que organize o espaço, que recorra e decorra da interpretação cognitiva e emocional do lugar, da decodificação dos sinais de invariância e de transformação dos sítios da paisagem, permitindo simultaneamente sistematizar uma metodologia de intervenção em sítios de arte rupestre com características similares.

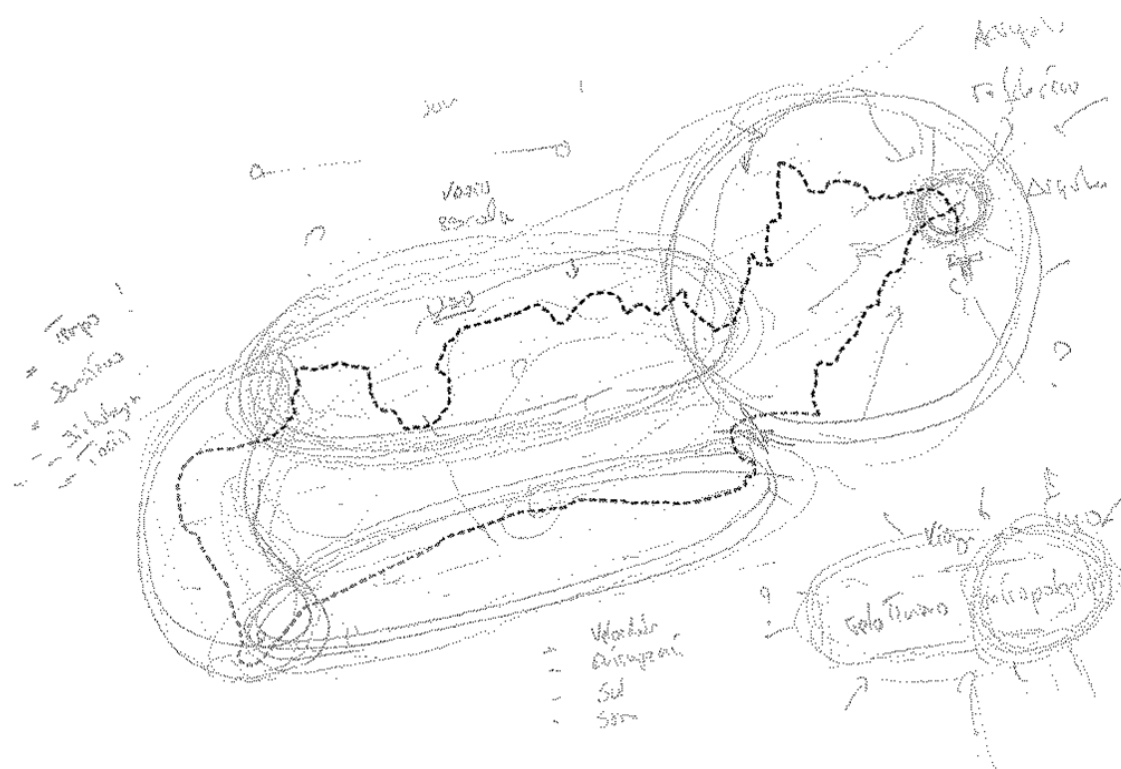


Figura 95 – Esquiço conceptual do 2º momento da intervenção: Divisão do percurso interpretativo em quatro unidades funcionais, após a leitura espacial do lugar.

3.2. (RE)INTERPRETAR

Na elaboração das diferentes propostas de intervenção anteriormente descritas, resultantes de uma primeira aproximação aos locais, constatou-se a necessidade de aprofundar a investigação além do aparentemente visível, uma vez que não nos satisfaz, como refere Roland Barthes apenas “produzir presunções de sentido, formas” sem que estas fossem preenchidas pelo seu mundo real, sem que fosse acrescentado o “intelecto ao objeto” (2007)

Um princípio estruturalista já referenciado ao qual retomamos¹¹⁸ com o intuito de identificar o carácter do lugar especificamente no trecho de paisagem de Gardete, esta escolha é efetuada, em detrimento de outra, por ser o núcleo do complexo que permite o maior contacto com as gravuras, pela sua localização de fácil acesso e por se tratar de um ponto de possível interesse de visita, que pode ser potenciado devido à proximidade de duas vias estruturantes o IP2 e a A23. Um conjunto de condições e infraestruturas que favorecem a intenção, e que nos permite refletir e reinterpretar o modelo de intervenção, que apesar de ser direcionado poderá ser extensível aos restantes núcleos arqueológicos.

Da reinterpretação nasce uma proposta de intervenção, assente na metáfora do *caminho*, como ligação entre dois pontos e como forma corpórea enquanto suporte físico e lugar de experiência, onde se pode construir um discurso narrativo, consciente e intencional.

Uma viagem que se propõe, e na qual se procura incutir o entendimento do lugar, através da experiência da descoberta e das sensações transcritas pelo ato de caminhar ou pela indução de formas e ações que complementem essa revelação. Interessa-nos através desta relação estabelecer comunicações entre o viajante e que o envolve, pelo que está ao seu redor e com a temporalidade do espaço onde este se desloca. O exercício aplicado suporta-se na investigação desenvolvida e na interpretação do carácter que define esta paisagem, interpretando-se a leitura desse carácter através da análise e descrição da sua dimensão tanto objetiva como subjetiva, da seguinte forma:

¹¹⁸ Vidé supra página 25.

- OBJETIVA caracterizada pelo sistema biofísico, geológico e socioeconómico e que corresponderá ao conceito da Estrutura Ecológica e Estrutura Cultural
- SUBJETIVA referente à Estrutura Afetiva, correspondendo ao sistema cognitivo e à formação da capacidade perceptual dos diversos sentimentos e emoções que a paisagem transmite.

Do vasto espectro de possibilidades analisam-se em primeiro lugar apenas os subsistemas e as variáveis que possam interessar para a transcrição de intenções de projeto, procurando nessa análise corresponder momentaneamente conceptualizações, que apesar de intuitivas expressam intenções de projeto. Os resultados obtidos são uma consequência do cruzamento de bibliografia e cartografia específica¹¹⁹, com a caracterização do lugar (desenvolvida na primeira parte do trabalho), e com o trabalho de campo realizado, que serviu essencialmente para confirmar a coerência dos dados obtidos, traçar limites e confrontar percursos e trajetos previamente definidos

Por último e a concluir este exercício, apresenta-se um exemplo prático de aplicação, que visa mais do que as soluções apresentadas, formalizar o resultado do processo da análise.

3.2.1. GARDETE - CARÁCTER DO LUGAR

O núcleo arqueológico de Gardete localiza-se na margem direita, entre a foz da Ribeira do Figueiró a foz do rio Ocreza, é o sítio mais a jusante do complexo de arte rupestre do Tejo, já fora da influência da barragem de Fratel, permitindo visitar perto de duas dezenas de rochas gravadas. Devido a esta condição é o núcleo com mais estudos e publicações científicas de todo o complexo, constituindo-se como matéria disponível para um processo de musealização ou na inserção de conteúdos em pontos estratégicos do percurso.

¹¹⁹Na execução do exercício foram utilizadas imagens de satélite disponíveis gratuitamente na internet, cartas topográficas, levantamentos fotográficos, registos de campo e cartografia digital que serviu de base á execução das diversas carta temáticas elaborados bem como aos modelos tridimensionais simulados.

As gravuras concentram-se em alguns grupos de rochas junto ao leito do rio (fig. 94 p. 148), que apesar do fácil acesso a partir do muro de sirga e da visualização quase imediata devido à sua exposição solar, se camuflam na vegetação espontânea e se confundem com os restantes afloramentos rochosos, proporcionando um conjunto de fatores de ordem natural que favorecem a ocultação imediata do núcleo, tornando-se quase invisível para quem não conhece o local exato. Se considerarmos a inacessibilidade esporádica na zona envolvente às gravuras devido à subida de caudal do rio em períodos de chuva intensa, reúne-se um conjunto de fatores que de algum modo protegem e isolam o núcleo arqueológico à semelhança da solução de não divulgação preconizada no Vale de Ocreza, e que nos parece adequado introduzir neste local.

Feita a primeira leitura à envolvente imediata do sítio arqueológico, através de uma análise visual, parte-se para a caracterização da forma e estrutura da paisagem procurando compreender a complexidade e a expressão do seu discurso compositivo. Interessa-nos aprofundar as relações que ambas (forma e estrutura) definem relações que se expressam pela perceção espacial, que se refletem também na composição arquitetónica pelos conceitos de tensão, movimento, direções e deformações, valores expressivos da paisagem que podem ser evidenciados na proposta de intervenção.

Toda a área é caracterizada pela densa rede hidrográfica e pelo forte encaixe do Rio Tejo e do Rio Ocreza no planalto do Fratel, identifica-se por ser o momento de união dos dois rios e pelo seu desenho peculiar em formato de cunha, como se pode verificar na figura seguinte.

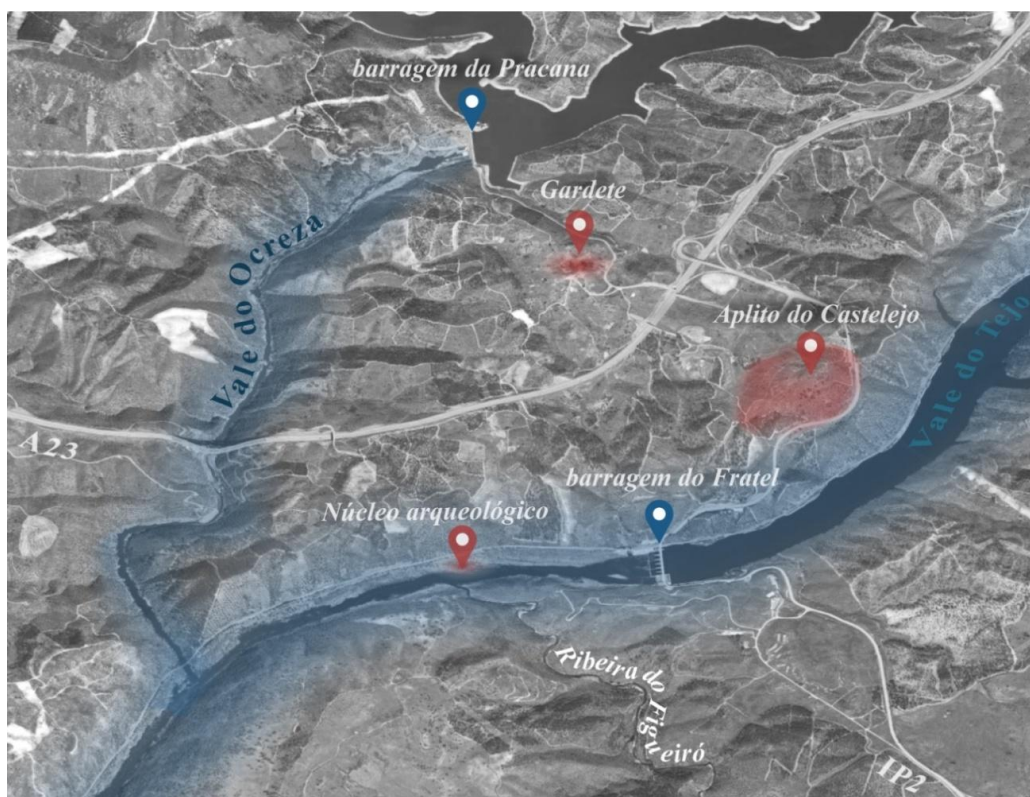


Figura 96 – Plataforma do Fratel

O relevo, muito acentuado (com uma inclinação por vezes superior a 25%), enfatiza a relação cénica do observador em pontos de baixa altitude, junto ao leito do rio e em pontos estratégicos de maior amplitude situados nas linhas de cumeeira.

Em zona de cabeceira, a restante plataforma mantém-se regular e constante, exceto nas quebras altimétricas das linhas de água e na projeção cónica do aplito de Gardete designado por Castelejo¹²⁰, uma relação toponímica que evidencia a função estratégica e de vigia que este lugar sempre proporcionou.¹²¹

¹²⁰ Uma pequena mancha de rocha granitóide a montante do núcleo arqueológico, formando um cabeço proeminente. O único sítio atribuível à Idade do Bronze existente no concelho e a poucas centenas de metros do rio Tejo. (Henriques, Caninas, & Chambino, Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura atualizada dos dados da Pré-História Recente, 2007 , p. 12) .

¹²¹ . No topo mais elevado do relevo assente sobre afloramentos, existem vestígios do assentamento de uma construção de planta trapezoidal e paredes espessas que a avaliar pela grande quantidade de derrubes de pedra que a envolvem seria uma construção alta, talvez uma torre de vigia. Informação consultada no Portal do Arqueólogo em 9 Fevereiro de 2019 <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=55668>

Devido a esta composição, a área apresenta um conjunto de ritmos topológicos, que resultam da ação da estrutura hidrográfica na composição geológica e geomorfológica, que apesar da aparente tensão gerada se conseguem estruturar ambas numa harmonia de compensações, traduzindo um equilíbrio complexo que produz um efeito dinâmico de força e movimento, que se organiza por princípios compositivos como a simetria, ritmo, escala e hierarquia, princípios que podem ser reinterpretados ou reintroduzidos pontualmente, escalas e hierarquias que são bem evidentes nas características dos dois vales, como o afastamento entre margens e a diferente expressão de talvezes, ver figura 97.

Se por um lado o Tejo se assume como o elemento catalisador de todo um sistema natural, comparando-se a um grande espaço canal onde tudo se direciona, o Ocreza e o seu vale, com a sua configuração sinuosa e forma mais contida, assumem uma relação mais interiorizada e introspetiva.



Figura 97 – Vista para jusante do topo do aplito de Gardete. Fotografia tirada após o incêndio de Julho de 2017.

Se por um lado temos uma paisagem, culturizada de acordo com as várias utilizações e usos ao longo do tempo, por outro temos trechos de paisagem “natural” quase intacta que perdurou nesse mesmo tempo.

Estes dois espaços podem-se relacionar pelo seu antagonismo, e aos quais foram atribuídos significados próprios que derivam da nossa leitura, perceptiva, topológica e fenomenológica:

Por exemplo no caso do vale do Tejo, o trecho compreendido desde a barragem o Fratel até a Foz do Ocreza apresenta-se como um espaço linear, mantendo uma certa continuidade, um espaço articulador, recetor de diversas utilizações ao longo dos tempos: funcionais como a navegabilidade no leito do rio (ainda memorizadas na presença dos muros de sirga); de locomoção (linha de caminhos de ferro); de utilitariedade (referimo-nos ao seu aproveitamento hídrico); ou tradicionais (expressa nos usos ancestrais que ainda se manifestam nas ingremes vertentes) e simbólicas como os marcos territoriais (testemunhos de vivências de distintas comunidades humanas).

O Vale do Ocreza, desde a sua foz à base do viaduto da A23, caracteriza-se como de um espaço fluido encerrado que se valoriza plasticamente pela sua expressividade natural, que convida à permanência e a ser percorrido com tempo, possibilitando uma leitura mais demorada e atenta.

Se por um lado a análise ao coberto vegetal nos permite clarificar quais os usos ainda predominantes, por outro remete-nos para a questão de como introduzir uma leitura contínua e interpeladora da (bio)diversidade existente.

Interessa-nos demonstrar através dos componentes bióticos fundamentais, os usos e funções do espaço, e em simultâneo possibilitar o reconhecimento dos seus problemas e das suas potencialidades. É na tensão entre as diferentes tipologias que procuramos uma leitura de continuidade, entre o autóctone e o evasivo, entre a espontaneidade e a homogeneidade, entre o uso e o abandono.

Uma leitura que transcreve o desequilíbrio de um tempo próprio, mas que se relaciona apesar das distintas configurações como um *todo*, onde se podem encontrar afinidades ou características que façam com que o discurso pretendido seja apelativo, variável e reflexivo

A reflexão é tema que procuramos introduzir na construção do percurso interpretativo, uma abordagem que se pretende que seja perceptiva pela sequência de leitura, pela introdução pontual de referenciais que facultem a observação ou simplesmente optando por revelar ou expor as diferentes problemáticas.

De uma forma genérica pode-se definir a área em três zonas distintas: planalto, vertentes e leitos de rios. No primeiro caso, a ocupação do solo segue o modelo da restante plataforma do Fratel, um modelo de ocupação centralizado na povoação de Gardete, dispersando-se pelo seu redor algumas pequenas parcelas de agricultura de subsistência, coincidentes com os solos de maior produtividade, na restante envolvente, encontramos uma ocupação florestal maioritariamente de monoculturas de pinheiro bravo e eucalipto, intercalada por algumas manchas de olival tradicional que em alguns casos se estendem até ao limite de cabeceiras, enfatizando as linhas dominantes da paisagem.

Nas vertentes subsiste o olival, resiliente, que se dispersa pelos característicos socialcos por ambos os vales, uma imagem ainda dominante possivelmente devido à acentuada inclinação da topografia e à aridez do tipo de solo pouco propício ao desenvolvimento e aproveitamento florestal de outras espécies, a restante ocupação é preenchida por mato espontâneo e vegetação climatófila.

A maior variedade de vegetação encontra-se junto aos leitos dos rios nomeadamente no Ocreza (devido também à proximidade de ambos os taludes e orientação solar predominante NE-SO), um local onde se encontra um ecossistema ripícola consistente, *habitat* de inúmeros espécies vegetais e animais, constatável nos diversos trilhos de acesso ao plano de água.

É seguindo este princípio hermenêutico que se constrói a proposta, revelando e evidenciando os diversos elementos formais do lugar, através da intenção de projeto. Aos elementos formais acrescentámos a análise aos vestígios arqueológicos, que remontam à pré-história e que se estendem por toda plataforma do Fratel, em alguns casos correspondendo a um modelo de ocupação que se reflete na área de Gardete.

Se analisarmos a configuração geográfica da plataforma do Fratel verifica-se que é bem delimitada por três acidentes naturais que a configuram em forma triangular: Serra das Talhadas, Rio Ocreza e o Rio Tejo.

A intersecção dos dois rios com a Serra das Talhadas originou duas formações geológicas (Portas de Rodão e Portas do Almourão), que em conjunto com o desfiladeiro na parte central da serra constituíam passagens naturais para o planalto do Fratel. Esta configuração permitiu a fixação de habitats desde o Paleolítico Médio, junto às Portas de Rodão ou de forma dispersa por comunidades agro-pastoris nas charnecas planálticas na parte central, durante o Neolítico e Calcolítico, desenvolvendo-se assim um modelo de ocupação do território polarizada nas charnecas planálticas e sopés. (Henriques & Caninas, 1997).

Para o presente exercício foi efetuada a construção de uma cronologia histórica a partir dos sinais antrópicos e dos registos arqueológicos visíveis na paisagem, pretendeu-se desenvolver um estudo descritivo do qual se pudesse tirar aplicabilidades para o traçado proposto, que visa-se esclarecer de que modo a construção da paisagem se relacionou com a arte rupestre, e como esta ainda se reflete no contexto atual.

As respostas encontradas esclarecem as questões levantadas e confirmam as gravuras rupestres como as marcas visíveis mais antigas da paisagem¹²², indiciando através dos vários registos uma utilização comungante do homem com o lugar, que perdurou cerca de 5.000 anos, mas que decaiu significativamente nos últimos 300 anos.

Numa primeira fase, enumeraram-se os registos arqueológicos e sítios de interesse desde a pré-história à idade contemporânea, com o intuito de evidenciar os sinais intemporais e identitários da área objeto de estudo, e através dos seus posicionamentos perceber possíveis correlações com o núcleo de arte rupestre.

Na análise aos dados obtidos, pode-se constatar que as marcas visíveis mais antigas correspondem às gravuras rupestres e vestígios de habitats, e que pela quantidade de gravuras encontradas e pelo longo período de ocupação, transcrevem uma utilização contínua e profunda entre o homem e o lugar. Porém, a ocupação decaiu até à Idade Média, existindo apenas alguns vestígios do período da reconquista e, posteriormente, a fundação da povoação de Gardete (Caninas, Henriques, & Osório, 2017). Na idade Moderna as marcas do território manifestam-se pelos muros de suporte e pelos muros de sirga, ainda com extensões percorriáveis que poderão ser utilizáveis, por exemplo, no percurso de aproximação ao núcleo arqueológico.

¹²²Uma referência deste lugar que apesar das transformações e alterações de uso submetidas, persistiu durante milénios, como uma espécie de referencial genético, provido de significado, que conseguiu chegar até nós através do eco da sua vivência holística.

As restantes marcas de antropização, manifestam-se através da implementação de um conjunto de infraestruturas viárias e de transportes que culminam na construção da autoestrada. A segmentação dos rios Tejo e Ocreza no último quartel do século XX e, conseqüentemente, enchimento das respetivas albufeiras, correspondem aos momentos mais marcantes de alteração neste trecho de paisagem.

Esta análise permite-nos no imediato, tirar duas conclusões: apesar da sua diminuta escala a nível regional, a área de estudo, corresponde a uma zona confluência viária e uma zona de exploração hidroelétrica. Duas situações das quais se pode tirar partido, no primeiro caso pelo conjunto de acessibilidades disponíveis, e no segundo caso pela possibilidade de constituir os respetivos operadores como parceiros estratégicos, por exemplo, apoiando financeiramente um processo de musealização.

A segunda leitura que pretendíamos clarificar, e que fica demonstrada, que apesar das diversas alterações submetidas, a arte rupestre persistiu como marca na paisagem, um dos elementos valorativos, ao qual devemos proporcionar uma correta leitura, preservando-o para gerações futuras.¹²³

Por último, analisou-se o sistema de caminhos existentes¹²⁴, cartograficamente numa primeira abordagem e em campanhas sucessivas no terreno, percorrendo o espaço físico de forma a compreender as suas utilizações e as lógicas de movimentos ainda visíveis. Sobreuseram-se caminhos, desbravaram-se alguns trechos e propuseram-se novas ligações, a lógica de intervenção era objetiva e clara: compreender a dinâmica ativa de circulação e redesenhar uma nova ordem de interpretação, que não ocultasse as dinâmicas existentes mas pelo contrário evidenciasse o seu sentido anafórmico.

Este exercício de análise permitiu-nos percorrer a área objeto de estudo e assimilar a sensibilidade da perceção da paisagem, descobrindo através do movimento do ato do caminhar a emoção e o valor estético e ético da paisagem, desdobrando perante os nossos olhos, novos panoramas, novos aspetos da natureza e da sua existência.

¹²³Vidé construção cronológica no Apêndice II.

¹²⁴Como rede de caminhos enumeramos aqueles se consideram pertinentes para a intenção de projeto: caminhos de pé posto, caminhos vicinais e caminhos de sirga, não descurando outros, que na sua lógica de movimento e dinâmica na área de estudo, foram preponderantes para a sua construção, referimos o caminho-de-ferro, aos recentes caminhos viários, e ao papel fulcral que o rio manteve como caminho fluvial.

A conjugação desta nova dimensão na reinterpretação deste lugar com os outros exercícios realizados anteriormente conclui a intenção de projeto, que à semelhança da estratégia utilizada nos casos de estudo na Segunda Parte deste trabalho – definição de unidades funcionais (figura 98), serve para estruturar e organizar a área de intervenção induzindo-se o caminhante para um percurso circular da seguinte forma:

Como primeira unidade funcional designamos o trecho do Vale do Tejo, entre a barragem do Fratel e a Foz do Ocreza, um espaço canal que designamos pela sua expressão catalisadora e dinâmica por **AÇÃO**, espaço por onde se acede ao núcleo principal de gravuras.

Ao Vale do Ocreza atribuímos o adjetivo **TEMPORAL**, relativo ao tempo, aposto ao significado de espaço transitório apesar da sua aparente fluidez e harmonia espacial, tempo mas no sentido da permanência e de assimilação dos diferentes tempos seculares que o lugar nos proporciona.

A terceira unidade funcional transcreve o desequilíbrio dos diferentes usos da paisagem, bem notório no planalto e na envolvente da povoação de Gardete, evoca um tempo presente que nos é indissociável, uma leitura que ao ser percorrida pretende que se torne **REFLEXIVA**, pelo contraste com a anterior unidade funcional e pelo contraste na sua fragmentação: as monoculturas e as culturas autóctones, a proximidade da autoestrada (A23) e as vistas desafogadas que o planalto proporciona, as construções precárias que vão instalando e as hortas ancestrais que ainda perduram. .

A unidade funcional, que preenche o circuito, pontualiza-se no aplito de Gardete, centra nesse ponto o momento **INTROSPECTIVO** do percurso, o retorno ao sentido genealógico de construção deste lugar. Um lugar que devido à sua morfologia permite contemplar o horizonte em ângulo de 360º, possibilitando uma visão externa que se complementa pela visão individualizada e pessoal, onde se anseia que se visualize também a experiência de ter sentido uma paisagem que além de conter todos os tempos, não se encerra no seu aparente relativismo cultural.

Um percurso que se torna interpretativo, pela passagem sequencial das suas unidades funcionais, mas essencialmente pelas leituras induzidas no seu trajeto, pelos momentos que se facultam essas leituras, que se distinguem por pequenas intervenções pontuais, direcionáveis, ao sentido de compreensão e de descoberta do lugar .¹²⁵

¹²⁵ Ver Apêndice IV – Percurso Interpretativo

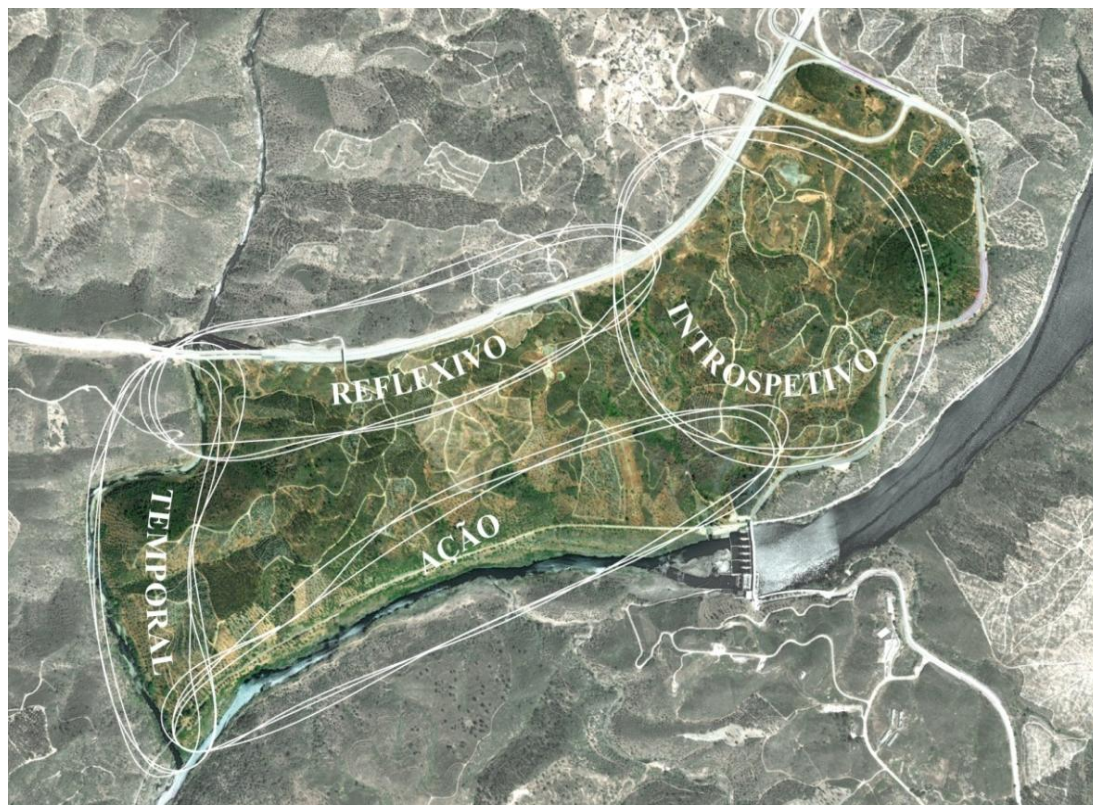


Figura 98 - Unidades funcionais que estruturam a área de intervenção.

3.2.2. EXEMPLO PRÁTICO DE APLICAÇÃO¹²⁶

A leitura e interpretação dos mecanismos presentes na envolvente ao núcleo arqueológico de Gardete, remete-nos para o entendimento do lugar nas suas várias componentes: ecológico, cultural e afetivo. É através deste processo de descodificação, sempre acompanhado pela descoberta e pelo processo investigação, que se desenvolve o nosso envolvimento com o lugar, se por um lado o vamos compreendo melhor por outro vamos compatibilizando as intenções de projeto ao programa estabelecido.

¹²⁶ O exemplo prático de intervenção foi desenvolvido para o Seminário Interdisciplinar “Modos de Caminhar” realizado na BNP em Fevereiro de 2016, e apresentado na versão exposta nas III Jornadas de Arqueologia de VVR, que decorreram em Maio do mesmo ano.

É neste complexo jogo de intenções que surge o projeto, intencional e potencialmente esclarecedor, que visa, levantar questões de análise e de leitura sistemática do lugar, que se manifestam em forma de experiência, de ação e de subjetividade, um conjunto de novas intenções que transformam também o projeto num processo complexo.

Encarando a metáfora do *caminho* como estratégia no processo conceptual, interessa-nos explorar dois lados do seu significado, o primeiro como suporte físico que veicula e que permite decorrer a ação, o segundo, como lugar específico onde se inscreve o projeto. Clarificando-se deste modo ambas as funções:

- 1) O caminho como espaço dinâmico e temporal
- 2) O projeto como o elemento unificador dessa dinâmica, que ao garantir a sua fluidez acrescenta a esse movimento um novo sentido.
- 3) O caminho projetado, como parte integrante de um processo aberto e contínuo de construção

É sobre esta matriz conceptual que o processo de investigação induzido, pela introdução de uma sucessão de momentos específicos, que designamos por pontos de intersecção. Cada ponto induz à reinterpretção, rescreve leituras, compatibiliza sistemas e compartilha resultados com o caminhante, se por um lado procura consciencializar para o sentido global do lugar, por outro, partilha a experiência de construção e leitura desse lugar, comunicando através das emoções e das descobertas que o espaço consegue transcrever.

É através da utilização das pré-existências, que se procura traçar uma linha difusa entre o espaço natural e o espaço transformado. Uma linha que corresponde ao traçado do caminho, parte existente e parte proposto, que se apresenta como uma série de destinos interligados, assinalando percursos e tensões de superfície. A ideia de tempo aqui adjacente é de que as coisas não ocorrem simultânea, mas sim, sucessivamente na paisagem, em jeito de rota ou de itinerário que se percorre para ir de um ponto a outro, é sobre a complexa convergência de tudo isto que se edifica o projeto.

O projeto desenvolve-se, assim, em dois tempos de composição, um primeiro tempo de sinalização de possíveis pontos convergentes, um mapeamento gerado pelo envolvimento e conhecimento do lugar, no qual o esboço se desenha pela intenção de expor e demonstrar determinada característica que se considere essencial para a construção do percurso interpretativo, e a um segundo tempo, na proposição de um conjunto de ações localizadas, que não se sobrepondo à lógica anterior, una, distinga e evidencie o discurso e a narrativa.

É um discurso sobre a própria paisagem, que procura por um lado uma resposta à sua aparente homogeneidade e conseqüente desvalorização, submetendo uma reflexão crítica à obra das comunidades humanas e à sua capacidade reconstrutiva, por outro lado, procura expressar a relação harmoniosa entre propostas e pré-existências encontradas.

“Qualquer caminho leva a toda a parte.
Qualquer ponto é o centro do infinito...”

Pessoa, 1919 (Lopes T. R., 1990)

O conjunto de pontos introduzidos obedece a uma estratégia de consolidação, que apesar se considerarem intervenções estáticas, transformam a compreensão do lugar através de um gesto contínuo, gerando um movimento circular que se interliga pelas múltiplas conexões estabelecidas (caminhos, estruturas de ensombramento, pontos de informação, atravessamentos de linhas de água, observadores de paisagem e zonas de descanso)¹²⁷, aludindo metaforicamente por analogia nossa, a uma das formas mais representadas do complexo rupestre do Vale do Tejo – o círculo.¹²⁸

¹²⁷ Hipóteses de materialização da proposta ver apêndice IV

¹²⁸ O círculo é a forma mais disseminada no complexo rupestre do Vale do Tejo, a um ponto tal que pode pensar-se ter o círculo e suas variantes um significado e uma dimensão de absoluto, uma forma onde tudo se contém. O círculo será para os gravadores taganos a forma conceptual perfeita. E não apenas enquanto simples forma gráfica, mas enquanto representação simbólica com uma pluralidade de valores e de significados. (A Simbólica na Arte do Tejo, 2012)

O projeto é a forma de expressão e comunicação final que se desenvolve através de um processo de proposição, no sentido oposto ao exercício preconizado por Tim Ingold (figura 99), exercício no qual o autor reflete sobre a desconstrução da linha “contínua e dinâmica” em diversos pontos, despojando-a dessa forma do movimento lhe deu origem (2007, p. 74).

Exercício que nos permite, no entanto, construir a proposta no seu inverso pontuando, como já referido, de acordo com os objetivos e com o conhecimento do lugar, pontos (intervenções) e linha (caminho), que facultam introduzir relações visuais, percepções, emoções e experienciar um conjunto de sensações ao longo do percurso, ver figura 100. Como exemplo, referenciamos a presença do rio Tejo, determinante na escala da paisagem, as situações ecológicas únicas que se querem evidenciar e tornar compreensíveis através da proximidade, as perspetivas panorâmicas direcionadas, a produção da sombra em forma de abrigo, os conteúdos sobre os sinais intemporais que prevalecem na paisagem, a noção da nova ordem submetida. Mas também se evidencia as relações não visuais, como a sonoridade da corrente artificial do rio, à tateabilidade do desenho das gravuras ou à percepção dos elementos etéreos do lugar, que se manifestam em forma de experiência, de ação e de subjetividade, alteráveis no campo perceptivo de cada indivíduo através da sua própria leitura.

Um projeto que ganhou forma pelo conjunto de intenções introduzidas, um projeto cuja imagem concetual é secundarizada, interessa-nos essencialmente realçar e compreender como o processo de investigação complementa e valida a estratégia de intervenção e qual a relação que o projeto define no processo metodológico.

Interessa-nos através do exemplo prático apresentado testar um modelo de intervenção, que apesar escala e da sua especificidade pode ser reverberado aos restantes núcleos arqueológicos (S. Simão, Canhão do Algarve e Cachão do Boi), ampliando e interligando-se desta forma a relação entre núcleos.

Do exercício prático realizado sobre Gardete, retira-se ainda outra ilação, é sobre o carácter do lugar que se relaciona o carácter da arquitetura, é sobre esta intencionalidade que se evidenciam contextos e sítios, que se cumprem os programas, que se estabelece e se procura a comunhão entre desenho e função, entre a ordem e a estesia.

Figura 99 – Exercício de desconstrução
de uma linha por Tim Ingold

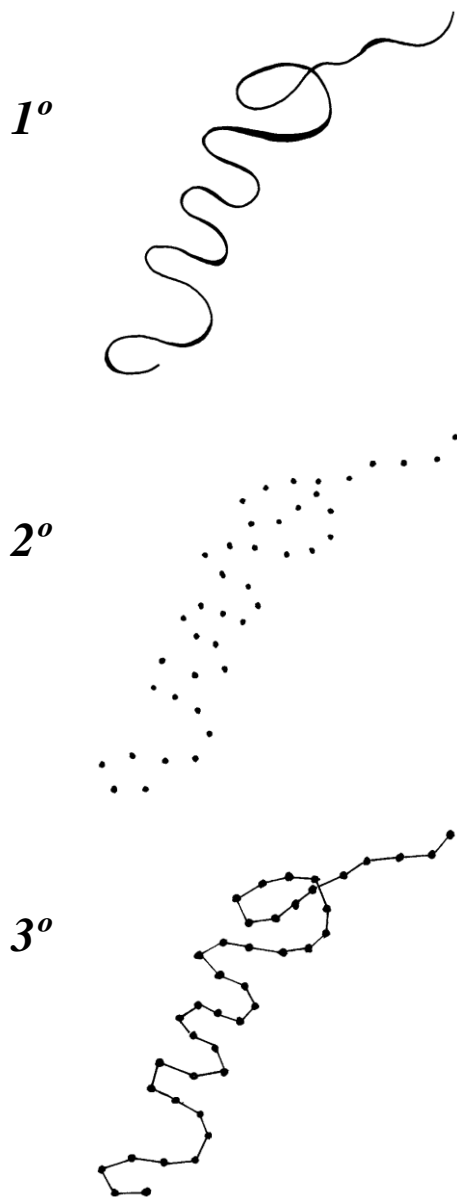
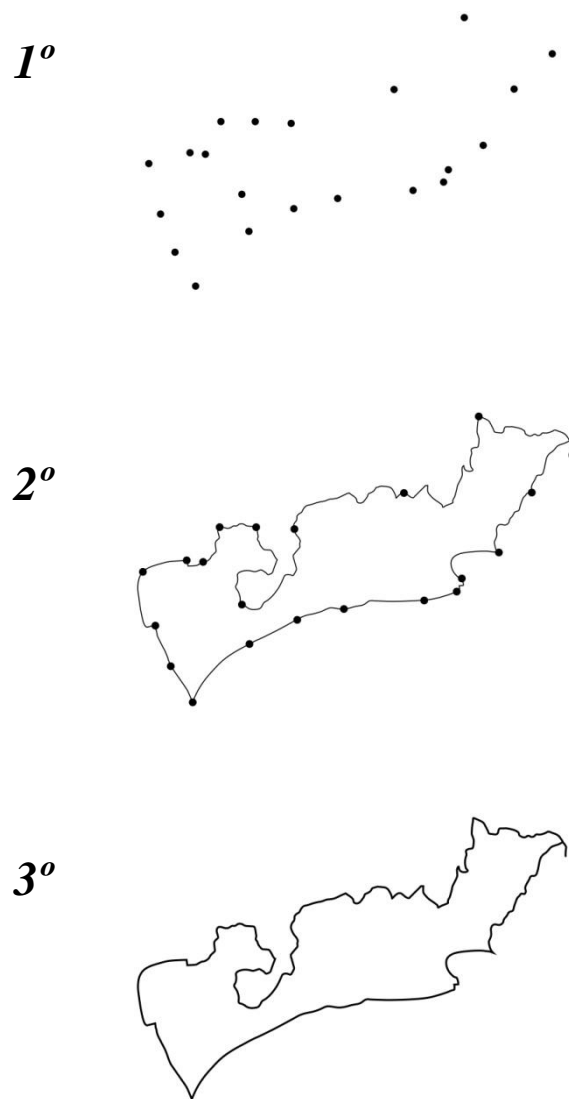


Figura 100 – Exercício de construção da proposta



ENSAIO CONCLUSIVO

TUDO É ARQUITETURA

A true architecture of our time will have to re-
fine itself and expand its means. Many are as
outsider traditional building will enter the realm
of architecture, as architecture and —architects||
will have to enter new fields.

(Hollein, 1968)

Do manifesto “Everything is Architecture” de Hans Hollein (1968), interessa-nos evidenciar a vontade que o autor expressa de não cingir a arquitetura apenas à sua existência mais objetiva de construir, ou utilizando o seu próprio termo – o edificar, formula na sua reflexão novas funções e definições para o conceito de Arquitetura, como por exemplo meio de comunicação ou como processo cultural, ou acrescentando ainda expressões fundadas nas propriedades e nas necessidades emocionais. Uma visão que liberta e expande os domínios e os limites da disciplina, numa intenção deliberada de acrescentar novos significados, novos campos do saber ao projeto de arquitetura.

Um conceito que nos permite acrescentar na mesma lógica de racionalização, o processo de investigação em projeto de arquitetura, como um dos meios ou possibilidades de pensar e fazer arquitetura, ou seja, de ser arquitetura.

A introdução deste conceito neste momento da tese, visa além de considerar o processo de investigação como arquitetura, esclarecer como se desenvolveu esse processo ao longo deste trabalho, de que modo foi utilizado para clarificar e validar as opções tomadas, e descrever os resultados que se conseguiram obter.

Um trajeto que demonstra também, que a investigação em projeto de arquitetura é o resultado de um processo complexo transdisciplinar e intencional, que implica além da pesquisa o confronto entre ideias e teorias, entre convicções e doutrinas, entre conceitos e conceções. Um percurso que se constrói, pelo processo de validação que acabou por ir surgindo naturalmente, que se concretizaram quer pelas revisões paritárias - *peer-reviews*, quer por algumas das comunicações apresentadas, quer pela atribuição da menção honrosa no projeto da Foz de Enxarrique, ou pelo pedido de desenvolvimento da proposta de musealização do núcleo de Gardete descrita anteriormente, ou ainda pela inscrição de duas áreas de proteção especial do património no PDMVVR, que transcreve na nossa opinião um dos objetivos da investigação no âmbito académico _ o de permitir a transferência de conhecimento.

O próximo exercício esquematiza cronologicamente o conjunto de ações que se desenvolveram e o processo de investigação nas diversas componentes que o materializaram¹²⁹, que se refletem pelos exercícios práticos, projetos realizados, formações, visitas, encontros e apresentações públicas.

¹²⁹ Considera-se como início do trabalho a escolha do tema para investigação em Junho de 2013.

Ações que se desenrolaram por vezes em simultâneo, constituindo-se elas próprias como o corpo da pesquisa, através do qual novas ideias, novos conhecimentos e novas práticas entram em vigor, quer por necessidade de aprofundar o conhecimento das diversas áreas disciplinares, quer pela necessidade empírica da própria investigação. Um caminho que produziu novas formas de pesquisa, que ordenou e construiu o percurso da investigação, que cimentou reversivelmente a *praxis* com a teoria definindo desta forma, uma metodologia de intervenção que se assume também como uma metodologia para pensar projeto de arquitetura.

É segundo esta exposição que refletimos sobre as consequências das diversas ações, é através da (des)construção do percurso de investigação, só possível realizar nesta fase da dissertação que ordenamos o discurso narrativo e se encadeiam as ideias e os propósitos, de repente tudo faz sentido, a investigação conduz-nos ela própria pelo seu formato concludente ao processo de evidência.

Os exercícios desenvolvidos e os diversos textos elaborados, querem formato de artigos ou de ensaios teóricos constituem-se assim como uma exposição metodológica que perseguindo uma intenção vão esclarecendo os objetivos, tornando-se desta forma eles próprios como instrumentos de pesquisa essencial para a consolidação para a coerência formal e para a maturação das diferentes fases do projeto.

Um procedimento que nos permite considerar o processo de composição - redação da dissertação - como parte integrante da investigação a sua organização e o encadeamento dos vários momentos da investigação, permitiram clarificar e compreender as diferentes etapas, como foi no caso de identificação dos quatro modos de conhecimento, só perceptíveis no momento de construção do diagrama descritivo.

Outra análise que se retém na análise desta esquematização é a escala e a dimensão temporal do projeto, escala no sentido da dimensão de intervenção, confrontada profissionalmente pela primeira vez, o que obrigou a desenhar estratégias de aproximação e a constituir pontos apoio - mestras, que ao se relacionarem entre si submetem estrategicamente um plano de trabalho na área de estudo. Dimensão temporal do processo devido à diversidade das temáticas abordadas, o que desencadeou outra confrontação que necessitou do seu estágio e tempo de assimilação.

PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

Ao apresentar a investigação através de um diagrama descritivo pretende-se demonstrar além do processo de construção os diferentes estágios da sua evolução, esclarecer a estratégia seguida e assinalar as redefinições e os reposicionamentos conceptuais de um percurso como já referido, que produziu novas formas de pesquisa que foram sendo conduzidas e redirecionadas pelos diversos exercícios realizados, constituindo-se como uma metodologia de investigação em projeto de onde se podem extrair diversos modelos de atuação. O diagrama esclarece ainda a ramificação que a estratégia de investigação efetuou nas distintas áreas disciplinares com o fito, de se situar e compreender o universo de atuação e de encontrar pontos comunicantes, que indo ao encontro dos objetivos traçados se traduzissem em soluções concretas de intervenção.

Se por um lado se foi definindo a estratégia de intervenção através das várias operações que foram surgindo, pelo outro clarificaram-se as opções tomadas e retiraram-se as devidas ilações em jogo recíproco entre ação e reflexão, entre exercícios teóricos e atividades práticas, no qual o processo de investigação se estruturou e se fundamentou. Assim, o diagrama subdivide-se verticalmente por ordem cronológica, iniciando-se no momento da escolha do tema mas sem data de término, perspetivando-se desta forma a continuação da investigação, a acompanhar este movimento dispõem-se quatro colunas onde se registam as várias operações, que se distribuem pela seguinte ordem: na primeira coluna as operações teóricas, na segunda os exercícios e as ações práticas desenvolvidas no decorrer da investigação, e uma terceira e quarta coluna onde se descrevem as reações e as consequências resultantes da relação existente entre as duas primeiras colunas.

Numa análise agora distanciada, podem identificar-se duas partes distintas ao longo do processo, cada uma com suas próprias características específicas:

- Uma primeira parte, que designaremos por **Parte 1**, onde se definiu a problemática e as diversas situações críticas, onde se efetuou uma primeira aproximação aos objetos de estudo e se propôs um conjunto de intenções de projeto.

- E uma **Parte 2**, que consideramos de dilatação do processo reflexivo e de aprofundamento do conhecimento, que originou uma progressiva mudança na abordagem inicial que não a invalidando a complementou, acrescentou-lhe valor e redirecionou-a para novas abordagens e para novas soluções de projeto.

Ambas as fases constituem o projeto global, que se constrói através de um processo transdisciplinar sustentado nas inúmeras contribuições, nos modos de atuação, no cruzamento e na fertilização das diferentes ideias e conhecimentos, um processo que permitiu ampliar a visão sobre o objeto de intervenção e constituir novas teorias, que correspondendo à estratégia traçada, foram alimentando naturalmente a investigação.

Por sua vez subdivide-se cada parte descrita em duas fases: **Fase 1 e Fase 2** para a 1º Parte e **Fase 3 e Fase 4** para a 2º Parte, uma subestruturação do processo que vem transmitir nova apreensão na evolução da pesquisa. A segmentação das duas fases descritas, permite clarificar quatro modos de produção de conhecimento (Dunin-Woyseth, 2011), que se assumem como estruturantes no corpo da pesquisa pelas suas características disciplinares, que (in)conscientemente se foram posicionando ao longo da investigação pela seguinte ordem:

- **1º Fase**, o modo de conhecimento refletiu-se pela pesquisa MONODISCIPLINAR, caracterizada pela sua homogeneidade apenas focada na disciplina da arquitetura como exemplo prático indicamos, as primeiras intenções de projeto para os núcleos arqueológicos.
- **2º Fase**, centrou-se na pesquisa MULTIDISCIPLINAR, vinculou-se, essencialmente, pela conexão com a disciplina da arqueologia, direcionando-se as diversas contribuições na resolução de um problema complexo, como no projeto de valorização da Foz do Enxarrique.
- **3º Fase**, caracteriza-se pela pesquisa INTERDISCIPLINAR, iniciando-se o trabalho com uma pluralidade de disciplinas (Arqueologia e Arquitetura Paisagista), integrando-se alguns dos conceitos adquiridos na construção

de possibilidades de intervenção, ex.: Curso em Gestão de Parques e Reservas Naturais e Culturais / desenvolvimento da 1ª Proposta de Gardete.

- **4º Fase**, o modo de conhecimento fundamenta-se na pesquisa TRANSDISCIPLINAR, desenvolve-se, com a colaboração e integração dos conceitos e metodologias das diferentes disciplinas (Arquitetura Arqueologia e Arquitetura Paisagística), propõe e resolve questões concretas que no caso do *Percurso Interpretativo*, envolve a cooperação da AEAT do Município de VVR.

A descrição que se efetua não se centra ou especifica nenhum modo de pesquisa em particular, considerando todos os modos de conhecimento válidos e utilizáveis de acordo com a estratégia e o objeto de intervenção, demonstra-se no entanto como a produção de conhecimento se foi consolidando, como a investigação e o projeto de arquitetura cooperaram para a construção desse conhecimento, e, como se construiu progressivamente esse processo. Demonstra ainda que à complexidade da intervenção corresponderão vários estágios de pesquisa, que se aprofundou constantemente a investigação, e que esta investigação decorre da dialética entre as várias disciplinas mas também da progressão dos modos de produção de conhecimento.

Uma progressão que no caso de estudo apresentado, pode transcrever-se ao tema da dissertação “Do projeto à (re)interpretação do lugar”, configurando-se desta forma um modelo uma prática de intervenção, é através do projeto e da investigação que se reinterpreta o lugar, que se evolui conscientemente nos quatro modos de pesquisa, que se procura a melhor forma de encontrar soluções.

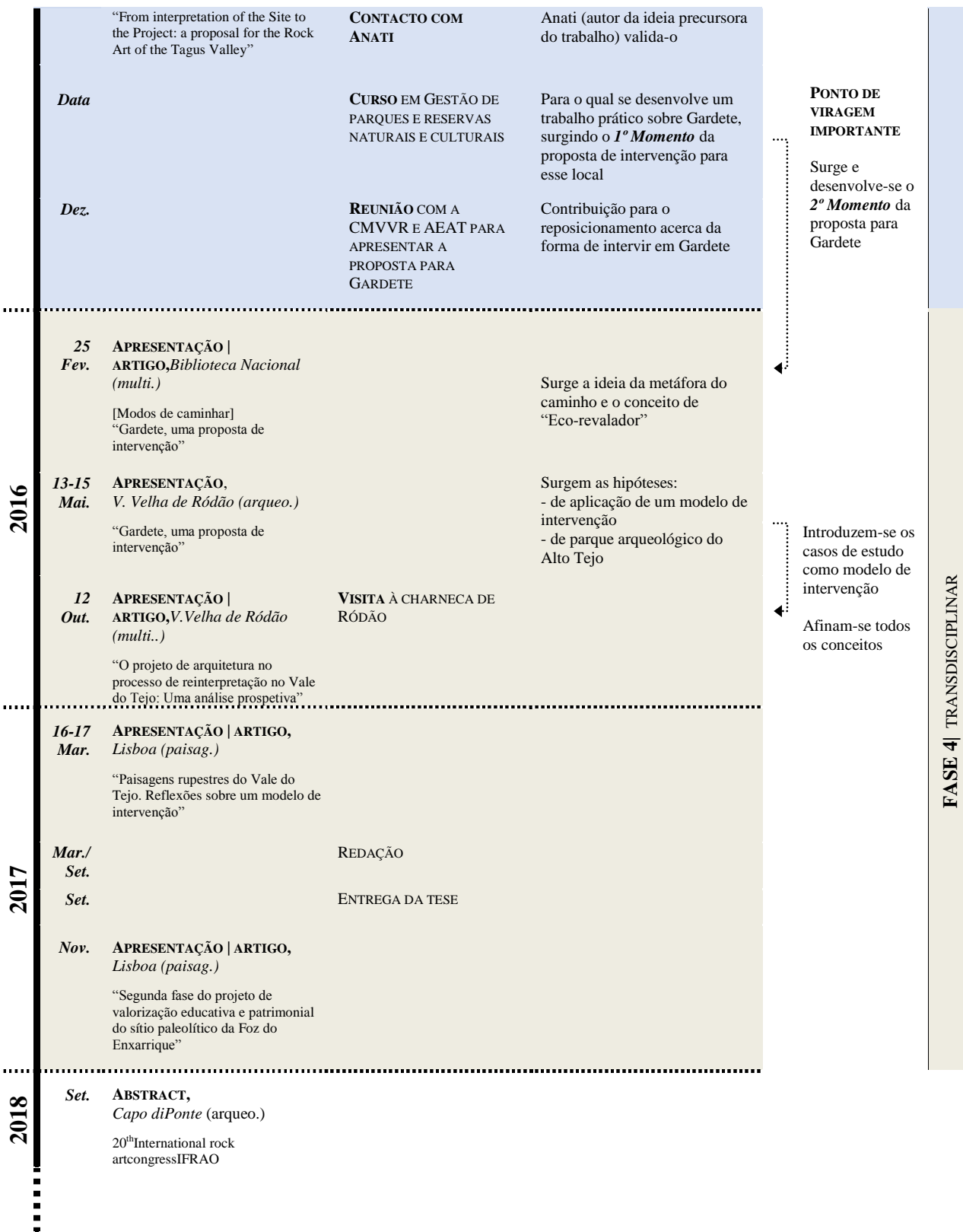
O gráfico seguinte estratifica esse percurso, um percurso que se desenvolve quer pela exposição do trabalho quer pela confrontação desse trabalho, uma estratégia que não estando inicialmente programada, proporcionou a consolidação do trajeto da investigação e o redirecionamento dos objetivos da pesquisa.

DO PROJETO À (RE)INTERPRETAÇÃO DO LUGAR.
O complexo rupestre do Vale do Tejo

	DATA	CONFERÊNCIAS ARTIGOS	ACONTECIMENTOS IMPORTANTES	ILAZÕES RETIRADAS	CONSEQUÊNCIAS	CORPO DA PESQUISA
2013	Jan.		ESCOLHA DO TEMA E SELEÇÃO CASOS DE ESTUDO			FASE 1 MONODISCIPLINAR
	Abr.		1 ^{AS} INTENÇÕES DE PROJETO			
	Out.		INÍCIO DO PROJETO DA FOZ DO ENXARRIQUE			
2014	07 Fev.	APRESENTAÇÃO, <i>Biblioteca Nacional (arq.)</i>		“Crítica feroz”		FASE 2 MULTIDISCIPLINAR
		“Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo (arq.)”		Reposicionamento dos OBJETIVOS e da METODOLOGIA do trabalho	Surge a 1ª metodologia de aproximação à leitura do carácter do lugar	
	09 Mai.	APRESENTAÇÃO ARTIGO, <i>Lisboa (arq.)</i>				
		“From interpretation of the Site to the Project: a proposal for the Rock Art of the Tagus Valley” (arq.)		Necessidade de mostrar mais o local		
	10-11 Mai.		VISITA AOS LOCAIS DE INTERVENÇÃO COM OS 3 ORIENTADORES	Momento muito importante. Reflexão acerca da exequibilidade das propostas		
	08-14 Set.	APRESENTAÇÃO ARTIGO, <i>Alandroal (arqueol.)</i>		Validação de outra disciplina (arqueologia)		
		“Uma visão prospetiva na paisagem do Vale do Tejo”		Investigação demasiado focada na Gravura rupestre – “visão muito arqueológica”	Surgem as UOPG’S Procura-se um conceito mais operativo/ abrangente	
2015	10-12 Abr.	APRESENTAÇÃO ARTIGO, <i>Castelo Branco, (arqueol.)</i>				FASE 3 INTERDISCIPLINAR
		“Vale do Tejo: Espectro Museológico – Vivencial”				
	Mai.		COLABORAÇÃO COM OS ARTISTAS VANDA E NUNO	Desenvolvimento da obra <i>Site Specific</i>		
	29 Mai.	APRESENTAÇÃO ARTIGO, <i>Mêda (arqueol.)</i>				
		“Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo”				
	05 Ago.	APRESENTAÇÃO, <i>Proença-a-Nova (arqueol.)</i>		Surge a ideia de museus e paisagem cultural		
		“Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo”		Conduz a uma lógica mais abrangente, menos pontual		
	9-23 Set.	APRESENTAÇÃO ARTIGO, <i>Capo di Ponte (arqueol.)</i>	VISITAAO VALE CAMÓNICA	Despoleta a decisão de integrar este local nos casos de estudo		

PARTE 1

PARTE 2



PARTE 2

FASE 4 | TRANSDISCIPLINAR

PLANOS DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DO VALE DO TEJO

Um dos exercícios realizados cingiu-se em procurar possíveis conexões entre núcleos de arte rupestre e os valores culturais inscritos na carta patrimonial do concelho de VVR, um trabalho prático inicialmente realizado sobre carta topográfica à Esc:1/25000 e aerofotografias, tendo-se *a posteriori* prospetado alguns dos trechos nomeadamente na área designada por Charneca, entre a Foz de Enxarrique e o sítio do Cachão do Algarve, área onde se concentram uma parte significativa dos registos arqueológicos.

Um exercício objetivo que identificou os registos arqueológicos desde o Paleolítico até ao Romano, distinguindo e relacionando-os individualmente ao longo da margem Norte da área de estudo por um conjunto de hipotéticas linhas, que ao unirem os diversos registos, acabam por originar um diagrama que gera sobreposições e ligações que podem ser exploradas e inseridas, por exemplo numa rede de percursos visitáveis.

Além da referida identificação, foi também efetuado um levantamento individualizado de pontos de interesse e definiu-se possíveis ligações, esboçando-se desta forma um princípio de organização do território assente nos seus valores culturais.

Esta interpretação originou a marcação de um perímetro definido em conjunto com a DOUA e AEAT, segundo a leitura dos seguintes elementos: caminhos rurais, linhas de água, cumeadas, acidentes geológicos, sítios arqueológicos, limites administrativos, ações antrópicas e elementos singulares mais representativos (por exemplo as Portas de Ródão ou os socalcos de olivais), que redesenham e identificam a paisagem deste lugar.

Esta delimitação, que impulsionada por um exercício meramente abstrato, proporcionou uma reflexão conjunta, mais profunda, originando o propósito de formalizar um plano de salvaguarda e valorização que não se resumisse apenas aos registos arqueológicos, mas incluísse a atividade agrícola, florestal e piscatória, o aproveitamento dos recursos hídricos, a arquitetura da paisagem, a cultura popular associada sinónimo da vivência única que esta região proporciona.

Razões e motivos suficientes para a abordar especificamente a área que se acabou de delimitar, e de colocar a possibilidade (perante o município) de classificação deste vasto conjunto patrimonial. Uma proposição que originou formalmente a proposta de delimitação de uma servidão administrativa, tendo em vista a salvaguarda do património assinalado, de modo que este património além do seu reconhecimento se torne uma reserva patrimonial para o desenvolvimento cultural e económico da região, potenciando-se desta forma um programa estratégico de ação e valorização através de um instrumento de gestão territorial.

Esta hipótese foi bem acolhida pelo Município, o que originou a inscrição no PDM de VVR, em revisão à data, de duas UOPG¹³⁰, representadas graficamente na Figura 104, a que correspondem as seguintes designações:

- **U5(2535ha)** – Área de proteção especial do património do vale do Tejo – Zona norte;
- **U6(920ha)** – Área de proteção especial do património do vale do Tejo – Zona sul.

A área integrada nestas unidades caracteriza-se morfológicamente, pelo vale do rio Tejo e parte dos seus afluentes Ocreza e Ponsul, pela albufeira do Fratel, pelo monumento natural das portas de Ródão, pelo complexo de arte rupestre pós-paleolítica, que apesar de parcialmente submerso mantém a sua referência singular, que se manifesta também nos extensíssimos vestígios arqueológicos¹³¹, nas características geográficas e climáticas, assim como na natureza de solos e na especificidade geológica, suporte da fauna e da flora, na atividade agrícola ainda expressa nos olivais e nos socalcos nas encostas ao longo das margens do rio.

¹³⁰Alínea e) e f) do Artigo 101º, do PDM VVR (CMVVR, 2015)

¹³¹No exercício efetuado contabilizaram-se mais de 200 registos apenas na margem norte do Tejo, com maior concentração na bacia sedimentar a montante das Portas de Rodão. Um número que não é definitivo, devido à inscrição constante de novos achados como a estação Paleolítica de Cobrinhos, recentemente descoberta nos trabalhos de expansão da zona industrial de VVR.

A área devido à sua extensão foi subdivida em duas unidades operativas (duas unidades funcionais se compararmos com outras estratégias de intervenção já analisadas neste trabalho), uma opção que permite direcionar e agilizar programas de forma faseada.¹³²

Os planos de salvaguarda e valorização a elaborar consistem numa primeira fase em PIER, que deverão ter um propósito eminentemente conservacionista considerando-se a posterior utilização a outro tipo de atividade, para além da vertente cultural e científica.

No ordenamento das respetivas unidades operativas, foram definidas como disposições a respeitar alguns dos objetivos programáticos preconizados nesta investigação, os quais transcrevemos:

- “i) Reinterpretar a identidade “Rio” através da introdução de novas leituras, sempre subjacentes à ideia da paisagem na cultura portuguesa;*
- ii) Fomentar a oportunidade de explorar de forma integrada, os recursos económicos e os valores naturais e culturais da região, no quadro de um contexto de parque cultural e arqueológico, com fins educativos, científicos e de promoção do desenvolvimento regional;*
- iii) Promover a reabilitação e valorização do património natural e construído, conferindo-lhe um carácter museológico-vivencial e pólo atrativo na dinâmica turístico-sócio-económica da região;*
- iv) Introduzir uma rede de rotas e percursos, sustentados pela carta patrimonial do concelho, interligando os pontos de interesse entre si, que associados à recuperação e valorização do património existente, possam potenciar uma nova dinâmica socioeconómica e identitária da região.”¹³³*

¹³²Das duas unidades inscritas, considerou-se como prioritária de atuação a unidade U5, compreendida desde a zona de confluência do Rio Ponsul até à ponte de Vila Velha e Ródão. Um procedimento que visa constituir a zona designada como “Charneca” (local onde se concentra grande parte dos vestígios arqueológicos) como reserva arqueológica, salvaguardando desta forma toda a área, que se encontra ainda por explorar.

¹³³Alínea a) do n.º 3 do Artigo 103.º, do respetivo diploma.

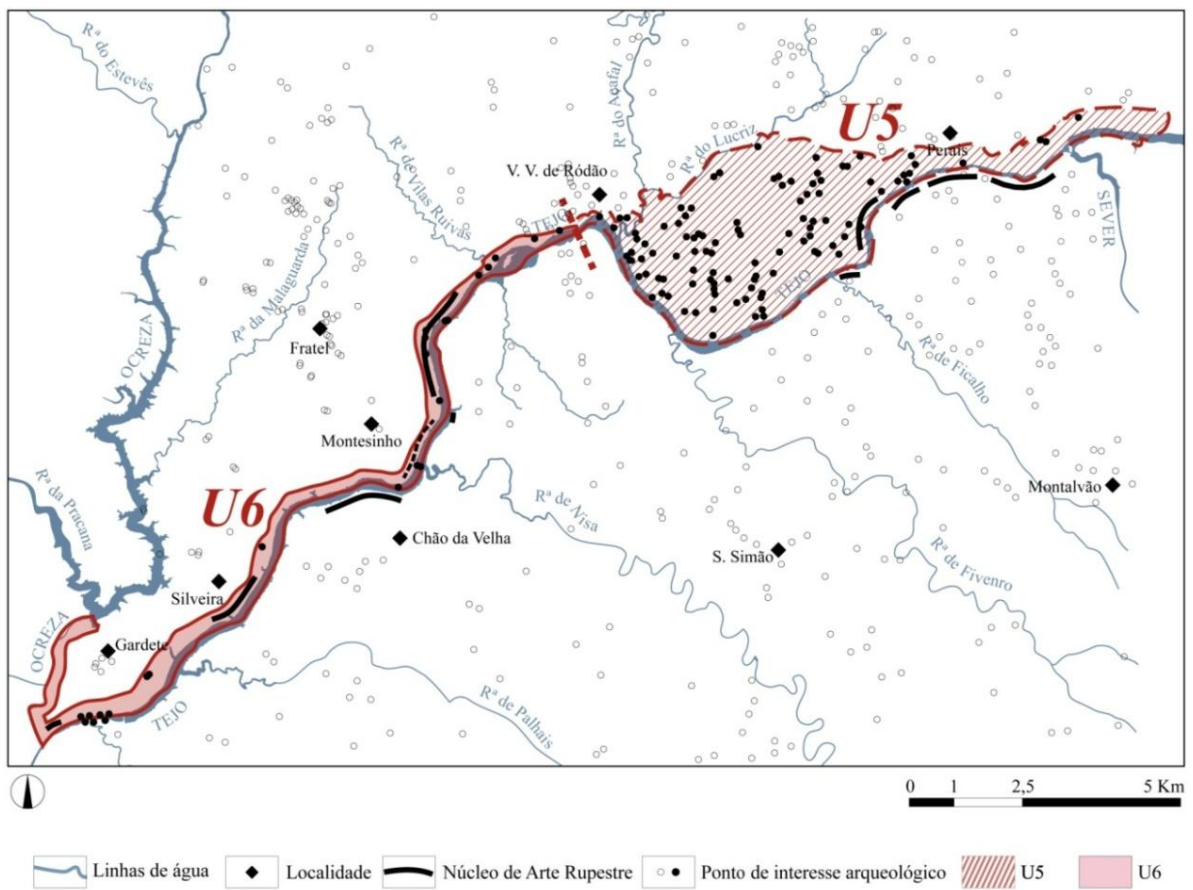


Figura 101- U5 e U6 - Unidades Operacionais de Planeamento e Gestão. (PDM de V. V.de Ródão)

OBSERVAÇÕES FINAIS

O tema desenvolvido reflete-se sobre a problemática de uma determinada paisagem que sofreu alterações significativas na sua estrutura global, que resulta do fenómeno de desertificação que se tem verificado nas últimas décadas, do aproveitamento excessivo dos recursos hídricos e da submersão de uma vasta área do seu território, mas também dos recentes episódios de poluição desses mesmos recursos.

Fenómenos que no seu conjunto formam leituras, ocultam e destroem patrimónios naturais e culturais de inegável valor, que no caso do vale do Tejo e devido às suas diversas singularidades ainda mais se acentua. É sobre esta realidade que desenhamos um modelo operativo que se desenvolve uma prática de intervenção, que visa a reinterpretar a identidade do lugar mas também a consciencialização para as diversas problemáticas que afetam irremediavelmente essa mesma identidade.

A intervenção direciona-se a um tempo atual, a um modo de fazer e pensar arquitetura que se define, essencialmente, pela avaliação de uma determinada realidade e pela proposição de um caminho alternativo, fundamentado pela compreensão de um contexto em particular.

A estratégia manifesta-se pela valorização da ética mais do que estética, distingue o conteúdo da forma, parte do epidérmico e aprofunda o conhecimento que reutiliza para se redefinir e determinar novos caminhos. O projeto de arquitetura seguindo a estratégia descrita, surge como consequência desta realidade adquirindo a sua noção de existência, através dos elementos pelos quais se define o carácter do lugar. Um projeto que procura exprimir o carácter do lugar, um projeto que se pretende que transcenda a sua condição objetiva, nas suas funções nos seus programas e nas soluções que propõe, na relação de mediação que estabelece com as distintas áreas disciplinares, com o lugar e consecutivamente com a paisagem.

Para o desenvolvimento do exercício prático seleciona-se o sítio arqueológico, lugar onde se experienciam conceitos, lugar que ambiciona ampliar a visão e o campo de ação da intervenção, num contexto no qual o seu carácter se assume impositivamente e no qual o projeto é chamado apenas a ser parte dele integrante.

É segundo este exercício que se efetua a pesquisa segundo o método *Research by Design* (que constitui parte substancial no processo de investigação), utilizado preliminarmente com o intuito de definir um modelo de intervenção que ao direcionar-se ao objeto de estudo e à resolução de uma problemática específica, ancorou-se a um conjunto de pressupostos, à forte herança cultural e a uma prática disciplinar que no seu normal impulso - de desenvolver projeto - se abstraiu do contexto da intervenção.

É na perceção deste constrangimento que se determina outra forma de olhar, outra forma de questionar, ao reformular as perguntas direciona-se a pesquisa e estabelecem-se novos programas, abrindo o campo de trabalho e de investigação a uma realidade muito mais complexa que se condiciona e que se define pelo lugar, consolidando desta forma a intenção da investigação. É através do projeto que reinterpretamos o lugar mas reciprocamente é o lugar que define o projeto e o modelo de intervenção, num jogo subtil de correspondências. Uma disposição que se consolida e demonstra no percurso da investigação, o lugar como elemento estrutural, como o elemento comum que sendo transversal no *corpus* da pesquisa conduz a ação e formata o projeto, independentemente do modo de pesquisa utilizado.

Neste trabalho executa-se um exercício projetual em Gardete, que sintetiza o processo de investigação, que surge de uma intenção da qual se parte para o desenvolvimento de uma proposta concreta de intervenção, que apesar de não ter sido concretizado permitiu testar conceitos e explorar metodologias. Corresponde também este exercício ao primeiro ponto de exclamação da investigação, é o momento de viragem do objeto de intervenção, e o momento que a gravura se expande e ganha o seu lugar próprio no contexto onde se insere, é da gravura que se parte (agora) para a interpretação do lugar, é o lugar que passa a determinar a intervenção.

O segundo ponto que consideramos pertinente realçar é o momento de construção da dissertação, é no tempo de consolidação do discurso teórico que se evidenciam os diferentes modos de pesquisa que tornam claro o percurso de pesquisa desenvolvido.

É na reflexão da instigação prática e da evolução da investigação que se consciencializa a metodologia utilizada na pesquisa, que se define por um processo seletivo que utiliza os quatro modos de relações disciplinares (monodisciplinar, multidiscipli-

nar, interdisciplinar e transdisciplinar) como estágios de aperfeiçoamento e de construção de conhecimento.

Por fim considera-se a noção do lugar como o modelo definidor da intervenção, o projeto reinterpreta, reorganiza e refunda os objetivos, constrói-se através de uma estrutura complexa que se define pelo carácter da paisagem, que parte inicialmente da figura rupestre mas que depressa se expande ao contexto do qual é indissociável, enunciando uma predisposição para o projeto de arquitetura.

No final, tudo resulta no projeto global: projeto de investigação, prática projectual, reflexão teórica, processo de dissertação. Um projeto que ao pretender refletir-se noutros locais articula três diferentes escalas de intervenção: o lugar, a paisagem e o território, reconstruindo dessa forma o sentido identitário do lugar - Vale do Tejo.

Regressamos agora ao texto do Arquiteto Manuel Tainha que introduzimos no início deste trabalho, à noção do arquiteto como “intérprete privilegiado”, mediador no “lugar de conflito entre dois sistemas de forças: as internas que o determinam; as forças externas que o condicionam”, mas também lugar de encontro no qual ele (o arquiteto) se considera “também como força condicionante”, que utiliza o seu conhecimento e sua poética no diálogo e na resolução da conflitualidade entre ambos os sistemas.

Uma noção de conceção arquitetónica que nos é útil, por um lado para compreender o alcance do exercício teórico e prático desenvolvido, por outro para perspetivar esse mesmo alcance: o do papel da arquitetura e do arquiteto, como proponente, como agente conciliador que ao refletir sobre determinada realidade encontra através dos seus instrumentos e do seu trabalho, a forma de corresponder e procurar soluções em lugares com esta especificidade, mas também com aplicabilidade em contextos de igual complexidade.

Definiu-se um método de atuação que se fundamenta pela prática, que se aprofunda na investigação e se embrenha nas diferentes áreas disciplinares, mas que não procura apenas soluções, mas sim a escolha da melhor maneira de as encontrar.

Bibliografia

- A *Simbólica na Arte do Tejo*. (3 de Julho de 2012). Obtido de Tejo Rupestre: http://tejo-rupestre.com/?page_id=127
- Agamben, G. (1993). *A comunidade que Vem*. (A. Guerreiro, Trad.) Lisboa: Editorial Presença.
- Alegria, M. F. (1981). *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse seleções* (Vol. Volume 3 (Temas)). Lisboa: Seleções de Reader's Digest.
- Anati, E. (1994). *World Rock Art: The Primordial Language*. Archaeopress Archaeology.
- Andresen, S. d. (Abril de 1960). Poesia e realidade. *Colóquio - Revista de Artes e Letras*, 8, pp. 53-54.
- APA, A. P. (Fevereiro de 2016). Avaliação Ambiental Estratégia | Plano de Gestão de Região Hidrográfica do Tejo Resumo Não Técnico.
- APPLETON, J. (1978). *The Experience of Landscape*.
- Archport. (19 de Maio de 2016). [Archport] *Menção Honrosa para projeto na Foz do Enxarrique*. Obtido de <http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/archport/msg20845.html>
- Bachelard, G. (1993). *A Poética do Espaço* (2ª Edição ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bacon, F., Walpole, H., Addison, J., Pope, A., & Chambers, W. (2006). *El Espíritu del Lugar, Jardín y Paisaje en La Inglaterra Moderna*. (P. M. Salván, Ed.) Madrid: ABADA Editores.
- Baptista, A. M. (1981). *A rocha F-155 e a origem da arte do Vale do Tejo*. Porto Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- Baptista, A. M. (1993). Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. In J. d. Alarcão, *História da Arte em Portugal - Do Paleolítico à arte visigótica* (Vol. volume 1, pp. 31-55). Lisboa: Publicações Alfa.
- Baptista, A. M. (2011). NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO, 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto.... *AÇAFA on-line*, 4. Vila Velha de Ródão.
- Baptista, A. M. (2009). *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa. Porto: Edições Afrontamento.
- Baptista, A. M. (2011). Ocreza (Envendos, Mação, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *ARKEOS: perspectivas em diálogo*, 11.
- Barthes, R. (2007). *Crítica e Verdade*. Edições 70.
- Batalha, P. J. (Junho de 2004). Castelo de Ródão e Capela da Senhora do Castelo - Projecto de Execução, Memória Descritiva e Justificativa. Évora.
- Batista, D., & Costa, M. R. (2012). "The process of landscape (trans)formation: a methodology for sustainable intervention in contemporary landscape. *International Journal of Energy and Environment*, 6.
- Batista, D., & Matos, R. (2013). *A dimensão patrimonial e identitária da paisagem: a história do lugar como fundamento da intervenção urbana e territorial contemporânea*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bell, S. (1993). *Elements of Visual Design in the Landscape*. London: E & FN SPO.
- Bernáldez, F. G. (1981). *Ecología y Paisaje*. Madrid: Blume Ediciones.
- Beroutchachivili, N., & Rougerie, G. (1991). *Geosystemes et Paysages. Bilan et méthodes*. Paris: Armand Colin.
- Berque, A. *Paisagem-marca, paisagem-matriz*.
- Berque, A. (2014). *Poétique de la Terre*. Éditions Belin.
- Berque, A., Conan, M., Donadieu, P., Lassus, B., & Roger, A. (1994). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Editions Champ Vallon.
- Bertrand, G., & Bertrand, C. (2007). *Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades*. Maringá: Massoni.
- Bonesio, L. (2009). *Paesaggio, identità e comunità tra locale e globale*. Diabasis.
- Bueno, P. R., de Balbín, R. B., & Barroso, R. B. (2008). Models of integration of Rock Art and Megalith Builders in the International Tagus. In *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series 1765.
- Burns, C. J., & Kahn, A. (2005). *Site Matters: Design Concepts, Histories, and Strategies*. Great Britain: Routledge.
- CAAL, A. d. (1 de Dezembro de 2012). *Amieira do Tejo e o Muro da Sirga*. Obtido em 1 de Setembro de 2017, de Clube de Actividades de Ar Livre: <http://clubearlivre.org/node/1994>
- Cailois, R. (1990). *Os Jogos e os Homens, A máscara e a vertigem*. (J. G. Palha, Trad.) Lisboa: Edições Cotovia.
- Caires, A. (1974). Arte Rupestre Afogada no Tejo. *O Século Ilustrado*, nº 1888.
- Caninas, J. C. (2010). *As construções funerárias da pré-história recente na região de Castelo Branco no contexto da carta arqueológica regional* (Dissertação de Mestrado ed.). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Caninas, J. C., & Henriques, F. (no prelo). *O Rio Tejo Via de Comunicação e Comércio*.

- Caninas, J. C., Henriques, F., & Osório, M. (02 de 10 de 2017). Ocupação do território de Fratel (Vila Velha de Ródão) na Pré-história recente: ensaio de análise espacial. *SCIENTIA ANTIQUITATIS - ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO: DA PRÉ-HISTÓRIA À PROTO-HISTÓRIA*, 1, pp. 177-208.
- Caninas, J., Henriques, F., & Chambino, M. (2007). Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente .. *Tejo. 1ª Reunión de Estudios sobre la Prehistoria Reciente en el Tajo Internacional Marcadores Gráficos y Constructores de Megalitos en el Tajo Internacional*. Santiago de Alcántara, Cáceres: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- Caninas, J., Henriques, F., & Gouveia, J. (1997). O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo. Vila Velha de Ródão: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.
- Carapinha, A. (Outubro de 2015). Do "Topus " e do "locus ". *AP - Revista da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas*, 11.
- Carapinha, A. (Maio de 2011). País enquanto Paisagem. *AP - Revista da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas*, nº 6, pp. 21-25.
- Carvalho, A. M. (22 de Dezembro de 2011). *DAS ROCHAS SEDIMENTARES (20) GRAUVAQUES*. Obtido em 30 de Agosto de 2017, de Sopas de Pedra Ciência, opiniões, memórias e gastronomia: <http://sopasdepedra.blogspot.pt/2011/12/das-rochas-sedimentares-20.html>
- Carvalho, C. M. (2013). As embarcações tradicionais do Tejo Memórias de fragateiros. Evolução das diferentes tipologias no período de 1785 a 1978, segundo os registos de sete autores. *Memórias de fragateiros. Sessão Pública patrocinada pela Sociedade de Geografia de Lisboa e a Associação Marinha do Tejo*. Lisboa.
- Carvalho, M. (2016 de Outubro de 2016). Barragem do Tua já encheu, mas contrapartidas para a região ainda andam no ar. *Público*, 10.
- Carvalho, N. (2004). *Caracterização geológica e geomorfológica do concelho de Vila Velha de Ródão – contribuição para o planeamento. Dissertação de Mestrado em Geociências*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Carvalho, N., Cunha, P. P., Martins, A. A., & Tavares, A. (2006). Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal. *AÇAFA*.
- Chilida, A. e. (2004). *Paisaje & Memoria - Expo. La Casa Encendida*. Madrid: Fund. Caja Madrid.
- CIART. (3 de Setembro de 2017). Obtido de CIART - Núcleo de Fratel: http://tejo-rupestre.com/?page_id=703
- CIART. (3 de Agosto de 2017). *CIART*. Obtido de Nucleo do Cachão do Algarve: http://tejo-rupestre.com/?page_id=709
- Clément, É., Khan, P., Hansen-Love, L., & Demonque, C. (1997). *Dicionário Prático de Filosofia*. Terramar.
- CMVVR. (2015). *Plano Diretor Municipal de Vila Velha de Rodão (1º Revisão)*. Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.
- COBA, C. d., & PROCESL, E. H. (2007). *Programa Nacional de Barragens com Elevado Potencial Hidroelétrico - Memória*. INAG, DGE, REN.
- Consiglieri, V. (1995). *A Morfologia da Arquitectura 1920-1970*. Editorial Estampa.
- Correia, A. (1967). *O Tejo*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Costa, A. C. (1706). *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*. Lisboa.
- Cunha, P. P. (1996). *Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal)*. Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro.
- Cunha, P. P., Almeida, N. A., Aubry, T., Martins, A. A., & Murray, A. S. (1 de Setembro de 2012). Records of human occupation from Pleistocene river terrace and aeolian sediments in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). *Geomorphology*, 165-166, pp. 78-90.
- d'Abreu, ., A., Oliveira, R., & Correia, T. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Unidade de Paisagem J (Pinhal do Centro)* (Vol. III). DGOTDU.
- d'Abreu, A. C., Correia, T. P., & Oliveira, R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Unidade de Paisagem F (Beira Alta)* (Vol. III). DGOTDU.
- Descola, P. (2014). Modes of being and forms of predication. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 271-280.
- Domingues, Á. (2001). A paisagem revisitada. *Finisterra*, 72, pp. 55-66.
- Domingues, C. (12 de Setembro de 2012). Museu conta a história da pré-história submersa pelas águas há 40 anos. *Diário de Notícias*.
- Donadieu, P., & Périgord, M. (2005). *Clés pour le paysage. Collection GéOphyrus*. Paris: Ophyrus.
- Dunin-Woyseth, H. (2011). Some notes on mode 1 and mode 2: Adversaries or dialogue partners? In M. Biggs, & H. Karlsson, *Routledge Companion to Research in the Arts*. London: Routledge.
- ECO, H. (1991). *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva.

- Félix, N. (2010). *Reflexões e Análises Críticas ao Programa Nacional de Barragens de Elevado Potencial Hidroeléctrico - Tese de mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores*. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Filipe, D. (1974). *Pátria lugar de exílio*. Lisboa: Presença.
- Gomes, M. V. (2004). A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1), pp. 61-12.
- Gomes, M. V. (1987). Arte rupestre do Vale do Tejo. In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: I.P.P.C.
- Gomes, M. V. (2010). *Arte rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Gomes, M. V. (2002). Arte Rupestre em Portugal – Perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História*, 54, pp. 139-194.
- Gonçalves, M. E. (2001). *O caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*. Lisboa: Edições 70.
- Gouveia, J. (2009). Monumento Natural das Portas de Ródão. *AÇAFA on-line*, 2. Vila Velha de Ródão. Gravura rupestre vandalizada em Foz Côa. (28 de Abril de 2017). *Jornal de Notícias*.
- Henriques, F. R., Sabrosa, A., & Monteiro, M. (2008). Intervenções Arqueológicas na Capela da Senhora do Castelo e no Castelo de Ródão no Âmbito do Projeto Vamba. *AÇAFA ONLINE*, N. 1.
- Henriques, F., & Caninas, J. (1980). Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. *Preservação*, 3.
- Henriques, F., & Caninas, J. (1986). Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. *Preservação*, 7.
- Henriques, F., & Caninas, J. (2011). Poesia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros. *Açafa n^o4*.
- Henriques, F., Caninas, J. C., Monteiro, M., Pereira, A., Mendes, C., Gouveia, J., et al. (2013). *A Calçada e a Barca da Telhada (Perais, Vila Velha de Ródão)*. Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).
- Henriques, F., Caninas, J., & Chambino, M. (1, 2 y 3 de Marzo de 2007). Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. *1^a Reunión de Estudios sobre la Prehistoria Reciente en el Tajo Internacional*, p. 19.
- Henriques, F., Caninas, J., & Gouveia, J. (1997). Arqueologia da Região do Fratel, Um olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos. *Itinerários por Terras da Açafa*.
- Higuchi, T. (1983). *The Visual and Spatial Structure of Landscapes*. (C. S. Terry, Trad.) London: The MIT Press.
- Hollein, H. (1968). "ALLES IST ARCHITEKTUR"—"Everything is Architecture.". *Bau*, 1/2.
- Ingold, T. (2011). *Being Alive, Essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge.
- Ingold, T. (2007). *Lines: A Brief History*. Routledge.
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge.
- Leitão, C. A. (1995). *Paisagem. Uma visão geo-sistémica*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico.
- Long, R. (2017). *The Richard Long official website*. Obtido de <http://www.richardlong.org/index.html>
- Lopes, D. S. (2016). *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro.
- Lopes, T. R. (1990). *Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- Lusa. (26 de Julho de 2017). *Flora destruída em Vila Velha de Ródão pode levar 200 anos a recuperar*. Obtido em 29 de Agosto de 2017, de Expresso: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-07-26-Flora-destruida-em-Vila-Velha-de-Rodao-pode-levar-200-anos-a-recuperar>
- Maderuelo, J. (2005). *El Paisaje, genesis de un concepto* (2^a ed., Vol. 2). Madrid: ABADA Editores.
- Madureira, C., & Baptista, V. (2002). *Hidroeletricidade em Portugal: Memória e Desafio*. Centro de Informação da REN.
- Magalhães, M. R. (2001). *A arquitetura Paisagista. Morfologia e complexidade*. Editorial Estampa.
- Magalhães, M. R. (2007). *Estrutura Ecológica da Paisagem. Conceitos e delimitação*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, ISA Press.
- Martín, M. (2001). Sobre el necesario vinculo entre el patrimonio y la sociedade Reflexiones criticas sobre la Interpretación dei Património. *Estudios/Património*, 1, pp. 25-37.
- Martins, A. A., Cunha, P. P., Huot, S., Murray, A., & Buyllaert, J. P. (2009). Geomorphological correlation of the tectonically displaced Tejo river terraces (Gavião-Chamusca area, central Portugal) supported by luminescence dating. *Quaternary International* 199, pp. 75-91.
- Martins, A. (2016). *Estação arqueológica da foz do Enxarique - Nota Histórico-Artística*. Obtido em 11 de Junho de 2017, de DGPC - Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72986>
- Matos, O. (2008). Valorização de Sítios Arqueológicos. *Praxis Archaeologica*, 3, pp. 31-46.
- Mattoso, J., Daveau, S., & Belo, D. (2010). *Portugal, O Sabor da Terra – Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Círculo de Leitores e Temas e Debates.

- Mcharg, I. L. (1969). *Design with Nature*. Nova Iorque: American Museum of Natural History.
- Mendoça, N. J. (1989). *Para uma poética da paisagem*. Évora: Universidade de Évora.
- Moita, P., Dias, L., Mirão, J., & Carvalho, C. N. (2015). ANÁLISE PETROGRÁFICA E QUÍMICA MINERAL DO “APLITO DE GARDETE”: ORIGEM DAS CANTARIAS DO CASTELO DE RÓDÃO? *Açafa Online*, nº 10.
- Morin, E. (17 de enero de 2010). Elogio de la metamorfosi. *El País*.
- Muir, R. *The New Reading The Landscape: Fieldwork in Landscape History*. Great Britain: University of Exeter Press.
- Nadaís, I. (13 de Fevereiro de 2005). Como revelar arte rupestre e respeitar a paisagem. *Público*.
- Naturtejo. (s.d.). De barco através das Portas de Ródão (Folheto).
- Norberg-Schulz, C. (1980). *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli.
- Nunes, J., Byrne, G., Gordon, R. B., Costa, P., Guerra, F., & Mateus, M. A. (2010). *PROAP – Arquitetura Paisagista*. (B. Silva, Ed.) Note.
- Oliveira, J. M. (1997). *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever* (1ª ed.). Lisboa: Colibri.
- Pallasmaa, J. (2011). *The Eyes of the Skin, Architecture and the Senses*. Great Britain: Wiley.
- Pallasmaa, J. (2009). *The Thinking Hand, Existential and Embodied Wisdom in Architecture*. Great Britain: Wiley.
- PAQUOT, T. L. (2007). *Haniter, le propre de l'humain*. Paris: La Découverte.
- Pereira, P. (2001). Lugares de passagem e o resgate do tempo. *Estudos/Património*, 1, pp. 6-16.
- Pereira, P. M. (2013). *Arquitetura do Território. Mapear Paisagens do Baixo Mondego. dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura Departamento de Arquitectura da FCTUC*.
- Pessoa, F. (1985). *Ecologia e Território. Regionalização, Desenvolvimento e Ordenamento do Território numa Perspetiva Ecológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Piaget, J. (1983). *Epistemologia Genética*. São Paulo: Abril Cultural.
- Piaget, J. (1979). *O Estruturalismo* (3ª edição ed.). São Paulo – Rio de Janeiro : DIFEL.
- Pires, J. M., Caninas, J. C., Henriques, F., & Gouveia, J. (26 de Junho de 2009). *PROJECTO VAMBA – Valorização do Castelo de Ródão, da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente*. Obtido em 2017, de https://www.academia.edu/13281661/PROJECTO_VAMBA_Valoriza%C3%A7%C3%A3o_do_Castelo_de_R%C3%B3d%C3%A3o_da_Capela_da_Senhora_do_Castelo_e_Zona_Envolvente
- Pissanati, M. C., & Archela, R. S. (Janeiro/Junho de 2009). Geossistema, Território e Paisagem – Método de Estudo da Paisagem Rural sob a Ótica Bertrandiana. *Geografia*, 18.
- Raposo, L. (1995). Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico Medio de Portugal. *Complutum*, 6, pp. 57-77.
- Raposo, L. (2013). Bases para um projeto de Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Arqueológico da Foz do Enxarrique. *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa.
- Raposo, L. (1999). Museus de Arqueologia e Sítios Arqueológicos Musealizados Identidades e Diferenças. *O Arqueólogo Português, série IV*, 17, pp. 51-72.
- Raposo, L. (2011). Ródão, há quatro décadas, um eixo vertebrador do “meu mundo”. *AÇAFA OnLine*, nº 4.
- Raposo, L. (1988). Vestígios ocupação humana paleolítica no Vale do Tejo, na região de Ródão. *Encuentros sobre el Tajo*, (pp. 27-38). Cáceres.
- Raposo, L., & Benjamim, M. (2017). Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: Do projecto à obra feita. *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Ribeiro, O. (1985). *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, O. (1943). *Novas observações geológicas e morfológicas nos arredores de Vila Velha de Ródão*. Porto: Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto.
- Ribeiro, O. (1951). *Portugal o Mediterrânico e o Atlântico. Estudo Geográfico*. Coimbra: Editora Limitada.
- Rosa, A. R. (2011). *O Aprendiz Secreto*. Quasi Edições.
- Rossi, A. (1982). *A Scientific Autobiography*. MIT Press.
- Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects. A short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. New York: Doubleday & Company, Inc. Garden City.
- Sabaté, J. (2002). En la identidad del territorio. *OP - ingeniería y territorio*, 60, p. 12.
- Sanches, M. (2003). Escrever na paisagem - sentido para as "artes rupestres". *Arquitectando Espaços. Da Natureza à Metapolis Pesquisar Publicações da Ata de Conferência*, (pp. 85-104). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Scazzosi, L. (30 de Julho de 2003). Leggere e valutare i paesaggi. Confronti.
- Serrão, A. V. (2011). *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Departamento de Filosofia/CFUL.
- Serrão, A. V. (2012). *Filosofia e Arquitetura da Paisagem. Um Manual*. Lisboa: Departamento de Filosofia/CFUL.

- Serrão, E. d., Lemos, F. S., Monteiro, J. P., Qeral, M. d., Jorge, S. O., & Jorge, V. O. (1972). O Complexo Rupestre do Vale do Tejo. (Vila Nova de Ródão – Nisa) Notícia preliminar. *Arqueologia e História*, 9 série 4.
- Simmel, G. (Setembro de 1996). A Filosofia da paisagem. (S. C. Maldonado, Trad.) *Política e trabalho*, 12, pp. 05-09.
- Sloterdijk, M. (2012). *The Art of Philosophy, Wisdom as a Practice*. (K. Margolis, Trad.) New York: Columbia University Press.
- Smuts, J. C. (1927). *Holism and evolution*. Macmillan & Co; REPRINT edition.
- Spens, M. (Março-Abril de 2007). Landscapes of the Second Nature Emptiness as a Non-Site Space. *Architectural Design, Landscape Architecture Site/Non-Site*, 77, pp. 88-97.
- SWAFFIELD, S. (2002). *Theory in Landscape Architecture. A Reader*.
- Tainha, M. (1982). Textos de apoio: Licenciatura em Arquitectura 2º Ano; 2, Grupo; Ano Letivo 1982-1983. ESBAL/ DA, Lisboa: Documento não publicado.
- Taylor, C. (2011). *Sources of the Self, The making of the modern Identity*. Cambridge: Harvard University Press.
- Teixeira, C. (1981). *Geologia de Portugal – Precâmbrico, Paleozóico* (Vol. 1). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Thayer, R. (1998). Landscape as an Ecologically Revealing Language. *Landscape Journal*, 17, pp. 118-129.
- Tomás, C. (26 de Janeiro de 2016). O maior rio da península ibérica está a morrer? *Expresso*.
- Trías, E. (1991). *Lógica del límite*.
- Tuan, Y.-F. (1974). *Topophilia: A Study of Environmental Perception Attitudes, And Values*. New Jersey: Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs.
- Turri, E. (2006). *Il paesaggio como teatro. Dal territorio vissuto al territorio rappresentato* (5ª ed.). Venezia: Marsilio Editori.
- Ursprung, P., Lopes, D. S., & Bandeira, P. (2011). *Eduardo Souto de Moura Atlas de Parede Imagens e Método*. (A. Tavares, & P. Bandeira, Edits.) Porto: Dafne Editora.
- Voisenat, C. (1995). *PAYSAGE AU PLURIEL: Pour une approche ethnologique des paysages*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- Wikipédia. (3 de Abril de 2016). Obtido em 1 de Setembro de 2017, de Caminho de sirga: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caminho_de_sirga
- Zube, H. (1970). *Landscapes: Selected Writings of J.B. Jackson*. The University of Massachusetts.

LISTA DAS FIGURAS

- Figura* 1- Desenhos do Autor
- Figura* 2- Fotografia do Autor
- Figura* 3- Fotografia do Autor
- Figura* 4- Autor, sobre imagem aérea disponível: <https://www.google.pt/maps/@39.838016,-6.633296,109398m/data=!3m1!1e3>
- Figura* 5- Autor a partir de Carta Militar, Revisão do PDM de Vila Velha de Ródão e Carta Arqueológica de Nisa – 1.ª Fase (Revisão do PDM) e mapa disponível em (Serrão, Lemos, Monteiro, Queral, Jorge, & Jorge, 1972)
- Figura* 6- Autor a partir de imagem disponível: <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=4>
- Figura* 7- Autor a partir de imagem disponível: <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=4>
- Figura* 8- Autor a partir de imagem disponível em (APA, 2016, p. 14)
- Figura* 9- Fotografia do Autor
- Figura* 10- Fotografia do Autor
- Figura* 11- Autor a partir de imagem disponível: <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=4>
- Figura* 12- Autor com base em Carta Militar e mapa disponível em (Serrão, Lemos, Monteiro, Queral, Jorge, & Jorge, 1972)
- Figura* 13- Terceira fotografia do Cachão do Algarve e primeira do Núcleo de Gardete do Autor, as restantes disponibilizadas pelo CIART .
- Figura* 14- Fotografia do Autor
- Figura* 15- Fotografia do Autor
- Figura* 16- Fotografia do Autor
- Figura* 17- Autor a partir de Carta Militar, Revisão do PDM de Vila Velha de Ródão e Carta Arqueológica de Nisa – 1.ª Fase (Revisão do PDM) e mapa disponível em (Serrão, Lemos, Monteiro, Queral, Jorge, & Jorge, 1972)
- Figura* 18- Autor a partir de desenho disponibilizado por P.B. ARQ – Arquitetura Paisagista
- Figura* 19- Fotografia exterior do Autor , fotografia interior de Fernando Dia disponível em : <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-castelo-branco/c-vila-velha-rodao/vila-velha-rodao/castelo>
- Figura* 20- Fotografia do Autor

- Figura* 21- Fotografia do Autor
- Figura* 22- Disponível em <http://www.naturtejo.com/images/miradouros/foto-13.jpg>
- Figura* 23- Autor a partir de planta base de Arq. Paisagista JL M
- Figura* 24- Fotografia do Autor
- Figura* 25- Fotografia do Autor
- Figura* 26- Fotografia do Autor
- Figura* 27- Fotografia do Autor
- Figura* 28- Fotografia do Autor
- Figura* 29- Fotografia do Autor
- Figura* 30- Fotografia do Autor
- Figura* 31- Imagem do Autor
- Figura* 32- Imagem do Autor . Desenho gráfico João Correia.
- Figura* 33- Autor a partir de imagem disponível em http://www.cm-vvrodao.pt/media/184559/pr5_caminho_da_telhada.pdf
- Figura* 34- Fotografia do Autor
- Figura* 35- Fotografia do Autor
- Figura* 36- Fotografia do Autor
- Figura* 37- Fotografia do Autor
- Figura* 38- Fotografia do Autor
- Figura* 39- Fotografia do Autor
- Figura* 40- Fotografia do Autor
- Figura* 41- Autor, com base no mapa de europa disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%A3o_da_Europa_Antiga
- Figura* 42- Autor, com base nos mapas disponíveis em [https://en.wikipedia.org/wiki/Val_Camonica#/media/File:Mappa_fisica_della_Valle_Camonica_\(Luca_Giarelli\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Val_Camonica#/media/File:Mappa_fisica_della_Valle_Camonica_(Luca_Giarelli).jpg) e <http://www.parcocoincisoni.capodiponte.beniculturali.it/index.php?en/174/valle-camonica-rock-art-must-see>

- Figura* 43- Autor, com base nos mapas disponíveis em <http://www.parcocincioni.capodiponte.beniculturali.it/index.php?it/1/home>
- Figura* 44- Autor, com base nos mapas disponíveis em <http://www.parcocincioni.capodiponte.beniculturali.it/index.php?it/1/home>
- Figura* 45- Autor, com base nos mapas disponíveis em <http://www.parcocincioni.capodiponte.beniculturali.it/index.php?it/1/home>
- Figura* 46- Fotografia do Autor
- Figura* 47- Fotografia do Autor
- Figura* 48- Fotografia do Autor
- Figura* 49- Fotografia do Autor
- Figura* 50- Disponível em https://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel/45392_45409
- Figura* 51- Autor com base no mapa do PAVC disponível em <http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gravuras&SubPage=Localizacao>
- Figura* 52- Fotografia de © Terceira Dimensão disponível em <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com>
- Figura* 53- Fotografia do Autor
- Figura* 54- Fotografia do Autor
- Figura* 55- Fotografia do Autor
- Figura* 56- Fotografia do Autor
- Figura* 57- Autor com base em Carta Militar e imagem de José Adrião Arquitetos em <http://joseadriao.com/portfolio/ocreza-concurso-primeiro-premio/>
- Figura* 58- Disponível em <http://joseadriao.com/portfolio/ocreza-concurso-primeiro-premio/>
- Figura* 59- Disponível em <http://joseadriao.com/portfolio/ocreza-concurso-primeiro-premio/>.
- Figura* 60- Disponível em <http://joseadriao.com/portfolio/ocreza-concurso-primeiro-premio/>.
- Figura* 61- Fotografia do Autor
- Figura* 62- Fotografia do Autor
- Figura* 63- Fotografia do Autor

- Figura* 64- Autor com base em Carta Militar e mapa disponível em (Serrão, Lemos, Monteiro, Queral, Jorge, & Jorge, 1972)
- Figura* 65- Fotografia do Autor
- Figura* 66- Autor a partir de Carta Militar e levantamento topográfico (para efeito de classificação do núcleo arqueológico) disponibilizado pela AEAT
- Figura* 67- Fotografia do Autor
- Figura* 68- Fotografia do Autor
- Figura* 69- Fotografia do Autor
- Figura* 70- Fotografia do Autor
- Figura* 71- Fotografia do Autor
- Figura* 72- Fotografia disponibilizada pelo CIART
- Figura* 73- Fotografia disponibilizada pelo CIART
- Figura* 74- © Autor a partir de imagem aérea disponível: <https://www.google.pt/maps/@39.838016,-6.633296,109398m/data=!3m1!1e3> e levantamento topográfico (para efeito de classificação do núcleo arqueológico) disponibilizado pelo CIART
- Figura* 75- Autor sobre imagem disponibilizada pelo CIART
- Figura* 76- Imagem do Autor
- Figura* 77- Fotografia do Autor
- Figura* 78- Fotografia do Autor
- Figura* 79- Fotografia disponibilizada pelo CIART
- Figura* 80- Fotografia do Autor
- Figura* 81- Fotografia disponibilizada pelo CIART
- Figura* 82- Fotografia do Autor
- Figura* 83- Fotografia disponibilizada pelo CIART
- Figura* 84- © Autor a partir de imagem aérea disponível: <https://www.google.pt/maps/@39.838016,-6.633296,109398m/data=!3m1!1e3> e levantamento topográfico (para efeito de classificação do núcleo arqueológico) disponibilizado pelo CIART

- Figura* 85- Imagem do Autor
- Figura* 86- Fotografia do Autor
- Figura* 87- Fotografia e imagem do Autor
- Figura* 88- Esquiço do Autor
- Figura* 89- Imagens do Autor
- Figura* 90- Autor com base em imagem disponível em <https://www.bing.com/maps>
- Figura* 91- Fotografia do Autor
- Figura* 92- Fotografia do Autor
- Figura* 93- Fotografia do Autor
- Figura* 94- Fotografia do Autor
- Figura* 95- Esquiço do Autor
- Figura* 96- Autor com base em imagem disponível em <https://www.google.pt/maps/@39.5459945,-7.8120342,6866m/data=!3m1!1e3>
- Figura* 97- Fotografia do Autor
- Figura* 98- Autor com base em imagem disponível em <https://www.google.pt/maps/@39.5459945,-7.8120342,6866m/data=!3m1!1e3>
- Figura* 99- Tim Ingold no livro *Lines: A Brief History*, 2007
- Figura* 100- Desenho de autor
- Figura* 101- Autor a partir de Carta Militar, Revisão do PDM de Vila Velha de Ródão e Carta Arqueológica de Nisa – 1.ª Fase (Revisão do PDM) e mapa disponível em (Serrão, Lemos, Monteiro, Qeral, Jorge, & Jorge, 1972)

APÊNDICE I

“SITE SPECIFIC” PARA O COMPLEXO RUPESTRE DO VALE DO TEJO

A obra integra-se dentro da ideia de memória do lugar, o que nos remete para a necessidade de conservação e reprodução de impressões sensoriais e imagens mentais. O significado vulgar de lembrança ou recordação faz-nos aceder à presença da coisa ausente o bastante para engrandecer a pessoa ou o povo que foi o seu autor; é uma evocação e um alerta.

Tratar-se-á da instalação de um conjunto de paralelepípedos com a face superior inclinada (ângulo a definir), próximo da linha do comboio, do lado do rio, ao longo do troço que ladeia as gravuras rupestres.

A face superior, inclinada para a linha, é encimada por um espelho, com um pequeno segmento de espiral recortado, aberto sobre o interior, escuro, ou pintado a negro (a definir). O comboio em movimento proporciona ao observador, do interior da carruagem, o visionamento duma série de fólios, em sequência, ou ao jeito dos filmes de animação (a definir), a imagem completa da espiral, recortada sobre a imagem do céu refletido. As secções proporcionam um efeito de movimento rotativo, destro ou sinistrocêntrico e de enrolamento ou desenrolamento, consoante a direção em que se desloca o comboio.

Alguns referentes das gravuras e do local no *Site Specific*:

- FORMAL - a espiral é um dos elementos comuns nas gravuras e evoca o carácter cíclico da evolução e de eterno retorno;
- TEMPORAL - a memória do complexo das gravuras é-nos dada pelos registos recolhidos antes da submersão, único “acesso” ao conjunto e território. Cada paralelo é um fragmento que adquire outro sentido em sequência e em movimento, só visível para quem viaja dentro do comboio;
- VISUAL - olhando para o território das gravuras temos uma imensa mancha de água que reflete toda a envolvente, tal como o espelho no topo dos paralelepípedos que reflete o céu;

- CONTEÚDO - a ideia de ciclo de vida está no movimento do comboio, no correr das águas do Tejo e na simbologia da espiral. A bacia do Tejo oculta-nos as gravuras transformando-se num grande espelho paralelizável com o espelho na face de cima dos paralelos. O percurso de quilómetros de gravuras e o percurso do comboio. Cada paralelepípedo com a respetiva secção de espiral adquire um sentido mais amplo em conjunto, tal como as inúmeras gravuras nas rochas, em conjunto, nos dão uma perceção mais clara de quem era aquele povo.

A definir:

- Tipo de materiais, dimensões, acabamentos e número de paralelepípedos;
- Grau de inclinação da face do topo dos paralelepípedos;
- Dimensão, espessura e proteção do espelho;
- Distâncias entre paralelepípedos;
- Distância dos paralelepípedos à linha do comboio.”

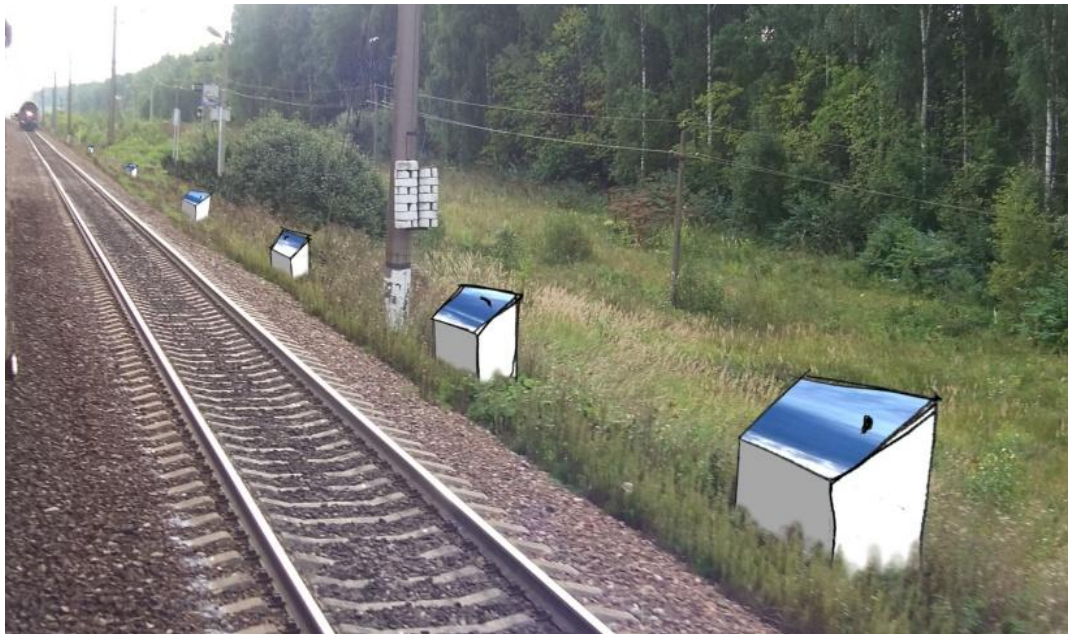
vandanuno, ¹³⁴.

29.05.2015

¹³⁴ Artista com assinatura única á data da colaboração deste projeto, desenvolve atividade autoral em áreas distintas ao longo de cerca de 17 anos, nas quais se destacam colaborações e jornalismo em diversos jornais diários, semanários e revistas, artigos sobre artes plásticas e visuais em diversas publicações, comissariados, exposições institucionais e individuais



1. Esquematização gráfica da instalação- interior da carruagem .

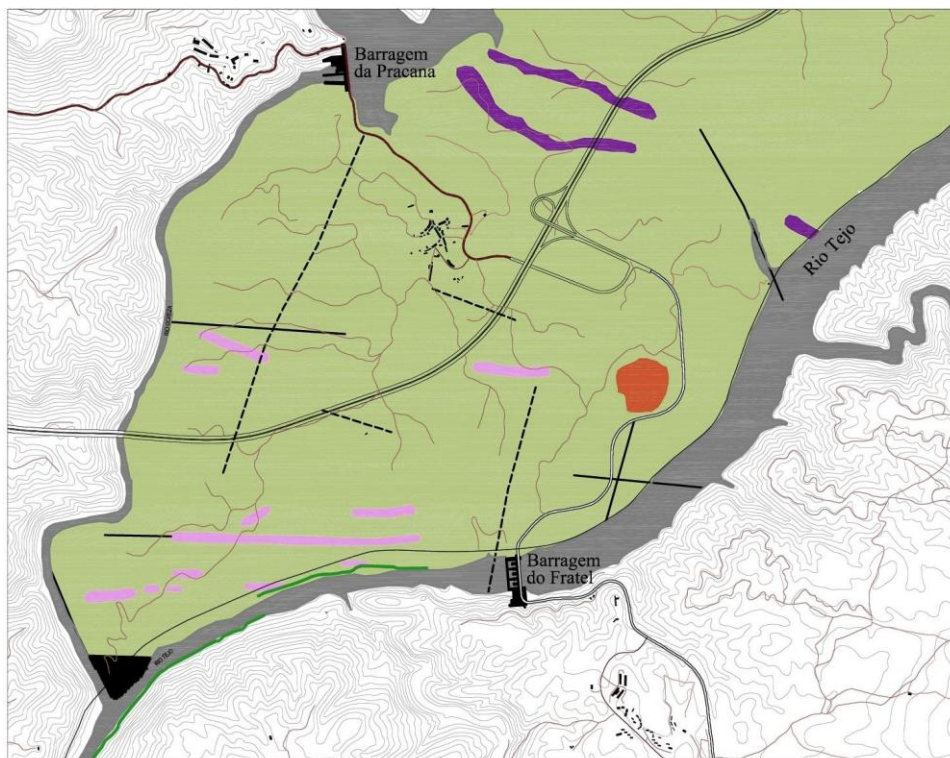


2. Esquematização gráfica da instalação- exterior .

APÊNDICE II

ANÁLISE DA ESTRUTURA GLOBAL DA PAISAGEM NA PLATAFORMA DE GARDETE

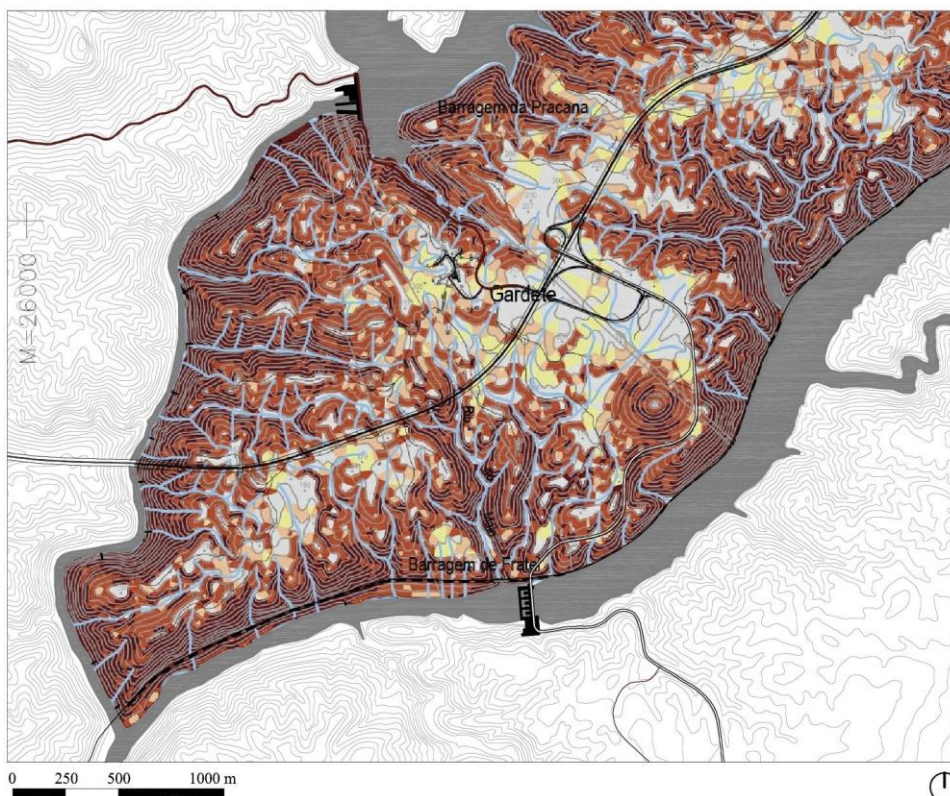
1. Carta Geológica



LEGENDA:

- Grupo das Beiras
- Aplito
- Granito
- Pórfiros Riolíticos
- Lamprófito
- Lineamento
- Lineamento provável

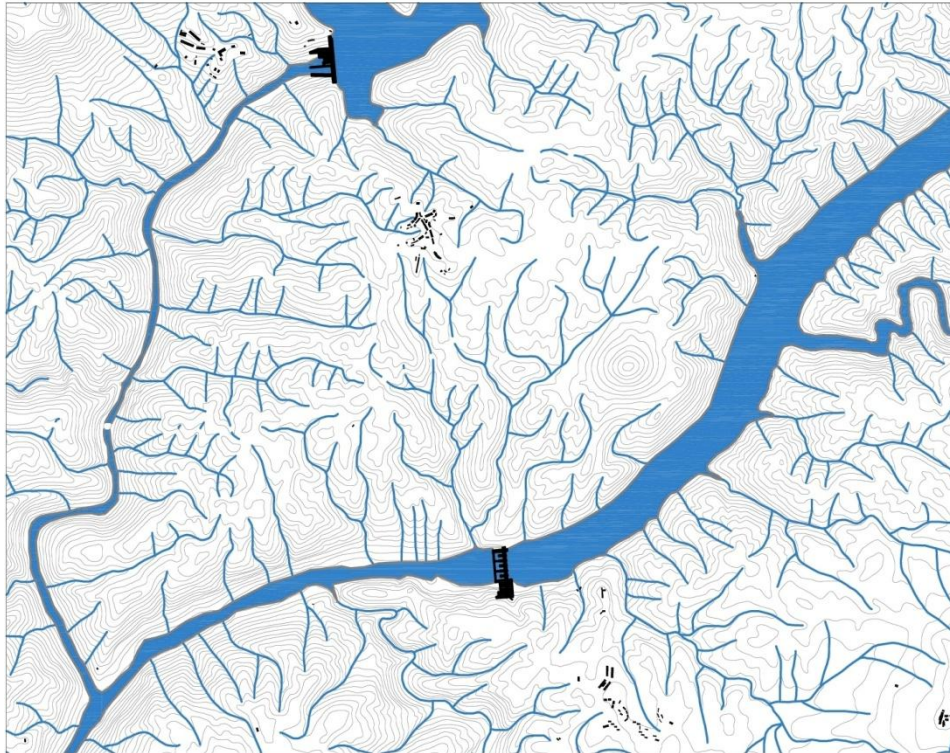
2. Carta de Declives



LEGENDA:

- 0 - 8%
- 8 - 12%
- 12 - 16%
- 16 - 25%
- >25%

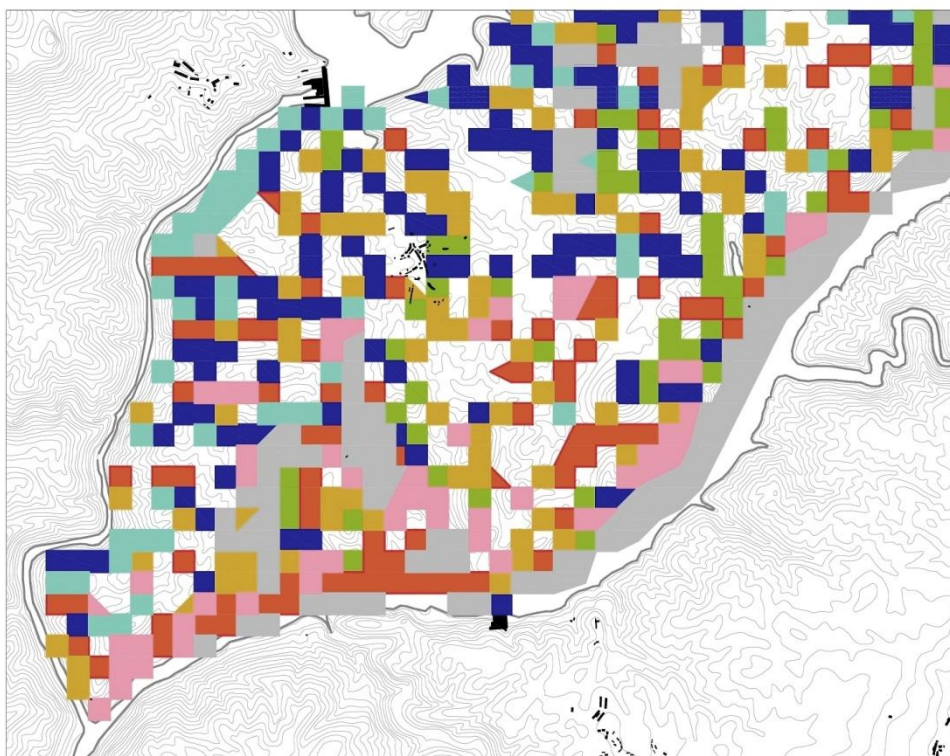
3. Carta hidrográfica



LEGENDA:

- Rios
- Linhas de água
- Barragens

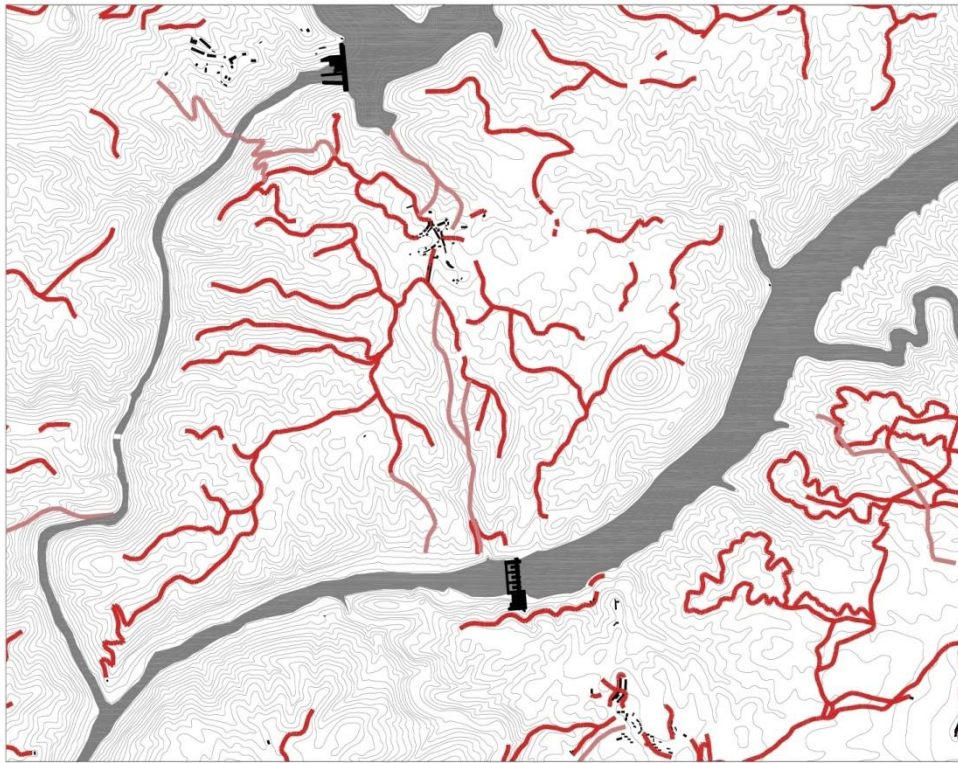
4. Carta de exposição solar



LEGENDA:

- N [N337,5° - N22,5°]
- NE [N22,5° - N67,5°]
- E [N67,5° - N112,5°]
- SE [N112,5° - N157,5°]
- S [N157,5° - N202,5°]
- SW [N202,5° - N247,5°]
- W [N247,5° - N292,5°]
- NW [N292,5° - N337,5°]
- Sem Exp. Característica

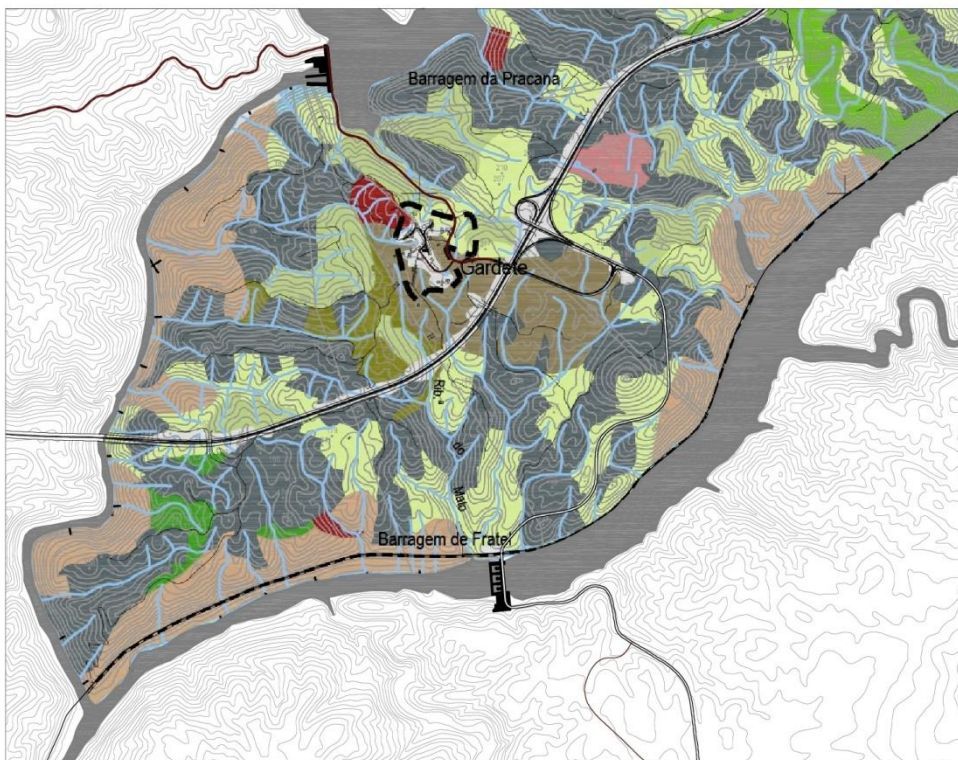
5. Caminhos rurais e de pé posto



LEGENDA:

- Caminhos Rurais
- Caminhos de Pé Posto

6. Carta de ocupação do solo



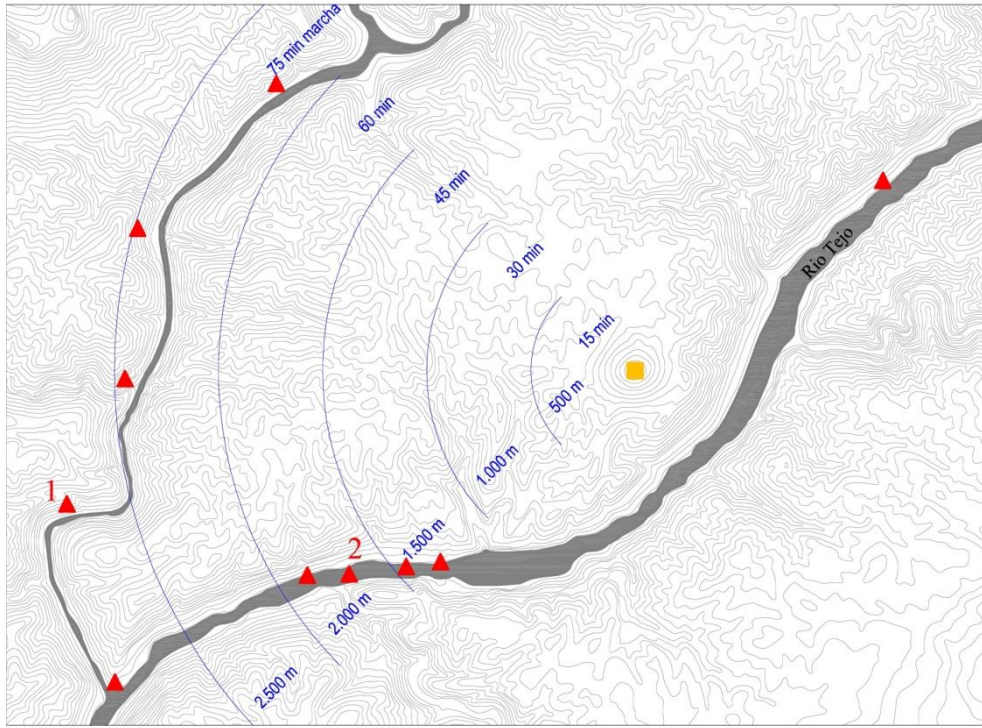
LEGENDA:

- Azinhreira
- Eucalipto
- Matos
- Resinosas
- Sobreiro
- Olival
- Povoamento Florestal Misto
- Plantações florestais novas
- Área agrícola mista
- Linha de água

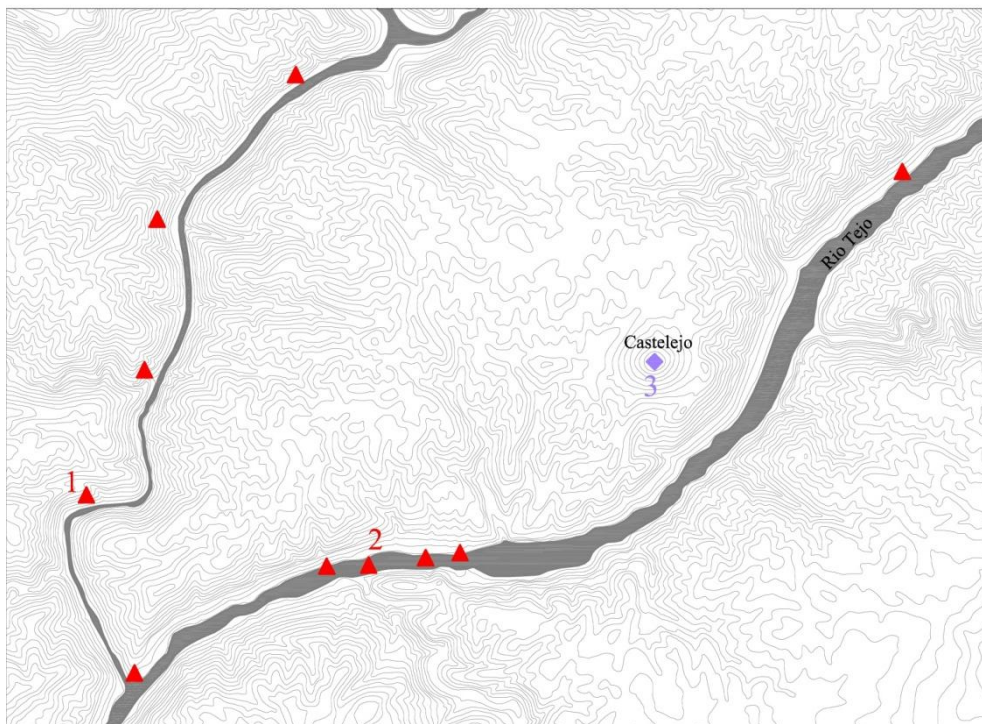
APÊNDICE III





EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO DE UMA CRONOLOGIA DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO NA ZONA DE GARDETE

Proto-história

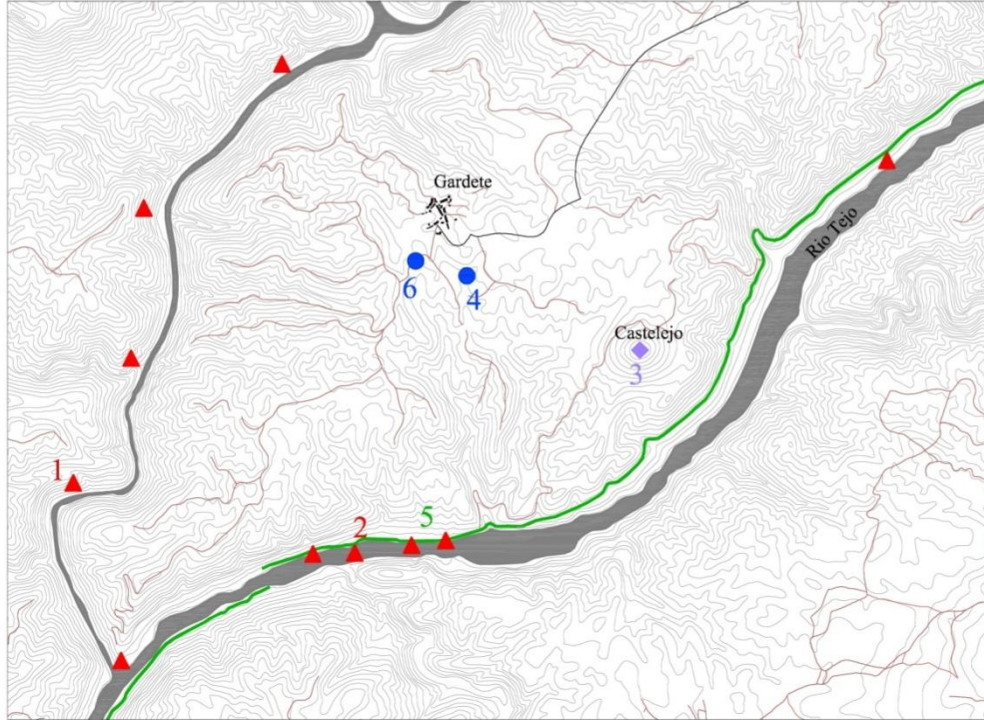


Idade Média

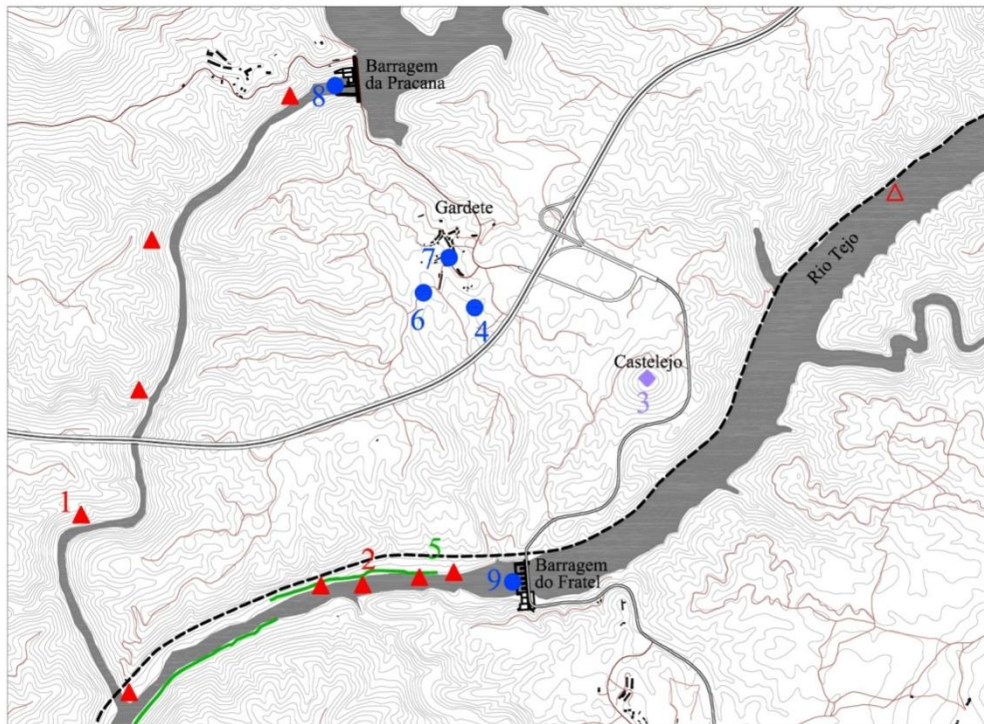


LEGENDA:  Arte rupestre  Arte rupestre submersa  Ponto de vigia  Sítio de interesse

Idade Moderna



Idade Contemporânea



— Muro de sirga — Infraestruturas

0 250 500 1000 m



Listagem de registos arqueológicos e sítios de interesse. (Fonte PDM VVR)

LEGENDA	FOTOGRAFIA	LOCALIZAÇÃO	COORDENADAS
PALEOLÍTICO (300 000 a.C. – 10 000 a.C.)			
1 Cavalo do Ocreza		Conjunto de gravuras rupestres junto à Ribeira da Ocreza, entre elas a representação de um equídeofigurado em perfil absoluto, o primeiro achado de arte paleolítica ao ar livre no sul de Portugal, que segundo os especialistas terá mais de 20.000 anos	39°32'45.29"N 7°49'36.79"W
NEOCALCOLÍTICO (2500 a.C. – 1800 a.C.)			
2 Arte Rupestre		Núcleo Principal de Gravuras situado a 800 metros a jusante da barragem do Fratel, freguesia do Fratel, concelho de Vila Velha de Ródão.	39°32'34.9"N 7°48'51.8"W
MEDIEVAL CRISTÃO (500 d.C. – 1500 d.C.)			
3 Castelejo		Relevo granítico situado a 1200 m da Barragem do Fratel no seguimento da I.P.2 em Direção ao nó com a A23, freguesia do Fratel, concelho de Vila Velha de Ródão.	39°33'08.0"N 7°47'45.5"W
MODERNO (1450 d.C. – 1789 d.C.)			
4 Tapada do Coxo		Quantidade apreciável de cerâmica à superfície localizada a cerca de 300 metros da Aldeia do Gardete no terreno perto do primeiro núcleo de casas localizadas a sul, perto da A23.	39°33'18.6"N 7°48'20.4"W
5 Foz do Cerejo		Muro de sirga situado ao longo da margem norte do rio Tejo, a 400 metros a jusante da barragem do Fratel, com cerca de 800 metros de comprimento.	39°32'37.0"N 7°48'28.8"W

IDADE CONTEMPORÂNEA

6

Peso de Lagar

Peso de Lagar em Granito a 200 metros da Aldeia do Gardete, acessível por caminho de terra batida situado a sul da Aldeia.

39°33'21.0"N
7°48'30.4"W

7

Capela

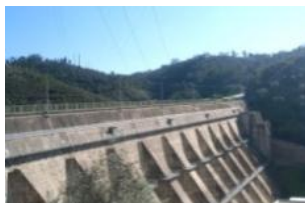


Capela contemporânea situada no centro da Aldeia do Gardete, no Largo da Senhora dos Remédios.

39°33'26.3"N
7°48'25.7"W

8

Barragem da Pracana



A barragem da Pracana localiza-se entre o concelho de Mação, distrito de Santarém e Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, fazendo o controlo do fluxo proveniente do Rio Ocreza.

39°33'53.9"N
7°48'43.7"W

9

Barragem do Fratel e Estação do Gardete



A barragem do Fratel está localizada no distrito de Portalegre, no limite com o distrito de Castelo Branco, na bacia hidrográfica do Tejo.

39°32'36.9"N
7°48'09.9"W




APÊNDICE IV

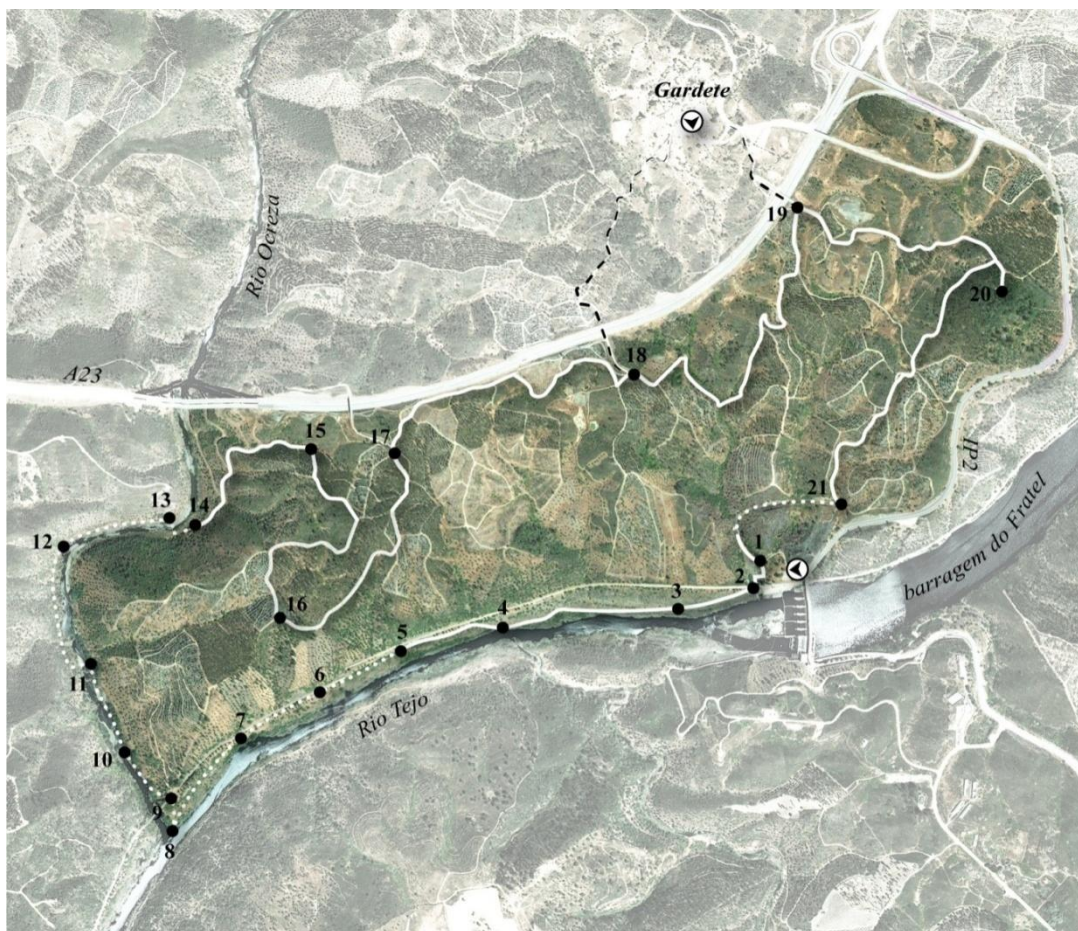
PERCURSO INTERPRETATIVO

Percurso interpretativo proposto para a plataforma do Fratel

Extensão: 9 km

Legenda

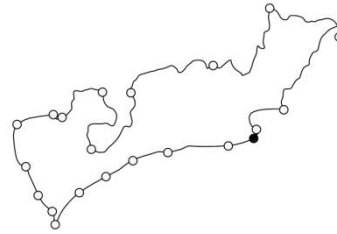
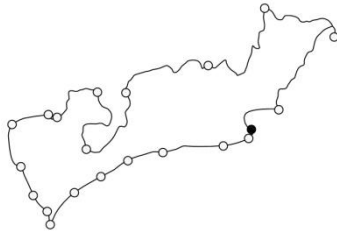
- | | |
|-----------------------------------|---|
| 1. Passagem de linha de água | 13. Passagem de linha de água |
| 2. Melhoramento de acesso | 14. Perspetiva sobre o viaduto da A23 |
| 3. Início do muro de sirga | 15. Momento de paragem |
| 4. Núcleo arqueológico de Gardete | 16. Ponto de observação sobre o território |
| 5. Termo do muro de sirga | 17. Perspetiva sobre a A23 |
| 6. Marco de cota de enchimento | 18. e 19. Acessos a partir de Gardete |
| 7. Acontecimento geológico | 20. Aplito de Gardete |
| 8. Foz do Ocreza | 21. Vestígios de infraestruturas da construção da barragem |
| 9. Casa do Guarda |  Início do percurso pedestre, estacionamento |
| 10. Galeria ripícola |  Caminho existente |
| 11. Passagem de linha de água |  Caminho proposto |
| 12. Gravuras rupestres | |



1. Passagem da linha de água

2. Acesso

LOCALIZAÇÃO



FOTOGRAFIA DO LOCAL



Melhoramento dos acessos

Melhoramento de caminho

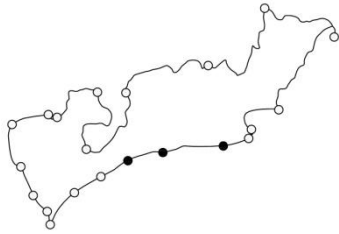
REFERÊNCIAS



Northern Grampians Rd, Zumsteins VIC
3401, Austrália. **Hansen Partnership**

Cap De Creus, Girona . Espanha. **EMF arqui-
tectura delpaisage**

3.a 5. Muro de sirga



Reconstrução de troços de muro



Implementação de estrutura de ensombramento



Cap De Creus, Girona, Espanha. **EMF arquitecturadelpaisage**

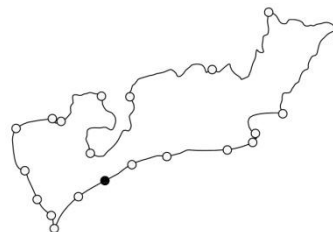
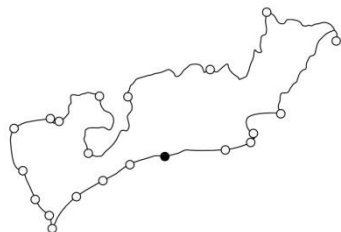


Parco Lineari, Caltagirone/San Michele di Ganzaria, Itália. **StudioNowa**

4. Núcleo arqueológico de Gardete

6. Marco de cota de enchimento

LOCALIZAÇÃO



FOTOGRAFIA DO LOCAL



Semintervenção

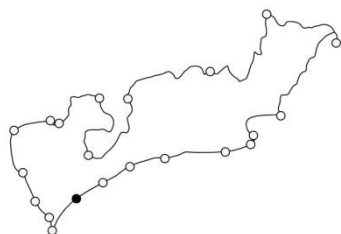
Implementação de ponto de informação

REFERÊNCIAS

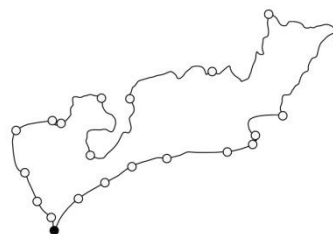


The Bluff, Ypres, Bélgica. **OMGEVING**

7. Acontecimento geológico



8. Foz do Ocreza



Abertura de caminho que permita o acesso à foz



Implementação de estrutura de acesso



Northern Grampians Rd, Zumsteins VIC 340, Austrália. **Hansen partnership**

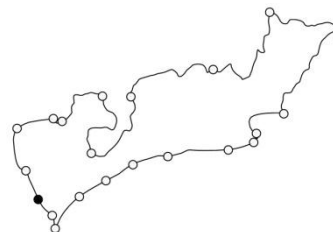
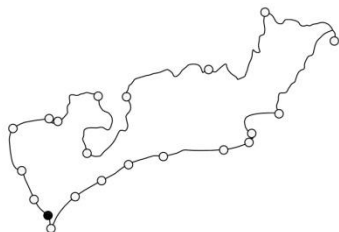


Parco Lineari, Caltagirone/San Michele di Ganzaria, Itália. **StudioNowa**

9. Casa do Guarda

10. Galeria ripícola

LOCALIZAÇÃO



FOTOGRAFIA DO LOCAL



Reabilitação para estrutura de apoio

Implementação de caminho

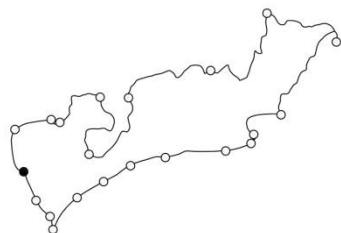
REFERÊNCIAS



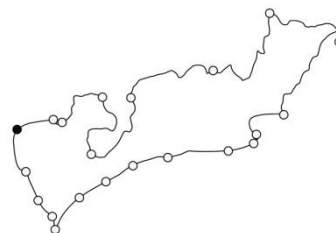
The Bluff, Ypres, Bélgica. **OMGEVING**

Cap De Creus, Girona, Espanha .**EMF**
arquitecturadelpaisage

11. Passagem da linha de água 1



12. Gravura Rupestres



Substituição da estrutura que permite o
atravessamento da linha de água

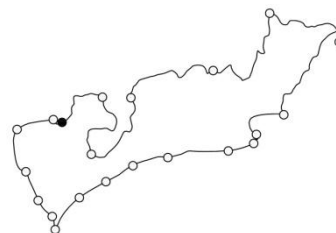
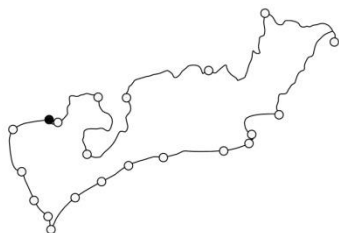


L' Ametlladel Mar, Tarragona, Espanha.
Manuel Raisanchez

13. Passagem da linha de água 2

14. Perspetiva sobre o viaduto da A23

LOCALIZAÇÃO



FOTOGRAFIA DO LOCAL



Implementação de sistema que permita o atravessamento da linha de água

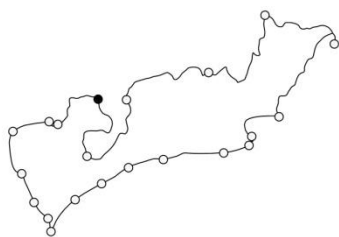
Implementação de caminho

REFERÊNCIAS

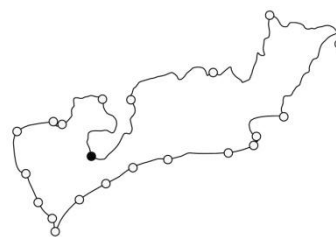


Poldras de Chaves, © Fernando Ribeiro

15. Momento de paragem



16. Ponto de paragem



Implementação de momento de paragem e observação da paisagem



INNER FOREST, landscape pavilion.
Dalsåsen ,Noruega. **X-Studio**

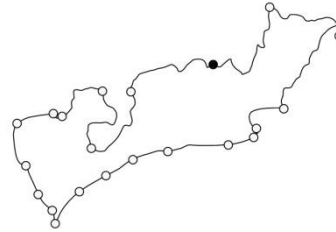
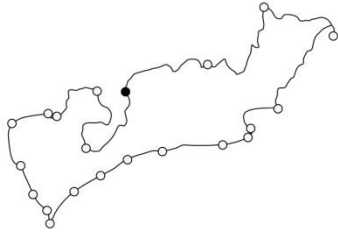


Twickel, Twickelerlaan, Ambt Delden,
Holanda. **Michael van Gessel**

17. Perspetiva sobre a A23

18. Acesso a partir de Gardete

LOCALIZAÇÃO



FOTOGRAFIA DO LOCAL



Melhoramento dos acessos

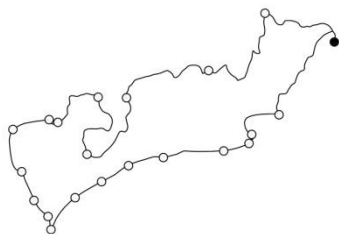
Relação com o aplito ao fundo

REFERÊNCIAS

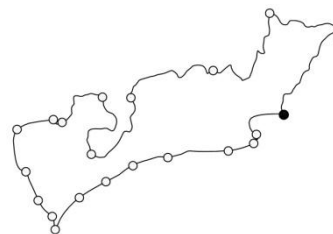


Pedestrian Bridge, Wenduine, Bélgica,
West 8

20. Troco de percurso



21. Vestígios de infraestruturas de construção da barragem



Implementação de momento de paragem e
observação da paisagem



Western Harbour, Malmö. Suécia
GORA art&landscape ab
